

TOPOANÁLISE DOS SERTÕES

DO SERTÃO

Geoliteratura e Ontologia

Gilvan C. C. de Araújo

Júlio César Suzuki

fflch
FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ISBN 978-85-7506-492-4

DOI 10.11606/9788575064924

TOPOANÁLISE DOS SERTÕES DO SERTÃO

Geoliteratura e Ontologia

Gilvan C. C. de Araújo
Júlio César Suzuki

São Paulo
2024

fflch
FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-reitor: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS - FFLCH

Diretor: Prof. Dr. Paulo Martins

Vice-diretora: Profa. Dra. Ana Paula Torres Megiani

COMITÊ EDITORIAL

Prof. Dr. Adebaro Alves dos Reis (IFPA)

Profa. Dra. Adriana Carvalho Silva (UFRRJ)

Prof. Dr. Adriano Rodrigues de Oliveira (UFG)

Prof. Dr. Agnaldo de Sousa Barbosa (UNESP)

Prof. Dr. Alécio Rodrigues de Oliveira (IFSP)

Profa. Dra. Ana Regina M. Dantas Barboza da Rocha Serafim (UPE)

Prof. Dr. Cesar de David (UFSM)

Prof. Dr. José Elias Pinheiro Neto (UEG)

Profa. Dra. Maria Jaqueline Elicher (UNIRIO)

Prof. Dr. Ricardo Júnior de Assis Fernandes (UEG)

Prof. Dr. Roni Mayer Lomba (UNIFAP)

Profa. Dra. Telma Mara Bittencourt Bassetti (UNIRIO)

Profa. Dra. Valéria Cristina Pereira da Silva (UFG)

Catalogação na Publicação (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo
Charles Pereira Campos – CRB- 8/8057

T675 Topoanálise dos Sertões do Sertão [recurso eletrônico] : Geoliteratura e Ontologia / Gilvan C. C. Araújo, Júlio César Suzuki (autores). -- São Paulo: FFLCH/USP, 2024.

1.750 Kb ; PDF.

ISBN 978-85-7506-492-4
DOI 10.11606/9788575064924

1. Geografia. 2. Topoanálise. 3.Ontologia . 3. Geolieratura.

I. Araújo, Gilvan C. C. II. Suzuki, Júlio César.

CDD 551.4

Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada

Capa e quarta capa: Jorge Ribas - https://pixabay.com/pt/illustrations/sert%c3%a3o-jequi%c3%a9-caatinga-sol-bahia-1718123/

Revisão e editoração: Rita Lima de Castro

A exatidão das informações, conceitos e opiniões é de exclusiva responsabilidade dos autores, os quais também se responsabilizam pelas imagens utilizadas.

Sumário

Capítulo1 - Grafias do ser situado nos sertões do sertão entre lugares e paisagens.....10

1.1 Lugar.....10

1.2 Paisagem.....30

1.3 Da topologia dos lugares e paisagens para os sertões do sertão.....59

1.3.1 Topografias.....60

1.3.2 Narrativas.....65

1.3.3 Espacialidade.....68

Capítulo 2 - Tegumentos da linguagem e arte literária nos estares do ser.....75

2.1 Onto-ontologia da geoliteratura: arte literária, espacialidade e linguagem.....75

2.2 Expressões dos estares do ser pela arte literária.....86

2.3 Da textualidade à espacialidade pela arte literária e linguagem.....96

2.3.1 O Texto.....99

2.3.2 O Contexto.....107

2.3.3 A Contextura.....119

Capítulo 3 - Topoanálises dos sertões em Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e Euclides Da Cunha.....133

3.1 Topoanálise de Os Sertões.....133

3.1.1 Topografias.....135

3.1.2 Narrativas.....141

3.1.3 Espacialidade 147
3.1.4 O Texto 153
3.1.5 O Contexto 159
3.1.6 A contextura 168
3.2 Topoanálise de Vidas Secas 173
3.2.1 Topografias 174
3.2.2 Narrativas 181
3.2.3 Espacialidade 189
3.2.4 O Texto 194
3.2.5 O Contexto 200
3.2.6 A Contextura 208
3.3 Topoanálise de Grande Sertão: Veredas 216
3.3.1 Topografias 218
3.3.2 Narrativas 224
3.3.3 Espacialidade 231
3.3.4 O Texto 238
3.3.5 O Contexto 248
3.3.6 A contextura 253

Referências 262

Sobre os autores 292

O sertão está em toda parte

(João Guimarães Rosa)

O ser está em toda parte

(Jean-Paul Sartre)

CAPÍTULO 1

Grafias do ser situado nos sertões do sertão entre lugares e paisagens

1.1 Lugar

A fenomenologia mantém importante correlação com as dimensões geográficas da realidade objetiva, do recorte situacional, o mundo vivido, a singularidade do existir e os sentidos passíveis de serem analisados a partir da aplicação metodológica da fenomenologia na predicação da facticidade pelo ser humano em seu devir existencial, mediações possíveis na perspectiva do lugar.

As reflexões apresentadas possuem como sentido principal a ponte entre as diretrizes da proposta topoanalítica desta análise, ou seja, há tanto a inclinação à ontologia fenomenológica como, também, a arte literária como a forma pela qual a linguagem permite que haja a relação onto-ontológica em expressão pelos autores e obras selecionados: *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa, *Os Sertões* de Euclides da Cunha e *Vidas Secas* de Graciliano Ramos.

O lugar é um dos conceitos-chave do pensamento geográfico, tendo uma importância e tradição que o colocam como protagonista teórica e metodologicamente no âmbito da Geografia.

Em linhas gerais, podemos pensar o lugar a partir de algumas diretrizes definidoras de seu sentido epistêmico para a ciência geográfica, sendo que tais diretrizes são encontradas nos diferentes estudos e áreas de exploração das pesquisas envolvendo o espaço.

O primeiro ponto que deve ser destacado sobre o lugar é seu papel de referência para a relação escalar em Geografia. Em outros termos, é a partir da ideia de lugar que estabelecem-se parâmetros de comparabilidade entre o micro e macro escalar, sendo o lugar mais aproximado à primeira possibilidade. Em continuidade à mesma linha de raciocínio de destaque para a relação escalar está a maneira pela qual o lugar possui um avanço epistêmico ao local, ou seja, localizar um ponto no espaço é o passo anterior, quase *a priori* para que possa chegar ao lugar. Tendo o local definido em uma espacialidade, parte-se para sua configuração teórica, epistemológica, empírica e experiencial de lugar, quando há na ideia e sentido de lugar a relação entre identidade diferença (CASEY, 1997; TUAN, 1976; 1980; 1983; RELPH 1976; 2012; BUTTIMER, 1969; 1974; 1985a; 1985b; MALPAS, 2018; MARANDOLA, 2011; 2012; 2020; HOLZER, 2011).

Não será necessário, nesse momento, que façamos o percurso, deveras tortuoso e complexo, de presença da ideia de lugar nas diferentes correntes do pensamento geográfico, justamente pelo foco de nossa reflexão estar direcionado à fenomenologia. No entanto, é importante o registro sobre como do recorte do local na espacialidade, provindo de todo um arranjo de pensamento geográfico voltado para organização do espaço influenciou o que viria a ser uma considerável quantidade de escritos e reflexões da

visão crítica geográfica sobre o lugar, já tendo elemento da identidade incorporadas a sua tradição marxista e materialista histórico e dialética (SANTOS, 1996; 2004; MASSEY, 1999; LACOSTE, SOJA, 1999; HARVEY, 1980; 1992).

É neste contexto que o lugar avança por entre tendências e visões do pensamento geográfico, possuindo um desenvolvimento epistemológico que vai ao encontro, de forma cada vez mais profunda, para sua constituição e complexidade como possibilidade de operacionalização metodológica de análise entre o identitário e o diferencial no espaço.

A herança da Geografia Francesa é que dará o substrato e pilares do que hoje encontramos como principais referências para a ideia de lugar como conceito-chave do pensamento geográfico (CLAVAL 2001; GOMES, 1997). Originalmente, os estudos regionais franceses possuíam a região como aporte epistemológico para suas proposições de estudos das características naturais e culturais dos gêneros de vida, ou, como chamaria Paul Vidal de La Blache (1896; 1903; 1914; 1917; 1921) as *personnalités geographiques* das regiões e, também, paisagens da França.

Este diferencial do olhar geográfico para as regiões e paisagens, juntamente com uma escrita e análise mais próximas de uma dissertação literária será trabalhado por Monteiro (2002), Alves (2020), Chaveiro (2014) e Collott (2013) como um dos "esquecimentos" da relação íntima do saber e fazer geografia com as tessituras identitárias da espacialidade:

> A Geografia, embora auferindo indiscutíveis ganhos com as preocupações teóricas e sobretudo quantitativas, descuidou-se muito da "descrição", empobrecida e quase abandonada

> nas abordagens regionais. Aquele sabor lablacheano da personalidade dos lugares e regiões foi dado como obsolescências a abandonar. A atual preocupação com um conhecimento mais conjuntivo, uma pregação das virtudes do "holismo" e a proposta de uma Nova Geografia Humanística, poderá promover um benéfico contato com a Literatura. (MONTEIRO, 2002, p. 234).

A partir do que é colocado por Monteiro é possível que façamos a ponte de virada entre a região e paisagem para a posição de centralidade do lugar na Geografia, especialmente a partir da segunda metade do século XX, a partir das heranças de estudos regionais franceses lablachianos. Autores, como Marandola (2011; 2013; 2020), Serpa (2013) e Silva (2000), concordam que houve uma *passagem de bastão* da região e paisagem para o lugar, especificamente a partir da publicação da obra de Eric Dardel *L'homme et la terre: Nature de la réalité géographique*, publicado em 1952, sendo que, a partir da publicação desta obra, inicia-se um ponto de virada nos estudos geográficos sobre identidade, cultura, práticas e saberes e aspectos simbólicos e abstratos da relação homem-meio, tão cara para a história do pensamento geográfico.

Em outras palavras, o lugar, como ideia, é preenchido por uma espessura epistemológica que o complexifica filosófica e analiticamente, principalmente pela inserção de elementos, postulados e proposições teóricas do método fenomenológico dos filósofos Edmund Husserl e Martin Heidegger. Para Marandola (2011, p. XIII): "O pioneirismo quase visionário de Dardel ainda não foi superado em uma tão bem composta reflexão da natureza da relação da Geografia com a Fenomenologia, fundando, em última análise, uma outra forma de se entender a ciência geográfica". E

ainda complementa o geógrafo brasileiro, a respeito de Dardel que: “Esta é uma Geografia pensada de forma essencial, que busca sua compreensão não pelo caminho da ciência clássica, mas por uma ciência compreensiva e filosófica, que desvia da *geometria* em busca da geo*grafia*.” (MARANDOLA, 2011, p. XIII).

Nas palavras do próprio Eric Dardel, a respeito da inserção de uma nova maneira de se observar, analisar e contemplar a essência do espaço se daria pela presença, uma das versões da tradução do *dasein* heideggeriano: “Presença, presença insistente, quase inoportuna, sob o jogo alternado das sombras e da luz, a linguagem do geógrafo sem esforço transforma-se na do poeta.” (DARDEL, 2011, p. 3). E, novamente, observa-se a menção à ligação direta e íntima entre a expressão literária, o substrato filosófico e fenomenológico e o arcabouço teórico da Geografia, para que seja possível aferir as intencionalidades do sentido relativo ao humano em seu ser-aí, por meio de uma: “Linguagem direta, transparente, que “fala” sem dificuldade à imaginação, bem melhor, sem dúvida, que o discurso “objetivo” do erudito, porque ela transcreve fielmente o “texto” traçado o solo.” (DARDEL, 2011, p. 3)

Quando Eric Dardel referencia de forma direta o *texto* no espaço, há uma ligação direta com a tradição francesa lablachiana que foi uma das bases da ideia do lugar fenomenológico, que o geógrafo francês chamaria, por sua vez, essa diferenciação e identidade do lugar como geograficidade em situação, ou seja, no existir da singularidade existencial no espaço habitado pelo ser humano, em qualquer recorte espacial: “A “situação” de um homem supõe um “espaço” onde ele “se move”; um conjunto de relações e

de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o lugar de sua existência." (DARDEL, 2011, p. 14). A localização cede seu posto de recorte escalar para o lugar, como algo mais profundo, permeado de sentidos, líricas de expressão artística e inúmeras intencionalidades simbólicas, culturais, memoriais, históricas e de diferenciação de seus traços onto-ontológicos: "Perder a localização", é se ver desprovido de seu "lugar", rebaixado de sua posição "eminente", de suas "relações", se encontrar, sem direções, reduzido à impotência e à imobilidade." (DARDEL, 2011, p. 14).

Os impactos desta nova concepção de lugar foram múltiplos e de grande intensidade seja em questões teóricas, epistemológicas, metodológicas e educacionais (pensando-se no ensino de Geografia, da educação básica ao ensino universitário), mesmo que, muitas vezes, observável de forma indireta e ainda incipiente em muitas pesquisas. O imaginário é inserido nessa tomada de posição topológica da Geografia frente à fenomenologia, bem como o existencialismo, como problematização ontológica da cultura enquanto *grafia* do ser humano na espacialidade: "Igualmente imaginário é o fato de que, nas relações indicadas por habitar, construir, cultivar, circular a Terra é experimentada como base. Não somente ponto de apoio espacial e suporte material, mas condição de toda "posição" da existência, de toda ação de assentar e de se estabelecer (de poser et de reposer)." (DARDEL, 2011, p. 40).

O lugar passa a ser o epicentro da posição da existência, e de toda conceituação e aplicação da proposta de análise geográfica de Dardel, que também possui uma influência direta da base fenomenológica de Husserl, quando a experiência com o meio,

como possiblidade de ser chegar a uma essencialização do mundo e natureza, de forma intencional e única por nossa consciência e percepção: “O universo dos objetos que nos são dados pura e simplesmente como imediatamente experienciáveis (imediatamente legitimáveis na percepção original), e que devem ser dados é a natureza.” (HUSSERL, 2008, p. 30). O passo além da cultura à ontologia do que é representado como signo, símbolo ou referencial da cultura é um dos principais desafios da Geografia em relação à fenomenologia, como destacado por Besse (2006), quando, a respeito dessa movimentação epistemológica, diz que:

> Seria um engano, no entanto, reduzir – como se fez frequentemente no interior da corrente contemporânea da geografia batizada de “humanista” – esse “espaço” do qual a geografia deve tratar a um dado simplesmente subjetivo ou antropológico, ou seja, a uma dimensão relativa ao ponto de vista da representação humana, seja ela individual ou coletiva. O ponto de vista fenomenológico e hermenêutico de Dardel o conduz para além deste humanismo. (BESSE, 2006, p. 87).

O fato de no mundo-da-vida haver a cultura como geograficidades, e ser possível, então, ir a um patamar mais profundo de problematização de des-velamento do ser por tais representações dos saberes e fazeres individuais e coletivos da sociedade: “O mundo-da-vida é o lugar em que se origina a experiência pré-científica, ou seja, a experiência não-teórica, mais originária, evidente e universal que implica a experiência mesma da subjetividade.” (GOTO, 2013, p. 41). E ainda completa o autor que: “Na concepção de Husserl (2012) o mundo-da-vida é o lugar onde se dão as experiências absolutas, as experiências puras, originárias,

antipredicativas, pré-linguísticas e pré-conceituais." (GOTO, 2013, p. 41).

Da mesma maneira, Goto (2013) também considera a busca por um saber fundamental das vivências como ponto de chegada à ontologia das vivências, das *grafias* da existência no mundo, o mundo-da-vida husserliano: "Nesse sentido, podemos afirmar que o mundo-da-vida apresentar-se-á de modo imediato nas vivências, sendo aí o princípio apodítico capaz de fundamentar o saber fundamental, tanto da filosofia, quanto das ciências em geral." (GOTO, 2013, p.42). O mundo da vida configura-se como a dimensão individual e coletiva nas quais a diferença ontológica como identidade e cultura se tornam possíveis de percepção, sentimento, intelecção e interação intencional: "[...] o mundo de onde se nasce e morre; se herda uma tradição cultural; se comunica uma linguagem (língua) e se convive com os outros. O mundo-da-vida é configurado historicamente por um passado e um presente, transmitidos por tradições e expressados pela linguagem." (GÓMEZ-HERAS, 1989, p. 249). Cada detalhe desse mundo que é vivido em cada instante e lugar é uma singularização da existência em seu devir: "É o mundo de nossa cotidianidade, cujo horizonte nos enquadramos para nos orientarmos e, por sua vez, tecemos as relações sociais nas quais nos relacionamos uns com os outros." (GÓMEZ-HERAS, 1989, p. 249).

A Geografia precisou se reinventar, e ir além em seus referenciais e escopo teórico e metodológico no contato com a fenomenologia. A linguagem, a palavra e a expressão do ser pela arte, especialmente a literatura, tornaram-se aliados na busca = do des-velar-se onto-ontológico do Ser pelos entes da facticidade,

agora alocada no centro dos questionamentos geográficos a partir, por exemplo, das novas conceituações do lugar, da geograficidade e do ser-aí no pensamento geográfico (DARDEL, 2011).

O mundo da vida husserliano, o ser-aí de Heidegger e a geograficidade de Dardel dialogam entre si, de forma inerente no erigir de uma ontologia do espaço, também chamada Pádua (2005) e Martins (2007) de uma topologia do ser: “Um lugar é algo que ocorre tanto “no espaço” quanto “no tempo”. O espaço da geometria pura, por exemplo, que não interessa a Heidegger, é um espaço que, pode-se dizer, é destituído de temporalidade. Não haveria, para Heidegger, um “espaço” objetivamente apreensível de forma isolada das circunstâncias da vida fática do Dasein.” (PÁDUA, 2005, p. 124). E a autora continua sua argumentação sobre o lugar, como topologia, ser definição da singularidade ontológica da espacialidade:

> Um segundo aspecto do conceito de lugar apontado pelo autor é o possuir limites, este último associado à ideia de definição, compreendida não apenas num sentido espacial, mas principalmente como a definição de uma identidade: um lugar é sempre um onde particular, delimitado, com uma identidade própria construída ao longo de um tempo. Esta identidade é partilhada, muito estreitamente, com os entes que nele se encontram, e isto de um modo que ainda espera, no contexto desta tese, por um esclarecimento mais profundo. (PÁDUA, 2005, p. 125).

O abrir-se ao mundo pelo próprio mundo como estares do ser, o ser-em é a vida em ocorrência de vivência, o *dasein* em seu acontecer (in)finitamente pela facticidade, temporal e espacialmente: “O espaço assim aberto com a mundaneidade do mundo ainda não tem nada a ver com o puro conjunto das três dimensões. Neste abrir-se mais imediato, o espaço enquanto puro

continente de uma ordem métrica de posições de uma determinação métrica de postos ainda permanece velado." (HEIDEGGER, 2008, p. 165). Como mencionado por Silveira (2006), é mundo existencial superando a configuração geo-métrica, ou seja, o emanado do ser como estar, ser-em no-mundo é o que poderíamos considerar como o passo além mencionado por Besse (2006) e que também é posto por Malpas (2012; 2018).

Como espacialidade o *dasein* é o próprio sujeito, como estar do ser-no-mundo, a intencionalidade que é efetuada pela consciência, corpo, pensamento e experiência da existência em direção ao existente, ou seja, da abertura do Ser pelo ente que é o ser-aí ao mundo agora na facticidade do espaço: "*O espaço nem está no sujeito nem o mundo está no espaço*. Ao contrário, o espaço está no mundo à medida que o ser-no-mundo constitutivo da presença já sempre descobriu um espaço." (HEIDEGGER, 2008, p. 166 – grifos no original). Espaço e sujeito formam uma unicidade não diferenciada com uma apriorística do des-velamento do Ser nos entes: "O espaço não encontra no sujeito nem o sujeito considera o mundo 'como se' estivesse em um espaço. É o 'sujeito', entendido ontologicamente, a presença, que é espacial, o espaço se apresenta como a priori." (HEIDEGGER, 2008, p. 166 – grifos do autor). A unicidade entre espaço e sujeito, o empreendimento fenomenológico da Geografia alcança pelo lugar o patamar de inquirição sobre a ontologia do espaço, ou a topologia do ser. Silva (2000) e Moraes (2000; 2003), no sentido de que, para tal percurso epistemológico pela ontologia fenomenológica, lembram seu espraiamento compreensivo se dá

para corpos e objetos tal como reforçado por Silva (2000) quando o autor diz que:

> [...] pensar o espaço defronta-se com a espacialidade, da qual tudo o que se disse é aparência. Mas, a espacialidade não é apenas dos objetos. Há o espaço do corpo e seus prolongamentos. Há também o espaço da mente. Como o tempo e o movimento, o espaço é fundante do existir, e, portanto, do pensar. Sendo assim, ele é algo físico, uma 'coisa', e é algo social, algo criado pelo trabalho. O primeiro, precede a existência humana; o segundo, nasce da valorização do natural como fonte de vida. Mas, essa constatação é resultado, desde logo, do pensar o espaço. Pensá-lo como dado e pensá-lo como artefato que a mente projeta. (SILVA, 2000, p. 18 – grifos do autor).

A topologia do Ser ocorre como epistemologia e metodologia no sentido do que é posto por Silva (2000) e Moraes (2000; 2003), a existência humana expressa na espacialidade como protagonismo de estar do ser-no-mundo. O lugar geograficamente compreendido nestas diretrizes da ontologia fenomenológica será constituído pelo ser-no-espaço, des-velando-se na facticidade do mundo:

> Ao atribuirmos espacialidade à presença, temos evidentemente de conceber este "ser-no-espaço" a partir de seu modo de ser. Em sua essência, a espacialidade da presença não é um ser simplesmente dado e por isso não pode significar ocorrer em alguma posição do "espaço cósmico" e nem estar à mão em um lugar. Ambos são modos de ser de entes que vêm ao encontro dentro do mundo. A presença, no entanto, está e é "no" mundo, no sentido de lidar familiarmente na ocupação com os entes que vêm ao encontro dentro do mundo. Por isso, se, de algum modo, a espacialidade lhe convém, isto só é possível com base nesse ser-em. (HEIDEGGER, 2008, p. 158 – grifos do autor).

A espacialidade, na obra de Heidegger, é interpretada por Pádua (2005), em profundo estudo de dissecação, especialmente no

sentido de que o filósofo alemão ainda tenha concedido muito de sua reflexão para o papel da (in)finitude do tempo do *dasein* como abertura ao Tempo do Ser, é no espaço que tal abertura tanto se torna possível como apreensível, no sentido da reflexão fenomenológica sobre a onto-ontologia da existência: "*Dasein* significa, portanto, o existir em cada caso particular, no *aí*, no 'estar sendo' de cada um." (PÁDUA, 2005, p. 10). E ainda completa a autora que: "Assim, o existir fático determina um modo de compreensão da existência que já se dá no interior e a partir de si mesma, de tal forma que esta nunca pode ser contemplada 'de fora', como um objeto perante um sujeito. Somente o *Dasein* – efetivo e em cada caso – compreende sua existência (*Existenz*)". (PÁDUA, 2005, p. 10).

A facticidade, o plano ôntico, é a abertura pela qual o mostrar-se do ser no velar-se do ente se torna possível, e o *dasein* como ente diferenciado por possuir o pensamento, experiência e enunciação do Ser torna-se o ponto de encontro do habitar da essência em todos os lugares, intencionados e vividos pela existência:

> Se, num sentido ainda a determinar, o espaço constitui o mundo, tal terá como consequência que as coisas que aí se encontram terão igualmente um carácter especial. Assim, encontramos junto a nós o ente-à-mão. Mas esta proximidade não é unicamente de ordem espacial, ela revela igualmente da preocupação do Dasein que se orienta na direção em que o ente utilizável deve ser procurado. Trata-se dum espaço de ordem qualitativa, não geométrica: espaço feito de direções não de dimensões, de lugares não de pontos. Nele determinam-se caminhos, não se medem distâncias. Em suma, a sua topografia releva exclusiva da preocupação. Estas determinações espaciais, tal como acabam de ser descritas, exprimem o aspecto dinâmico da existência. A existência é um deslocamento, um desalojamento. O ser do Dasein ek-siste, ele sai permanentemente de si para se encontrar num mundo que

> se abre à sua passagem e lhe fornece os instrumentos duma estadia precária. (PASQUA, 1993, p. 59-60).

Este caráter ubíquo, como ser-em, dos estares do Ser em toda parte, será a vereda de confluência de toda a reflexão topoanalítica sobre os sertões na arte literária. Cada recorte da espacialidade como habitação será único, o *dasein* como o ser-em, marcando o estar do Ser em topologia. Em cada uma destas singularizações e particularizações da existência no mundo haverá a significação e a topofilia trabalhada por diferentes geógrafos, o lugar como expressão máxima da *grafia* do Ser como ligação imanente e transcendente do ser-aí com a facticidade:

> Homem, Natureza, Totalidade, Espaço: realidades, fenômenos como concreto real projetado como representações que muitas vezes opõem-se à própria manifestação do fenomênico. (Des)Realidades conceituadas. Como abordar esses entes e dimensões relacionalmente e não aritmeticamente (como soma de fatores divididos) e tendo como esteio a ótica geográfica, para que o subjetivo-pensar não se distancie do objeto-pensado? Como garantir que a verdadeira relação descoberta se faça sempre re-contextualizada, não se sacramentando em eternização de uma qualquer fórmula geral idealizada? O método pode auxiliar? Que é ele? O que legitima sua coerência? Como presumir o melhor? A complexidade do real demanda a inevitabilidade de métodos vários? Como poderia a Geografia equipar-se para, em meio à pluralidade de possibilidades, melhor "ler" e "escrever" o espaço? Poderia a Geografia apenas ler, despreocupando-se com o escrever, o geo-grafar? (RIBEIRO, 2006, p. 22).

Como o condutor da intencionalidade da *grafia* a ser *lida* pela Geografia, o *dasein* de Heidegger irá comportar tanto a geograficidade como o lugar na contemplação de uma ontologia do espaço, a topologia do ser. Conforme teorizam Marandola Jr. e Holzer (2012), há uma guinada contemporânea de aprofundamento

das ideias propostas por Dardel neste sentido. A situação do Ser como lugar, significação do habitar o mundo em sentido único da existência é circunstância irrefutável para a topologia do Ser. Neste mesmo sentido a respeito das inquietações com a ontologia do espaço na constituição do lugar na perspectiva de Heidegger na composição onto-ontológica do *dasein*, Marandola (2012) lembra que:

> O pensamento heideggeriano contribui diretamente para uma Geografia que busca a dimensão da experiência enraizada numa ontologia que inclua o cuidado e a autenticidade do ser-no-mundo como traços fundamentais. Outra temática central atualmente que a Geografia é chamada a contribuir. A partir de sua contribuição é possível pensar uma ontologia geográfica orientada pela compreensão dos modos geográficas de existência, integrando experiência geográfica, existência e o pensar geográfico da Geografia científica. A expressão desta ontologia é a geograficidade, enquanto essência que se refere à geografia (MARANDOLA, 2012, p. 91).

Experiência e existência são incorporadas no protagonismo da espacialidade como centralidade da reflexão fenomenológica sobre o ser-em, a facticidade e, principalmente, a consciência corpo e pensamento na relação com o mundo, o outro e si próprios, ou seja, a primariedade do lugar no questionamento do e sobre o Ser: “Não apenas um limite não pode existir sem o outro, mas cada um influencia ativamente o outro, ajudando a moldar um espaço genuinamente conjunto, um espaço de coexistência mútua entre o contêiner e o contido. Esse limite duplo co-constituído, coincidente e presente é o que define o lugar em sua primordialidade.” (CASEY, 1997, p. 58 – tradução nossa). O *dasein* heideggeriano, nestes termos, (re)encontra-se com o arcabouço teórico, metodológico e analítico

do pensamento geográfico sobre a existência, como base para toda inquirição sobre a intencionalidade que significa o mundo e o outro, ao mesmo em que se mostram ao ser-aí e o define-no-mundo como ser-em:

> O Dasein assume um papel proporcionalmente maior na constituição do lugar e da região do que tinha anteriormente: "Ao fato de o Dasein criar espaço para si mesmo pertence a descoberta autodiretiva de algo como uma região.... O preocupante ser-no-mundo é direcional e autodiretivo". Isso significa dar ao Dasein um papel constitutivo mais amplo: como "autodiretivo" (sich ausrichtend), ele é responsável não apenas pela precipitação do lugar, mas também pela criação de espaço (e sua margem de manobra) e pela descoberta da região. O Dasein também é, como acabamos de ver, responsável por determinar sua própria localização e pela tomada do espaço (e, portanto, também por invadir o espaço). Tudo isso reflete a crescente absorção de Heidegger nas questões da autenticidade do Dasein - e, portanto, de sua temporalidade (Zeitlichkeit), que, apesar de seus movimentos extáticos e extrovertidos, diz respeito ao eu (em contraste com Zeit e Temporalitiit, ambos relacionados ao que excede os limites do ser-no-mundo do Dasein). Mas também reflete a apreciação de Heidegger sobre o modo como o eu humano pode fazer uma diferença decisiva na experiência e no destino da espacialidade como tal, ilustrando assim que "o próprio Dasein é espacial". (CASEY, 1997, p. 258 – tradução nossa).

Cada lugar será único, porque o *dasein* é único, irrepetível, seja como consciência, corpo ou pensamento. O lugar será composto por experiências de vida, memórias, práticas e saberes, cotidianidades singulares: Só há lugar quando frequentado por espíritos múltiplos, ali escondidos em silêncio, e que se pode ‘evocar’ ou não. Só se pode morar num lugar assim povoado de lembranças.” (CERTEAU, 1994, p. 175).

Quando Certeau (1994) relaciona, conforme leitura de Casey (1997), diretamente, o lugar ao cotidiano, realiza também uma

aproximação considerável tanto com a facticidade como a abertura fenomenológica, como relação diferencial ôntica do ser-aí com o mundo, na com-formação dos lugares.

Como indicado por Casey (1997), o *dasein* é a abertura ao Ser, quase como um catalisador do des-velar da essência nos entes. Por isso a espacialidade como facticidade é tão importante na construção de uma proposta topológica no cerne da ontologia fenomenológica: "O espaço geográfico é como o prolongamento de uma série de devaneios da matéria, porque a materialidade terrestre não está fechada nela mesma, na indiferença simples de uma pura facticidade" (BESSE, 2006, p. 89). E Besse ainda complementa que esta facticidade: "[...] é fundamentalmente *fisionomia*, porque ela manifesta direções de sentidos numa consistência própria, em suma, porque ela excede sua pura facticidade e se apresenta irredutivelmente carregada de qualidades." (BESSE, 2006, p. 89).

Em concordância ao escritos de Casey (1997) e até mesmo a fenomenologia do imaginário pelos quatro elementos em Bachelard (2001; 2008 2013), Besse (2006) reforça a questão de como é possível (re)encontrar na superfície da Terra uma via de aplicação metodológica da ontologia fenomenológica: "É possível então abrir para uma geografia a perspectiva de uma 'analítica' ou de uma hermenêutica dos elementos da superfície da Terra (a água, o ar, a terra, mas também os espaços construídos, segundo Dardel) considerando-os na repercussão de suas significações para o pensamento e a sensibilidade humana)." (BESSE, 2006, p. 88). Tanto Casey (1997) como Besse (2006), quando partindo de sua base fenomenológica sobre lugar e paisagem, respectivamente, tratam

da topologia do ser, a ontologia da espacialidade. O que fora iniciado anteriormente por Dardel (2011) e desenvolvido por autores como Relph (1970; 1976), Tuan (1976; 1980) e Buttimer (2013), agora vai diretamente no cerne da relação entre ontologia fenomenológica e o pensamento geográfico, como trabalhado por Pickles defendendo, no texto *Fenomenologia, ciência e geografa* de 1985, que o vivido, o espaço relativo e a relação entre experiência, existência e significação do mundo pelo ser-aí são intersecções inerentes à imersão da Geografia na perspectiva fenomenológica de estudos para a consciência, lembrando que o mundo, a percepção, a imaginação, dentre outras dimensões e temáticas, são focos do questionamento da fenomenologia.

A relatividade do espaço vivido, comentada por Casey, une-se ao cotidiano como via de chegada ao (in)finito da diferença ontológica pelo *dasein* e Para-si: “Essa geografa deve focar sua reflexão inicialmente a partir da vida cotidiana; vida essa em que não prestamos atenção, mas que é a vida que flui como consciência constituidora do mundo e do ambiente habitual. (GOTO, 2013, p. 43-44). As colocações de Goto vão ao encontro do que outrora fora trabalhado por autores como Oliveira (1977; 1998; 1999; 2012; 2013), Silva (1975; 1978; 1993; 2000) e o própro Casey (1997), permitindo que haja um ponto de alcance da ontologia fenomenológica pela Geografia em um patamar epistemológico que abarque tal complexidade e desafios.

Alves (2020), Gmeiner (1998) e Kahlmeyer-Mertens (2008) afirmam a existência de possibilidades importantes na construção de comrpreensões de ontologia fenomenológica, com alguns

óbices, mas com experiências exitosas de aplicabilidade das teorizações fenomenológicas da fenomenologia. No que diz respeito ao lugar, o ser-aí de Heidegger possui o maior potencial de correlação e diálogo para diferentes estudos e operacionalizações metodológicas da fenomenologia em esferas que vão dos estudos culturais à educação, do resgate e aplicação dos postulados da fenomenologia pela literatura à maneira como a linguagem e o Ser, bem como toda a questão da diferença ontológica estão ligados ao que Dardel inquiriu em seu texto dos anos 1950 sobre ir ao encontro dos sentidos do lugar da Terra, (re)descobrindo-os em (des)velamento de suas geograficidades em suas relações com o espaço (CLAVAL, 2001). E todo este percurso da relação mútua de partilhas epistemológicas e metodológicas entre fenomenologia e Geografia também gera preocupações, como o relativismo de aplicação de tal método à toda expressão cultura ou de significação eventualmente já estudados, por exemplo, pela própria vertente cultura da ciência geográfica:

> [...] existem pontos fracos na geografia concebida dessa maneira: ela explora a experiência vivida das pessoas, seus sonhos, aspirações e desejos; descreve a diversidade de comportamentos e atitudes com relação ao meio ambiente, à natureza e à vida social, econômica e política. Mostra as numerosas tensões que resultam da diversidade dos projetos que formam os homens, cada grupo lutando para garantir recursos que muitas vezes são raros. Todos esses aspectos são fascinantes, mas, em decorrência do paradigma sobre o qual repousa a abordagem cultural, parece impossível construir um sistema coerente de interpretação a partir de descrições “densas” e de estudos de casos fascinantes que surgiram há trinta anos. (CLAVAL, 2001, p. 68).

Os pontos fracos dos estudos fenomenológicos da Geografia, mencionados por Claval (2001), são um dos lados da virada topológica em estudos realizados por Ferreira (2002), Leite (1998), Ferreira (2000) e Silva (2003). Tanto uma perspectiva como outra devem ter como prerrogativa a ida aos estudos e propostas da fenomenologia como método e a ontologia fenomenológica enquanto abertura a novas possibilidades de análise do ser-no-mundo, como ressalta Besse: “A geografia contemporânea teve que reconhecer que as frequentações comuns do espaço põem em ação significações originais irredutíveis à ordem das construções teóricas.”. (BESSE, 2006, p. 87). E a importância da relação entre Geografia e topologia do ser se dá também nesse sentido: “O ponto de vista fenomenológico encontrou então um eco epistemológico no próprio domínio da geografia, que contribuiu para renovar, alargar e de fato dar mais complexidade às análises geográficas do espaço.” (BESSE, 2006, p. 87). A Geografia fenomenológica avança no que foi posto inicialmente pelos estudos culturais, ou seja, há o onto de partida já existente, mas é possível ir além epistemológica e analiticamente:

> O valor atribuído ao meio ambiente está acoplado ao interesse e à necessidade. Pois, a humanidade para viver e sobreviver precisa sentir algum valor em seu mundo. A formação e natureza dos valores são engendrados na cultura, no meio ambiente revestido pela afetividade topofílica. Estilos de vida e classes sociais determinam em parte a preferência e escolha de ambientes valorizados pela educação, pelo nível de vida, pelo poder aquisitivo, quer individual ou coletivamente. Os valores do meio ambiente podem ser geográficos: viver no campo ou na cidade. Os valores do campo residem numa imagem ideal de vida, ligados à natureza e à saúde física e mental. Ao passo que os valores da cidade estão mais voltados à vida cultural e

> artística e nas possibilidades socioeconômicas. Entre estes dois valores se interpõem a cidade pequena, na qual a vida corre mais lenta, mais tranquila para melhor criar os filhos e dispor de jardins floridos, gramados, animais de estimação. (OLIVEIRA, 2013, p. 92).

A expressão, descrição e apreensão das nuanças da natureza e das realidades humanas é parte do esforço epistemológico interdisciplinar que se estabelece por meio da geoliteratura, geopoética e topoanálise para. A ontologia fenomenológica por meio da espacialidade do ser vai ao encontro de tal empreendimento, de maneira a colocar os estudos geográficos e literários em alinhamento metodológico para uma incursão onto-ontológica pelos lugares do mundo como estares do ser na diversidade singular e coletiva da humanidade no mundo:

> A dimensão tempo está implícita em todos os lugares quer nas ideias de liberdade, movimento, quer no esforço em procura da acessibilidade. Assim, também a dimensão temporal está na experiência do espaço, confundindo-se facilmente às essências espacial e temporal. Na construção do nosso espaciotemporal vivenciamos meios ambientes naturais e construídos, e sabemos que os grupos culturais se distinguem na maneira de perceber e de organizar seus espaços e seus lugares. Isto é constatado através dos tempos e dos espaços, nos agrupamentos ou nas divergências, na localização em montanhas, ou nos vales, junto aos litorais ou em ilhas. O resultante do mosaico geográfico e histórico da vida humana sobre a superfície terrestre está aí, para ser estudado, explicado ou aceitado, e principalmente compreendido. A literatura contribui para o conhecimento e a apreciação de lugares e para a representação de espaços míticos, simbólicos ou afetivos, que passariam despercebidos, se não forem chamados a nossa atenção, tornando-os visíveis esteticamente. (OLIVEIRA, 2013, p. 93).

Ao final destas reflexões sobre o lugar podemos seguir, neste momento, para a paisagem. Nos (des)encontros entre as categorias

e conceitos geográficos com a topologia do ser, será possível relacionar a ontologia fenomenológica também à paisagem, especialmente como recorte da facticidade como possibilidade do des-velamento do Ser a partir do plano ôntico.

A relação entre arte literária e Geografia será continuado, do lugar à paisagem, para que seja possível melhor definir os pontos de estruturação e diretrizes para metodologia topoanalítica e a epistemologia fenomenológica a serem aplicadas aos sertões do sertão nas obras de Graciliano Ramos, Euclides da Cunha e Guimarães Rosa bem como outras ilustrações literárias que contribuirão para a elaboração da rota topoanalítica e geoliterária proposta.

1.2 Paisagem

Como início à reflexão sobre a paisagem no debate proposto, resgata-se as ideias de Collot (2013) contribui para a compreensão ontológica do ser quando afirma que: “A paisagem implica um sujeito que não reside mais em si mesmo, mas se abre ao fora. Ela dá argumentos para uma redefinição da subjetividade humana, não mais como substância autônoma, mas como relação.” (COLLOT, 2013, p. 30). Em outras palavras, a paisagem na perspectiva fenomenológica ultrapassa a perspectiva da objetividade que se fecha em si mesmo, o Em-si sartreano ou *lebenswelt* de Husserl encontram-se, complementam-se como des-velamento da diferença ontológica pela intencionalidade da consciência e percepção sobre e com o mundo. E continua Collot (2013, p. 30): “[...] encontram-se aí as premissas na noção husserliana de

intencionalidade, segundo a qual 'toda consciência é consciência de...'. A análise da *Lebenswelt* fez com que Husserl radicalizasse a ideia de uma correlação entre o sujeito e o mundo."

A paisagem, fenomenologicamente é a consciência intencionando-se ao mundo, a si mesma ou ao ente-outro, fundando a facticidade como relação onto-ontológica do ser-aí/Para-si: "Dizer que a consciência é consciência de alguma coisa é dizer que deve se produzir como revelação-revelada de um ser que ela não é e que se dá como já existente quando ela o revela." (SARTRE, 2008, p. 34-35). Quando se intenciona ao mundo pelo pensar, perceber, sentir e imaginar, o Para-si e *dasein* estão fundando tanto a si mesmos como o mundo, em diferentes significações possíveis e singularizações de tantos predicados quantos forem possíveis de existir e configurar sobre esta intencionalidade e, ao mesmo tempo, o des-velar do ser pelos entes das paisagens do mundo. As considerações de Sartre e Collot vão ao encontro do que é trabalhado por Serpa (2016) sobre a as intencionalidades da consciência para o mundo como facticidade: "Para a crítica, no seu começo, não pode valer como dado nenhum conhecimento sem exame. Isso não exclui a evidência da cogitatio, mas trata as cogitationes como fenômenos absolutos.". (SERPA, 2016, p. 21). Novamente, temos o plano ôntico, a facticidade e imanência como a abertura à (in)finitude ontológica das essências de todos os entes, no ente diferenciado que é o ser-aí como esse abrir-se do Ser pelo *dasein* como fruição do Ser pelos entes expressos pela linguagem, a arte, imagens etc.: "Trata a imanência

como caráter necessário de todo o conhecimento, assumindo a imanência universal da consciência. (SERPA, 2016, p. 21).

A paisagem alcança na ontologia fenomenológica como topologia do ser o papel do ser-em de Heidegger, a posição em que a partir dele em diante tudo será intenção em realização de significância para com o mundo que habita, singularizando-o como mundo, sendo-o: “A presença, no entanto, está e é ‘no’ mundo, no sentido de lidar familiarmente na ocupação com os entes que vêm ao encontro dentro do mundo. Por isso, se, de algum modo, a espacialidade lhe convém, isto só é possível com base nesse ser-em.” (HEIDEGGER, 2008, p. 158).

Paisagem como ser-em e a derradeira expressão da onto-ontologia em que a facticidade emana sua transcendentalização pelo ser-aí, é o ponto único e singular em que o preenchimento da essência pela consciência perfaz cada detalhe cotidiano, saber, fazer ou aspecto efêmero pertencente ao mundo como paisagens no fruir do devir-vida: “Se existe um sentimento de satisfação conferido pela paisagem, é que existe uma forma que espera uma satisfação, um preenchimento.” (CAUQUELIN, 2007, p. 119). E ainda continua a autora afirmando que: “[...] trata-se aqui de adequação de um modelo cultural ao conteúdo singular que é apresentado. (CAUQUELIN, 2007, p. 119). E a paisagem não será apenas a expressão ontológica da espacialidade como topologia do ser de uma única consciência, havendo, por continuidade, a confluência da significação do mundo como ser-em por outros entes como ser-aí, valorando identitariamente a singularização das paisagens como expressões da cultura e intersubjetividade:

> [...] redução fenomenológica nos revela também que a paisagem não é simplesmente uma relação entre um sujeito e um objeto, ou melhor, um conjunto de objetos como é mais apropriado para a definição de um conceito de paisagem, mas, sobretudo, uma relação entre sujeitos que intersubjetivamente relacionam objetos constituindo paisagens como "universais". Isso, por outro lado, não exclui a validade do procedimento de partir do absolutamente dado da situação, já que o enfoque fenomenológico significa justamente partir das coisas elas próprias, abrindo-se a possiblidade de trabalhar o conceito de cotidiano bem como temáticas como o "simbólico" e o "valor" nas disciplinas territoriais. (SERPA, 2016, p. 29-30).

Especificamente no caso da paisagem haverá uma correlação direta com a categoria geográfica sertão, como ressaltado por Moraes (2003; 2014) e Moreira (2008; 2011). Para o Antonio Carlos Robert Moraes e Ruy Moreira, é importante ressaltar que não há uma única correspondência empírica paisagística para o sertão, ou sertões: "O sertão não se qualifica, do ponto de vista clássico da geografia, como um tipo empírico de lugar, isto é, ele não se define por características intrínsecas de sua composição ou do arranjo de seus elementos numa paisagem típica. Não são as características do meio natural que lhe conferem originalidade, como o clima, o relevo, ou as formações vegetais." (MORAES, 2003, p. 1).

A partir desta ubiquidade ontológica do sertão como facticidade é possível relacionarmos não apenas a reflexão sobre a aderência da predicação do ser no ser-em sertão mas, também, incluir elementos tanto do lugar para a composição onto-ontológica de paisagem, no sentido de ir ao encontro de ideias já apresentadas como o ser-aí e *dasein* e o protagonismo da espacialidade na ontologia fenomenológica e existencialista.

A partir destas considerações iniciais sobre a paisagem, far-se-á a proposição de pensar a paisagem a partir das heranças epistêmicas já estabelecidas no pensamento geográfico. Tem-se, portanto, tanto a tradição francesa de análise da paisagem, atrelada a todo o percurso de perscrutação regional, consolidado no início do século XX até a morfologia da paisagem anglo-saxã. Essa dupla referência paisagística fará com que a estruturação onto-ontológica da paisagem tendo a fenomenologia e diferença ontológica como base se torne mais bem estabelecida.

A virada topológica, da espacialidade do Ser pelos entes da facticidade já possui extenso arranjo de estudos e debates, em concordância à proposição topológica em aberturas ontológicas, geoliterárias e topoanalíticas para outros campos de aplicação fenomenologia, a partir, por exemplo, das contribuições de Gaston Bachelard (2008; 2013). Muito do que é problematizado, na questão topológica do Ser com a espacialidade ocupando o protagonismo da análise fenomenológica se dá na retomada do que fora outrora indicado por Dardel (2011) como o ir além da representação e o primeiro contato, para alcançarmos o des-velar de si mesmo das coisas, os entes em sua circunscrição fática do mostrar-se do ser-no-mundo:

> É preciso insistir que a geografia, entendida fenomenologicamente, não está à procura de significações ocultas por detrás dos fenômenos terrestres, ela não é tampouco o simples levantamento de significações que o sujeito projeta sobre a Terra, mas ela é uma experiência da vida vivida pelo homem comum no encontro consigo mesmo, no contato com o mundo terrestre na orla, por assim dizer, das formas e dos símbolos que nascem, e este esboço de sentido ressoa em nós como um acontecimento,

> que é o da nossa presença no mundo. A geografia não nos ensina nada do mundo terrestre se nós não percebermos antes que ele é o meio do sentido." (BESSE, 2006, p. 89).

Cauquelin (2007) também problematiza sobre como há um momento que ocorre a ultrapassagem da semiótica, representação para que uma substância seja alcançada, o próprio ser em seu mostrar-se, velando-se nas formas e significações da facticidade como, por exemplo, recorte paisagístico. Chega-se à ontologia do espaço pela paisagem como expressão da facticidade em diferença onto-ontológica pelo *dasein*, o ser situado em seus estares, *grafias* da existência:

> Para que eu tome consciência de que se trata aqui de um projeto, de que essa paisagem é constituída por sua definição, é preciso que algo manque, que algo deixe de ser evidente, que, de repente, uma perturbação se produza: “Ah, mas não é tudo aquilo que eu pensava! O amarelo não tem o tom que eu esperava, o mar não é tão azul quanto devia ser...”. Isso não “cola”. A adesão fissura em algum ponto. Sem mais nem menos, começo a duvidar da conveniência dos elementos entre si; isso é tão perturbador quanto um erro de gramática em uma frase que a torne incompreensível. (CAUQUELIN, p. 2007, p. 104).

A ultrapassagem da relação significante e significado da semiótica é o passo seguinte aos estudos topológicos do Ser, na esteira da ontologia fenomenológica da espacialidade. A intencionalidade como o preencher e fundação do mundo deve ser o ponto de partida e chegada para tal empreendimento epistemológico, metodológico e de experiência de estares do Ser no mundo como existências singulares: “Que a paisagem que se enuncia diante de mim e me oferece sua proposta preencha as condições de sua produção entre o espetáculo que tenho diante de

mim e a forma geral na qual ela deve se mover para que eu possa apreendê-la" (CAUQUELIN, 2007, p. 118).

A autora ainda realiza uma reflexão de como o recorte da paisagem não abarca toda a significação possível à facticidade paisagística: "Existe, pois, uma desmedida na medida, ou, mais exatamente, a medida só pode ser construída em um horizonte de desmedida." (CAUQUELIN, 2007, p. 140). Em outras palavras, há no *ser-aí* diferentes trilhas de predicação do espaço habitado, paisagens e suas significações que se multiplicam em complexidade de referência à essencialização da espacialidade na relação onto-ontológica: "A moldura reclama sua extramoldura como seu elemento constitutivo, sua condição necessária. É preciso que a crença esteja anexada à proposição de totalidade que recobre o fragmento." (CAUQUELIN, 2007, p. 140).

Besse (2006) também vai ao encontro do ser-em heideggeriano, sobre a espacialidade como uma das dimensões de inerência ao des-velamento do Ser como ser-no-mundo: "A paisagem é assim, e insistamos neste ponto, não apenas o prolongamento do vocabulário antigo da 'teoria' filosófica, mas também a ilustração visual da nova experiência geográfica do mundo." (BESSE, 2006, p. 41). Esta experiência será o ser em situação, habitado e enunciado pelo *dasein*, emergindo ôntica e ontologicamente como singularidade existencial, já que nesta paisagem que é *grafia*, inscrição da existência em sua singularização como ser-em-no-mundo: "[...] em consequência, uma consciência renovada do mundo terrestre pode encontrar a

linguagem e as categorias que lhe permitem formular-se." (BESSE, 2006, p. 41).

A *inscrição* da existência no mundo se dará como diversidade de sentidos à habitação da espacialidade, em diferentes paisagens. Neste *inscrever-se* e *escrever-se* pela intencionalidade do Para-si ou *dasein* o mundo, a espacialidade e os recortes do ser-em como paisagem serão em si mesmos, na ultrapassagem da representação mencionada por Besse (2006), com quem concorda Cauquelin quando diz que: "[...] na verdade, na maior parte do tempo, é o *caráter implícito* da paisagem que convoca ao sentimento de sua perfeição. *A rosa é sem porquê*. E é por isso que ela está na perfeição..." (CAUQUELIN, 2007, p. 123, grifos no original). Esta *expansão* do *extensio* só é possível a partir do ser-aí, em seu papel de ente diferenciado, como ressaltado nas colocações de autores como Jean-Paul Sartre:

> O objeto que as coisas do mundo indicam e que situamO à sua volta é, para si mesmo e por princípio, um não objeto. Mas o surgimento de meu ser, ao estender as distâncias a partir de um centro, pelo ato mesmo desse estender, determina um objeto que é si mesmo, na medida em que se faz indicar pelo mundo, e do qual, todavia, eu não poderia ter intuição como objeto, porque o sou - eu, que sou presença a mim como ser que é seu próprio nada. Assim, meu ser-no-mundo, só pelo fato de que realiza um mundo, faz-se indicar a si mesmo como ser-no-meio-do-mundo pelo mundo que realiza, e não poderia ser de outro modo, porque não há outra maneira de entrar em contato com o mundo a não ser sendo do mundo. Seria impossível para mim realizar um mundo no qual eu não seja e que fosse puro objeto de contemplação que o sobrevoasse. (SARTRE, 2008, p. 402)

Para-si, em correspondência ao *dasein* de Heidegger, fará a ponte ôntica-ontológica, a partir da totalidade da imanência, na qual

a espacialidade compõe a topologia do Ser, a essência em situação, em cada intencionalidade de projeção aos recortes fáticos de uma totalidade que é o mundo inteiro, no ser-em como estares em todos os lugares e paisagens passíveis de serem percebidas, pensadas e habitadas:

> Desta forma é que o empírico do espaço relacional é o espaço-superfície, no qual se realizam os fenômenos, mas com a análise existencial-ontológica sendo sobre o homem, busca-se o entendimento do espaço ontológico, o espaço como existencial da existência humana: o espaço como ser. Surge então a conexão entre parte e todo, entre corpo e superfície, homem e mundo. Este homem como expressão da totalidade e a Totalidade-Mundo como mundo do homem. Ora, se o que nos interessa é a particularidade como homem-corpo e sua existência espacial via dos fenômenos cotidianos, cabe outro entendimento da espacialidade, que não aquela segundo Descartes que constitui o mundo circundante. Este "mundo" como res extensa que nos vêm dando muitos trabalhos. Este é o "ponto negativo" de apoio à explicação de espacialidade pelo próprio homem como seu mundo: o espaço existencial ou ontológico. Para tal entendimento, da espacialidade, é que se torna premente a relação existencial-ontológica do homem com seus prolongamentos, do homem com seu mundo. E assim é que temos a análise do espaço como ser do homem, pela sua espacialidade prolongada como seu mundo. Sua condição de existência extrapola o corpo, não o abandonando, mas, expressando no mundo sua particularidade, e esta pode ser remetida como sentido de ser humano; extrapolando do seu corpo ao mundo, do todo na parte à parte no todo. Sendo a busca existencial-ontológica da espacialidade humana a base para a explicação do sentido de ser deste homem, é que nosso aparato se faz na ontologia. Principalmente na busca do sentido de ser da presença (Dasein) humana de Heidegger. (GUIMARÃES, 2010, p. 26 - 27).

A busca existencial-ontológica destacada por Guimarães (2010) é composta pelo ir-além do representado ou culturalmente construído, que podem sim ser o ponto de partida para a topologia

do Ser. No entanto, a situação, entendida como o ser-em do *dasein* em todos os seus estares no mundo revelará o para-além que é o ser-aí, como epicentro da enunciação do Ser pelo pensar, dizer, perceber, experienciar e habitar o mundo:

> Assim, o mundo, desde o surgimento de meu Para-si, desvela-se como indicação de atos a fazer, atos esses que remetem a outros atos, esses a outros, e assim sucessivamente. Contudo, deve-se notar que, se percepção e ação, desse ponto de vista, são indiscerníveis, a ação se apresenta, não obstante, como certa eficácia do futuro que supera e transcende o puro e simplesmente percebido. Sendo aquilo a que meu Para-si é presença, o percebido revela-se a mim como copresença; é contato imediato, aderência presente, que se me resvala. Mas, como tal, oferece-se sem que eu possa captá-lo no presente. A coisa percebida é cheia de promessas e resvala de leve, e cada uma das propriedades que promete me revelar, cada abandono tacitamente consentido, cada remissão significativa aos outros objetos encerra o futuro. Assim, estou em presença de coisas que não passam de promessas, Para-além de uma inefável presença que não posso possuir e é o puro "ser-aí" das coisas, ou seja, aquilo que é meu, minha facticidade, meu corpo. (SARTRE, 2008, p. 407).

Se a retomada da descrição é ponto fundante da fenomenologia como método, ainda em Husserl (2007; 2008; 2020, então vamos ao encontro do porquê a *transcrição* da Ser situado como *geo-grafia* é algo tão rico tanto para a Geografia como a arte literária (CHAVEIRO, 2014; ALVES, 2020; COLLOT, 2013; SUZUKI, 2017; SILVA, 2003; 2019; 2020a. 2020b; 2021). A topologia do ser como ontologia do espaço (re)encontra-se como possibilidade topoanalítica com a ontologia fenomenológica, nas diferentes possibilidades de geograficdade, os lugares do ser-no-mundo como estares do Ser em diferentes paisagens:

> A fenomenologia envolve a compreensão e a descrição das coisas conforme elas são vivenciadas por um sujeito. Trata-se da relação entre o Ser e o Ser-no-mundo. O Ser-no-mundo reside em um processo de objetivação no qual as pessoas objetivam o mundo ao se separarem dele. Isso resulta na criação de uma lacuna, uma distância no espaço. Ser humano é tanto criar essa distância entre o eu e o que está além dele quanto tentar superar essa distância por vários meios - por meio da percepção (ver, ouvir, tocar), ações e movimentos corporais e intencionalidade, emoção e consciência que residem em sistemas de crença e tomada de decisão, lembrança e avaliação. (TILLEY, 1994, p. 12, 1994 – tradução nossa).

Portanto, há uma base fenomenológica para a espacialidade que podemos buscar em autores como Heidegger e Merleuau-Ponty, referência esta reforçada por Tilley: “Deixei que Heidegger e Merleau-Ponty definissem o cenário. De perspectivas fenomenológicas bastante diferentes, ambos enfatizaram características ontológicas importantes da relação entre o espaço habitado e o Ser-no-mundo social.” (TILLEY, 1994, p. 13 – tradução nossa). O que Tilley reforça para nós é trabalhado por Marandola (2020) e Holzer (2011) sobre a virada *topológica* nos estudos ontológicos a partir destes autores. Ser e paisagem são colocados por Tilley (1994) como uma das pontes mais profícuas à topologia do ser, e que contribui para uma construção metodológica topoanalítica, que é a principal busca de nossa análise: “Heidegger propõe um modelo topológico para pensar sobre a relação entre as pessoas e a paisagem como uma questão de "ternura" da auto-revelação do Ser no e do mundo.” (TILLEY, 1994, p. 13 – tradução nossa).

O ser-no-mundo mencionado pelo autor será a chave para o olhar fenomenológico do espaço, lugar e paisagem, a experiência de estar no mundo, como a expressão do interior e exterior da existência e o existente, ou nos conceitos sartreanos e heideggerians o Para-si e Em-si e o *dasein* e faciticidade, em alusão ao que é colocado por Collot (2013): “Essa troca entre o interior e o exterior não diz respeito apenas à percepção individual, mas também à relação que as sociedades humanas mantém com seu ambiente.” (COLLOT, 2013, p. 27). Em síntese, em retomada a Tilley (1994), a centralidade e protagonismo do Eu, da intencionalidade na corporeidade e consciência comporá a experiência onto-ontológica do ser humano em seu habitar, pensar e significar o mundo:

> The key concern in this approach is the manner in which places constitute space as centres of human meaning, their singularity being manifested and expressed in the ay-to-day experiences and consciousness of people within particular lifeworlds. Such an approach starts from an initial presupposition claiming the wholeness and indivisibility of a human experience of place, and that meaning, defined in terms of structures of intentionality, is central to any understanding of place. Knowledge of place stems from human experiences, feeling and thought. Space is a far more abstract construct than place. It provides a situational context for places, but derives its meanings from particular places (Relph 1976: 8). Without places there can be no spaces, and the former have primary ontological significance as centres of bodily activity, human significance and emotional attachment. The meaning of place is grounded in existential or lived consciousness of it. It follows that the limits of place are grounded in the limits of human consciousness. Places are as diffuse and differentiated as the range of identities and significances accorded to them. People are immersed in a world of places which the geographical imagination aims to understand and recover - places as contexts for human experience, constructed in movement, memory, encounter and association. There may be a strong affection for place (topophilia) or aversion

> (topophobia), but places are always far more than points or locations, because they have distinctive meanings and values for persons. Personal and cultural identity is bound up with place; a topoanalysis is one exploring the creation of self-identity through place. Geographical experience begins in places, reaches out to others through spaces, and creates landscapes or regions for human existence. (TILLEY, 1994, p. 15).[1]

A topoanálise. destacada pelo autor, como criação da identidade de si na relação intencional com o mundo, é explorada, fenomenologicamente, no entendimento da paisagem: "Tal como se manifesta na experiência da paisagem, nossa relação sensível como mundo não é a de um sujeito posto em frente a um objeto, mas de um encontro e de uma interação permanente entre o dentro e o fora, o eu e o outro." (COLLOT, 2013, p. 26). Trata-se,

[1] "A principal preocupação desta abordagem é a forma como os lugares constituem o espaço enquanto centros de significado humano, sendo a sua singularidade manifestada e expressa nas experiências quotidianas e na consciência das pessoas dentro de mundos de vida particulares. Esta abordagem parte de um pressuposto inicial que afirma a totalidade e a indivisibilidade de uma experiência humana do lugar e que o significado, definido em termos de estruturas de intencionalidade, é central para qualquer compreensão do lugar. O conhecimento do lugar deriva das experiências, sentimentos e pensamentos humanos. O espaço é uma construção muito mais abstrata do que o lugar. Fornece um contexto situacional para os lugares, mas deriva os seus significados de lugares particulares (Relph 1976: 8). Sem lugares não pode haver espaços, e os primeiros têm um significado ontológico primário como centros de atividade corporal, significado humano e ligação emocional. O significado do lugar baseia-se na consciência existencial ou vivida do mesmo. Daqui decorre que os limites do lugar se baseiam nos limites da consciência humana. Os lugares são tão difusos e diferenciados quanto o leque de identidades e significados que lhes são atribuídos. As pessoas estão imersas num mundo de lugares que a imaginação geográfica pretende compreender e recuperar - lugares como contextos para a experiência humana, construídos em movimento, memória, encontro e associação. Pode haver uma forte afeição pelo lugar (topofilia) ou aversão (topofobia), mas os lugares são sempre muito mais do que pontos ou localizações, porque têm significados e valores distintos para as pessoas. A identidade pessoal e cultural está ligada ao lugar; uma topoanálise é uma análise que explora a criação da auto-identidade através do lugar. A experiência geográfica começa nos lugares, chega aos outros através dos espaços e cria paisagens ou regiões para a existência humana." (TILLEY, 1994, p. 15 – traduzido pelos autores).,

portanto, da experiência humana do existir-no-mundo como ser-aí em seus estares, *grafias* do devir-vida como paisagens: “A paisagem não é apenas vista, mas percebida por outros sentidos, cuja intervenção não faz senão confirmar e enriquecer a dimensão subjetiva desse espaço, sentido de múltiplas maneiras e, por conseguinte, também experimentado.” (COLLOT, 2013, p. 26). A espacialidade, como topologia do ser, alcançando o seu ponto máximo e especial de protagonismo como paisagem e ser-em do *dasein* e Para-si em sua relação com facticidade: “Todas as formas de valores afetivos – impressões, emoções, sentimentos – se dedicam à paisagem, que se torna, assim, tanto interior quanto exterior. (COLLOT, 2013, p. 26).

O mostrar-se da paisagem como facticidade, mesmo cotidiana, de latência do Ser em des-velamento é o que destaca Prado (208), sobre como a arte literária, neste caso mais geopoeticamente tenta ir ao encontro da silhueta deste des-velamento das coisas e formas das paisagens e lugares: “Eu não dou conta de pegar o ser de uma rosa, de um rio, de uma paisagem ou de um rosto. Mas quando a arte faz isso e ela apreende essa coisa mais alta que está atrás das coisas, ela nos revela, nos remete à beleza suprema, se nós tivermos despidos do orgulho da razão e da lógica. (PRADO, 2008).

Assim como destacado tanto por autores da literatura quanto da geografia, a relação sujeito e objeto é (re)colocada em novas aberturas epistemológicas e metodológicas pela ontologia fenomenológica, especialmente em relação à paisagem, sendo que: “A paisagem transgride a posição entre o sujeito e o objeto, o individual e o universal; embora possa assumir todos os valores da

afetividade mais íntima, a convergência dos olhares faz dessa afetividade um lugar comum para mim e para os outros." (COLLOT, 2013, p. 27). Há, portanto, a transgressão da imanência pela busca do ser-aí, como expressão do Ser enunciado pelo *dasein* na diferença ontológica (COUTINHO, 1976). A transgressão da paisagem com transcendentalização da facticidade pelo ser-aí é o ponto de seu encontro com o lugar, enquanto no primeiro caso há uma conceituação mais projetiva e expansiva da espacialidade, no segundo caso normalmente tendemos a escala mais restrita e recôndita. Nos dois casos, da espacialidade como topologia do ser, pela paisagem ou lugar, há o espaço ocupando seu protagonismo como via de percurso para que o Ser des-vele-se nos entes, fundando-o a partir do ser-aí e Para-si:

> O espaço assim doado sempre já se configura em lugares reconhecíveis. Nestes dois primeiros momentos, o que temos diante de nós é a ponte em meio à paisagem, cerne de um complexo de diferentes locais que se espalham ao seu redor, como na descrição de Heidegger. Estes locais (Plätze) encontram-se próximos ou distantes em relação à ponte, distâncias estas que tanto podem ser percebidas a partir do percurso cotidiano dos homens, como podem também ser fixadas "como simples posições (als blosse Stellen) entre as quais subsiste uma distância mensurável" (ein durchmessbarer Abstand). O espaço que se deixa ler a partir de meras posições, ou seja, desmembrado em intervalos definidos por medições é, como diz Heidegger, "um espaço bem específico", um "espaço-entre" (ein Zwischenraum), como expressa a palavra latina spatium. (PÁDUA, 2005, p. 257).

Não é por acaso que a *grafia* da existência mesclar-se-á com a *geo-grafia* da existência tanto como texto ou contexto do ser-em mas, neste caso, expressos na forma de arte literária, a geoliteratura

que é a base para a topoanálise. Cotidiano e facticidade aparecerão, de igual modo, como formas de expressão de tais *grafias* da existência como ser-em, em obras literárias, por exemplo, em lugares e paisagens de singularização topológica do devir-vida das personagens, espacialidades ou narrativas ali desenvolvidas.

Tilley (1994), assim como fizera Heidegger (2008; 2013; 2015), irá considerar a arte literária como uma forma privilegiada de a linguagem expressar as significações do Ser no mundo, na facticidade cotidiana do viver, pensar, fazer, perceber, sentir e imaginar os atos de intencionalização do mundo da vida como paisagens e lugares, individual e coletivamente:

> Em minha opinião, esse é precisamente o interesse e o poder contemporâneo de empregar essa categoria atualmente. Ela pode ser usada de forma provocativa para reunir abordagens que tendem a ser mantidas separadas na literatura ou que são conceituadas como ocupando domínios radicalmente diferentes da ação e da experiência humanas, que estão apenas tangencialmente relacionadas. Em vez de tentar uma discussão extensa da literatura como um todo, na medida em que ela aborda explicitamente ou não a questão da paisagem, suas formas físicas, percepção e significados, uma tarefa enorme e possivelmente pouco esclarecedora, decidi me concentrar neste capítulo em vários exemplos específicos extraídos de localizações geográficas amplamente separadas. (TILLEY, 1994, p. 37).

Deste modo, a arte em geral, e a literatura especificamente possuirá como especial condição de união entre ontologia fenomenológica e Geografia o fato de conseguir expressar a situação dos saberes e fazeres, o cotidiano das narrativas, a riqueza social e natural das paisagens, as particularidades das vivências ocorridas nos lugares. A espacialidade se (com)textualiza, como se

referia Dardel (2011) em sua obra clássica de referência para a topologia do ser e topoanálise. No mesmo sentido de busca ontológica, há uma aproximação à visualização fenomenológica do *formular-se* paisagem pela experiência, percepção e linguagem, perspectivas trabalhadas presente em autores como Merleau-Ponty (1976, 2008), Sartre (2008) e Coutinho (1976; 1987).

A intencionalidade da paisagem é o ponto de conexão da orientação fenomenológica para a ciência geográfica e as conexões com a arte, linguagem e camadas de significação e predicação da Ser a partir da (in)finitude da espacialidade. Conforme trabalhado por Serpa (2016), a "paisagem como ato intencional tem a um só tempo um 'eu'- polo (noesis) e um 'objeto'- polo (noema)" (SERRPA, 2016, p. 28), posicionamento que se conecta com o *dasein* heideggeriano e posição *existenciadora* do ser humano, defendida por Coutinho (1976) e Astrada (1942), se buscarmos o referencial latino-americano para correspondência de uma visualidade fenomenológica à paisagem.

Também é possível alinharmos as posições de Serpa (2013; 2016; 2017; 2020), Marandola Júnior (2011; 2012; 2013; 2020) e Silva (2020a; 2020b) à *trama* trabalhada por Monteiro (2002) no que diz respeito a relação entre a vivência geográfica por diferentes paisagens e sua transposição ao mundo literário, por diferentes representações e significações. Cada paisagem terá também sua personalidade lablachiana, um sentido próprio e único, o Em-si de sua facticidade transformado em particularidade essencial pelo *dasein* no Para-si, como referido por Sartre (2008) quando disserta que:

> A concretitude da situação se traduz, em particular, pelo fato de que o Para-si jamais busca fins fundamentais abstratos e universais. Sem dúvida, como veremos no próximo capítulo, o sentido profundo da escolha é universal e, por isso, o Para-si faz com que exista uma realidade humana como espécie. É preciso ainda extrair o sentido, que é implícito; e para tal irá nos servir a psicanálise existencial. E, uma vez extraído, o sentido terminal e inicial do Para-si aparecerá como um "Unselbststandig" que, para se manifestar, necessita de uma concretitude particular. (SARTRE, 2008, p. 674).

A situação, se realizarmos o exercício elucubrativo aos sertões e a expressão linguística como abertura ao (des)velar do Ser é o *dasein* em seu ser-em, tantos quantos forem possíveis e passíveis de recorte, observação e análise. Estar situado é reter na espacialidade a unicidade do existir

> A situação só existe em correlação com o transcender do dado rumo a um fim. É a maneira como o dado que sou e o dado que não sou se revela ao Para-si que sou ao modo de não sê-lo. Quem diz situação diz, portanto, "posição apreendida pelo Para-si que está em situação". É impossível considerar uma situação pelo lado de fora: ela se coagula em forma Em-si. Em consequência, a situação não poderia ser designada nem como objetiva nem como subjetiva, ainda que as estruturas parciais desta situação (o copo que uso, a mesa em que me apoio etc.) possam e devam ser rigorosamente objetivas. A situação não poderia ser subjetiva, pois não é nem a soma nem a unidade das impressões que as coisas nos causam: ela é as próprias coisas e eu mesmo entre as coisas; pois meu surgimento no mundo como pura nadificação de ser não traz outro resultado senão fazer com que haja coisas, e eu nada acrescento. Neste aspecto, a situação atraiçoa minha facticidade, ou seja, o fato de que as coisas são aí simplesmente como são, sem necessidade nem possibilidade de ser de outro modo, e de que eu sou aí entre elas. Mas tampouco a situação poderia ser objetiva, no sentido de que seria algo puramente dado que o sujeito constatasse sem estar comprometido de modo algum no sistema assim constituído. De fato, a situação, pela significação mesmo do dado (significação sem a qual não haveria sequer algo dado), reflete ao Para-si a liberdade

> deste. Se a situação não é subjetiva nem objetiva, é porque não constitui um conhecimento nem sequer uma compreensão afetiva do estado do mundo por um sujeito; mas sim uma relação de ser entre um Para-si e o Em-si por ele nadificado. A situação é o sujeito inteiro (ele não é nada mais do que sua situação) e é também a "coisa" inteira (não há jamais nada mais do que as coisas). Se quisermos, é o sujeito iluminando as coisas pelo seu próprio transcender, ou são as coisas remetendo sua imagem ao sujeito. É a total facticidade, a contingência absoluta do mundo, de meu nascimento, de meu lugar, de meu passado, de meus arredores, do "fato" de meu próximo - e é minha liberdade sem limites enquanto aquilo que faz com que haja para mim uma facticidade. É esta vereda poeirenta e ascendente, esta sede ardente que sinto, essa recusa das pessoas de me dar algo para beber por que não tenho dinheiro ou não sou de seu país ou sua raça; é minha derrelição no meio dessas populações hostis, com esta fadiga de meu corpo que irá me impedir talvez de alcançar a meta a que me propus. Mas também é precisamente essa meta, não na medida em que a formulo clara e explicitamente, mas na medida em que está aí, por toda parte à minha volta, como aquilo que unifica e explica todos esses fatos, aquilo que os organiza em uma totalidade descritível, em vez de torná-los um pesadelo em desordem. 3º) Se o Para-si nada mais é do que sua situação, daí resulta que o ser-em-situação define a realidade-humana, dando conta tanto de seu ser-aí como de seu ser-Para-além. A realidade humana é, com efeito, o ser que é sempre Para-além de seu ser-aí. E a situação é a totalidade organizada do ser-aí interpretada e vivida no e pelo ser-Para-além. Portanto, não há situação privilegiada; entendemos com isso que não há situação em que o dado sufocasse sob seu peso a liberdade que o constitui como tal - nem, reciprocamente, situação na qual o Para-si fosse mais livre do que em outras. (SARTRE, 2008, p. 671-672).

Na esteira do para-além mencionado por Sartre sobre a realidade humana, há a colocação sobre o habitar como acontecimento e experiência em nível planetário, a geograficidades alcança toda a parte da totalidade (NOGUEIRA; BERNAL, 2014). Nossa consciência, circunscrita no ente diferencial que é o *dasein*, habita o Ser, enunciando-o como *palavra* ou a *grafia* da existência

pelas formas e sentidos das paisagens. Somos conscientes da intenção de significação do mundo ao habitá-lo: “Dizer que a consciência é consciência de alguma coisa é dizer que deve se produzir como revelação-revelada de um ser que ela não é e que se dá como já existente quando ela o revela. Partimos assim da pura aparência e chegamos ao pleno ser.” (SARTRE, 2008, p. 34-35). Como menciona Guimarães Rosa, *o sertão está em toda parte*, em uma reflexão que vai ao encontro do que problematiza Moraes (2003) sobre a não correspondência empírica única da ideia de sertão, porque o seu sentido, sua essência será aderente ao recorte espacial em que estiver atrelado, em toda e qualquer parte, pela consciência e corpo que o habita, funda e significa: “A consciência é um ser cuja existência coloca a essência, e, inversamente, é consciência de um ser cuja essência implica a existência, ou seja, cuja aparência exige ser. **O ser está em toda parte**. (SARTRE, 2008, p. 34-35 - grifo nosso).

A aproximação entre a paisagem do ponto de vista fenomenológico e as contribuições de Sartre vai ainda mais além. Facticidade, cotidiano e diferença onto-ontológica unem-se na *situação* da existência, que dialoga com a geograficidade de Dardel (2011). A emersão no mundo como o projeto do ser-em, que é o ser situado em seus estares é uma das mais ricas e profícuas reflexões do filósofo francês:

> Nosso ser está imediatamente "em situação", ou seja, surge no meio dessas atividades e se conhece primeiramente na medida em que nelas se reflete. Descobri-mo-nos, pois, em um mundo povoado de exigências, no seio de projetos "em curso de realização": escrevo, vou fumar, tenho encontro com Pedro esta noite, não devo esquecer de responder a Simão, não tenho direito de esconder a verdade de Cláudio

> por mais tempo. Todas essas pequenas esperas passivas pelo real, todos esses valores banais e cotidianos tiram seu sentido, na verdade, de um projeto inicial meu, espécie de eleição que faço de mim mesmo no mundo. Mas, precisamente, esse projeto meu para uma possibilidade inicial, que faz com que haja valores, chamados, expectativas e, em geral, um mundo, só me aparece para além do mundo, como sentido e significação abstratos e lógicos de minhas empresas. De resto, existem concretamente despertadores, cartazes, formulários de impostos, agentes de polícia, ou seja, tantos e tantos parapeitos de proteção contra a angústia. Porém, basta que a empresa a realizar se distancie de mim e eu seja remetido a mim mesmo porque devo me aguardar no futuro, descubro-me de repente como aquele que dá ao despertador seu sentido, que se proíbe, a partir de um cartaz, de andar por um canteiro ou gramado, aquele que confere poder à ordem do chefe, decide sobre o interesse do livro que está escrevendo - enfim, aquele que faz com que existam os valores, cujas exigências irão determinar sua ação. Vou emergindo sozinho, e, na angústia frente ao projeto único e inicial que constitui meu ser, todas as barreiras, todos os parapeitos desabam, nadificados pela consciência de minha liberdade: não tenho nem posso ter qualquer valor a recorrer contra o fato de que sou eu quem mantém os valores no ser; nada pode me proteger de mim mesmo; separado do mundo e de minha essência por esse nada que sou, tenho de realizar o sentido do mundo e de minha essência: eu decido, sozinho, injustificável e sem desculpas. (SARTRE, 2008, p. 83-84).

Quando relacionamos esta potencialidade do nada do eu à totalidade do Em-si intencionado pelo Para-si à paisagem, compreendemos com maior clareza a importância da ponte entre a espacialidade em sua ontologia e paisagem. E, mais que a topologia do Ser são as aberturas à *transcrição* destas grafias pela linguagem literária, como observado por autores como Alves (2020), Chaveiro (2014), Bosi (2000) e, especialmente, Monteiro (2002, p. 25), quando argumenta que: “Entendo a importância conferida à trama liga-se ao fato de que ela é aquilo que, em seu dinamismo, representa a ‘condição human’a”. E complementa o autor que esta condição

humana, o Para-si sartreano ou *dasein* de Heidegger, em paralelismo possível de ser efetuado em nossos estudos possui: "[...] sua comunicação, o seu 'tomar vida', requer, forçosamente, a projeção dessa trama num dado espaço-tempo, um 'palco' – praticável, concreto – em que qualquer trama 'humana' está envolta nas malhas de diferentes espaços relacionais [...] (MONTEIRO, 2002, p. 25).

O exercício efetuado por Monteiro que vai ao encontro das colocações de Sartre não está distante do que é posto por Nogueira e Pineda (2014) e Serpa (2017), ou seja, há, literalmente, a fundação da existência em sua habitação, interação e imersão ao existente. A imanência e facticidade fazem papel da estrutura ôntica à qual haverá a emanação do sentido de ser-no-mundo, que também ocorre em estudos sobre territorialidade, que une, ao mesmo tempo, nuanças epistemológicas e ontológicas da paisagem e do lugar (ESCOBAR, 2015; SAQUET, 2007; HAESBAERT, 2010). Estamos envolvidos no e pelo mundo que habitamos, os fundamos em essência pela situação da existência, o devir-vida das geo-grafias do Para-si e *dasein*: "O mundo, por sua vez, é tratado, não como interioridade do sujeito, mas como uma presença imediata do sujeito, como um modo de existir. Estamos diante de um ser-envolvido-no-mundo." (HOLZER, 2010, p. 42).

Estudos compilados sobre Geografia Cultura e Humanista e a relação entre ontologia, fenomenologia e arte literária com a ciência geográfica exploram, em grande medida, os horizontes tanto de registro como de análise dos modos de existir colocados por Holzer (2010), que se correlacionam aos demais pontos destacados

anteriormente de uma ontologia da espacialidade como topologia do Ser, em situação.

É possível realizar incursões de constatação da textualidade do espaço como *grafia* do Ser situado, por exemplo, em obras literárias sobre os sertões, como *O quinze* de Raquel de Queiroz (2006) ou *A Bagaceira* (1980) de Américo de Almeida, em que o umbral da imanência das paisagens sertanejas é latente, a situação do habitar a terra, geograficizá-la, transcendendo-a pela relação existente-existência da topologia do Ser:

> Afirmo que sou minha essência à maneira de ser do Em-si. Ao mesmo tempo, todavia, recuso-me a considerar essa essência como sendo historicamente constituída e como se compreendesse o ato, tal como o círculo implica suas propriedades. Capto essa essência ou tento captá-la como começo primordial de meu possível, e não admito que tenha em si mesma um começo; afirmo então que um ato é livre quando reflete exatamente minha essência. Mas, além disso, essa liberdade - que me inquietaria se fosse liberdade frente ao Eu -, tento reconduzi-la ao seio da minha essência, quer dizer, de meu Eu. Trata-se de encarar o Eu como um pequeno Deus que me habitasse e possuísse minha liberdade como uma virtude metafísica. Já não seria meu ser que seria livre enquanto ser, mas meu Eu que seria livre no seio de minha consciência. Ficção eminentemente tranquilizadora, pois a liberdade estaria enterrada no seio de um ser opaco: na medida em que minha essência não é translucidez e é transcendente na imanência, a liberdade se torna uma de suas propriedades. (SARTRE, 2008, p. 87).

Uma ilustração geoliterária da obra *A Bagaceira* pode contribuir para a construção das ilustrações de uma metodologia topoanalítica. Vejamos, por exemplo, como a facticidade em seu papel de imanência impacta o papel da transcendatalização

promovido pelo Eu, como menciona Sartre, e que é trabalhado de forma literária por Américo de Almeida:

> Os raios de sol pareciam labaredas soltas ateando a combustão total. Um painel infernal. Um incêndio estranho que ardia de cima para baixo. Nuvens vermelhas como chamas que voassem. Uma ironia de ouro sobre azul.
> O sol que é para dar o beijo de fecundidade dava um beijo de morte longo, cáustico, como um cautério monstruoso.
> A poeira levantava e parecia ouro em pó.
> Os ocasos congestos entravam pelas trevas em nódoas sangüíneas. Sombras férvidas, como um cinzeiro em brasas. Noites tostadas.
> Um derrame de luz exaltada que parecia o sol fulminante derretido nos seus ardores.
> Ventava. Não era o vento pontual da boca da noite todo sujo de pó como uma criança traquina. Era um sopro do inferno que, alteando-se, parecia querer rasgar as nuvens para acender a fogueira.
> A flora desfalecida.
> Durante um ano a fio, uma gota d'água que fosse não refrescara a queimadura dos campos. Depois, não se via um pássaro: só voavam muito alto as folhas secas.
> Bem. Um passarinho estava sob a última folha da umburana, como debaixo de um guarda-sol. Caiu a folha e o passarinho abriu o bico e também caiu, com as asas abertas.
> O panasco pulverizara-se: girava com a poeirada chamejante.
> Até onde dava a vista se achatava a paisagem cinérea. A desolação da mesma cor.
> A capoeira esquelética levantava os garranchos, como dedos crispados. E dançava, à força, nessa tragédia, com o bochorno fogoso.
> A catinga formava um aranhol.
> Como era feia a natureza resseca na sua nudez de pau e pedra!
> Os rebanhos aflitos prostravam-se no chão esbraseado.
> Valentim exprimiu todo esse horror canicular:
> - Era uma calma! O céu branco, como um espelho, não se mexia; o mato parecia de chumbo, quieto. Como quem suspende o folgo. Um calorão, como se as profundas estivessem à flor da terra. (ALMEIDA, 1980, p. 29).

Outro exemplo de expressão topoanalítica a partir de uma perspectiva geoliterária da paisagem como ser-em pode ser observado em Amado (1951), quando o autor faz a imersão em sua obra rumo a facticidade cotidiana, com elementos do lugar, paisagem existência e experiência:

> Mais que a igreja, porém, o rio as atraía. Era o São Francisco, ouviam falar dele em suas terras de sol e seca. nunca tinham visto tanta água e associavam a visão da água à ideia de fartura, imaginavam que aquelas terras próximas seriam de uma fertilidade assombrosa. E se admiravam que os camponeses chegados da beira do rio fossem andrajosos e fracos, os rostos amarelos de sezão, piolhentos e sujos. Com aquele farturão de água era de esperar que toda gente por ali estivesse nadando em dinheiro. não tardaram, no entanto, em descobrir que todas aquelas terras ubérrimas pertenciam a uns poucos donos e que aqueles homens magros e paludados trabalhavam em terras dos outros, na enxada de sol a sol, nos campos de ouricuri, nos carnaubais e nas plantações de arroz e algodão, ganhando salários ainda inferiores àqueles que pagavam no sertão. (AMADO, 1951, p. 94).

A perspectiva fenomenológica emergirá em tais escritos a partir do momento em que, topoanaliticamente, buscarmos as referências de como as intenções de significação e singularização da existência nestas paisagens se des-velam em cada ente, acontecimento, percepção, sentimento, emoção ou imagem: “Viam também a vegetação nas margens, os camponeses de rosto amarelo, e as pequenas idades onde tocavam. Escapava-lhes o mistério do rio, seus dramas, sua trágica geografia humana.” (AMADO, 1951, p. 112). O escapar do mistério do rio é o Para-si em seu questionar-se e, ao mesmo tempo, intenção de des-velamento do ser daquele ente-rio, que o inquieta e que faz parte da facticidade

na qual o próprio Para-si como *dasein* está inserido: "Nem prestavam atenção à vida que os rodeava e só mostraram mesmo um interesse mais vivo quando o navio encalhou e os barqueiros do São Francisco empunharam as longas varas, as encostaram nos peitos e lutaram durante horas e horas contra o barco, a areia e o rio." (AMADO, 1951, p. 112)

Nas *Visões do Sertão*, Taunay (1928) é o próprio narrador que inicia o percurso de inquirição sobre o real sentido da facticidade que o rodeia como paisagem, em textualidade do espaço enquanto ser-em do seu próprio ser, que sente, escreve e tenta descrever o que está percebendo e experienciando:

> Que singulares emoções as minhas, entre saudosas e terrifica, senão odientas, ao deixar para todo o sempre esses lugares, em que tantas e tão longas agruras e dores havia curtido, mas - todos elles - tão vários, formosos e impressionantes. Nunca a preciosa palavra "saudade" teve cabimento, círculo tão vasto e da mais encontrada, a absurda até, complexidade, saudade mesmo daquillo que, por nada deste mundo, eu quizera tornar a ver, experimentar, sentir!... (TAUNAY, 1928, p. 6-7).

O narrador/autor tenta dar conta da predicação da paisagem que o rodeia fazendo alusão a como tal facticidade que suplanta o concreto que percebe e sente vai remeter ao poético de sua unicidade e singularidade em cada ente de sua condição onto-ontológica na paisagem:

> Sobremaneira notaveis todas as paizagens daquelle mal conhecido recanto de Matto-Grosso, especialmente quando se caminha ao longo do Aquidauana, rio bem pouco fundo ahi, crystallino a mais não poder, já precipite e espumante de encontro a cabeços de rochas, já a deslizar mansamente por

> sobre leito de finissima areia. [...] poetico preito à longinqua patria e á belleza dos peregrinos sitios, a suscitar, ainda hoje, mil sentidas recordações. (TAUNAY, 1928).

O inacabamento da linguagem perante a facticidade dos lugares e paisagens é tanto a característica mais notória como a mais desafiadora de uma proposição topoanalítica. O *poético* destacado por Taunay possui o mesmo sentido da *trama* e o *mapa* de Monteiro (2002) que é a tentativa da linguagem em seu esforço de expressão da *grafia* do mundo, natural ou social. E sobre a relação entre Geografia e Literatura, Monteiro (2002) considera que "toda urdidura complexa da ação romanesca – a 'trama' – proposta pelo escritor, malgrado este dinamismo, pode vir a ser projetada nas malhas de uma estrutura espacial, figurativamente estática – o 'mapa' – percebida pelo geográfico." (MONTEIRO, 2002, p. 25).

No entanto, tanto o passo geográfico fenomenológico como o literário analítico precisam ter os pilares categoriais para que façamos tal incursão topoanalítica nas três obras propostas de Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e Euclides da Cunha. O primeiro passo, geográfico, será dado em seguida, para que depois seja realizado o aprofundamento linguístico-literário e, por fim, a topoanálise na última parte de nossa análise. A arte literária será o elo condutor da topologia do ser que permite a apreensão onto-ontológica do ser-em em seus estares no mundo:

> Então para que esse fenômeno de revelação da arte possa acontecer nós temos que estar desnudos de todo o orgulho. A razão tem de abrir mão de seu poder, a lógica tem de abrir mão de seu poder, para que a obra seja apreendida no único lugar para o qual ela quer ir, que é o centro da pessoa, aquilo que nós chamamos o sentimento, os nossos afetos, aquilo

> que nos constitui felizes ou infelizes. Não é o que nós sabemos mas é o que nós sentimos. Arte é para o sentimento, é para a sensibilidade, é para a inteligência do coração, e não para a nossa inteligência lógica. (ADELIA PRADO, 2008, p. s/n).

É a partir de tal diretriz artística e literária que as ideias, conceitos e categorias da Geografia irão dialogar para a constituição da topoanálise. A inserção da espacialidade fenomenológica, a partir do lugar e paisagem, na perspectiva situacional dos sertões do sertão, como ser-em do Em-si, em nós. O *dasein*, como topologia do ser é a abertura ao (des)velar da essência dos entes em circunstância, percepção, experiência e, principalmente, pensamento e linguagem, emanados pela arte, especificamente literária.

1.3 Da topologia dos lugares e paisagens para os sertões do sertão

A topoanálise terá como exemplo de aplicação três obras brasileiras que tratam, de diferentes maneiras, da temática do sertão: *Grande Sertão Veredas*, de Guimarães Rosa, *Os Sertões*, de Euclides de Cunha e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. No entanto, antes de seguirmos direto para a análise destas obras é preciso que façamos uma seleção dos conceitos e categorias que servirão como suporte epistêmico para o estudo.

Mesmo que se busque a topoanálise a partir de três autores, é notório o arranjo histórico, epistemológico e, especialmente, topológico dos sertões do sertão, em suas paisagens e lugares. Esta riqueza geográfica já foi apresentada anteriormente e pode ser verificada também em obras como Azevedo (1992), Barros, Prieto e

Marinho (2019), Brait (1998), Calasans (2017), Cascudo (2009), Corrêa (1978), Lima (1997), Roncari (2004) dentre outros.

Soma-se a contribuição de tais autores na leitura do sertão, as questões epistemológicas e analíticas sobre os sertões do sertão em estudos geográficos, históricos, filosóficos, econômicos, artísticos, educacionais, interdisciplinares etc. Em suma, há uma abertura, desafio e complexidade que são inerentes às proposições de estudos sobre a ideia de sertão e, particularmente, como proposta na topologia da essência aqui proposta ou relação onto-ontológica da facticidade dos lugares e paisagens do sertão, como correlação entre a fenomenicidade dos sertões e a arte literária, juntamente com as contribuições epistemológicas da ciência geográfica.

A dificuldade maior em tratar sobre o sertão reside em sua carga geográfica inerente, fortalecida por séculos de construção tanto no imaginário popular como nas vivências regionais em diferentes porções do território brasileiro (HOLANDA, 1994; ARRUDA, 2000; MAIA, 2008). Compor um arcabouço que leve em conta os fatores e chaves geográficas presentes na ideia de sertão se torna, desta maneira, o principal desafio para um estudo que se proponha (*topo*) à análise do sertão, sendo necessária uma busca por referências que dialoguem entre si, seja em harmonia ou confronto, para melhor erigir o curso teórico e metodológico da discussão.

Procura-se, nestes termos, uma apuração dos nossos olhos conceituais, embasados epistemologicamente no pensamento geográfico, para o conceito de sertão como agregador de múltiplos sentidos e interpretações, como se refere Gomes (1997, p. 25): “A descrição simples da forma não pode dar conta de todos os

significados e todas as práticas sociais que tem sede aí." A dureza da métrica e do ordenamento, mesmo que presentes, devem dar lugar aos descaminhos do existir que extrapolam tais limitações: "Parece que tão pouco nos interessa a geometria se não a relacionarmos às relações sociais, conflitos, usos e contextos sob os quais esta forma existe e resiste em tempos diversos. O visível depende assim dos nossos óculos conceptuais." (GOMES, 1997, p. 25). O visível e o invisível farão parte do des-velamento ôntico-ontológico, tendo em que vista que, se o Ser está em toda parte, ultrapassando a geometria para chegar à sua ontologia espacializada, situada como topologia, então encontramos, de igual modo, o desafio e abertura reflexiva ao caráter ubíquo das paisagens e lugares dos sertões do sertão.

Seguindo estas contribuições de Gomes (1997) e, em sentido próximo, as de Silveira (2006), sobre o espaço existencial à frente do geométrico, num primeiro momento de organização do escopo teórico e metodológico da análise, há a disposição destas frentes conceituais e categoriais, começando pelas *topografias* e, posteriormente tratando das *narrativas* e da agregação epistêmica do argumento aqui incorporado ao conceito de *espacialidade*.

1.3.1 Topografias

A espacialidade na arte literária pode estabelecer uma ponte metodológica à ontologia fenomenológica, com extremo protagonismo. A trama como texto fará o papel da (in)finitude do plano ôntico como facticidade e entremeio da diferença ontológica pelo e no espaço. É neste sentido que há uma itinerância do conceito de sertão, um caso específico de palavra móvel e movediça, seja no sentido histórico ou linguístico, a depender da demanda presente em sua indicação concreta de significado, como diria o geógrafo Aziz Ab'Sáber: "São muitos os fatos que respondem pela originalidade fisiográfica, ecológica e social dos sertões secos, região paradoxal em relação aos demais tipos de espaços geográficos do mundo subdesenvolvido." (AB'SÁBER, 1999, p. 8). Mas, o sertão, como ideia e realidade, alastrou-se, ao longo de séculos e décadas, para um cenário maior que as paisagens nordestinas – apesar destas últimas terem recebido maior atenção tanto da literatura como da ciência –, abarcando em si uma diversidade espacial maior e mais complexa.

Em outras palavras, para se compreender melhor este fenômeno gramatológico, cultural e histórico-geográfico do conceito de sertão, precisamos voltar à ideia da formação da nação, Estado e Estado-nacional brasileiro, e é neste ponto que a ideia das terras do interior, da imensidão desconhecida do território ainda em formação vem à tona, dando contorno à projeção representativa desta idealidade geográfica no sertão como agregado de

significância para esta amplitude do conceito projetado na realidade vivida pelos habitantes do Novo Mundo:

> Ainda que originalmente o termo "sertão" possa ter designado 'terras situadas no interior dos continentes' e que apresentam aspectos de semiaridez, observa-se o uso daquela palavra sem a obrigatoriedade desta característica biogeográfica, mesmo no período inicial das grandes navegações e descobertas dos lusos, nos Séculos XIII e XIV. Já, naquele tempo, o termo "sertão" tanto servia para designar uma 'região', uma 'área' indefinida, um 'lugar' ou um 'território' qualquer, localizado longe do litoral, no interior ainda despovoado (entenda-se colonizado) ou mesmo desconhecido, não importando se ali houvesse ou não um deserto ou uma paisagem semiárida. Parece que esta última conotação é que se firmou como significado de "sertão", consagrada pelos usos e costumes, desde a época colonial até nossos dias, isto é, com o significado de 'terras no interior do continente', e que não eram, necessariamente, semiáridas ou áridas, mas sim despovoadas. (ANTONIO FILHO, 2011, p. 86).

O sertão é, portanto, um múltiplo agregado simbólico de diferentes construções sociais. A mobilidade do conceito é equivalente a amplitude de sua aplicabilidade à base concreta da espacialidade brasileira. Há, por exemplo, o sertão das regiões pós-litorâneas, àquelas as quais eram atravessadas por bandeiras ou entradas, rumo a, ainda então desconhecida, floresta atlântica. Este era o sertão do colosso verde que compunha a paisagem etéria dos europeus aportados no Brasil.

A riqueza do Em-si como facticidade é o principal campo de exploração da imersão fenomenológica de uma possibilidade de ontologia do espaço ou topologia do ser pela arte literária. O meio, mundo vivido, será a principal fonte de captação, observação,

descrição e redução predicativa da intencionalidade ora dos autores ora das personagens sobre suas próprias essências:

> O meio pode ser um campo de neve, um declive alpino: vê-lo já consiste em possuí-lo. Em si mesmo, já é captado pela visão como símbolo do ser. Representa a exterioridade pura, a espacialidade radical; sua indiferenciação, sua monotonia e sua brancura manifestam a absoluta nudez da substância; é o Em-si que não passa de Em-si, o ser do fenômeno que de súbito se manifesta à parte de todo fenômeno. Ao mesmo tempo, sua imobilidade sólida exprime a permanência da resistência objetiva do Em-si, sua opacidade e sua impenetrabilidade. Contudo, este primeiro desfrutar intuitivo não me é suficiente. Este puro Em-si, similar ao plenum absoluto e inteligível da extensão cartesiana, fascina-me como a pura aparição do não eu; o que almejo então é precisamente que este Em-si esteja comigo em uma relação de emanação, sem deixar de ser Em-si. (SARTRE, 2008, p. 711).

A satisfação do ser como acontecimento do sentido de ser no ser-aí, como sugerido por Cauquelin (2007) e Dardel (2011) é o que ressalta Sartre (2008). A topografia do sertão é a configuração do meio fático para a abertura ontológica pela arte literária, entre o Em-si dos lugares e paisagens do sertão, o Para-si dos autores, narradores e personagens:

> Assim, a ontologia nos ensina que o desejo é originariamente desejo de ser e se caracteriza como livre falta de ser. Mas ela nos ensina também que o desejo é relação com um existente concreto no meio do mundo e que este existente é concebido segundo o tipo do Em-si; ensina-nos que a relação do Para-si com este Em-si desejado é apropriação. Estamos pois em presença de uma dupla determinação do desejo: por um lado, o desejo se determina como desejo de ser um certo ser que é o Em-si-Para-si e cuja existência é ideal; por outro lado, o desejo se determina, na grande maioria dos casos como relação com um Em-si contingente e concreto do qual projeta apropriar-se. (SARTRE, 2008, p. 716).

As três obras destacadas, de Guimarães Rosa, Euclides da Cunha e Graciliano Ramos, vão ao encontro do que reflete Jean Paul Sartre. O sertão é meio no duplo sentido de facticidade e diferença ontológica do *dasein* e Para-si. A aderência ontológica do sentido do ser-em virá pelos imaginários, histórias, geograficidades, vivências, práticas saberes e efemeridades das significações dos sertões do sertão em cada recorte literário para a imersão topoanalítica.

Este retorno a estas categorias por meio da ontologia fenomenológica vem ao encontro da ideia de sertão pelo fato de, no caso específico brasileiro, haver anterior à concepção nacional ou de organização política do país, uma ideação já pretérita da base concreta – com toda sua inerente carga imaginária do edenismo secular e simbolismo do Paraíso Terreal direcionado às terras americanas – do território que viria a se tornar o Brasil (ARRUDA, 2000; MAIA, 2008). Este ponto, da Geografia Imaginária advinda do mito fundacional brasileiro é trazido por Heráclito Rêgo (2006) como um dos principais componentes históricos e geográficos do sertão:

> Dos dois lados do Atlântico, os caminhos do sertão, fossem eles terrestres ou fluviais, eram buscados e percorridos por homens que se pautavam por essa geografia imaginária, a qual cada vez mais dava passo a um maior conhecimento empírico do terreno. Nesse processo não faltava a visão estratégica, como no caso do "caminho do Brasil", em terras americanas, e no "caminho da costa à contracosta", em terras de África. O moto e a razão principal, entretanto, eram a busca de riquezas, ou a garantia da sobrevivência. Foi assim que se foi conformando, aos poucos, a expansão territorial e a conquista dos sertões, com sucesso muito maior na América do que na África Portuguesa, em um contexto de interdependência entre a iniciativa oficial e a privada (RÊGO, 2006, p. 49).

Em concomitância temporal da ocupação territorial do Brasil, encontraram-se, novamente, outras paisagens destinadas à alcunha das terras sertanejas nas planícies do Cerrado, na crepitação da mata branca das caatingas e até mesmo as campinas do sul e os aguaceiros das fronteiras do extremo oeste. Até mesmo a última fronteira de exploração nacional, a Amazônia, foi palco da visão da ideia do "vazio geográfico" reservado à conquista da técnica, civilização e demais anseios moventes da modernização do território brasileiro, reificado com grande potência pela intencionalidade econômica e política, até os dias atuais.

O sertão também pode ser entendido como um *intemezzo* ou interespaço histórico, explica-se – com a ajuda da argumentação proposta por Jacques Lambert (1977) em seus *Dois Brasis*. Entre o Brasil urbano e industrial do território próximo ao litoral e as grandes terras em franca expansão das fronteiras agrícolas, herdeiras das marchas à oeste, havia este espaço do meio.

Desta forma, são múltiplos os sertões, e tantos quantos mais existam, maiores ainda serão as imagens e representações do sertão. O pensamento geográfico brasileiro possui uma intimidade histórica com os desafios epistemológicos, no que diz respeito aos sertões brasileiros, e não apenas o nordestino. Há desde questões envolvendo a influência e presença secular das ideações terreais sobre as Américas, passando pelas inúmeras paisagens sertanejas exploradas em séculos de delineação e formação territorial, e chegando ao cenário contemporâneo, com uma considerável quantidade de linguagens e expressões sobre o sertão e seus sertões, em diferentes mídias e enunciados; um labirinto de

projeções conceituais extraídas da realidade objetiva diversificada do território brasileiro, refazendo-se na profícua emanação de sentidos da palavra, ideia e espessura sígnica do sertão.

1.3.2 Narrativas

A conexão com a espacialidade, ou ontologia do espaço em situação, pelo fato de as geograficidades, com ser-em si, como acontecer passível de detecção e ampla exploração narrativa na ubiquidade ontológica das paisagens e lugares dos sertões do serão, se revela na intencionalidade, o *dasein* e a linguagem, como a abertura para o ser dos entes, ao mesmo em que é o traço definidor de singularização de quaisquer expressões da linguagem como a palavra e casa do Ser dos entes (BEAINI, 1981; HEIDEGGER, 2008, GMEINER, 1998).

Se levarmos a conceituação do significado de sertão ao seu limite, chegaremos ao ponto em que ela internaliza indivíduos e seus habitats. Este é o ponto a partir do qual pensar o sertão ultrapassa qualquer molde concreto que o abarque para si, sejam as terras centrais ou matas amazônicas, matas secas do grande vale franciscano, campos sulinos, dunas maranhenses ou as férreas, dentre outras paisagens possíveis de serem agregadas a essa definição.

O sertão *é* enquanto permanecer, como ponto de identificação e identidade dos que nele habitam, habitaram ou descendem, porque, em certa medida, todo brasileiro carrega em si a herança do habitar o novo e desconhecido, em nossa história como povo

estamos muito mais do que *somos*. Neste limiar, da terra e do ser humano que a habita, é que o sertão alcança seu ponto de maior imbricação epistemológica no cerne geográfico; nas palavras de Antonio Carlos Robert de Moraes (2003), temos a situação em que:

> [...] não há possibilidade de realizar uma caracterização geográfica precisa das localidades sertanejas, pois estas não correspondem a uma materialidade terrestre individualizável, passível de ser localizada, delimitada e cartografada no terreno. O sertão não se inscreve como uma empiria, nos moldes dos enfoques indutivos tradicionais da geografia. Nesse sentido, sua discussão força um rompimento na relação direta entre conceito e realidade empírica, que domina as abordagens desse campo disciplinar, onde as conceituações referem-se a recortes tidos como efetivamente existentes na superfície da Terra. A idéia de sertão possui, portanto, um status teórico distinto das noções mais usuais de "habitat", "ambiente", "região" ou "território", não se confundindo com elas. Enquanto estas teriam por referência limites e extensões materialmente aferíveis no campo, aquela recobriria situações telúricas díspares e variadas, não fornecendo fundamento para divisões objetivas do espaço terrestre. Assim, do ponto de vista clássico da geografia, pode-se considerar consistente a afirmação roseana de que "*o sertão está em toda parte*" (Rosa, 1988). Na verdade, o sertão não é um lugar, mas uma condição atribuída a variados e diferenciados lugares. Trata-se de um símbolo imposto – em certos contextos históricos – a determinadas condições locacionais, que acaba por atuar como um qualificativo local básico no processo de sua valoração. (MORAES, 2003, p. 2).

O sertão está em toda parte, e está em nós como diria Guimarães Rosa. A população brasileira possui um grande histórico de mobilidade territorial ao longo da formação de nosso país, seja por motivos de grandes movimentos econômicos ou contextos sócio-políticos, mover-se nem sempre foi uma opção aos brasileiros, seja no passado colonial ou no presente do século XXI, e aqui

trazemos Eric Dardel (2011) para contribuir com esta argumentação, quando diz: “A ‘situação’ de um homem supõe um ‘espaço’ onde ele ‘se move’; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o *lugar* de sua existência.” (DARDEL, 2011, p. 14 – grifos no original).

Mais do que encontrar-se no espaço, o sertão traria a ideia da perda, desgarro da terra vindo a nós não por vontade, mas, muitas vezes, por necessidade, caso contrário, de fato, haveria perdas: “Perder a localização”, é se vir desprovido de seu “lugar”, rebaixado de sua posição “eminente”, de suas “relações”, se encontrar, sem direções, reduzido à impotência e à imobilidade.” (DARDEL, 2011, p. 14 – grifos no original). Ser e estar no sertão é encontrar a mobilidade de si no caminhar pela terra, almejando, mesmo que temporariamente, fundar numa espacialidade avulsa uma singularidade do existir no mundo, o extrato e substrato na escala do vivente na terra, reificando-a, ininterruptamente (LOWENTHAL, 1998; MAIA, 2008).

Não é de se surpreender que, nas obras literárias, prima-se pela escala mínima em relação aos viventes sertanejos, frente ao que está o íntimo do caminhante do sertão (ARRUDA, 2000; LEITÃO JÚNIOR; ANSELMO; 2012). Mesmo quando a história passa por momentos de afastamento ou contemplação da natureza, como é caso, por exemplo, da parte destinada à terra n’*Os Sertões* de Euclides da Cunha, verifica-se mais uma preparação para o lado humano, fundamento primeiro da ideia de sertão. O sertanejo torna-se, assim, a figura catalisadora da diversidade representativa do sertão. O sertão permite-se entender-se ao curso daquele que o

idealiza, seja numa campina ou vereda, numa capoeira ou vertente úmida, a imagem sertaneja é difusa em sua essência, torna um *lugar de todos os lugares* como diria Evaldo Coutinho (1976), porque antes de estar no mundo, está e pulsa no ser humano que o habita e significa: “A imagem deambula e com ela o seu nicho: esta frase, que usei em outra ocasião, bem expressa o meu significado de mobilizador de recintos, desde que os mesmos se convertem à minha interior imaginária, estão em mim que sou o lugar de todos os lugares” (COUTINHO, 1976, p. 87).

O sertão é e está no migrante, o povo brasileiro que perambulou por séculos pelos interiores do país. Este sujeito encontrou em novas paisagens sentidos e óbices, simbolismos e tradições, reificações de totens nacionais e os pequenos detalhes em novas formas de viver. Na vila ou metrópole, o sertão vive, pulsa forte, seja como memória do que foi vivido ou sonho do que jamais será alcançado, nas novas gerações que guardam consigo o espaço infiltrado no falar, pensar e agir, ou esquecimentos geracionais, comuns é claro, para dar origem a novas referências culturais, muitas vezes sincréticas entre o que veio do passado e o que é visto e vivido no presente, no devir da sociedade em constante movimento, conformando espacialidades.

1.3.3 Espacialidade

A espacialidade aqui é entendida em um plano de maior alcance que seus desmembramentos conceituais recorrentes, tais como paisagem, regiões, territórios ou lugares e, também, expande-

se a ideia de espacialidade para um ponto de chegada que ultrapasse as cercanias dos princípios geográficos para outros diálogos entre os diferentes saberes. A espacialidade é a configuração momentânea, efêmera e complexa do recorte de uma totalidade-mundo específica como realidade vivida, sentida, percebida e intencionada pelo *dasein* como ser-em: "O estudo das realidades que formam o cotidiano tem se realizado por diferentes vieses, e evidenciam-se os interesses de pesquisadores sobre questões do dia-a-dia e seus significados." (TAMANINI; SILVA, 2019, p. 325).

Novamente encontramos o sertão como um particular desafio ontológico por sua especificidade ôntica, com ampla possibilidade de referenciamento empírico no território brasileiro: serras, prados, veredas, matas fechadas, campos secos etc. E a arte literária não abre mão de explorar tal condição dos sertões do sertão como texto, em seus contextos e na complexificação do próprio sertão como personagem-ambiente e espacialidade da narrativa e das personagens ou momentos de exposição ou reflexão dos próprios autores que sobre o sertão se aplicam como fonte de inspiração para sua linguagem e modo de expressar: 'O sertão não é um lugar definido, é um espaço onde se exila o homem que se auto desterrou, "o sertão é o terreno da eternidade, da solidão... No sertão, o homem é o eu que ainda não encontrou um tu; por isso ali os anjos ou o diabo manuseiam a língua', a pátria do escritor, diz Guimarães numa entrevista." (RONCARI, 2006, p. 46)

Roncari (2006), assim como outros especialistas de obras e autores que exploram o sertão como fonte de inspiração à arte

literária, vai ao encontro do que foi exposto até o momento, contribuindo para a compreensão de que facticidade e topologia do ser, como preenchimento de um estado de ser contínuo em sua abertura ubíqua na espacialidade, marcam o sertão como ente e ser, profícuo em sentido e des-velamento dos estares do ser no *dasein*, que é o ser situado, posicional, referenciado no mundo que habita, sente, imagina, transforma e partilha: “A distinção dos espaços se define pelas posições diferentes que os homens ocupam neles: como seres regentes ou rígidos. A cidade tem suas leis que regem os homens; no sertão o homem é regente e, enquanto tal, pode se revelar pelo bem ou pelo mal, não segundo as leis externas que os julgam, mas segundo os sentidos dos pactos que fazem.” (RONCARI, 2006, p. 49).

Na história do pensamento geográfico, é comum encontramos momentos em que a ciência esteja à mercê do objeto, esquecendo a relação entre teoria e método como dimensão primeira, e fazendo uso de seus desmembramentos conceituais em detrimento da base teórica necessária para um melhor avanço metodológico de determinadas correntes geográficas, como desmembramentos do espaço, *fantasma* sugerido por Moraes (1986, p. 34): “Vê-se nas propostas uma profunda identidade entre objeto, método e opção de interdisciplinaridade. Sobrepondo-se a todo esse quadro, pontifica o fantasma da indefinição do objeto geográfico” (MORAES, 1986, p. 34).

Mais que um conceito rijo e impermeável, devemos buscar os fundamentos geográficos, a essência espacial presente nos fatos e fenômenos, encontrando, desta maneira, o porquê do estudo

geográfico, ou seja, tentar encontrar, por diferentes metodologias, teorias e análises, a manifestação do fundamento espacial num estudo realizado. Evita-se com isto, o risco da relativização do pensar e fazer Geografia, permitindo, sim, que sua amplitude de análise se amplie, mas, ao mesmo tempo, mantendo um ponto de partida para o olhar geográfico ao mundo que nos cerca:

> Quando se identifica esse fundamento geográfico, quando é claro a fenomenicidade geográfica, a ciência geográfica os nomeia de forma diversa. Receberam ao longo da história da disciplina um conjunto de designações, são elas: "fatores geográficos", "fatos geográficos", "elementos geográficos", "aspectos geográficos", "causas geográficas", ou, simplesmente, "o geográfico". Podemos somar a isso "determinação geográfica", ou então falarmos diretamente da "Geografia" da realidade. Ou seja, quando estamos, por exemplo, identificando "elementos geográficos" ou então "determinações geográficas", com isso não estamos apontando para a ciência e sim para a realidade. (MARTINS, 2007, p. 38).

A variabilidade do conceito de espaço precisa ser considerada tanto pelos pensadores da Geografia, firmar-se apenas em uma corrente, tendência, ou círculo teórico inevitavelmente limitará tanto a ciência como seu objeto de estudo. Esta ressalva em relação à temporalidade, e funcionalidade, de um conceito, é levantada por Olivier Dollfus: "O significado do espaço varia de acordo com os indivíduos e sua função, e segundo as épocas" (DOLLFUS, 1978, p. 55). E, novamente, abre-se a espacialidade como proficuidade de seu sentido, como conceituação que permeia saberes e práticas para além da ciência geográfica, abrangendo aspectos históricos, arranjos socioeconômicos, contextos culturais, caraterísticas dos conhecimentos a serem ensinados ou aprendidos por uma

sociedade, dentre outras infiltrações que o espaço, como conceito, e a espacialidade, como sua ocorrência e como mundo e realidade, permitem aproximar conhecimento, experiência e reflexão.

Deste modo, é trazido para o debate, não a categoria *espaço* pura e simplesmente como possibilidade de agregado dos elementos, eventos, objetos, atores e vetores da realidade objetiva; algo próximo do palco espacial clássico, elevado à condição organizacional máxima por escolas geográficas que foram do positivismo lógico ao neomarxismo. E por que o não uso dos termos geograficidade ou territorialidade? No primeiro caso, há a circunscrição geográfica da análise, limitando possíveis elementos correlatos à uma visão maisagregadora do espaço; no segundo caso, de forma similar, é trazida à tona a noção de espaço como aporte teórico dos eventos espaciais, no entanto há uma carga tanto do conceito de território como de lugar pulsando na ideia de territorialidade e, novamente, o que se busca aqui é uma *abertura* do espaço, como categoria máxima de agregação não apenas dos estudos geográficos, mas de outras áreas do saber que possam contribuir e problematizar o espaço, para além de suas fronteiras temáticas da Geografia.

Dilata-se o espaço na ideia de espacialidade, colocando-se como um *movente*, ou seja, o devir próprio da realidade em seu movimento contínuo, inerente, irrefreável, incapturável por quaisquer que sejam as melhores formas de recolhimento e análise de informações, dados ou fatos. O que se verifica na ideia de espacialidade, como devir categorial, é o claro-escuro da essência e imanência da realidade, ocorrida e ocorrente no tempo, manifesta e

manifestada nas concretudes e abstrações das formas espaciais que nos cercam (GIL FILHO; 2003; SILVA, 2000; MARTINS, 2007). Este devir do real, verdadeira essência fenomênica do espaço, é o que chamamos aqui de espacialidade.

O sertão, portanto, dentre as infindáveis locuções populares para a espacialidade que nos cerca é uma das que mais atrai, conserva e expande em si esta ideação conceitual do *movente* espacial, porque pensar o sertão é não se alocar em alguma localidade móvel, ao mesmo tempo, ele comporta os micro e macro espaços, a riqueza intensa da exterioridade topográfica e a profundidade interior das narrativas viventes no mundo. Agora partamos para o segundo momento deste embasamento epistemológico, de objetivação metodológica, voltado à seara literária, textual, linguística do sertão, a partir da qual a topoanálise se fará possível como método, embasada nas múltiplas camadas do sertão em sua relação onto-ontológica como abertura topológica ao próprio ser pelo ser-aí das consciências e corpo que habita e transforma em sua facticidade:

> A situação é o sujeito inteiro (ele não é nada mais do que sua situação) e é também a "coisa" inteira (não há jamais nada mais do que as coisas). Se quisermos, é o sujeito iluminando as coisas pelo seu próprio transcender, ou são as coisas remetendo sua imagem ao sujeito. É a total facticidade, a contingência absoluta do mundo, de meu nascimento, de meu lugar, de meu passado, de meus arredores, do "fato" de meu próximo - e é minha liberdade sem limites enquanto aquilo que faz com que haja para mim uma facticidade. (SARTRE, 2008, p. 671-672).

O ser-em e *dasein* se complementam, conforme indica Sartre (008), no sentido de que só a partir da ultrapassagem da imanência,

ao mesmo tempo, sendo parte inerente da facticidade, a correspondência ôntica do sentido da existência ao existente é não apenas fundamental como indissociável de uma construção topológica no sentido epistêmico e topoanalítico em uma perspectiva metodológica.

CAPÍTULO 2

Tegumentos da linguagem e arte literária nos estares do ser

2.1 Onto-ontologia da geoliteratura: arte literária, espacialidade e linguagem

Nas teorias ontológicas, o fundamento estabelecido para a análise dos entes é determinado a partir da predicação presente ou ausente na composição da essência de determinado recorte ôntico. Dessa maneira, ao se retomar a análise onto-ontológica para a literatura, algumas questões devem fazer parte para que tal exercício metodológico-epistêmico possa conter sua sustentação de uma (topo)análise dos sertões do sertão, especialmente nas obras de João Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e Euclides da Cunha no presente estudo.

É o caso de como podemos operacionalizar categorias fenomenológicas e ontológicas para a apreensão do ser dos entes em sua fenomenicidade na facticidade lírica das obras literárias, a exemplo de ideias como o ser-aí de Heidegger (o *dasein* trabalhado pelo autor alemão) e a percepção de Merleau-Ponty como acepção primária da fenomenologia. Há também a questão do projeto da liberdade como algo inerente ao existir do ser humano, alocado na

fresta onto-ontológica que o define, também, na salvaguarda da linguagem como meio de identificar e (des)velar o ser dos entes.

O que forma o mundo, a realidade objetiva ou o além-nós ou em Em-Si é a correlação entre diferentes interações, imbricações, camadas e estares efêmeros da manifestação do Ser pela essência dos entes. Esta totalidade do mundo, sua mundaneidade ôntica (que também é ontológica), pode ser chamada de facticidade, se fizermos uso da terminologia heideggeriana. É também denominada de Em-Si por Sartre (2008) e de paisagem do mundo por Merleau-Ponty (2011).

Diferentes dimensões da facticidade podem ser agenciadas em uma análise fenomenológica do mundo. O recorte fático da totalidade fenomênica nos permite eligir o ponto focal em que a operacionalização do instrumental analítico da fenomenologia fará sua inserção perscrutatória sobre as essências dos entes, a partir do ente diferencial, localizado no limiar entre o fato e o fenômeno, o Ser e o mundo (que somos nós), o ser-aí (*Dasein*, ou ser-em e/ou ser-no-mundo, em palavras heideggerianas), ou a existência em terminologia fenomenológica de raiz francófona. Em todo caso, o que foi escolhido como ponto de análise passa a fazer parte do percurso de essencialização do olhar fenomenológico do *lebenswelt*, naquele recorte específico, garantindo a escala mínima da ontologia que busca a significação dos estares do ser em seus mais efêmeros e fugidios detalhes.

Portanto, segundo Heidegger (2013. p.37), tem-se a “A facticidade, isto é, o ser-aí próprio enquanto é questionado em seu caráter ontológico. A facticidade seria o modo de ser de nosso

poder-ser mais próprio, modo que se expressa sempre e a cada vez "aí", na ocasionalidade." Esse poder-ser pode ser estabelecido, de início, a partir da dimensão ou fator de referência analítica a ser efetuado, podendo ir da economia à história, da cultura às manifestações simbólicas, de aspectos naturais do lugar habitado às nuanças da construção do conhecimento das diferentes sociedades que povoam o mundo contemporâneo. O limite é irrestrito, tanto quanto o alcance da riqueza fáctica-fenomênica de nossa existência, como a escala mínima do devir do ser em situação, aberto, também, diferenciações e interlocuções escalares a partir tanto da facticidade como fenomenicidade (ARAÚJO, 2018; 2020).

A escala dessa lupa fenomenológica, da(s) manifestação(ões) dos estares do ser no mundo, se dá na abrangência de uma biografia situada, na efemeridade da duração do entre-não-ser do existir como significação máxima de abertura do Ser-nesse-mundo. Esse é o relevo delineado por Coutinho (1976):

> A escala de meu vulto metrifica as possibilidades de interpretação de cada um dos protagonistas de forma que a reciprocidade de ser, de mim aos outros, dos outros a mim, se estabelece de conformidade com o módulo de minha receptiva, mesmo porque nada se propõe a corporificar-se em meu repertório sem deixar-se medir de acordo com os vãos deste receptáculo. As nominações, os temas que pairam em mim, e aos quais demandam os atores que se candidatam ou atendem à minha solicitação, têm, por sua vez, uma capacidade de aglutinação que se mensura ao compasso de meus padrões emotivos. (COUTINHO, 1976, p. 36).

Em outros termos, mesmo que se faça ou se considere uma supraestrutura, ou a abrangência de fatores, atores e vetores de

uma totalidade tão transversal quando perceptível, é no ser da vida fática que se dão os recortes fáticos da fenomenicidade do *lebenswelt*. O local, o lugar, a composição paisagística e as camadas dessa facticidade em ser-no-mundo, em estares do ser é o que precisa fazer parte, impreterivelmente, na análise fenomenológica da existência, como sublinha Heidegger (2013):

> O tema da investigação hermenêutica é o ser-aí próprio em cada ocasião. O ser da vida fática mostra-se no que *é* no como do ser da *possibilidade de ser* de si mesmo. A possibilidade *mais própria* de si mesmo que o ser-aí (facticidade) é, e justamente sem que esta esteja "aí", será denominada *existência*. Através do questionamento hermenêutico, tendo em vista que ele seja o verdadeiro ser da própria existência, a facticidade situa-se na posição prévia, a partir da qual e em vista da qual será interpretada. Os conceitos que tenham origem nesta explicação serão denominados existenciais. (HEIDEGGER, 2013, p. 22).

O que o autor chama de possibilidade de ser é, ao mesmo tempo, a ocasionalidade momentânea de significação do existir em seu devir imparável de (re)significações com a indissociabilidade com o *extensio* que dele faz parte, firmando-o no mundo, como trabalhado por Cauquelin (2007) e Collot (2013). O *lebenswent* se configura como esse *ao redor* que é proximal e intrincado ao cotidiano da existência em sua emanação onto-ontológica, cronotopicamente. Acerca dessa ocasião e suas pormenorizações, Certeau (1994, p.161) considera ser "[...] "aproveitada", não criada. É fornecida pela conjuntura, isto é, por circunstâncias exteriores onde um bom golpe de vista consegue reconhecer o conjunto novo e favorável que irão constituir mediante um pormenor a mais."

A chegada à escala fáctica, dessa maneira, é um exercício onto-ontológico de operacionalização fenomenológica, como método, em direção ao ser-aí por meio da espacialidade, como ocorrido na ubiquidade ôntico-ontológica dos sertões pela arte literária. Segundo Heidegger (2013, p. 38), "Trata-se de ater-se à indicação a respeito do possível cumprimento do conceito de facticidade, que é dada previamente como seu possível encontro com a direção. O ser-aí próprio é o que é justamente e apenas em seu 'aí' ocasional".

O cotidiano do indivíduo, fenomenologicamente dimensionado para uma das direções eleitas na análise, estará, desse modo, ligado de forma inquebrantável ao seu mundo vivido – o mundo da vida de Husserl (2006) – e a multiplicidade ocasional (duração) e corológica (extensão) de seu existir. O desafio maior da fenomenologia como método proposto por Husserl, ao longo das décadas, foi refinar os caminhos a partir dos quais é possível fazer a apreensão dos sentidos, os estares do ser dos entes em seu desvelar, ocultando-se nesses próprios entes. Assim, a facticidade é meio e condição para que a essência, o fenômeno, mostre-se em si mesmo:

> O verdadeiro desvelamento fenomenológico deve ter, portanto, sua incidência básica no modo como a partir de si mesmo algo se manifesta. [...] A tarefa da fenomenologia será, portanto, mostrar o ser, assim como em si mesmo se mostra. Ora, em si mesmo ele se mostra ocultando-se nos entes. Logo a fenomenologia mostrará o ser em seu ocultamento. Essa dimensão paradoxal de um método, que deve mostrar algo enquanto não se mostra, caracteriza o método fenomenológico de Heidegger enquanto o método do pensamento do ser. O ser sempre está oculto. Mas, recai num duplo ocultamento enquanto é esquecido como culto e confundido com o ente. (STEIN, 2001, p. 203-204).

Nos termos postos por Astrada (1949), com ideais aproximados ao que propõem Stein (2001), Bornheim (1972) e Coutinho (1976), a base da interpretação ontológica passa pelo *Dasein* e o perpassa, que é o ser-aí. A finitude e a abertura à essência da existência em seus estares erigem todo o percurso de aplicação analítica da fenomenologia, que também precisa estar presente, por exemplo, na relação do referido método com as expressões artísticas:

> Evidentemente, en la base de esta interpretación ontológica de la existencia *Dasein* está una determinada concepción óntica de la existencia auténtica, "un ideal fáctico del *Dasein*', hecho que no cabe negar o confessarlo forzadamente, sino que hay concebirlo "en su positiva necesidad a partir del objeto temático de la investigación". (ASTRADA, 1949, p. 15).

Portanto, para Astrada (1949), tem-se novamente o protagonismo da facticidade, ou seja, a finitude em sua abertura ao questionamento onto-ontológico da metafísica do habitar. O *Dasein* concentra e se expande em significações de sua duração e extensão mundana, sendo possível inferirmos, nos elementos fáticos da totalidade fenomênica, os traços de sua essência:

> [...] el ser de la verdad se encuentra en conexión primaria con el *Dasein*. Si podemos comprender algo así como ser, vale decir si es posible la comprensión del ser, es solamente porque el *Dasein* está constituído por la aptitud de inferir, o sea, de comprender. (ASTRADA, 1949, p. 19).

Na literatura, há o privilégio da apresentação da discursividade do ser dos entes pela palavra. Autores como Candido (2017), Bosi (2000) e Paz (1982) reiteram essa ligação íntima e aberta à possibilidade de incursão fenomenológica pelas diferentes obras e

autores. Igualmente desafiadora é a inserção da metodologia fenomenologia no âmbito literário, pelo fato de a conjuntura ou contexto tanto da obra em si como da realidade sociocultural e histórica de seus autores estarem imbricadas em correlações político-ideológicas ou de visões de mundo particulares e inseparáveis entre si.

Mesmo que a *epoché* proposta por Husserl (2006) ainda possua empecilhos de aplicação metodológica, até mesmo na filosofia a sua contribuição na busca pela intencionalidade pura da cognição e percepção com o mundo encontra força de aplicação, por exemplo, em exercícios existencialistas da literatura, em representação da redução fenomenológica por meio de recortes do mundo vivido de forma efêmera e singular (ALVES, 2018).

É possível, em casos específicos, propor a problematização de abstenção das nuanças conjunturais, em prol da busca por todas as camadas de predicação presentes nas silhuetas de representação do sentido do ser nos estares de seu acontecer, como situação de sua existência, nas obras literárias, por suas paisagens, situações e personagens. Esse exercício onto-ontológico da fenomenologia, especificamente na exposição da fresta entre o fático e o fenomênico, é trabalhado, por exemplo, por Fogel (2005) em exercício elucubrativo sobre a questão. Fogel recorre a Guimarães Rosa como aporte para suas afirmações da relação entre arte literária e a ontologia fenomenológica:

> 11. Desde uma tal experiência (experiência é sempre iluminação, evidência), o real, a coisa, toda e qualquer coisa, não é algo que está aí já dado, feito, pronto e acabado, uma

> mera ocorrência, e que será pintado, ou modelado, ou decalcado, ou mesmo modificado, deformado, através da projeção sobre tais coisas de sentimentos, afetos, valores, idiossincrasias do artista, da sociedade, da comunidade, etc., etc. Não. Desde uma tal extraordinária experiência, não há coisa, não se dá coisa antes e fora de pintura, antes e fora do pintar ou do jogo de cor se fazer cor e, assim, tornar-se princípio de realidade (arché) — poética. Para coisa ser ou tornar-se coisa, para ela en-coisar-se (!), para encorpar-se como coisa, como a coisa que é, é preciso pintar, é preciso tornar-se, fazer-se cor em seu próprio coração e assim o real se faz real como exposição, auto--exposição de sua própria gênese, na sua formação. Guiado, iluminado por uma tal experiência, Guimarães Rosa, fazendo uma outra viagem, cumprindo, pois, outra experiência, a da palavra, a da poética do nomear — enfim, em hora grande, ele diz: "... o ensol do sol". Isto é, a en-solação do sol, o ensolar-se do sol ou a essenciação do sol, quer dizer, o sol se retomando sempre e a cada passo e instante em sua gênese ou ensolação. Este é o sol verbo, não substantivo. E o mesmo Rosa, em mesma hora, dirá, ainda: "... o coqueiro coqueirando, a pedra se mesmando". Quando se vê, quando se co-faz a gênese-coqueiro ou a gênese-pedra, então, o coqueiro coqueira-se, a pedra se em-pedra ou se mesma. Sim, escrever, dizer, ver na ou desde a dimensão-palavra, a partir da abertura-dizer-nomear — isso é preciso. Sempre desde uma tal experiência abissal, i.é, gratuita, aquela criança que topou com aquela pedra, com aquela pedra que já é, que já se fez mundo-abertura-perspectiva-interesse-jogo — e só por isso, graças a isso a criança viu a pedra, topou, encontrou-se com ela — pois bem, assim, a criança como que diz, lá com seus botões: "brincar, jogar, é possível e preciso", pois se assim não for, se assim não se fizer, pedra não se empedra, ela não se mesma, ou seja, não se faz, não se torna visível, não se realiza como pedra. E Drummond diz: "dizer, nomear ou fazer a poética da palavra é preciso!" Miguelangelo: "esculpir é preciso!" O construtor, o empreiteiro cisma: "construir, edificar — isso é preciso!" (FOGEL, p. 2015, p. 134-135).

O *coisar-se* a que Fogel (2015) se refere com a ajuda de Rosa é o ponto de ligação entre o mundo vivido, fático, com a fenomenicidade dos estares do ser das personagens do escritor mineiro. O *dasein* é identificado no eu lírico das obras rosianas,

apreendendo seus estares do ser, o ser-no-mundo de Heidegger (2013), que são as intencionalidades husserlianas tornadas realidade, cotidiano, devir da existência, de forma inerente à vida em representação pela arte literária:

> A analítica do *Da-sein* mostra que este aparece como *ser-em*; no caso, *ser-em-no-mundo*. *Ser-em* não tem, quando aplicado ao *Ser-aí*, a determinação espacial do modo como se relacionam os corpos físicos. Também não significa, *pertencer a, estar contido em,* como quando se diz *ser-em* dos demais entes. *Ser-em, ser-no-mundo* quer dizer *estar habituado a, habitar em*. Quando o *Ser-aí* diz *eu sou*, isto significa *sou-em, sou-no-mundo, habito*. Habitar no mundo é estar presente, é ser *pre-sença*. (GMEINER, 1998, p. 45).

A totalidade do mundo irradia e se perde em seu (in)finito, como sugerido por Lukács (2012), em seu esforço de traçar uma correlação da ontologia com uma análise não metafísica, mesmo que considerando o simbólico, abstrato e fugidio do devir existencial como componentes irrecusáveis da relação entre a facticidade e a ontologia fenomenológica. Essa relação não apenas está presente como é amplamente explorada pela literatura, tendo em vista que "O abrir-se para o ente em sua totalidade é o abrir-se para o mundo fático e historial" (GMEINER, 1998, p. 86). E não apenas o histórico, a relação estabelecida entre ente e ser se geografiza como *grafias*, marcas da existência do ser-no-mundo, em pertencimento e singularização de lugares e paisagens, experiências e estares do ser:

> O *ser-no-mundo*, ou *ser-junto-a*, não é outro, não é diferente do próprio mundo. Sua possibilidade de exteriorização como ser privilegiado não lhe tira o caráter de mundo que ele próprio tem. O *Ser-aí* não é anterior ao mundo e não pode

> prescindir do mundo quando se vê a si mesmo. O contato empírico com o mundo, o conhecimento e a reflexão sobre o mundo, o falar o mundo, mascaram, por vezes; esse "pertencer a". Quando o homem fala de mundo, ele fala, de certa forma, de si mesmo. (GMEINER, 1998, p. 45).

Cada coisa, em sua unicidade, singularização e particularidade, contribui para a constituição de um emaranhado fático-fenomênico da existência, como um sem número de ser-em do ser-aí, que somos nós, em apreensão, representação e emanação desses estares do ser pela linguagem: "O ser-aí, em se abrindo e manifestando o (des)velar do ser ocupa um protagonismo inerente e privilegiado de apreensão e expressão do ser pelos entes[2]. Quando a revelação se dá, isso supõe um debruçar-se do *Da-sein* sobre e para o ente." (GMEINER, p. 87). Na linguagem rosiana, o *dasein* "coisifica" e "descoisifica", ou seja, projeta o sentido e o desconstrói. Ele intenciona, ao modo husserliano e, em outro momento, esvazia de sentido o ente em seu ser: "A diferença ontológica não se apresenta, portanto, como resultado de um conhecimento, nem como algo que deve ser realizado pelo esforço da reflexão filosófica, mas, como um elemento estrutural básico que informa o próprio ser-aí, dando-lhe seu ser e seu sentido." (STEIN, 2001, p. 277).

[2] "Sabe-se que a explicação do real pode averiguar-se em dois planos fundamentais: o ôntico e o ontológico. A explicitação ôntica caracteriza as ciências particulares; a descrição, a pesquisa, a investigação, a manipulação dos entes restringe o ôntico à multiplicidade do real e, por isso, as ciências particulares desdobram-se de modo múltiplo: o mundo ôntico divide-se em regiões e, ao menos em princípio, a cada região corresponde uma ciência determinada. Estuda-se, assim, aquilo que o homem encontra: coisas, plantas, animais, acontecimentos, o próprio homem. Estuda-se sempre e apenas entes determinados, e esse limitar-se à determinação é o que permite distinguir, negativamente, o plano ôntico do ontológico. Realmente, não cabe às ciências particulares perguntar pela entidade do ente, não lhes compete colocar a questão do ser. E tal é justamente o objeto da ontologia: o ser." (BORNHEIM, 1972, p. 9).

O *dasein*, o ser-aí, é condição e meio para o (des)velar do ser no ente. A facticidade do mundo, de nós mesmos e dos outros está dentro e fora do existir e da existência. Novamente, Stein (2001) sintetiza a emanação do sentido do ente, a essência como fenomenicidade inerente no tempo, espaço, existência e estrutura primeira e primária de toda relação onto-ontológica passível de pensamento, inquirição ou representação, como ocorre pela linguagem na arte literária:

> O desvelamento do ser exige sempre um ponto de partida ôntico. Mas, o ser-aí é privilegiada e ontologicamente ôntico, por causa de sua prévia compreensão do ser. então o desvelamento do ser deverá ser tentado primordialmente a partir do ser-aí, mediante uma analítica existencial de suas estruturas. O sentido do ser (preocupação) dessas estruturas do ser-aí é a temporalidade. Assim, a analítica das estruturas deverá ser refeita no homem, na temporalidade. Mas, sendo o sentido do ser-aí a temporalidade e sendo o ser do ser-aí compreensão do ser (preocupação), então, é a partir da temporalidade que se determina a compreensão de ser. Dela, portanto, emergirá o sentido do ser em geral. (STEIN, 2001, p. 204).

A partir dos autores e suas exposições até o momento, prossigamos, então, em nossa correlação da analítica onto-ontológica da arte literária como expressão dos estares do ser. Nesse ínterim, o *dasein* em sua relação com a facticidade intenciona e (des)vela o ser, e este é o questionamento proposto por Fogel: “Agora, a pergunta é: construção (arquitetura), jogo, poesia, escultura – as dimensões, os interesses, as perspectivas (pontos de vista) ou relações possíveis –, isso tudo é *coisa* quer dizer, é produto,

é resultado, consequência ou obra do homem?" (FOGEL, 2015, p. 124).

Fogel nos coloca em problematização ainda mais inquietante, que nos impulsiona, ainda mais, para a proposição do papel protagonista e inerente da palavra e linguagem como trilha do (des)velamento do ser: "Tais dimensões ou horizontes são invenções, criações da subjetividade humana, construções da consciência autônoma ou da vontade livre do homem?" (FOGEL, 2015, p. 124). A partir do questionamento posto e proposto, é importante nos voltarmos para a arte literária em sua posição especial na relação fática-fenomênica – ou onto-ontológica – do ser-aí por meio da linguagem.

2.2 Expressões dos estares do ser pela arte literária

Por meio da literatura, é possível encontrarmos sinalizações, contrastes e *grafias* de muitos mundos, pautados na realidade ficcional entremeada por infiltrações do contexto em que as obras são elaboradas. Esta realidade conta com a diversidade do mundo vivido por nós, presente nas influências de inspiração dos autores, expressas direta ou indiretamente na composição da facticidade de suas ficções (ACHUGAR, 1996; PAZ, 1991; CAUQUELIN, 2007).

A possibilidade de uma analítica ontológica a partir da facticidade presente na elaboração literária requer passos/dimensões/diretrizes como, por exemplo: fase descritiva da ambientação do conto, etapa *ôntica*, verificação do que irá ser posto em evidência na composição no enredo, discurso, objetos,

personagens e demais elementos; depois, evidenciar qual *ente* situado será objeto de exploração da sua análise. Pode ser que seja, por exemplo, um objeto, uma memória, um pensamento, uma sensação, uma emoção, portanto, pode ser material ou imaterial, abstrato ou concreto – basta que *seja* algo. Tais elementos presentes em uma busca pelas *grafias* do ser social podem ser entendidos como perspectivas onto-ontológicas na elaboração literária, como proposto por Candido (2017), quando afirma que:

> 1) O problema ontológico: A verificação do caráter ficcional de um escrito independe de critérios de valor. Trata-se de problemas ontológicos, lógicos e epistemológicos. Como foi exposto antes uma das funções essenciais da oração é a de projetar, como correlato, Um contexto objectual que é transcendente ao mero conteúdo significativo, embora tenha nêle seu fundamento ôntico. (CANDIDO, 2017, p. 37).

No debate ontológico (fenomenológico), o sentido, a essência e os estares do ser já são o que se mostra em si mesmo, colocando em questionamento parte da base epistemológica crítica literária em relação à representação da expressão artística por meio da linguagem, tendo em vista a diferenciação do entendimento sobre a essência advinda da ontologia fenomenológica, diferente do debate cultural-mimético, por exemplo, trabalhado por diferentes críticos literários ao questionarem ou colocarem em evidência aspectos dialéticos e/ou contraditórios presentes na facticidade expressas nos romances, contos e poesias que possuam aspectos culturais em suas construções (BURKE, 2009; MURARI, 2009; SCHWARZ, 2012; PIGLIA, 1994; 2004; SARMIENTO, 2010).

O debate acerca da mimese e da verossimilhança da análise e da crítica literária contribui como ponto de partida, pois a chegada será o sentido dos entes, do ser-aí (o ser humano situado em sua essência como ente portador da linguagem) e todas as significações, circunstâncias, intencionalidades, ocasionalidades e facticidades envolvidas nos imensuráveis recortes espaço-temporais de uma experiência específica. Essa experiência pode se dar a partir de um objeto, um relacionamento, uma memória, um objeto, uma emoção etc. Novamente, encontra-se o traço entre as singularizações e as conjecturas de maior alcance, transversalidade e impactos nas narrativas, que tornam o desafio da análise onto-ontológica das obras literárias ainda mais complexo e desafiador.

> A diferença entre um documento literário qualquer e a obra-de-arte literária reside, antes de tudo, no valor diverso da camada quase-sensível das palavras (sensível quando o texto é lido a viva voz). Êste plano quase-sensível das palavras e de seus contextos maiores tem na literatura em sentido lato função puramente instrumental: a de projetar, como vimos, objectualidades puramente intencionais que, por sua vez, sem serem notadas como tais, se referem aos objetos visados. O que importa são os significados que se identificam com os objetos visados, não os significantes. Êstes últimos — ai palavras — se omitem por completo (da mesma Forma que as objectualidades puramente intencionais); podem ser substituídos por, quaisquer outros que constituam os mesmos significados. A relação entre a camada quase-sensível e a camada "espiritual" é, portanto, inteiramente convencional. A intenção do leitor passa diretamente ao "sentido" e aos objetos visados. Na obra-de-arte literária, esta relação deixa de ser convencional, apresenta necessidade e grande firmeza e consistência. Em casos extremos (particularmente na poesia), a mais ligeira modificação da camada exterior (e na poesia concretista, mesmo da distribuição dos sinais tipográficos) destrói o sentido de tôda a obra, devido ao valor expressivo das palavras, agora usadas

> como se fôssem relações de côres ou sons na pintura ou música. (CANDIDO, p. 38-39).

A analítica onto-ontológica da obra literária, portanto, ultrapassa parte das bases da fenomenologia ontológica, especialmente no que se refere à rigidez analítica da *epoché*. A perscrutação do ser dos entes, ou do ente, eleva-se em seu mostrar-se em essência, pela sua linguagem crítica e analítica – mas também, principalmente, ontológica[3] – no plano da (in)finitude fática. Quais são os sentidos, significações ou expressões dos significados que o foco onto-ontológico, factual e singular-conjectural nos permite alcançar? Nas palavras de Piglia (2004, p. 99), "A arte é uma atividade impossível do ponto de vista social, porque seu tempo é outro, sempre se demora muito (ou muito pouco) para "fazer" uma obra." Candido (2017) também destaca ideias correlatas a respeito da natureza ontológica da obra literária:

[3] "Há uma frase de Husserl que fez fortuna: voltar às coisas mesmas. Mas a frase, inserida em seu contexto original, permanece ambígua, já que todo o pensamento husserliano está comprometido com o idealismo. Não obstante isso, a afirmação é importante porque indica os rumos que a filosofia iria seguir. Pois tornou-se claro que repensar o homem, o sujeito, implica em repensar também e necessariamente o mundo do sujeito e em escutar a coisa naquilo que ela realmente é. Nada parece mais banal, mas nada é em verdade mais difícil do que arrancar a coisa de sua alienação metafísica, mesmo porque nem se trata de uma questão precipuamente filosófica. Talvez se possa caracterizar todo o empenho da nova ontologia dizendo, simplesmente, que ela busca a conquista da realidade, mas da realidade entendida em seu teor ontológico próprio, original, irredutível. Não, portanto, da realidade enquanto ela se esclarece a partir de um plano metafísico, transcendente à maneira da tradição. A densidade ontológica do real deve agora ser encontrada no próprio plano da finitude. E aqui está grande diferença entre a antiga e a nova ontologia: ser e pensar passa a pertencer definitivamente a este mundo." (BORNHEIM, 1972, p. 59-60.

> A camada verbal adquire, pois, valor próprio e passa a fazer parte integral da obra. Isso vale particularmente para contextos maiores, que passam a constituir o ritmo, o estilo, o jôgo das repetições e associações e que se tornam momentos inseparáveis do todo, de modo que a modificação da estrutura das orações e da maneira como se organizam os significados afeta profundamente o sentido total da obra (imagine-se uma edição de Proust com as orações "simplificadas"!) ao passo que num texto científico ou filosófico as mesmas teses podem ser mediadas por contexto diversos de orações (isso não se refere a filósofos como Heidegger; mas 'neste caso a "prosa comum" do pensamento científico é abandonada em favor de especulações teosóficas que requerem o uso da "arquipalavra adâmica"). É isso que Lessing tem em mente quando chama o poema um "discurso totalmente sensível" ou quando Hegel, num sentido mais geral, define a beleza como "o aparecer (luzir) sensível da idéia". O significado disso é que os planos de fundo (os mais espirituais) se ligam na obra de arte (literária ou não) de um modo indissolúvel ao seu modo de aparecer, concreto, individual, singular. É a isso que Croce chama de "intuição". O sentimento do valor estético, o prazer específico em que se anuncia a presença do valor estético, refere-se precisamente à totalidade da obra literária ou, mais de perto, ao modo de aparecer sensível (quase-sensível) dos objetos mediados. As camadas exteriores impõem a sua presença em virtude da organização e vibração peculiares de seus elementos. O raio de intenção, ao atravessar estas camadas exteriores, "conota-as", assimila-as no mesmo ato de apreensão das camadas mais profundas. Isso, em parte, se verifica também em virtude de uma atitude diversa em face de escritos de valor estético. (CANDIDO, 2017, p. 18).

Assim como ressaltado por Cauquelin (2007), Collot (2013), Stein (2001) e Bornheim (1972), Coutinho (1976, p. 183) se aproxima do que é argumentado por Candido (2017), no que se refere ao estofo ontológico passível e possível de ser observado, imergido e emergido analiticamente na literatura: "Não resta dúvida que unicamente a arte literária teria condições para me favorecer nesse ponto de minha obra". Enfaticamente, completa o autor que "[...]

nenhuma outra arte, se porventura eu possuísse os meios exigíveis, me concederia a flexibilidade, a ductilidade com que a literatura, por estear-se na imaginária interna, comunica, ao menos por aproximação" (COUTINHO, 1976, p. 183).

Por esta razão, muitas vezes, as palavras disponíveis em nosso léxico vocabulário formal, cotidiano ou coloquial se mostram insuficientes para extrair de determinado ente, fato ou recorte ôntico, sua significação e sua emanação de sentido em um cruzamento ocasional e *extensio* singular:

> A condenação das palavras origina-se da incapacidade da linguagem de transcender o mundo dos opostos relativos e interdependentes, do isto em função do aquilo. [...] Com efeito, o sentido aponta para as coisas, assinala-as, mas jamais as alcança. Os objetos estão mais além das palavras. (PAZ, 1982, p. 128).

O poeta e o escritor encarnam em si a potência do *homo* poeta como expressão máxima do *Dasein*, o ser-aí que extrai do seu discurso na obra elaborada as significações pelos estares do ser. Não há objeto, mirada da paisagem, sentimento, emoção, memória, cor, sensação, silêncio ou fala que passem despercebidos. O tegumento onto-ontológico da facticidade se fará notar, estará presente como o habitar intrínseco da totalidade cronotópica do romance, conto, novela ou poesia em questão. Essa é a problematização reforçada por Paz (1982), ao afirmar que:

> Todas as nossas versões do real — silogismos, descrições, fórmulas científicas, comentários de ordem prática, etc. — não recriam aquilo que pretendem exprimir. Limitam-se a representá-lo ou descrevê-lo. Se vemos uma cadeira, por

> exemplo, percebemos instantaneamente sua cor, sua forma, os materiais com que foi construída, etc. A apreensão de todas essas características dispersas não é obstáculo para que, no mesmo ato, nos seja dado o significado da cadeira: o de ser um móvel, um utensílio. Mas, se queremos descrever nossa percepção da cadeira, teremos de ir aos poucos e por partes: primeiro sua forma, depois sua cor, e assim sucessivamente até chegar ao significado. No curso do processo descritivo foi se perdendo pouco a pouco a totalidade do objeto. A princípio a cadeira foi apenas forma, mais tarde uma certa espécie de madeira, e finalmente puro significado abstrato: a cadeira é um objeto que serve para sentar. No poema a cadeira é uma presença instantânea e total, que fere de um golpe a nossa atenção. O poeta não descreve a cadeira: coloca-a diante de nós. (PAZ, 1982, p. 132).

A conjuntura do *lebenswelt* husserliano se faz notar na construção literária, incorpora elementos da sociabilidade, biografia, realidade objetiva e transformações do mundo vivido pelos personagens, paisagens, ambientes, interações e relações presentes nas construções literárias. Há, desta maneira, formas de se apresentar as experiências da existência como ser-mundo como estares de sua condição única ôntico-ontológica por múltiplos significados e predicações, que vão das essências e contradições que as perfazem:

> Na poesia coexistem as sombras da matriz e o discurso feito de temporalidade e mediação. O discurso acha meios de trazer a matriz à tona, de explorar as suas entranhas, de comunicá-la. Os meios (no caso, procedimentos) visam a compensar a perda do imediato, perda fatal do ato de falar. A pergunta fundamental é: como a série temporal do discurso persegue o imediato, o simultâneo, o “finito” da imagem? Como se comporta o tempo à procura da matriz atemporal? Por hipótese, a resposta seria: O discurso tende a recuperar a

> figura mediante um jogo alternado de idas e voltas; séries de re(o)corrências. (BOSI, 2000, p. 32).

A palavra, a linguagem e a arte possuem o múltiplo papel de extrair o ser das coisas, do mundo e de nós mesmos, em um contínuo (des)velar. As predicações presentes na facticidade das obras literárias são, portanto, a maneira pela qual seus autores apresentam o estofo onto-ontológico de suas produções: “Pre(dic)ar é admitir a existência de relações: atribuir o ser à coisa; dizer de suas qualidades reais ou fictícias” (BOSI, 2000, p. 33).

Podemos observar, portanto, que é ultrapassado o limite entre o representado e o real. Na literatura, a representação e a mimese dão lugar à significação do texto e seu contexto em roupagens onto-ontológicas, fenomênicas, nos recortes fáticos e cronotópicos eligidos para tal análise em questão, como destaca Bosi (2005):

> Uma das dificuldades maiores que a história literária vem enfrentando, desde o período romântico em que se começou a postular a identidade literária dos povos e nações, é precisamente escolher o seu objeto prioritário. A matéria-prima do historiador literário é tudo o que se escreveu e que pode ser considerado representativo de uma certa cultura? Responder afirmativamente significa tomar a palavra “literatura” no seu amplo sentido de material escrito sobre uma grande variedade de temas. Ou a sua matéria é o texto literário em sentido estrito, o que vem a dar prioridade à poesia, à narrativa ficcional, à tragédia, à comédia, ao drama, em suma, aos gêneros textuais em que predomina a imaginação ou o sentimento, sem relação obrigatória com a verdade atestável dos atos representados? Note-se que este dilema já estava formulado na oposição que Croce fazia entre poesia e não- poesia, englobando nesta última todos os elementos didáticos, políticos, científicos, religiosos etc., que formariam a estrutura cultural de uma obra, mas não lhe dariam a identidade poética e artística, constituída da

> síntese de imagem e sentimento, intuição e afetividade. (BOSI, 2005, p. 321).

O torneio fraseológico presente nas construções poéticas é um dos traços mais marcantes do embate entre a potência do ser no seu silêncio do não dito e a sua emanação em (des)velamento pela palavra escrita ou transcrita à linguagem do romance, poesia ou conto. Dessa maneira, o discurso, expressão artística da literatura, sintetiza tanto o *Dasein* quanto o *lebenswelt*, em indissociação de significância mútua ao devir da existência, tanto do autor como de sua obra:

> A frase desdobra-se e rejunta-se, cadeia que de antes e depois, de ainda e já não mais. Existe no tempo, no tempo subsiste. Para o emissor que a profere, para o receptor que a ouve, sílaba após sílaba. A oração não se dá toda, de vez: o morfema segue o morfema; o sintagma. E entre a cadeia das rases e a cadeia dos eventos, vai-se urdindo a teia dos significados, a realidade paciente do conceito. Mediação e temporalidade supõem-se e necessitam-se. A expressão social do pensamento depende da possibilidade do discurso. Não se pode ignorar nem baratear esse árduo e longo itinerário em direção ao ato simbolizador que o homem tem percorrido desde que lhe foi dado significar mediante a articulação sonora. (BOSI, 2000, p. 30).

Passa-se, então, do Ser (seja o em-Si como o Para-Si sartreano) para o Ser social de Lukács (2010; 2012), também presente nas considerações elaboradas por Karel Kosik (1976) sobre arte, cultura, literatura e o papel dos símbolos na construção social. Não há anulação de alcance da onto-ontologia da análise fenomenológica da literatura pelo fato de autores ou obras estarem inseridos em

contextos de elaboração que exijam, em sua origem, a conjuntura político-ideológica de sua construção.

A riqueza fática encontra nas construções e representações literárias o (in)finito ôntico de manifestação de seus sentidos (BOSI, 2005; 2013; BRANDÃO, 2013; BLANCHOT, 2011; COMPAGNON, 1999). Há ações e contradições da facticidade e dos estares do ser em cada trama e romance, nos versos e estrofes, na palavra e na linguagem, como guardadores e (des)veladores do ser dos entes. Não há anulação ou impossibilidade de dialogia entre a facticidade em expressão onto-ontológica na obra literária e a inserção de dimensões outras, como as contradições da realidade social – tanto de elaboração dessas obras como dos personagens, ações, intencionalidades e situações em que são apresentadas, preocupação esta mencionada por críticos como Schwarz (2012) e Piglia (1994).

As preocupações demonstradas por Schwarz (2012) sobre produção, análise e crítica literária se aproximam do percurso da analítica onto-ontológica e fenomenológica proposta até aqui. No entanto, é possível encontrarmos respaldo referencial de perscruta ontológica em autores marxistas que podem nos servir como pilares de fundamentação da conjuntura de elaboração ou narrativa a partir da perspectiva marxista ou materialista histórico e dialética. Nesse caso, destacam-se, principalmente, obras de Lukács (2010; 2012; 2013), que podem servir de base para o exercício ontológico acerca do romance, personagem e ficção proposto por Candido (2017).

2.3 Da textualidade à espacialidade pela arte literária e linguagem

O texto, formado pela palavra e a linguagem é formado por um arranjo complexo entre o código, as significações, contextos e as maneiras pelas quais a textualidade se apresenta nas diferentes culturas e sujeitos. Seguindo-se os passos destacados nos capítulos deste livro, há uma proposta de interpretação das formas pelas quais os sentidos, essências dos sujeitos como ser-no-mundo são apresentadas em obras geoliterárias brasileiras, a partir da temática do sertão.

A imersão nas camadas desse ser-no-mundo, na relação entre a facticidade e fenomencidade de sua existência a partir da espacialidade é o foco da construção topoanalítica efetuada até o momento. Por meio de autores e obras como Pasqua (1993), Dubois (2004), Gmeiner (1998), Silva (2021), Collot (2013), Blanchot (2011), Bosi (2000) e muitos outros, é possível e empreender este percurso metodológico nas obras selecionadas para esta topoanálise: *Grande Sertão: Veredas*, *Vidas Secas* e *Os Sertões*. Nas palavras de Collot (2012) temos então que:

> Vê-se assim uma significativa convergência entre as duas disciplinas: os geógrafos encontram na literatura a melhor expressão da relação concreta, afetiva e simbólica a unir o homem aos lugares, e os escritores se mostram, do seu lado, cada vez mais atentos ao espaço em que se desenvolve a escrita. Com essa perspectiva, não é menos necessário enfatizar a especificidade das obras literárias e de sua abordagem, se não se deseja transformar a geografia literária em mero anexo da geografia cultural. Alguns geógrafos

> souberam integrar perfeitamente essa especificidade em sua abordagem da literatura. (COLLOT, 2012, p. 19-20).

A espacialidade torna-se, desta maneira, o ponto de partida e chegada para a imersão topoanálitica, por entre as paisagens e lugares dos sujeitos os estares de suas existências nos sertões nas obras de Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e Euclides da Cunha. Como visto anteriormente, a geograficidades é um dos motes principais que fomentam esta construção, que vai da ontologia fenomenológica a diálogos que englobam desde as diferentes formas de expressão da arte às ciências da educação. Há imagens poéticas da espacialidade do sertão por meio da arte literária, emanações dos sentidos possíveis dos interiores territoriais em diferentes obras e autores, por meio de seu estilo e linguagem:

> A imagem poética é uma emergência da linguagem, está sempre um pouco acima da linguagem significante. Ao viver os poemas tem-se pois a experiência salutar da emergência. Emergência sem dúvida de pequeno porte. Mas essas emergências se renovam; a poesia põe a linguagem em estado de emergência. A vida se mostra aí por sua vivacidade. Esses impulsos lingüísticos que saem da linha ordinária da linguagem pragmática são miniaturas do impulso vital. (BACHELARD, 2008, p.11

A escritura, o ôntico, o gráfico, para a chegada ao ontológico, faz com que seja possível a construção tríplice que vai do texto, incorpora o contexto e propõe a problematizações sobre a contextura. De Gomes (1997) a Marandola (2011; 2020), passando por Moraes (2003; 2013) a Oliveira (2013) e Alves (2020), a espacialidade toma frente na conceituação e ponte entre a ontologia

fenomenológica e o estares do ser no mundo, como um sertão-mundo, por meio da topoanálise. Como referido por Brandão (2013):

> O espaço passa a ser tratado não apenas como categoria identificável em obras, mas como sistema interpretativo, modelo de leitura, orientação epistemológica. Simultaneamente à ampliação do escopo, e coerentemente com a tendência não mimética baseada na concepção autotélica de linguagem, passa-se a falar, de maneira bastante genérica, e usualmente metafórica, em "espaço da linguagem". (BRANDÃO, 2013, p. 24).

Há formas de se perscrutar os meandros de significação e inacabamento da existência por meio da espacialidade. Os caminhos, pela arte literária, levam-nos desde o ser-mais Freire (1967; 1994) até as imagens poéticas de Bachelard (2008), passando pela *poiesis* que emana com força ainda maior quando a ponte do sujeito com sua identidade em sua espacialidade é exposta nas diferentes obras literárias. Nas palavras de Brandão (2013), temos também que:

> O sujeito-ponte é uma presença que se manifesta em corpo, mas também em voz e pensamento (e essas três manifestações não necessariamente se harmonizam). O ser se define pelo estar, mas um estar de sustentação precária; que é liame, mas apenas à medida que resiste ao abismo, que não sucumbe ao desabamento. A provisoriedade do ser se traduz na qualidade insustentável do seu estado, nas circunstâncias do espaço cuja forma assume. (BRANDÃO, 2013, p. 6).

De Eco (1984) a Rosenfeld (1976) e Compagon (1999), temos, portanto, um ponto de partida e chegada, a partir da espacialidade, como argumento epistêmico e operacionalização analítico-

metodológica para a espacialidade da linguagem. Tal espacialidade, novamente, com o auxílio de Brandão (2013) terá dois principais pilares de presença, ou não, na arte literária, e que poderemos observar nas três obras brasileiras sobre os sertões. No primeiro caso, segundo o autor: "Adota-se novamente contraste com a categoria temporal: a ordem das relações, que define a estrutura da linguagem, é espacial à medida que é abordada segundo o viés sincrônico, simultâneo, e não diacrônico, histórico." (BRANDÃO, 2013, p. 63). No segundo caso:

> [...] a linguagem é espacial porque é composta de signos que possuem materialidade. A palavra é uma manifestação sensível, cuja concretude se demonstra na capacidade de afetar os sentidos humanos, o que justifica que se fale da visualidade, da sonoridade, da simensão tátil do signo verbal. (BRANDÃO, 2013, p. 64).

Nestas reflexões, e com s visões dos demais autores mencionados, é possível vislumbrar uma expansão, por meio das representações heterotópicas, operações de espaçamento, distribuições espaciais e os espaços de indeterminação, caminhos pelos quais uma topoanálise dos sertões do sertão se tornam possível nas obras e temáticas proposta, mas, também, em outros (des)encontros entre a arte literária e a espacialidade.

2.3.1 O Texto

A partir do texto haverá elementos como a textualidade do espaço, diacronia, sincronia, sistema, processo, função, determinação, ordenamento e diferentes formas de expressão da

espacialidade por meio da arte literária. Também no texto encontramos questões como formas de representação, diferentes relações entre significantes e significado, relação entre a narrativa e as personagens, formas e estilo que vão do tradicional-estruturalista a desconstruções e experimentalismos, debates culturais-pedagógicos ou metalinguísticos e de mobilidade entre formas de desenvolvimento das narrativas multiplicadas, na maioria das vezes, a sua potencialidade máxima de significação por meio da espacialidade dos sertões brasileiros como sertão-mundo, e ubiquidade ôntico-ontológica dos interiores territoriais do país expressos pela arte literária.

O texto, deste modo, multiplica-se, tal como reflete os autores supracitados. Há a continuidade, composição, complexidade e espessura das significações, os sentidos da textualidade. A maneira como diferentes autores fazem uso destas formas e conteúdo, por meio da arte literária é o objeto de fascínio de críticos a acadêmicos da área da linguagem. A presença e ausência dos preenchimentos de sentido estão no texto, como palavra e voz, ou ausência e silêncio de sentidos possíveis perpassados pelas personagens, contos, poesias, romances, novelas e diferentes lugares, paisagens, territorialidades e estares do ser de suas existências transformados em *grafias* ôntico-ontológicas:

> Do objeto presente temos habitualmente ideias bastante claras: uma palavra, um desenho. Mas, desde logo as ideias tornam-se mais confusas quando nos perguntamos, diante de um livro, o que é o objeto presente: é a soma de tantos e pequenos objetos presentes, chamados “palavras” ou, como diríamos atualmente, a unidade textual que está por alguma

> outra coisa? Mas sobre o objeto ausente temos maiores perplexidades: em primeiro lugar porque não sabemos se é um objeto, e depois porque não sabemos qual seja o modo dessa ausência. (ECO, 1984, p. 7).

O texto aqui emerge além de sua condição estrita da escrita posta numa folha. A grafia expande-se como possibilidade de enunciação, indo além dos termos e significados que a forma, abrangendo a algo mais além, o que está por trás das palavras, de uma construção frasal, de toda uma trajetória contada numa prosa ou verso. O texto é o registro alastrado por entre o tempo, por meio da concreticidade das palavras encadeadas umas às outras, abrindo-se para infindáveis representações e interpretações do seu sentido, pendulando entre os significantes e significados que o permeia.

O texto, portanto, será composto pela relação entre forma e conteúdo o código e o sentido, os preenchimentos e essências a partir da linguagem. Em outras palavras, temos, como complemento a pergunta feita por Eco (1984): "O que é o conteúdo?, a partir da qual responde o autor que "Se tivesse de definir em termos abstratos o conteúdo de Hjelmslev, diria que enquanto a expressão é *continuum com que* se fala, o conteúdo é o *continuum de que* se fala. Neste momento estou usando um *continuum* sonoro – questão as minhas palavras – para falar da estrutura da língua" (ECO, 1984, p. 21).

Portanto, entende-se o texto mais como *grafia* do que propriamente algo escrito. Esta é base da Geografia como abertura de entendimento da totalidade do mundo, ou seja, as diferentes escrituras e linguagens que compõem o fato e o fenômeno

geográfico, indo da ação e intencionalidade humana ao devir silencioso de transformador da força telúrica (PANKOW, 1988, CASTRO, 2016; MARINHO, 2016).

Amplia-se, desta maneira, com o risco que tal exercício traz em si, o entendimento do texto como marca, sulco e traços de um percurso, posto e proposto, arraigado e entrelaçado ao indivíduo ou comunidade habitante de uma casa a uma vila, do alto de um prado seco às nebulosas urbanosferas, do pensado e intencionado espaço ainda não encontrado a todo território já esquadrinhado pela técnica. Estas imbricações fático-fenomênicas formam a composição complexa de significações, essências do sujeito como existência por meio da arte literária, corroborando para a defesa de Eco (1984):

> Poderíamos entender a literatura como um modo de fazer funcionar os sistemas de significção a pleno regime, além das limitações da extensibilidade, a ponto de não mais precisarmos perguntar se aquilo de que se fala *is the case*, ou não. Vemos que um tipo de formulação como esta poderia ser inventada por Tolkien, que inventa teogonias com deuses inexistentes, populações inteiras, mapas geográficos, etcétera. Constrói um perfeito sistema de significação. (ECO, 1984, p. 15).

Alguns dos autores e respectivas obras que embasam esta ideação epistêmica são Umberto Eco *Conceito de Texto* (1984), Jacques Derrida *Gramatologia* e Luciano Ponzio *Visões do Texto* (2017), assim como os filósofos Evaldo Coutinho (1976) e Gerd Borheim (1972), que também dissertam sobre a textualidade e linguagem. Eco (1984) elabora em seu ensaio um amplo debate sobre o *texto*, preocupando-se em discernir os sistemas de

significação com os de comunicação, diferenciando o primeiro do segundo a partir do ponto em que há além da criação e desenvolvimento de formas e significações para uma circulação destes signos numa comunidade, havendo então a comunicação e não apenas uma coletânea textual.

Derrida (2017) vai ao encontro das colocações e Eco (1984) quando potencializa a ideia de texto acima de sua fronteira conceitual de expressão escrita, integrando-a a noção de formas de expressão, enunciados e representações, aproximando sua ideia de textualidade às colocações de Gomes (1997) expostas anteriormente, o autor francês disserta da seguinte maneira sobre seu conceito de texto:

> Gostaria de recordar que o conceito de texto que eu proponho não se limita nem à grafia, nem ao livro, nem mesmo ao discurso, menos ainda à esfera semântica, representativa, simbólica, ideal ou ideológica. O que chamo de "texto" implica todas estruturas ditas "reais", "econômicas", "históricas", socioinstitucionais, em suma, todos os referenciais possíveis. (...) isso quer dizer que todo referencial, toda realidade tem a estrutura de um traço diferencial e só nos podemos reportar a esse real numa experiência interpretativa. Esta só se dá ou só assume sentido num movimento de retorno no diferencial. (DERRIDA, 1991, p. 203).

Este é ponto de abertura e expansão da ideia de texto, grafia e linguagem proposto por Derrida (1991) e caro à ideia de topoanálise proposta nesta pesquisa: "[...] o conceito de escritura excede e compreende o de linguagem" (DERRIDA, 2017, p. 10), colocando a linguagem como: "[...] ação, movimento, pensamento, reflexão, consciência, inconsciente, experiência, afetividade etc." (DERRIDA,

2017, p. 10), e por esta razão houve uma inevitável dilatação da escritura e texto, e consequentemente de linguagem: "[...] a tendência a designar por 'escritura' tudo isso e mais alguma coisa: não apenas os gestos físicos da inscrição literal, pictográfica ou ideográfica, mas também a totalidade do que a possibilita" (DERRIDA, 2017, p. 10-11).

Nos textos e palavras dos autores selecionados neste trabalho: Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e Euclides da Cunha é perceptível o traço, a marca e unicidade de como testes autores fazem uso de sua forma de escrita, seu estilo e maneira de construção narrativa. Muitas dessas expressões dos sentidos do sertão e a força de sua espacialidade na constituição do próprio imaginário regional, social, cultural e simbólico possuem seus fundamentos em tais autores, envolvendo correlações que vão de questões econômicas e exploração didático-pedagógicas, de temáticas metafísicas a riqueza dos experimentalismos de estilo entre o som, o silêncio e sentido de suas personagens[4].

As palavras detentoras deste poderio de retenção dos sentidos e significados. E aqui nos aproximamos do *homo poeta* nietzschiano, ou seja, utiliza-se sim a poesia não em seu sentido denotativo, de expressão em versos e estrofes, mas como um

[4] Relações textuais e espaciais que podem ser efetuadas em trabalhos como *A Filosofia no Sertão: da formação de professores à Filosofia no Ensino Médio* de José Teixeira Neto e Emerson Araújo Medeiros (2017); *O sertão educa* de Gilmar Leite Ferreira e Terezinha Petrucia Nóbrega (2014) dentre outros trabalhos que realizam tais pontes analítico-metodológicos, e teórico-conceituais de representação, exploração e interpretação e experiência do sertão, especialmente a partir da arte literária.

exercício de locução simbólica dos elementos da realidade[5]. Transformação dos traços do real em expressão artística, retirando da palavra e linguagem, do texto e signos a utilitariedade do seu uso, devolvendo-os ao seu *status* de expressão das formas do existir:

> Na linguagem comum a palavra é utilitária, é o prático-inerte que se exaure em sua função de comunicar: ela serve, e nesse servir se esvazia, desaparece: desatenta à sua própria natureza, só funciona a partir daquilo a que serve. No poema, ao contrário, a palavra é palavra, impõe-se como palavra desprovida de dimensão utilitária. Quando a obra de arte apresenta o mundo, a matéria de que é feita é posta em evidência, manifesta-se, passa a ser vista na sua condição de matéria. (BORNHEIM, 1972, p. 152).

O texto, portanto, sempre será um limitador da realidade, mesmo que possua toda a riqueza das expressões poéticas e dissertações prosaicas, que se faça um minimalismo dos pequenos detalhes ou grandes exposições de narrativas holísticas, o corte textual é inevitável, porque a realidade como fenômeno é inacessível à palavra como diria Octávio Paz: "A condenação das palavras origina-se da incapacidade da linguagem de transcender o mundo dos opostos relativos e interdependentes, do isto em função

[5] "299. *O que devemos aprender com os artistas* – De que meios dispomos para tornar as coisas belas, atraentes, desejáveis para nós, quando elas não são? – e eu acho que em si elas nunca o são! [...] Afastarmo-nos das coisas até que não mais vejamos muita coisa deles e nosso olhar tenha de lhes juntar muita coisa *para vê-las ainda* – ou ver as coisas de soslaio e como que em recorte – ou dispô-las de forma tal que elas encubram parcialmente umas às outras e permitam somente vislumbres em perspectivas – ou contemplá-las por um vidro colorido ou à luz do poente – ou dotá-las de pele e superfície que não seja transparente: tudo isso devemos aprender com os artistas, e no restante ser mais sábios do que eles. Pois neles esta sutil capacidade termina, normalmente, onde termina a arte e começa a vida; nós, no entanto, queremos ser os poetas-autores de novas vidas, principiando pelas coisas mínimas e cotidianas." (NIETZSCHE, [1882] 2012, p. 179-180).

do aquilo. [...] Com efeito, o sentido aponta para as coisas, assinala-as, mas jamais as alcança. Os objetos estão mais além das palavras." (PAZ, 1982, p. 128). O texto estará entre o código e a significação, o sistema e o arranjo das articulações da linguagem por meio da arte literária:

> Há toda uma corrente – já referida, na França, como pós-estruturalista – que, fascinada por essa ausência, em lugar de procurar o objeto ausente, lançou-se, praticamente, à procura do próprio mecanismo da ausência. Foi uma volta da semiótica à filosofia [...] Quero por as mãos nesse objeto que não existe e que é inapreensível. E nele temos de por as mãos fazendo com que nossa presa sobre esse objeto seja intersubjetivamente verificável, mesmo que o objeto não exista. Isto é, como podemos manejar um objeto inapreensível de modo a nos entendermos e de modo a podermos verificá-lo? Poderíamos chamar esse objeto inapreensível de *sentido* ou *significado* ou, melhor ainda, de *conteúdo*. Estamos condenados a manipular caixas vazias e, todavia, devemos falar daquele nada que elas contêm, porque aquele nada que está dentro delas é aquele tudo que nos permite viver em sociedade. (ECO, 1984, p. 7).

O desafio posto é outro, não se pode pretender dar conta do real, da totalidade do movimento ao redor, mas é possível sim conter na palavra as riquezas das singularidades efêmeras desta realidade, num evento ou objeto, numa fala ou gesto, e a literatura como arte e história permite esta abertura representacional do mundo. A partir do texto chega-se a sistemas de significação, o contexto, acultura, o vivido e as experiências da linguagem e palavra nos processos de preenchimento de sentido dos entes, coisas, sons e palavras. Nas conceituações ontológico-fenomenológica temos o mundo vivido, ou mundo da vida husserliano, na arte literária, como forma de representação da cultura por meio da imbricação entre

texto e contexto, para se chegar às camadas dos sentidos do ser-no-mundo, no sertão-mundo, com contexturas das mais variadas.

2.3.2 O Contexto

O papel do contexto na arte literária é amplamente trabalhado por grandes nomes da crítica literária e intelectuais que trabalham com literatura, linguagem e palavra. Tal como teorizado por Candido (1989) na formação da literatura brasileira, Campagnon (1999) na ideia de mundo na construção literária e Bosi (2000) na presença do próprio percurso do autor e seu entorno em sua criação literária, o contexto (des)preenche o texto, o des-vela, se colocarmos em termos ontológicos.

O contexto dialoga com a ideia de mapa de Monteiro (2002), como uma expansão do próprio texto em suas significações, facticidades, elementos de sentido que compõem em emanação ou silenciamento de suas essências. Como visto no capítulo, a espacialidade dos sertões, por exemplo, contribui para que, a partir de suas riquezas imagético-linguística seja possível a visualização desta riqueza contextual e transposição para experiências, emoções, pensamentos e situações por personagens e momentos vividos, por meio da arte literária. Esta *cartografia* da arte literária, nas palavras de Monteiro (2002), utilizando-se de muitas obras que tratam do sertão brasileiro, pode ser entendido como:

> Tome-se aqui o “mapa” como contexto estrutural de configuração espaço-temporal do “lugar” (na concepção mais ampla) no qual se processa o dinamismo da ação, ou seja, a “a trama” criada pelo escritor. Assim, parece-me,

> encaminhar-se melhor a relação que se pretende assentando-a em termos de conteúdo geográfico e criação romanesca. (MONTEIRO, 2002, p. 25).

Estas colocações do autor vão ao encontro do que é refletido por Derrida (2017), em sua expansão linguístico-ontológica da própria ideia de palavra, sentido e texto, quando o autor francês considera que:

> Há coisas, águas e imagens, uma remessa infinita de uns aos outros mas sem nascente. Não há mais uma origem simples. Pois o que é refletido desdobra-se em si mesmo e não só como adição a si de sua imagem. O reflexo, a imagem, o duplo desdobram o que ele reduplica. A origem da especulação torna-se uma diferença. O que se pode ver não é uno e a lei da adição da origem à sua representação, da coisa à imagem, é que um mais um fazem pelo menos três. Ora, a usurpação histórica da realidade e a esquisitice teórica que instalam a imagem nos direitos da realidade são determinadas como *esquecimento* de uma origem simples. (DERRIDA, 2017, p. 45).

O contexto será um duplo entre a própria vida do autor como, também, os momentos, elementos fatos e fenômenos dentro de sua obra como destacado por Kothe, por exemplo (2000; 2003; 2004). Quando lemos *O caminho do campo* de Heidegger ou *A Náusea* de Sartre, encontramos os elementos contextuais em sua arte literária que fazem parte, de igual modo, de suas próprias ideações e teorizações sobre a ontologia fenomenológica. No caso do autor francês, observemos o momento a seguir de sua obra:

> Estava então há bocadinho no jardim. A raiz do castanheiro mergulhava na terra, mesmo por baixo do meu banco. Não me lembrava, porém, que era uma raiz. As palavras tinham-se evaporado, e, com elas, o significado das coisas, os seus modos de emprego, os pálidos pontos de referência que os homens lhes traçaram à superfície. Estava sentado, um

> pouco curvado, cabisbaixo, sozinho em frente daquela massa negra e nodosa, completamente em bruto e que metia medo. E depois tive aquela iluminação. Fiquei sem respiração. Nunca, antes destes últimos dias. eu tinha pressentido o que queria dizer « existir». Era como os outros, como os que passeiam à beiramar nos seus trajos de Primavera. Dizia, como eles: « O mar é verde: aquele ponto branco, acolá, é uma gaivota»; mas não sentia que essas coisas existiam, que a gaivota era uma « gaiata existente»; geralmente a existência esconde-se. Está presente à nossa volta, em nós, somos nós; não se podem dizer duas palavras sem falar dela, e afinal não lhe tocamos. Quando eu julgava pensar nela, é de crer que não pensava em nada, tinha a cabeça vazia, ou quando muito uma palavra na cabeça, a palavra « ser». Ou então pensava... como dizer? Pensava na filiação; dizia para comigo que o mar pertencia à classe dos objectos verdes, ou que o verde fazia parte das qualidades do mar. Mesmo quando olhava para as coisas, estava a cem léguas de sonhar que elas existiam: as coisas apareciam-me como um cenário. Pegava nelas, elas serviam-me de utensílios, previa-lhes a resistência. Mas tudo isso se passava à superfície. Se me tivessem perguntado o que era a existência, teria respondido de boa-fé que não era nada, que era apenas uma forma vazia que vinha juntar-se às coisas por fora, sem lhes modificar em nada a natureza. E depois sucedeu aquilo: de repente, ali estava, ali estava, era claro como a água: a existência dera-se subitamente a conhecer. Perdera o seu aspecto inofensivo de categoria abstracta: era a própria massa das coisas; aquela raiz estava amassada em existência. Ou antes, a raiz, o gradeamento do jardim, o banco, a relva rala do tabuleiro, tudo se tinha evaporado: a diversidade das coisas, a sua individualidade, já não era mais que uma aparência, um verniz. Esse verniz derretera-se; restavam massas monstruosas e moles, em desordem - nuas, duma medonha e obscena nudez. (SARTRE, 1963, p. 172).

Já para o filósofo alemão temos que: “O mundo como totalidade não “é” um ente, mas aquilo a partir do que o ser-aí se dá a entender a que ente pode dirigir-se seu comportamento e como ele pode se comportar em relação a esse ente.” HEIDEGGER, 2009, p. 169). Um mundo que é ente e possui o ser, que é falado pela palavra

e linguagem, por meio da arte literária, na junção do ser-aí de autor-personagem, que fundem-se nas representações geoliterárias em geral, e sobre o sertão em particular, no objetivo topoanalítico de nosso estudo: “A afirmação de que o ser-aí “se” dá a entender a partir de “seu” mundo significa, então, o seguinte: neste vir-ao-encontro-de si a partir do mundo, o ser-aí se temporaliza como um si mesmo, isto é, com um ente que foi entregue a si mesmo para ser.” (HEIDEGGER, 2009, p. 169). No exercício do próprio Heidegger em seu *caminho do campo* encontramos os traços da presença da facticidade e fenomencidade por meio da palavra e linguagem:

> O carvalho mesmo assegurava que só semelhante crescer pode fundar o que dura e frutifica; que crescer significa: abrir-se à amplidão dos céus, mas também deitar raízes na obscuridade da terra; que tudo que é verdadeiro e autêntico somente chega à maturidade se o homem for simultaneamente as duas coisas: disponível ao apelo do mais alto céu e abrigado pela proteção da terra que oculta e produz. (HEIDEGGER, 1969, p. 68).

Este mergulho no cotidiano, detalhes, nuanças das vivências e experiências das paisagens e lugares é o que defende, por exemplo Cascudo (2009). Outras obras literárias também realizam esta ponte entre o texto e o contexto, mas é preciso se firmar a riqueza presente nos estudos literários e geoliterários dos sertões brasileiros, no sentido da presença do mundo, como sertão-mundo das existências tanto das personagens como autores, destacado por Roncari (2004; 2006), Azevedo (1992), Barros et al (2019) Brait (1998), Calasans (1970), Correa (1978), Lima (1997). Há uma poeisis que se firma como traço do texto e contexto da arte literária sobre o sertão como defendido por Romero (2015) e destacado por Cascudo (2009):

> O erro é a tentativa de criar uma literatura sertaneja nos moldes duma literatura comum. Erro ainda escrever tal qual o sertanejo pronuncia. Uma literatura do Sertão deverá refletir fielmente a sintaxe local e, acima de tudo, a mentalidade ambiente que não é inteiramente a nossa. Verdade é que a rodovia assimilou o Sertão a tal ponto que o está tornando sem fisionomia. Mas ainda teremos uns anos antes que a terra perca seus atributos típicos. Nada de deformação para efeito moral nem a mania de caricaturar o sertanejo, fazendo-o fábrica de anedotas e sua vida um tecido de facécias, tão ao jeito dos atores que "representam" o nosso sertanejo no palco, vestindo-se à maneira do caipira fluminense ou jeca mineiro. (CASCUDO, 2009, p. 45).

Em concordância com Cascudo (2009), há as considerações e obra de Viggiano (1974) em que a espacialidade se transborda, do texto ao contexto, do autor às personagens, das palavras às suas significações [6]. Rosenfeld (1976) demonstra profundidade no comentário e defesa da *defesa* do protagonismo da espacialidade na arte literária:

> Nota-se no romance do nosso século uma modificação análoga à da pintura moderna, modificação que parece ser essencial à estrutura do modernismo. À eliminação do espaço, ou da ilusão do espaço, parece corresponder no romance a da sucessão temporal. A cronologia, a continuidade temporal foram abaladas, "os relógios foram destruídos". O romance moderno nasceu no momento em que Proust, Joyce, Gide, Faulkner começam a desfazer a ordem cronológica, fundindo passado, presente e futuro. (ROSENFELD, 1976, p. 80).[7]

[6] Novamente, uma relação entre texto e contexto, ontologicamente defendida por Heidegger: "O apelo do caminho do campo desperta um sentido que ama o espaço livre e que, em momento oportuno, transfigura a própria aflição na serenidade derradeira. Esta opõe-se à desordem do trabalho pelo trabalho: procurado apenas por si, o trabalho promove aquilo que nadifica." (HEIDEGGER, 1969, p.b70).

[7] O mesmo autor também continua sua reflexão dizendo que: " Com isso, espaço e tempo, formas relativas da nossa consciência, mas sempre manipulada como se fossem absolutas, são por assim dizer denunciadas como relativas e subjetivas. A

A topoanálise, como uma perscrutação geopoética dos traços, estilos e sentidos da textualidade e contextualidade é o que defende Bachelard (2008). Autor e obra, texto e contexto, significação e formas, facticidade e fenomenicidade emanam, transbordam, tal como a ubiquidade do sertão entre o empírico diversificado e vivenciado único que o compõe nos interiores territoriais brasileiros e que são amplamente explorados pelos autores o que trabalham na literatura nacional:

> Não nos parece mais um paradoxo dizer que o sujeito falante está inteiramente contido na imagem poética, pois, se ele não se entregar a ela sem reservas, não entrará no espaço poético da imagem. Torna-se bem claro que a imagem poética traz uma das experiências mais simples da linguagem vivida. E se a consideramos, como propomos, enquanto origem da consciência, ela advém com toda a certeza da fenomenologia. D do mesmo modo se fosse preciso dar um curso sobre fenomenologia, seria sem dúvida no fenômeno poético que se encontrariam as lições mais claras, as lições elementares. Em livro recente, J. H. Van den Berg escreve "Os poetas e os pintores são fenomenólogos natos". Observando que as coisas nos "falam" e que por isso mesmo, se damos pleno valor a essa linguagem, temos um contato com as coisas, Van den Berg acrescenta: "Vivemos continuamente uma solução dos problemas sem esperança de solução para a reflexão". Por essa página do sábio fenomenólogo holandês, o filósofo pode ser encorajado em seus estudos centralizados no ser falante. (BACHELARD, 2008, p.12

consciência como que põe em dúvida o seu direito de impor às coisas – e à própria vida psíquica – uma ordem que já não parece corresponder à realidade verdadeira. [...] Trata-se, antes de tudo, de um processo de desmascaramento do mundo epidérmico do senso comum. Revelando espaço e tempo – e com isso o mundo empírico dos sentidos – como relativos ou mesmo como aparentes, a arte moderna nada fez senão reconhecer o que é corriqueiro na ciência e filosofia. Duvidando da posição absoluta da "consciência central", ela repete o que faz a sociologia do conhecimento, com sua reflexão crítica sobre as posições ocupadas pelo sujeito cognoscente." (ROSENFELD, 1976, p. 81).

A contextualidade pode ser entendida como o conjunto de entrelaçamentos corológicos e kairológicos, o tempo e espaço se tornando uma singularidade fenomênica distinta e contínua, permeada por inúmeras possibilidades de repartições fáticas, dentro de um mesmo campo espaço-temporal, um contexto[8]. O com-texto aqui também se refere àquilo que faz parte, indissociavelmente, do processo de engendramento de uma enunciação de significância, seja qual for a linguagem em que esta foi expressa, ou seja, a grafia, marca e configuração de uma situação, acontecimento, objeto etc.

A principal dificuldade encontrada em relação ao contexto diz respeito à escala do recorte efetuado frente ao que se deseja analisar (PANKOW, 1988). Em outras palavras, há uma totalidade fenomênica ao redor de uma história contada, situação vista ou evento acompanhado, com uma imensurável quantidade de fatores, vetores, condicionantes e variáveis e serem consideradas em todo o desenvolvimento do contexto.

A contextualidade fará parte da própria semântica, dos elementos linguísticos utilizados pelos autores em suas criações literárias, como ocorre, por exemplo, as representações geoliterárias dos sertões brasileiros, ou seja, há especificidades de significação, e relação entre as formas e conteúdos em cada obra, autor, aspectos

[8] A ubiquidade do sertão como desafio criativo à arte literária manifesta-se, também, na riqueza da contextualidade de sua presença envolvendo pontes, reflexões, experiências e trabalhos com temáticas didático-pedagógicas que são muito explorado em obras como *Ensino de Física no Sertão: Literatura de cordel como ferramenta didática* de Marcelo Souza Silva e Daiane Maria dos Santos Ribeiro (2012), *Por entre as águas do sertão: : currículo & educação ambiental das escolas rurais do Jalapão* de José Carlos de Melo (2011) e *Cartografia de paisagens para o ensino de geografia: prática de campo no sertão de Pernambuco* de Lucas Costa Cavalcanti (2019) e Juliana Marques de sena Rodrigues (2019).

do criativo e do contexto, diferentes elementos que precisam fazer parte do percurso metodológico topoanalítico

> O problema para a semântica contemporânea, é verificar a possibilidade de uma análise semântica de propriedades sem que seja necessário dizer que essas propriedades são entidades abstratas, platônicas, e constituem um pacto finito. A teoria peirciana nos diz que o problema não existe. A vida da semiose é tal que continuamente analisamos expressões através de outras expressões. E não há nada a fazer, não temos nenhum outro modo possível, porque mesmo diante da pergunta "o que é um cigarro?", se eu mostrar esse cigarro, não estou mostrando um objeto puro, e simples, porque, mostrando esse cigarro, quero indicar também todos os outros cigarros de formato igual (também os mais curtos, também os que têm filtro e ponteira de cortiça, também os Gauloises sem filtro), e portanto estou novamente usando esse cigarro como *representamen* cujo objeto imediato é uma série de propriedades ou características bastante reduzidas que não levam em conta riqueza de propriedades e de diferenças de todos os cigarros possíveis. Uso, portanto expressões para definir outras expressões. (ECO, 1984, p. 38).

A título ilustrativo desta dificuldade de delimitação do contexto há a obra de Flávio Kothe (2000; 2003; 2004) em sua trilogia dos *cânones literários* do Brasil (Colonial, Imperial e Republicano) na qual o autor enveredou por um árduo trabalho de minuciar as entrelinhas das produções literárias brasileiras nestes períodos, integrando-as a movimentos artísticos maiores e situações sociopolíticas também de escala superior e, o próprio autor em diferentes momentos, atesta para a limitação expositiva da empreitada realizada. Autores como Raquel de Queiroz, Bariani Ortencio, Jorge Amado, Cora Coralini, João Cabral de Melo Neto são

alguns exemplos que autores que poderiam ser considerados numa possível reflexão sobre o cânone literário dos sertões brasileiros.

A partir deste ponto é que se torna possível considerar um recorte, um limite, a fronteira casual dentro de uma amplitude maior, mais complexa e intricada de detalhes, levando em consideração estas limitações da contextualidade, ao mesmo tempo em que permitem a representação das singularidades perpassadas numa situação ou fato específico. O contexto é este olhar da parte dentro de um todo, delimitando-a para melhor entendê-la, colocando em relevo o aspecto daquela circunscrição específica, sem deixar de considerar as infiltrações e o que perpassa ao redor do núcleo em foco. Esta contextualidade, aplicada a arte literária e a força ôntico-ontológica do sertão na obra de Almeida sobro o *Oco do Mundo* é peceptível em sua força e nuanças:

> O sol, vermelho como um fundo de tacho, escaldava o saibro e acendia o pedregulho.
> Canseiras invencíveis, desde as manhãs abrasadas. pelos plainos intérminos.
> Calores modorrais nas charnecas esmoitadas.
> Um monstro clandestino resfolegava. Era o nordeste, no seu advento pulveroso. aos remoinhos. querendo dançar a ciranda com os retirantes.
> Depois, os Cariris Velhos de uma sequidão mais desolada. Uma natureza quaresmal de cactos sobreviventes, eretos como círios acesos em frutos de fogo.
> Dessa altura se divisava a perspectiva percorrida, à visão de um sol que dourava tanta miséria, tudo cor de ouro. A planície alagada da fulguração vertiginosa. Até as colinas avulsas se afiguravam blocos de luz.
> E os sertanejos, encandeados, esfregavam os olhos, como se estivessem chorando, nessa derradeira mirada de saudade. (ALMEIDA, 1980, p. 31).

Silêncio, sentidos, vozes, significações, a feiura e a beleza, o místico e especificidade das paisagens e lugares, são encontrados na obra do autor, que nos apoia na realização da topoanálise das obras centrais selecionadas para o presente estudo:

> O ocaso profuso avermelhava meio céu. O sol informe, com o uma gema de ovo esteirada, parecia dissolver-se na mancha crepuscular.
> Era uma queimada no horizonte, como se a grande brasa se tivesse desfeito na labareda fugaz.
> Mas esse quadro tropical não podia durar: era belo demais para se deixar ver por muito tempo.
> E Lúcio ficou tocaiando as primeiras sombras do lusco-fusco, como o fumo desse incêndio.
> Ainda com dia, a miséria o bumbrava todo o sítio. A luz era um luxo da casa-grande.
> Cada rancho obscuro — quieto, como uma moita.
> E a hora prematura do silêncio e da treva antecipava as funções da noite, os conchegos prolíficos da raça dos deserdados.
> Um bruxuleio barato no fundo da biboca dos retirantes que perdida na amplidão do latifúndio, ficava menor, semelhando um ninho caído, modificava-lhes a impressão da vida. Não deixavam de ver tão cedo, c o m o os outros... (ALMEIDA, 1980, p. 39).

Por estas razões e mobilidade e riqueza da contextualidade na arte literária que alguns autores que trabalham com a ideia de contexto são Anatol Rosenfeld *O Texto e o Contexto*, Jurgen Habermas *Textos e Contextos*, Michel de Certeau *A invenção do cotidiano*, as *Mutações* e *Olhar* de Adauto Novaes (2011), dentre outros. Trazendo novamente Umberto Eco (1984), há a consideração das construções de conteúdo são sempre contextuais, podendo haver muitas formas para o mesmo conteúdo, algo também encontrado em Certeau (1994): “Estamos submetidos, embora não identificados, à linguagem ordinária. Como na nave dos insensatos,

estamos embarcados, sem possibilidade de fuga ou totalização.” E ainda complementa o autor, sobre a ordinariedade da linguagem: É a “prosa do mundo” de que falava Merleau-Ponty. Ela engloba todo o discurso, mesmo que as experiências humanas não se reduzam ao que ela pode dizer a seu respeito. (CERTEAU, 1994, p. 70).

Habermas (2015) e Rosenfeld (1976) vão ao encontro de Certeau, com preocupações sobre a necessidade de se considerar o detalhamento, as entrelinhas e o extraordinário dos fatos triviais do cotidiano, entre espaço e tempo, vivência e experiência sentidos e estares do ser da própria existência, como uma topologia do ser, como defendido por Malpas (2018), Pádua (2005) e Marandola (2020):

> Sabemos que o homem não vive apenas “no” tempo, mas que *é* tempo, tempo não-cronológico. A nossa consciência não passa por uma sucessão de momentos neutros, como o ponteiro de um relógio, mas cada momento contém todos os momentos anteriores. Não poderíamos ouvir uma sinfonia ou melodia como uma totalidade coerente e significativa se os sons anteriores não se integrassem, continuamente, num padrão total, que por sua vez nos impõe certas expectativas e tensões dirigidas para o futuro musical. Em cada instante, a nossa consciência é uma totalidade que engloba, como atualidade presente, o passado e, além disso, o futuro, como um horizonte de possibilidades e expectativas. (ROSENFELD, 1976, p. 82).

Neste sentido, resgatando o sertão, epicentro conceitual do estudo topoanalítico proposto, chegamos a esta necessidade de dar a este conceito a abertura interpretativa que ele necessita, frente ao cenário geográfico de organização, ordenação, planejamento e dureza em relação a espacialidade, a grafia, o texto e o contexto sertanejo extrapolam estas barreiras.

Buscar o contexto, as entrelinhas e infiltrações fenomênicas nos fatos é frenar o tempo, restringir o espaço, aguçar o olhar, gesto, palavra e linguagem à ação situada, recorte fático da amplitude fenomênica. Este exercício é proposto e exposto por Martin Heidegger (2013) como uma espaço-temporalidade de que se deixe acometer pelo cotidiano e suas nuanças, expressando-se em diferentes linguagens [escritas], em múltiplos textos, cada qual com sua contextualidade inextricável:

> Este *demorar-se* junto a... possui sua demora, tem seu tempo, o que a *temporalidade* possui de permanência na cotidianidade, um demorar-se no prolongar-se da temporalidade. Tal demorar-se, numa primeira aproximação e na maioria das vezes, não é um demorar-se contemplativo apenas, mas justamente num modo de entreter-se com algo, num modo de dedicar-se a algo. Certamente, a paragem na rua pode ser um estar parado sem fazer nada, mas ainda assim é algo totalmente distinto em relação à imaginação de alguma coisa chamada homem entre outras coisas chamadas casas ou fileiras de cassas. Contudo, o demorar-se enquanto estar parado por aí sem fazer nada, podemos compreendê-lo apenas em seu aspecto temporal, isto é, em seu dar-se na ocasião, dentro de um demorar-se genérico que é o estar a caminho em direção a algo, um "ocupar-se" num sentido total e particularmente delimitado. (HEIDEGGER, 2013, p. 92).

Este ocupar-se diz respeito à multiplicidade dos posicionamentos do existir no mundo, diferentes contextos, realidades, arranjos espaço-temporais, que possibilitam a manifestação de diferentes expressões desta existência, grafias, escritas e linguagens distintas, nas palavras de Eric Dardel (2011, p. 40) estas são as bases de nossa construção, habitação e cultivo neste mundo: "Igualmente imaginário é o fato de que, nas relações

indicadas por *habitar*, *construir*, *cultivar*, *circular* a Terra é experimentada como *base*".

A espacialidade, se retomarmos aqui o primeiro ponto da fundamentação teórica apresentada, dará a estes posicionamentos, contextos e singularidades a espessura de sua distinção como unicidade de sentido, mesmo que temporário, móvel e incerto, como é o caso da ideia de sertão: "Não somente ponto de apoio espacial e suporte material, mas condição de toda "posição" da existência, de toda ação de assentar e de se estabelecer (*de poser et de reposer*)." (DARDEL, 2011, p. 40). O sertão é, nestes termos, muito mais situação que posição, contexto móvel que cristalização de um quadro da realidade, sua contextualidade pulsa da abstração imaginária do conceito e de suas projeções no espaço.

2.3.3 A Contextura

Para a contextura, como um ponto de chegada epistêmico-metodológico próximo à geopoética de Colllot (2012) e exercício topoanalítico de Heidegger a Bachelard é importante incorporações *feições* da espacialidade no texto, como as representações heterotópticas, as operações de espaçamento, as distribuições espaciais, os espaços de indeterminação, dentre outras articulações possíveis entre a arte literária e os princípios lógicos da Geografia, a partir de uma perspectiva epistêmica ontológico-fenomenológica. A contextura é a resultante metodológica e analítica da própria topoanálise, como destacado por Bachelard (2008):

> A Topoanálise seria então o estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima. Nesse teatro do passado que é a memória, o cenário mantém os personagens em seu papel dominante. Por vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar no tempo; que no próprio passado, quando sai em busca do tempo perdido, quer "suspender" o vôo do tempo. Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. É essa a função do espaço. (BACHELARD, 2008, p. 28)

Em outras palavras, a arte da escrita permite à espacialidade romper com suas limitações e fronteiras, delimitações e preceitos normativos, é uma abertura à significação dos espaços, como se referre Bachelard (2008): "A imagem poética é uma emergência da linguagem, está sempre um pouco acima da linguagem significante. (...) Um grande verso pode ter grande influência sobre a alma de uma língua. Faz despertar imagens apagadas. E ao mesmo tempo sanciona a imprevisibilidade da palavra.". (BACHELARD, 2008, p. 12). E o autor traz também a imprevisibilidade das palavras para sua *geopoética*, as locuções dos sentidos únicos: "Tornar imprevisível a palavra não será um aprendizado da liberdade? (...) a poesia contemporânea pôs a liberdade no próprio corpo da linguagem. A poesia aparece então como um fenômeno da liberdade." (BACHELARD, 2008, p. 12). Seguindo este caminho teórico, Bachelard (2008) posiciona a topoanálise num campo mais psicológico e íntimo de perscrutação da essência na espacialidade:

Já para Borges Filho (2007) a topoanálise está mais próxima das colocações de Gomes (1997), quando o autor se refere a esta metodologia como: "[...] mais do que o "estudo psicológico", pois

abarca também todas as outras abordagens sobre o espaço. Assim, interferências sociológicas, filosóficas, estruturais, etc., fazem parte de uma interpretação do espaço da obra literária." (BORGES, FILHO, 2007, p. 33)[9].

Há um sentido de imbricação da espacialidade com as possibilidades de significação, sentidos da existência da obra-autor, personagem-autor e, no caso específico do presente estudo, com o foco entre a arte literária e os sertões do sertão. Para Relph (1979, p. 6): "[...] os significados originais do mundo-vivido estão constantemente sendo obscurecidos por conceitos científicos e pela adoção de convenções sociais; e apesar de vivermos nele, o mundo-vivido não seria absolutamente óbvio, e os seus significados não se apresentariam por si mesmos, mas deveriam ser descobertos." Há, portanto, elementos de correlação com a arte, e arte literária como um todo de autores como Chaveiro (2014), Dardel (2011), Monteiro (2002), Westphal (2007), Laganá (2018) e outros autores da Geografia que aproximam a perspectiva ontológico-existencial por meio da literatura.

Poderíamos questionar, sobre a contextura dos sertões do sertão, de que maneira o sentido atribuído ao sertão em Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e Euclides da Cunha se mostram a nós, por

[9] Este posicionamento da análise da arte e, especialmente, da literatura também pode ser observado na obra de Evaldo Coutinho (1976, p. 183) quando este coloca que: "Não resta dúvida que unicamente a arte literária teria condições para me favorecer nesse ponto de minha obra; nenhuma outra arte, se porventura eu possuísse os meios exigíveis, me concederia a flexibilidade, a ductilidade com que a literatura, por estear-se na imaginária interna, comunica, ao menos por aproximação, o que o autor pretende desnudar sobre uma intuição de tipo imanente, à maneira desta que envolve a aglutinação do existenciador e do objeto de existência."

suas intencionalidades de expressão literária e ontográfica nesse recorte específico? E Relph (1979, p. 7) ainda esclarece que: “Há comumente estruturas ou padrões experienciados nessas relações, e é uma dessas estruturas que constitui o ‘mundo vivido geográfico’.” E o mesmo autor ainda reforça tal posicionamento, próximo de considerações Husserl, Merleau-Ponty e Heidegger quando disto que: “Isto é, em seu sentido mais simples, o mundo experienciado como cenário tanto o natural como o construído pelo homem, e como ambiente que provê sustento e uma moldura para a existência.” Em Bachelard (2008) observa-se essa correlação espacial-existencial nas maneiras como a existência e suas experiencias são e estão em íntima relação ôntico-ontológica:

> Do nosso ponto de vista, do ponto de vista do fenomenólogo que vive das origens, a metafísica consciente que se situa no momento em que o ser é "jogado no mundo", é uma metafísica de segunda categoria. Ela passa superficialmente pelas preliminares onde o ser é o bem-estar, onde o ser humano é colocado num bem-estar associado primitivamente ao ser. Para ilustrar a metafísica da consciência, será preciso esperar as experiências em que o ser é atirado fora, isto é, no estilo de imagem que estudávamos: posto na porta, fora do ser da casa, circunstância em que se acumulam a hostilidade dos homens e a hostilidade do universo. Mas uma metafísica completa, que englobe a consciência e o inconsciente, deve deixar no interior o privilégio de seus valores. No interior do ser, no ser interior, um calor acolhe o ser, envolve o ser. O ser reina numa espécie de paraíso terrestre da matéria, fundido na doçura de uma matéria adequada. Parece que, nesse paraíso material, o ser mergulha na fartura, é cumulado de todos os bens essenciais. (BACHELARD, 2008, p. 27).

A contextura será a junção e entrelaçamento entre, texto, contexto e a espessura ôntico-ontológica na constituição analítico-

epistemológica de uma topoanálise. Grafems, escrita, estilo, rastro, significações, camadas dos estados do ser por meio da palavra e linguagem, como suscitado por Derrida (2001) na em sua proposta de expansão do próprio entendimento de escrita, escritura e grafias da própria existência pela ideia de texto e palavra:

> Seja na ordem do discurso falado, seja na ordem do discurso escrito, nenhum elemento pode funcionar como signo sem remeter a um outro elemento, o qual ele próprio, não está simplesmente presente. Esse encadeamento faz com que cada "elemento" – fonema ou grafema – constitua-se a partir do rastro, que existe nele, dos outros elementos da cadeia ou do sistema. (DERRIDA, 2001, p. 32).

Em encontro às posições do autor francês que corroboram para a construção epistêmico-analítica da contextura, encontramos as colocações de Adélia Prado (2008) em seu texto *O Poder Humanizador da Poesia* quando defende que:

> Não é a coisa, mas como ela se mostra através da mão do criador. É isso o que nós chamamos forma. Não é o que está se mostrando, mas como se mostra. Se não fosse assim, guerras, execuções, moribundos, enchentes, todo tipo de catástrofe não poderia ser retratado pelo artista, porque não é coisa bonita, não é coisa que pode aparecer no salão. No entanto, a obra, a arte fala de absolutamente tudo. Porque qualquer coisa é a casa da poesia. Ela não escolhe tema nem enredo nem assunto, ela pousa onde lhe apraz. E é esse o momento que é apreendido pelo poeta, pelo cineasta, enfim, pelo homem criador. (PRADO, 2008, p. s/n).

As intencionalidades das emoções, sentimentos, experiências, ocasiões, cotidianos, práticas, saberes, fazeres e questões de relações de poder, elementos econômicos, culturais e sociais fazem parte da

criação poética, e arte literária: “Agora, nós podemos perguntar: por que isso, por que esse fenômeno nos humaniza? Por que é que a arte nos humaniza?” E continua a autora e poetisa que: “Porque mostra não a aparência – que já está na natureza, a coisa já está aí para nós –, mas nos induz, por causa da emoção que ela nos causa, nos induz à intimidade, à alma das coisas, à nossa própria intimidade.” (PRADO, 2008, p. s/n). Por fim, percebemos a relação entre o texto, o contexto e o próprio estilo dos autores e suas obras, personagens, elementos narrativos, espaciais, como verificado na relação entre os sertões do sertão e a arte literária:

> A obra é um espelho. Ela faz com que eu me reconheça nela, naquilo que eu estou vendo. Se você, diante de um livro, de uma pintura, de um poema, diz: meu Deus, mas como esse autor pôde tocar nisso! Eu achava que só eu sentia isso, só eu sabia disso. Aí é que está o nosso equívoco. E aí mora a universalidade da obra verdadeira. Qualquer obra, feita na China, no Japão, no Canadá, no Brasil, qualquer obra verdadeira tem o dom de espelhar a humanidade, aquilo que nos é comum, e nada é mais comum em nós do que nosso desejo e do que nossos afetos: queremos ser felizes, e temos medo, temos compaixão, temos ódio, temos ira, temos bondade, todas as más e boas paixões que nos habitam – e é esse material que faz a obra de arte. Ela não é um pensamento filosófico, não. Ela expressa aquilo que nós sentimos, aquilo que é humano. E só por isso ela me alimenta, porque dá significação e sentido na minha vida. Isso é muito interessante, porque nós todos parecemos de uma angústia, uma angústia imensa – a criancinha pequena já padece desta angústia, uma das primeiras angústias humanas – que é a angústia do tempo, da finitude. Nós começamos e acabamos. Somos finitos, nós passamos. E a obra de arte não sofre esse desgaste. Ela está fora do tempo. (PRADO, 2008, p. s/n).

Esta (in)finitude da criatividade e traço do autor na obra, que compõem a contextura sintetizam os rastros da *grafia* de seu próprio estilo, modo de representar as paisagens, lugares, temporalidades, narrativas e personagens,

Nas palavras de Derrida (2001) são os rastros, as marcas do autor em sua obra, a unicidade de seu próprio ser-aí em relação com o ser-aí personagem e seus estares do ser, modos de existência na unicidade cronotópica de suas obras: "Nada, nem nos elementos nem no sistema, está jamais, em qualquer lugar, simplesmente presente ou simplesmente ausente. Não existe, em toda parte, a não ser diferenças e rastros de rastros" (DERRIDA, 2001, p. 32).

Da textura e a contextualização chega-se ao entrelaçamento de ambas, dando origem à *contextura*. Este termo traz consigo uma força epistemológica calcada na ideação fenomenológica de *espessura*, elaborada por Merleatu Ponty (1971). Podemos realizar uma ponte entre esta consideração de Merlau-Ponty e Bachelard, na relação entre contextura e a própria cosciencia poética do autor e suas imagens poéticas, uso da palavra e linguagem:

> A consciência poética é tão totalmente absorvida pela imagem que aparece na linguagem, acima da linguagem habitual; ela fala com a imagem poética, uma linguagem tão nova que já não se podem considerar utilmente correlações entre o passado e o presente. Daremos, no decorrer de nossa obra, exemplos de tais rupturas de significação, de sensação, de sentimentalidade, que será preciso convenhamos que a imagem poética existe sob o signo de um ser novo. Esse ser novo é o homem feliz. (BACHELARD, 2008, p. 13).

Assim, temos o que está posto, escrito, grafado e marcado, utilizando para síntese sinonímica o conceito de texto e, do outro lado, o que está no entorno, passando e perpassando, atravessando e margeando tangencialmente, dando o contorno contextual específico, fornecendo os laços e enlaces da especificidade singularizante de um fato posto em evidência, exercício contínuo e necessário do saber frente o mundo. Como primeira exemplificação

da ideia de contextura, vejamos as colocações de Octávio Paz (1982) sobre a linguagem, e suas formas de expressão, como abertura e fechamento, ao mesmo tempo, da apreensão dos sentidos presentes em diferentes *versões* da realidade:

> Todas as nossas versões do real — silogismos, descrições, fórmulas científicas, comentários de ordem prática, etc. — não recriam aquilo que pretendem exprimir. Limitam-se a representá-lo ou descrevê-lo. Se vemos uma cadeira, por exemplo, percebemos instantaneamente sua cor, sua forma, os materiais com que foi construída, etc. A apreensão de todas essas características dispersas não é obstáculo para que, no mesmo ato, nos seja dado o significado da cadeira: o de ser um móvel, um utensílio. Mas, se queremos descrever nossa percepção da cadeira, teremos de ir aos poucos e por partes: primeiro sua forma, depois sua cor, e assim sucessivamente até chegar ao significado. No curso do processo descritivo foi se perdendo pouco a pouco a totalidade do objeto. A princípio a cadeira foi apenas forma, mais tarde uma certa espécie de madeira, e finalmente puro significado abstrato: a cadeira é um objeto que serve para sentar. No poema a cadeira é uma presença instantânea e total, que fere de um golpe a nossa atenção. O poeta não descreve a cadeira: coloca-a diante de nós. (PAZ, 1982, p. 132).

E, novamente, encontramos nestas *versões do real* a necessidade de um demorar-se, fazendo dando ao tempo sua possibilidade de manifestação no espaço nas formas que permeiam a realidade, destrinchada em inúmeras locuções frasais, unidades gráficas e formas de linguagem: “Quanto ao essencial, uma evidência impôs-se a nós, evidência esta que a adivinhação agostiniana antecipava: as palavras que dizem o tempo ou que tentam fazê-lo, e que sabemos muito bem o que significam – nós as empregaríamos não isto? –, não falam dele, mas *de coisas*, e, se formos analisá-las, do espaço.” (BOUTANG, 2000, p. 24-25).

A espessura das coisas, este é o ponto de maior complexidade, profundidade e estranhamento para uma rotina metodológica pautada na topoanálise, porque deve se pautar no ir além do que está diante, a espessura do texto e contexto, singularizando uma porção do real, excepcionalizando como algo único:

> Vejo, sinto e é certo que, para me dar conta do que seja ver e sentir, devo parar de acompanhar o ver e o sentir no visível e no sensível onde se lançam, circunscrevendo, aquém deles mesmos, um domínio que não ocupam e a partir do qual se tornam compreensíveis segundo seu sentido e sua essência. Compreendê-los é surpreendê-los, pois a visão ingênua me ocupa inteiramente, pois a atenção na visão, que se acrescenta a ela, retira alguma coisa desse dom total, sobretudo, porque compreender é traduzir em significações disponíveis um sentido inicialmente cativo na coisa e no mundo. Mas essa tradução visa a apresentar o texto, ou antes, o visível e a explicitação filosófica do visível não estão lado alado como dois conjuntos de signos, como um texto e sua versão noutra língua. Se fosse um texto, seria um estranho texto, dado diretamente a todos, de sorte que não estamos reduzidos à tradução do filósofo, pois podemos confrontá-lo com ele; de seu lado, a filosofia é mais e menos do que tradução; mais, porque só ela nos diz o que quer dizer, menos, porque é inutilizável se não dispusermos do texto. O filósofo, portanto, somente suspende a visão bruta para transpô-la para a ordem do expresso, ela permanece seu modelo ou sua medida, é sobre ela que deve abrir-se a rede de significações que ela organiza para reconquistá-la. (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 44-45).

A contextura está relacionada, portanto, à captação do sentido excepcional presente em cada detalhamento da trivialidade que nos cerca, de uma mesa ao farfalhar de folhas secas, da pressa da multidão a atravessar uma via superlotada ao vazio silencioso de um átrio em meio à selva obscura. Esta epifania do trivial, cotidiano, do que está próximo a nós por ser percebido é destacado por Ortega y Gasset (1966):

> Mil cosas pasan en nuestro derredor que no acertamos a explicar: nos envuelve lo desconocido. Podrá la agitación y el ruido de la vida cotidiana acallar esas voces indistintas que nos llegan no se sabe de dónde, porque en esa existencia atropellada y resonante hasta nos olvidamos 'de nosotros mismos y no oímos nuestras más íntimas ideaciones; pero en cuanto nos quedamos solos se erguirá a nuestro lado el «misterio», como un compañero sombrío, mudo, que ignoramos de dónde viene y hace camino con nosotros. Aunque cultivemos el escepticismo más perfecto, aunque empapemos los sentidos en todos los placeres, aunque cerremos a fuerza de razonamiento las ventanas de nuestro interior, el «misterio» nos acosará, nos atormentará, murmurará en derredor como un enjambre de abejas invisibles, y en el paroxismo del sufrimiento o del gocé notaremos una llamada, una sugestión que nos da una noticia, que nos recuerda, que nos previene que va a pasar algo. (ORTEGA Y GASSET, 1966, p. 29).

E Merleau-Ponty (1971, p. 132) pode ser trazido novamente como complementação as ideias do pensador espanhol quando afirma: “Compreende-se então por que, ao mesmo tempo, vemos as próprias coisas no lugar em que estão o ser-percebido, e estamos afastados delas por toda a espessura do olhar e do corpo: é que essa distância não é o contrário dessa proximidade, mas está profundamente de acordo com ela, é sinônima dela.” Não é por acaso que o cotidiano e a facticidade são, normalmente, um dos pontos iniciais ou limites da presença, percepção, observação e análise do cotidiano na composição da contextura:

> O cotidiano não se deixa apanhar, pertence à insignificância, e o insignificante é sem verdade, sem realidade, sem segredo, mas é talvez também o lugar de toda significação possível. O cotidiano escapa. É nisso que ele é estranho, o familiar que se descobre (mas já se dissipa) sob a espécie do extraordinário. (BLANCHOT, 2007, p. 237).

E, aqui, temos a espessura propriamente dita, a pulsação do singular e único em algo, objeto, evento ou percepção, o fenômeno como manifestação em um fato, o todo eclodido numa parte: “É que a espessura da carne entre o vidente e a coisa é constitutiva de sua visibilidade para ela, como de sua corporeidade para ele; não é um obstáculo entre amos, mas o meio de se comunicarem.” É preciso sair do imediato, do visível, e partirmos para o invisível[10]: “Pelo mesmo motivo, estou no âmago do visível e dele me afasto: é que ele é espesso, e, por isso, naturalmente destinado a ser visto por um corpo”.

A contextura é, por fim, a excepcionalidade de um ente na miríade de outros objetos e acontecimentos nas quais está inserido. É possível, a título ilustrativo, trazer para exemplificação enunciados poéticos para a o entendimento da contextura, passo último da metodologia topoanalítica, não que não haja tentativas de fazê-lo pelas vias duras da normatização filosófica ou científica, como é possível atestar no exemplo da *mesa* de Martin Heidegger (2013) ou do *abacaxi* de Umberto Eco (1984), fenomenologias do objeto plausíveis, apesar de afastadas da emanação poética do verso ou prosa, como defendido por Bornheim (1972) e Coutinho (1976). Tais

[10] Derrida em seu ensaio *A Voz e o Fenômeno* (1994), Thais Beanini em *À escuta do silêncio* (1981) e Jean-Luc Nancy no estudo *A La Esucha* (2015) tratam desta *espessura*, da *carne* referida por Merleau-Ponty por meio do silêncio e quietude do ser, na afonia inerente à essência, que somente é rodeada pela linguagem em suas investidas de aproximação ao fenômeno, tateando-o sem nunca dominá-lo. Esta presença da ausência pelo silêncio recorrentemente encontrada nas obras escolhidas para a aplicação da topoanálise neste estudo, como momentos de contemplação do real, sem dizê-lo, apenas sentindo-o por meio das narrativas dos personagens das obras.

exemplos podem ser observados, como síntese do comentário Gullar (2004) quando diz que:

> O homem está na cidade como uma coisa está em outra e a cidade está no homem que está em outra cidade mas variados são os modos como uma coisa está em outra coisa: o homem, por exemplo, não está na cidade como uma árvore está em qualquer outra nem como uma árvore está em qualquer uma de suas folhas (mesmo rolando longe dela) O homem não está na cidade como uma árvore está num livro quando um vento ali a folheia [...] a cidade está no homem mas não da mesma maneira que uma pássaro está numa árvore não da mesma maneira que uma pássaro (a imagem dele) está na água e nem da mesma maneira que o susto do pássaro está no pássaro que eu escrevo a cidade está no homem quase como a árvore voa no pássaro que a deixa O homem está na cidade como uma coisa... (GULLAR, 2004, p. 147-149).

Epifanias do objeto, expressões da contextura da realidade como fenômeno máximo de desafio para nossas expressões em diferentes linguagens, podem ser encontrada, desta maneira, nas *Odes Elementares* de Pablo Neruda, num amplo esmero sobre nosso cotidiano, a reflexão d'*O Ovo* de Clarice Lispector, singular ensaio fenomenológico, o poema sobre a pequenez do nosso mundo de Manoel de Barros, a epopeia existencial presenciada em *Tabacaria* e *Nosso Tempo* de Fernando Pessoa e Carlos Drummond de Andrade, respectivamente, *O Corvo* de Edgar Allan Poe, o *El Mar* de Nicanor Parra e *Cão sem plumas* de João Cabral de Melo Neto, a cebola vista pela arte de Rubem Alves ou *O livro das imagens* de Rainer Maria Rilke, e o dado indecifrável de Mallarmé, imagens poéticas como diria Bachelard em seus quatro elementos.

Os exemplos se proliferam, a epifania da escala mínima eclode prosaica e poeticamente, e o inalcançável da contextura da

realidade como fenômeno em movimento se manifesta frente às nossas tentativas de abarcá-la num conto, verso ou texto, semeaduras profícuas para diferentes incursões da topoanálise. Imagens poéticas, repartições e expressão da emanação do sentido da existência por meio da arte literária, o além do próprio ser humano que são possíveis pela linguagem e palavra:

> Acolhendo todos os documentos da fantasia e dos devaneios que gostam de jogar com as palavras, com as impressões mais efêmeras, confessamos uma vez mais uma vontade de permanecer superficiais. Exploramos apenas a camada mais fina das imagens nascentes. Sem dúvida, a imagem mais frágil, mais inconsistente pode revelar vibrações profundas. Mas seriam precisas indagações em outro estilo para separar a metafísica de todos os "além" de nossa vida sensível. Em particular, para dizer como o silêncio trabalha simultaneamente o tempo do homem, a palavra do homem, o ser do homem, seria preciso um livro grande. Esse livro, aliás, já está escrito. Leiam de Max Picard: O Mundo do Silêncio. (BACHELARD, 2008, p. 186-187).

Tal ideia de imagem poética, como um dos pontos máximos da presença da marca, traço, estilo e relação íntima entre autor e obra, personagem e espaço-temporalidade, pelas narrativas, textos e contextos são encontradas em autores do pensamento geográfico e estudos literários como Pinheiro Neto (2017; 2020). Laganá (2018), Alves (2020), Silva (2021) e Suzuki (2017) tal como sintetizado por Collot (2011):

> Para Michel Collot (2011), esta evolução das práticas e formas da escrita atesta a favor de uma melhor integração da dimensão espacial nos estudos literários em três níveis distintos, porém complementares: aquele de uma *geografia literária*, que estudaria o contexto espacial no qual as obras são produzidas, que se situaria no plano geográfico, histórico, social e cultural; aquele de uma *geocrítica* (*géocritique*), que

> estudaria as representações do espaço no interior do texto, se situando mais sobre o plano do imaginário e da temática; e ainda aquele da *geopoética* (*géopoétique*), que estudaria a relação entre o espaço e as formas e gêneros literários, que poderia levar a uma teoria da criação literária (COLLOT, 2011, p. 8).

Entende-se por topoanálise o espaço como texto, e a expressão da espacialidade na linguagem textual, ambas as noções se completam. Para Gomes (1997): “A análise geográfica deve examinar o espaço como um texto, onde as formas são portadoras de significados e sentidos, isto é, o arranjo espacial das coisas é uma linguagem.” (GOMES, 1997, p. 25). E autores como Borges Filho (2007), Marinho (2016) e Castro) trazem a vertente das expressões espaciais nos textos literários, como potencialidade (topo)analítica.

Há, portanto, três grandes entendimentos sobre a natureza da topoanálise, a de espaço como textualidade, a de analítica existencial da espacialidade e, por fim, a de uma análise das espessuras espaciais na linguagem literária. Devido à esta diversidade da expressão topoanalítica pelos sertões do sertão de Guimarães Rosa, Euclides da Cunha e Graciliano Ramos é que haverá, quando necessária for, a consulta a outras formas de expressão das narrativas, topografias e espacialidades, como poesias, canções, obras fílmicas etc. de modo a incrementar e melhor aguçar o conceito de sertão que será topoanalisado nas obras sugeridas anteriormente.

CAPÍTULO 3

Topoanálises dos sertões em Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e Euclides Da Cunha

3.1 Topoanálise de Os Sertões

Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha, nasceu em Cantagalo, em 1866, e faleceu em 1909 no Rio de Janeiro. Foi miliar do exército, obtendo formação em ciências aturais, matemática e engenharia, também tendo atuações profissionais e acadêmicas como naturalista e professor. Consolidou-se como escritor do Jornal O Estado de São Paulo, a partir de 1897, quando foi convidado a ser correspondente do conflito de Canudos, no sertão baiano.

A partir de sua viagem à Bahia, escreve o livro *Os Sertões* (originalmente chamado *Os Sertões: Campanha de Canudos*), em 1902. A obra foi escrita em São José de Rio Pardo, após a campanha de correspondência do conflito entre as tropas republicanas e os jagunços liderados por Antonio Conselheiro. O livro narra os conflitos existentes no período em que houve o acampamento e surgimento do povoado de Canudos, com o autor fazendo uso de três partes distintas e complementares: A Terra, O Homem e A Luta, em que é possível se observar e estudar as diferentes fases e momentos do

pensamento, escrita e aspectos da arte literária de Euclides da Cunha.

O tom narrativo da obra é, até os dias atuais, um desafio de sua localização na literatura nacional, tendo uma ampla abertura interdisciplinar e de estilos de escrita. Os Sertões euclidianos foram, e ainda são, amplamente estudados especialmente na conjuntura de outras obras do autor, como *Contrastes e Confrontos*, de 1907, e a obra póstuma *À Margem da História*, de 1909.

Ao menos três obras, especificamente, nos oferecem em algum momento uma abertura específica à uma topoanálise d'Os Sertões de Euclides da Cunha: *Sertão, sertões: repensando contradições, reconstruindo veredas* com alguns trabalhos organizados por Joana Barros, Gustavo Prieto e Caio Marinho (2019), o artigo *A ontologia discursiva* de *Os sertões* de Leopoldo Bernucci (1998) e *Terra ignota: a construção de Os Sertões*, de Luiz Costa Lima, um dos trabalhos críticos mais completos da obra principalde Euclides da Cunha (1997).

Somam-se a estes autores olhares e perspectivas tanto literárias como geográficas de autores que vão de Antonio Cândido (2004) e Walnice Galvão (2018) a Aziz Nacib Ab'Sáber (1999) e Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (2002). Outros autores e obras somam-se a proposição topoanalítica apresentada, permeando as ideias, conceitos, categorias e composições interdisciplinares anteriormente apresentadas a partir do encontro entre ontologia fenomenológica, a ciência geográfica e e a arte literária por entre os lugares e paisagens do sertão euclidiano.

3.1.1 Topografias

Uma das principais características da obra Os Sertões de Euclides da Cunha é de sua precisão topográfica, no sentido de demarcação territorial na qual se passa os acontecimentos relatados pelo autor. A localização do assentamento de Canudos é precisa, nas descrições d'Os Sertões, com amplo uso de recursos geológicos e geomorfológicos pelo autor, explorando sua formação em engenharia nesse processo descritivo.

Geograficamente o sertão de Euclides da Cunha localiza-se entre o extremo norte do estado da Bahia, próximo à divisa com Pernambuco e sul do estado do Ceará. Atualmente esta região compreende o que foi definido como o polígono das secas (Ab' Sáber 1988; 1989; 1999). Esta localização do recorte territorial sertanejo será fundamental tanto para as características geoliterárias d'Os Sertões como, também, para sua influência e diferenciação diante de outros autores e obras que tratam da ideia e empiria sertão, como identidade ou diferença.

Este sertão nordestino, semiárido foi o que mais alcançou uma configuração de protagonismo simbólico no imaginário cultural, educacional e histórico no Brasil. O sertão retratado por Euclides da Cunha é o que se ensina nas escolas como representação geográfica do território sertanejo. Por mais que haja conceituações e problematizações consolidadas sobre a amplitude geográfico-histórica do sertão em sua topografia no território nacional brasileiro, há o relevo do nordeste no direcionamento do pensar, projetivamente, o que é o sertão.

A tradição cultural e literária que influencia a escrita de Euclides da Cunha sobre os sertões nordestinos torna-se a culminância de um caminho anteriormente elaborado por nomes como Visconde de Taunay (1928), Coelho Neto (1921), José de Alencar (1955) e, também os relatos de viagem dos períodos colonial e imperial do Brasil. A caatinga da porção central do nordeste brasileiro recebeu a atenção especial como síntese do vazio e outro geográfico e conceituado por autores como Moraes (2003), Ab'Sáber (2003), Amado (1995) e Antonio Filho (1999).

O que futuramente se tornaria a visão consolidada do sertão nordestino como a contraposição do projeto de modernização e tecnificação do território brasileiro possui, em grande medida parte de sua origem na obra máxima euclidiana. O ambiental mescla-se ao social-histórico da composição do sertão nordestino como o protagonista da ubiquidade ôntico-ontológica do sertão, na significação do que deveria ser superado na marcha histórica do progresso, efetuado pelo autor, por exemplo em seu *À Margem da História* (CUNHA, 1967).

Para Euclides da Cunha, o Brasil encontrava-se à margem da marcha histórica do desenvolvimento técnico-científico. O sertão nordestino torna-se a representação dos tipos nacionais, como existência e ambiente, a serem transpostos, transformados ou superados a partir de uma perspectiva de projeto estatal de desenvolvimento do território brasileiro, na contraposição de Leste a Oeste na dualidade litoral-interior, como assinala Lambert (1969), por exemplo e é perceptível em algumas passagens d'Os Sertões como: "Os sertões do cerrado eram percebidos e seguem sendo sentidos;

como mundos sem fim para quem viaja neles e entre eles (menos de avião). O mundo do cerrado parece o de um quase mar interior, onde as águas são terras planas entremeadas de morros de ondulações ora suaves e ora mais fortes, entre o verde do “tempo das águas” e as cores amarelo-havana do “tempo da seca”. (CUNHA, 2019, p. 26).

Ao mesmo tempo em que a topografia do sertão nordestino possui essa representatividade histórico-ideológica do engenheiro Euclides da Cunha há, de igual modo, a questão de como as mesmas características impactam a escrita do autor, no esforço de passar à palavra de sua narrativa a riqueza, diversidade e uni-diversidade daquele ambiente em que está no momento.

Como apontado principalmente por Ab’Sáber (1999) a precisão geomorfológica e, a seu tempo, geológica, faz com que Os Sertões seja uma obra única na literatura brasileira. O fator ambiental presente nas descrições de Euclides da Cunha contribuiu para moldar toda uma rica trilha análises envolvendo aspectos geográficos e literários com alcances que vão de olhares e perspectivas geomorfológicas, didático-pedagógicas, artísticas, históricas e sociológicas (CITELLI, 2000; DUARTE, 2019).

Lima (1997) aproxima-se das preocupações ôntico-ontológicas anteriormente enunciadas sobre a tríade Geografia, Literatura e Fenomenologia, a partir da obra de Euclides da Cunha. A aderência do empírico semiárido nordestino abarca, em grande medida, a linguagem e narrativa euclidiana, e contribuem para a construção do simbólico cultural e histórico em ressonâncias sentidas e

observadas ao longo das décadas desse engendramento do imaginário sertanejo (MURARI, 2007; CARDOSO; ARAÚO, 2012).

A ultrapassagem da significação do sertão nordestino como conteúdo à forma, ou formas, da escrita, será um traço observável, e constatável, ao longo d'Os Sertões. Imagens e gravuras, representadas como ilustrações literárias na escrita euclidiana, podem ser compreendidas como imagens poéticas, representação gráfica, exposição linguística e narrativa imersiva do autor são entrecruzados em um modelo único de trabalho ao longo d'Os Sertões euclidianos.

A facticidade do sertão nordestino, portanto, será marcante para o traço linguístico e geoliterário d'Os Sertões. No (des)encontro do autor com o ser social da realidade natural, histórica e socioespacial dos conflitos de Canudos é que se conforma unicidade de sua obra. Como será observado mais adiante, a superação ontológica frente ao encobrimento ôntico será uma das características de definição narrativa, con-textual e da tessitura linguística de Euclides da Cunha, como reitera Galvão (2009):

> Como se sabe, o esquema de montagem do livro obedece aos ditames analíticos de raça, meio e momento, tomados como determinantes dos eventos históricos. Concorrem para essa linha, extrapolados das ciências naturais e exatas para os fatos sociais, o evolucionismo spenceriano, o darwinismo racial e o positivismo de Comte e de Littré. O segundo ponto de vista deriva da concepção dos heróis segundo Carlyle, justificados por este autor enquanto encarnações do espírito divino que levam a história avante: o que se acomoda mal com o ideário positivista, anticlerical e até antirreligioso de Euclides. Sua indagação fundamental é esta: porque existiria esse tipo de fenômeno, num país que acabara de dar dois gigantescos passos na direção do progresso, emancipando os escravos e derrubando a monarquia? Este foi o primeiro

> grande livro a trazer para a linha de frente do pensamento nacional a indagação das razões do atraso do interior do país e deste país com relação a outros. (GALVÃO, 2009, p. 424).

Estas características levantadas pela autora podem ser observadas, e constatadas, ao longo do livro, ou seja, um conjunto entrelaçado de aspectos literários que conformam, pela topografia do semiárido, a questão de Rezende (2001, p. 202): “No transcorrer do séc. XX foi travado um amplo debate sobre qual seria o caráter da obra Os sertões. Sociológico? Literário? Antropológico? Histórico-geográfico? Tudo isso ao mesmo tempo?” Pelo topográfico chega-se ao existencial, à tessitura con-textual da singularidade, que também é ontológica, d’Os Sertões, tal como indaga-se o próprio autor quando questiona sobre a relação ambiental, social e de presença do sertão como grande interior territorial, especialmente se hoje pensarmos nas atuais regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste:

> Os sertões do Norte, vimo-lo anteriormente, refletem, por sua vez, novos regímens, novas exigências biológicas. Ali a mesma intercadência de quadras remansadas e dolorosas se espelha mais duramente talvez, sob outras formas. Ora, se considerarmos que estes vários aspectos climáticos não exprimem casos excepcionais, mas aparecem todos, desde as tormentas do Mato Grosso aos ciclos das secas do Norte, com a feição periódica imanente às leis naturais invioláveis, conviremos em que há no nosso meio físico variabilidade completa. Daí os erros em que incidem os que generalizam, estudando a nossa fisiologia própria, a ação exclusiva de um clima tropical. Esta exercita-se, sem dúvida, originando patologia sui generis, em quase toda a faixa marítima do Norte e em grande parte dos Estados que lhe correspondem, até ao Mato Grosso. O calor úmido das paragens amazonenses, por ex., deprime e exaure. Modela organizações tolhiças em que toda a atividade cede ao permanente desequilíbrio entre as energias impulsivas das

> funções periféricas fortemente excitadas e a apatia das funções centrais: inteligências marasmáticas, adormidas sob o explodir das paixões; enervações periclitantes, em que pese à acuidade dos sentidos, e mal reparadas ou refeitas pelo sangue empobrecido nas hematoses incompletas... Daí todas as idiossincrasias de uma fisiologia excepcional: o pulmão que se reduz, pela deficiência da função e é substituído, na eliminação obrigatória do carbono, pelo fígado, sobre o qual desce pesadamente a sobrecarga da vida: organizações combalidas pela alternativa persistente de exaltações impulsivas e apatias enervadoras, sem a vibratilidade, sem o tonus muscular enérgico dos temperamentos robustos e sangüíneos. A seleção natural, em tal meio, opera-se à custa de compromissos graves com as funções centrais, do cérebro, numa progressão inversa prejudicialíssima entre o desenvolvimento intelectual e o físico, firmando inexoravelmente a vitória das expansões instintivas e visando o ideal de uma adaptação que tem, como conseqüências únicas, a máxima energia orgânica, a mínima fortaleza moral. A aclimação traduz uma evolução regressiva. O tipo deperece num esvaecimento contínuo, que se lhe transmite à descendência até a extinção total. Como o inglês nas Barbadas, na Tasmânia ou na Austrália, o português no Amazonas, se foge ao cruzamento, no fim de poucas gerações tem alterados os caracteres físicos e morais de uma maneira profunda, desde a tez, que se acobreia pelos sóis e pela eliminação incompleta do carbono, ao temperamento, que se debilita despido das qualidades primitivas. A raça inferior, o selvagem bronco, domina-o; aliado ao meio vence-o, esmaga-o, anula-o na concorrência formidável ao impaludismo, ao hepatismo, às pirexias esgotantes, às canículas abrasadoras, e aos alagadiços maleitosos. (CUNHA, 2018, p. 86-87).

O ubíquo do sertão como interior territorial emana com força e protagonismo na escrita do autor. Lembremos que as reflexões euclidianas formam parte da base teórica, literária, ideológica e cultural da presença dos sertões em sua configuração com o interior territorial mais restrito a atual região nordeste. O argumento ôntico-ontológico em Os Sertões inicia-se na espacialidade do sertão que vira mundo a partir do relato de Euclides da Cunha.

É a visão do autor que é-nos oferecida como a imersão à geograficidade sertaneja, para que então seja alcançado, nas três partes de sua obra magna, o mundo-sertão por seus e em seus diferentes e possíveis sentidos e apreensão, emoções, percepções e, principalmente, descrições euclidianas.

Como será observado posteriormente, é esta base espacial, topo-gráfica, que fornecerá as camadas do texto, contexto e, principalmente, contextura da atenção e intenção de Euclides da Cunha em relação ao sertão nordestino. Os lugares e paisagens mesclam-se, como Em-Si sartreano ou facticidade heideggeriana, em direta correspondência, ao Para-Si e Dasein Euclides da Cunha, tornando mundo a espacialidade-sertão que nos apresenta ao longo de sua obra.

3.1.2 Narrativas

Em relação a narrativa d'Os Sertões de Euclides da Cunha uma complexidade a acompanha: trata-se de uma obra literária de fato? E se sim, com enquadrar o papel do narrador como ponto de partida ou referencial para o andamento da história que acompanhamos nas três partes da obra? Estes questionamentos foram realizados por alguns dos maiores especialistas na obra euclidiana e trabalhos de referência sobre a mesma como *Terra Ignota* de Luiz Costa Lima (1997), de Galvão (2018) e *A Tapeçaria linguística d'Os Sertões e outros estudos* de Nereu Corrêa (1978).

Também é preciso frisar as contribuições de nomes da crítica literária brasileira que fizeram trabalhos e ensaios de exploração dos sertões na obra de Euclides da Cunha como Antonio Cândido (2004)

e demais críticos literários e estudiosos dos sertões brasileiros. A respeito da relação entre a ontologia fenomenológica a partir das obras de Heidegger (2008), Sartre (2008) e Merleau-Ponty (2011) é preciso que façamos uma focalização posicional do ser situado na obra euclidiana. Por possuir características quase únicas em toda a historiografia literária do país o próprio autor remete a si mesmo ora como personagem, observador, descritor ou, principalmente narrador dos fatos e fenômenos que apresenta, representa, vivencia, sente, percebe ou imagina como o ser-aí heideggeriano ou o Para-si de Sartre.

Essa posição do narrador n'Os Sertões também é reforçada por Galvão (2016; 2018) tal como trabalhado por Ventura (1998) quando diz que: "Ao escrever sobre Canudos e a Amazônia, Euclides adotou o ponto de vista do viajante em movimento, que dá expressão artística ou científica da paisagem." (VENTURA, 1998, p. 66) e ainda completa o autor quando reflete: "Euclides adotou, em *Os sertões*, publicado cinco anos após o término do conflito, uma concepção naturalista, baseada no historiador francês Hippolyte Taine, que lhe forneceu a base científica, ou o pretexto, para buscar correspondências poéticas entre os fatos narrados e a paisagem à sua volta." (VENTURA, 1998, p. 67).

A posição narrativa de Euclides da Cunha soma-se, também, tanto ôntica como ontologicamente na correlação entre o viajante e o turista quando no primeiro caso haveria a imersão ontológica enquanto, na segunda, haveria à limitação da experiência narrativa ou do relato à facticidade (ALMEIDA, 2021; BERQUE, 1998). Em outros termos a visualidade, vivência, experiência e a forma do relato do

autor fará a diferença na elaboração de seu texto entre a técnica, arte, ciência e literatura.

Na imersão euclidiana sobre o território brasileiro encontramos, até mesmo, a nuance de diferenciação entre o viajante e o turista Euclides da Cunha, a partir do que diferencia Baleiro, Quintero e Santos (2016) na organização de diferentes ensaios sobre o tema. Ao longo de sua carreira como escritor, jornalista e, também engenheiro Cunha efetuou ora o papel de turista ora de viajante, no primeiro caso tanto nos interiores territoriais brasileiros como suas viagens internacionais e, no segundo, caso, a força do seu relato tomava criativas formas de expressão ao longo dos anos.

As habilidades de escritor e configuração do estilo próprio de expressão de sua linguagem estabelece Euclides da Cunha e um patamar quase único de referência às suas obras. A precisão dos detalhes, a influência do olhar científico e analítico, os torneios fraseológicos, a forma como há tanto uma preocupação identitária do lugar como as diferentes paisagens. Paisagens estas que se mesclavam à própria escrita, tal como defende Joaquim Nabuco (1978), ao mencionar que o autor escrevia tal como um cipó de palavras, rimas e construções literárias:

> N'*Os Sertões* as ideias, a forma, o desenvolvimento da narrativa, o "tônus" dramático que a percorre em crescendo até a última página, tudo se liga e se articula em perfeita harmonia com as linhas arquitetônicas do conjunto. Se desordem existe, é apenas aparente. No fundo há uma unidade perfeita ligando aquela massa formidável de elementos mobilizados pelos escritos. (NABUCO, 1978, p. 5).

Se voltarmos aos fundamentos anteriores sobre a facticidade e a relação ôntico-ontológica encontraremos um traço muito

específico da narrativa euclidiana de tentar, ao máximo, conter na palavra o visto, sentido, percebido e vivido. A essência da facticidade e do Em-si mundano estão ao longo das obras sertanejas amazônicas e semi-áridas de Euclides da Cunha. O supraestrutural e o diferencial fático-geográfico avolumam-se, superam o texto e a linguagem, tal como trabalhado no segundo capítulo deste estudo.

A fraseologia tão marcante do estilo narrativo euclidiano é mais do que sua estilística literária, ou geoliterária e geopoética, também fazendo parte do que Collot (2013) e Alves (2020) mencionam como um alinhamento quase originário entre o habitar o mundo e tentar captá-lo pela linguagem, em poesia ou prosa. N'Os Sertões. O ser-aí, Dasein geoliterário é formado pelos próprios atos intencionais e atencionais euclidianos em sua obra magna.

A percepção, imaginação e, especial e enfaticamente, linguagem euclidiana é-nos apresentada como o meio pelo qual o sentido transbordado do mundo-sertão e Outro-sertanejo se fazem mundo e Outro, por entre lugares e paisagens (re)contadas com um afinco pouco observado até então nos próprios relatos de viagem, seja os de Taunay (1928) ou de Agassiz e Agassiz (2010), algumas dezenas de anos antes da publicação d'Os Sertões.

É esse mundo euclidiano, pelo vivido e sentido do autor que trilhamos por suas rimas prosaicas, no que pese, é claro, o contexto do seu tempo, o que viria a fazer parte do imaginário identitário ou partes da face do sentido atribuídas àquele Outro-lugar e paisagem-Outra, de difícil e complexa aderência ontológica à sua secular facticidade, já permeada por construções discursivas, socioespaciais, políticas e econômicas que, de certa forma, possuem na Guerra de

Canudos uma epítome do que, ainda é, uma síntese das contradições do ser social brasileiro por entre suas fronteiras territoriais e síntese do sertão estando em todos os lugares e epicentro da identidade dos jagunços observados e descritos por Euclides da Cunha:

> Canudos, assim circunvalado quase todo pelo Vaza-Barris, embatia ao sul contra as vertentes da Favela e dominado no ocidente pelas lombas mais altas de flancos em escarpa em que se comprimia aquele nas enchentes, desatava-se para o levante segundo o expandir dos plainos ondulados. As montanhas longínquas fechavam-se em roda, formando, quase contínua, uma elipse de eixos dilatados. Feito postigos em baluarte desmedido, abriam-se, estreitas, as gargantas em que passavam os caminhos: o do Uauá, estrangulado entre os pendores fortes do Caipã; o de Jeremoabo, insinuando-se nos desfiladeiros de Cocorobó; o do Cambaio, em aclives, investindo com as vertentes do Calumbi; e o do Rosário. Ora, por estas veredas, prendendo, no se ligarem a outras trilhas, o povoado nascente ao fundo dos sertões do Piauí, Ceará, Pernambuco e Sergipe — chegavam sucessivas caravanas de fiéis. Vinham de todos os pontos, carregando os haveres todos; e, transpostas as últimas voltas do caminho, quando divisavam o campanário humilde da antiga Capela, caíam genuflexos sobre o chão aspérrimo. Estava atingido o termo da romagem. Estavam salvos da pavorosa hecatombe, que vaticinavam as profecias do evangelizador. Pisavam, afinal, a terra da promissão — Canaã sagrada, que o Bom Jesus isolara do resto do mundo por uma cintura de serras... Chegavam, estropiados da jornada longa, mas felizes. Acampavam à gandaia pelo alto dos cômoros. A noite acendiam-se as fogueiras nos pousos dos peregrinos relentados. Uma faixa fulgurante enlaçava o arraial; e, uníssonas, entrecruzavam-se, ressoando nos pousos e nas casas, as vozes da multidão penitente, na melopéia plangente dos benditos. Ao clarear da manhã entregavam-se à azáfama da construção dos casebres. Estes, a princípio apinhando-se próximos à depressão em que se erigia a primitiva igreja, e descendo desnivelados ao viés das encostas breves até o rio, começaram a salpintar, esparsos, o terreno rugado, mais longe. (CUNHA, 2018, p. 176).

O sertão euclidiano mais marcante foi o àquele circunscrito ao território e territorialidades nordestinas. No entanto, os interiores territoriais brasileiros, em sua totalidade, fascinaram Euclides da Cunha, seja os ambientes citados das redações jornalísticas que trabalhara ainda e sua fase mais jovem de cronista como, principalmente, seus emblemáticos relatos de viagem sobre a Guerra de Canudos e incursões da engenharia por entre o bioma amazônico.

> Ali - é seguir, impassível e mudo, estóicamente, no grande isolamento da sua desventura. Além disto, só lhe é lícito punir-se da ambição maldita que o conduziu àqueles lugares para entregá-lo, maniatado e escravo, aos traficantes impunes que o iludem - e êste pecado é o seu próprio castigo, transmudando-lhe a vida numa interminável penitência. O que lhe resta a fazer é desvendá-la e arrancá-la da penumbra das matas, mostrando-a, nuamente, na sua forma apavorante, à humanidade longínqua... Ora, para isso, a Igreja dá-lhe um emissário sinistro: Judas; e um único dia feliz: o sábado prefixo aos mais santos atentados, às balbúrdias confessáveis, à turbulência mística dos eleitos e à divinizaçào da vingança. Mas o mostrengo de palha, trivialíssimo, de todos os lugares e de todos os tempos, não lhe basta à missão complexa e grave. Vem batido demais pelos séculos em fora, tão pisoado, tão decaído e tão apedrejado que se tornou vulgar na sua infinita miséria, monopolizando o ódio universal e apequenando-se, mais e mais, diante de tantos que o malquerem. (CUNHA, 1967, p. 74).

Em Judas Ahsverus, Euclides da Cunha atinge o que diferentes críticos consideram o ápice de sua narrativa. O que fora iniciado n'Os Sertões é ultrapassado em criatividade, profundidade e o que é mencionado por Bosi (1979, 1988) e Candido (1989; 1992; 2002) como uma maturidade ôntico-ontológica da arte literária, a poética em direção a espacialidade caraterística do autor. A facticidade não se torna mais um entrave ao traço linguístico, assim como nas partes

finais dos relatos da luta em Canudos, a invisibilidade do real une-se a visibilidade do mundo vivido, ao modo merleau-pontyano de encontrar-se no *quale* da *grafia* do viver e o vivido, transpostos à palavra do relato.

A narrativa euclidiana favorece o acompanhar de leitura pelo detalhamento entre realidade e ficção. Literária e geograficamente encontramos uma união possível a imersão fenomenológico-perceptiva, de inspiração merleau-pontyana trabalhada por Oliveira (1998; 1999; 2013) em que o aprendizado do território, dos lugares e paisagens fundem-se a experiência literária proporcionada pelo autor.

3.1.3 Espacialidade

A espacialidade como referencial ôntico e ontológica à uma possibilidade de topoanálise é inerente à obra de Euclides da Cunha. Em cartas e documentos avulsos o autor reiteradamente faz menções a importância da facticidade espacial e sua fenomenicidade, ou seja, os sentidos que esta espacialidade possa ter faz com haja uma riqueza única no Brasil e, em todo mundo, a respeito das individualidades e coletividades em sua relação de unicidade para com o espaço.

Esta característica do pensamento e obra do autor nos remete à geograficidades de Dardel (2011) herdeira, ao mesmo tempo, das monografias regionais francesas do início do século XX e, também, em uma aplicação metodológica e geográfica do ser-aí heideggeriano em seu ser-em ou, estares do ser situados na espacialidade. Em outras palavras é possível extrair uma topologia

do ser na obra euclidiana, realizando como foco da leitura, interpretação e questionamento de suas obras o espaço em seu ser e a espacialidade como elemento fático e fenomênico de toda sua composição literária.

É nesse sentido que *O Mapa e a Trama* de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (2002) possui um papel tão fundamental nas aproximações geoliterárias brasileiras, como defendido por Elias (2021, p. 49): "O caminho para a compreensão da paisagem deve ser trilhado para que tenhamos um melhor entendimento do objeto literário como corpus do estudo científico geográfico." Arte literária, ciência geográfica e especificidades da produção de cada autor formam os mapas e tramas referidas por Monteiro (2002) e exploradas por Elias (2021), por entre paisagens e lugares em (des)encontros entre a realidade e a ficção, pela narrativa específica d'Os Sertões: "A leitura do texto literário possibilita apontamentos comprobatórios de elementos da realidade, tratando-se de uma abordagem feita por diversas cátedras e, além da Geografia e da História, também é realizada pela Filosofia." (ELIAS, 2021, p. 49). E ainda completa o autor afirmando que:

> A arte pode estar em um plano acima da simples representação do mundo, nela encontram-se muitos elementos físicos e, quando analisados pelo observador, desvelam mais coisas do que o próprio objeto visto, são características além do visível, passando para uma análise sensitiva e prevalecendo outros sentidos como o olfato, o paladar, a audição... Isso ocorre porque na descrição dos devaneios poéticos pode-se apreender da paisagem algumas funcionalidades que são refletidas pela memória e, mesmo dentro destas idealizações imagéticas, ao observador/pesquisador são conduzidas reflexões sobre a construção das paisagens geográficas comprobatórias da trajetória do homem, da formação e desenvolvimento das

> cidades e das relações sociais que ali ocorrem. (ELIAS, 2021, p. 49)

O consórcio da Ciência e Arte não apenas n'Os Sertões mas em outras obras euclidianas marca portanto o traço da espacialidade fático, ôntico e empírico do próprio autor na construção de suas paisagens poéticas: "As paisagens poéticas estão projetadas no mundo pela consciência, pela imaginação e pela sensibilidade humana. Elas propõem desafios complexos para o embate social, cultural e científico" (ALMEIDA, 2010, p. 50). Estre entremeio científico e artístico é reforçado por Marandola e Oliveira (2009):

> A seara onde Geografia e Literatura se encontram atualmente é aquela zona fronteiriça entre Ciência e Arte, que as revisões paradigmáticas formuladas ao longo do século XX garantiram permeabilidade. O que eram limites se tornaram fronteiras, e por isso entramos no século XXI com a possibilidade de levar este debate adiante. E o duplo movimento que aproxima Geografia e Literatura é composto por duas viradas que permeiam as ciências e as artes simultaneamente: a virada espacial e a virada cultural (KAUFMAN, 2004). Estas permitem que o diálogo entre estes dois campos se aprofunde, encontrando condições em várias matrizes de pensamento para poderem se desenvolver. (MARANDOLA JR; OLIVEIRA, 2009, p. 489).

Os autores ainda completam o seu pensamento sobre a arte literária, a ontologia fenomenológica e a Geografia por meio da premissa da espacialidade, assim como também trabalhado por Besse (2006), Alves (2020), Collot (2013) e Berque (1998). O ficcional e a realidade social tornam os múltiplos espaços em suas significações, sentidos do existir e existência, prenhe de serem entrecruzados, criativamente, tanto pela Geografia como pela Literatura:

> Como espaço e lugar se fundem, pois são duas faces de uma mesma moeda, pode-se expressar a espacialidade como o caráter extrínseco da geografia. Espacialidade que se constrói a partir da realidade tanto a geográfica como a literária. Porém, esta não se prende à concretude das condições daquela; ela transcende à própria realidade, porquanto é uma ficção, é uma criação de um autor, que escolhe e constrói o espaço e o lugar, e aqui, acrescentamos a variável tempo para a existência de seus personagens, seus enredos, enfim seus ambientes, dando, assim vida a uma obra artística. Estes conjuntos ficcionais, não surgem do nada, mas, são produtos de uma visão de mundo do escritor, expressando o seu discurso, engendrado e filtrado pela sensibilidade da mente, da experiência e revelando a espacialidade literária, que varia de autor para autor, de época para época (MARANDOLA JR; OLIVEIRA, 2009, p. 497).

O comentário de Rezende (2001) soma-se à posição teórica de Moraes (2003), ou seja, de uma ubiquidade ontológica da empiricidade fática, e do sentido, do que é o sertão. A espacialidade literária euclidiana perpassa o que é referido por Marandola Jr. e Oliveira (2009) sobre a variação, de autor para autor, de como haverá o preenchimento do sentido que está sendo escrito, descrito, relatado ou imaginado pela arte literária, especialmente a partir de uma determinada espacialidade.

Esta particular diversidade do olhar sertanejo de Euclides da Cunha, de um sertão que vai da Amazônia ao semiárido nordestino, tal como conceitua Ventura (1998) também possui a sua diversidade temática como abertura interdisciplinar, no sentido trabalhado por autores como Japiassu (1992) ou Fazenda (1979), em teorizações que chegam, por exemplo, com frequência às ciências da educação.

A interdisciplinaridade, matriz da topoanálise e geopoética também é tratada por autores como Anjos (2011), Borges (2013), Pinheiro Neto (2017) e as coletâneas sobre Geografia, Literatura e Educação nas obras organizadas por Suzuki, Silva e Ferraz (2016) e

artístico-existencial Suzuki, Costa e Stefani (2016). Facticidade, arte literária e aspectos específicos da obra euclidiana vão ao encontro de tais contribuições teórico-metodológicas.

A espacialidade como formas de escrita e leitura das *grafias* do ser-no-mundo é uma das marcas da obra euclidiana. Paisagens e lugares são apresentados, construídos, imaginados, percebidos, descritos, sonhados e dissecados pelo autor de forma detalhada, pausada, fraseológica e, por que não, poética, como referido por Galvão (2018) e Lima (1997). A alinhamento entre topografia, narrativa e espacialidade chagamos aos diferentes itinerários dos escritos euclidianos, tal como resumo Ab'Sáber (1999) quando escreve, e descreve:

> Há muitos outros fatores que respondem pela marcante originalidadedas terras do Nordeste seco, a começar pelo fato de que elas ocupam posição geográfica anômala, mais próxima do Equador do que dos trópicos. O ritmo do clima regional, porém, continua sendo tropical, com duas estações bem marcadas: uma muito seca, outra moderadamente chuvosa, cuja continuidade, entretanto, como vimos, está sujeita a fortes rupturas ao longo dos anos. Podem ocorrer anos muito secos e eventuais períodos de grandes chuvas, com inundações catastróficas. Por outro lado, o Nordeste seco comporta-se como uma região subdesértica paradoxal, já que é extensivamente servido por redes hidrográficas hierarquizadas, com drenagem aberta para o mar. Por caminhos os mais diversos, os rios regionais saem das bordas das chapadas ou dos castelos d'água de velhos maciços em abóbada (Borborema), percorrem as extensas depressões interplanálticas, quentes e secas, e acabam chegando diretamente ao mar ou engrossando as águas do São Francisco ou do Parnaíba, grandes rios perenes que cruzam ou tangenciam a região. Para infelicidade dos grupos humanos ali residentes,o funcionamento hidrológico de todos os rios que nascem e correm dentro dos limites da área nuclear do domínio dos sertões depende do ritmo das estações de seca e de chuvas, o que torna seus cursos d'água intermitentes e sazonais. Das cabeceiras até as proximidades do mar, os rios

> autóctones do domínio semi-árido nordestino permanecem secos por cinco a sete meses do ano. Apenas o canal principal do São Francisco mantém sua correnteza através dos sertões, com águas trazidas de outras regiões climáticas e hídricas, funcionando, portanto, como rio alóctone. (AB'SÁBER, 1999, p. 13).

Ab'Sáber destaca o fator da originalidade do Nordeste de forma categórica, tal qual a riqueza de seus sertões varia desde o imaginário seco, árido e xerófito, passando por vales e serras, veredas e riachos, tal como considerava Moraes (2003) e Rego (2016) na amplitude do sertão em sua empiricidade. Para a narrativa euclidiana a fronteira e a espacialidade são fundamentos do território que a é tanto a fonte de inspiração como a base do traço criativo e estilístico do autor em seus sertões. (MORAES; 2003; REGO, 2016; AMADO, 1995).

O texto de Euclides da Cunha (re)definiu parâmetros literários, simbólicos, imaginários e culturais do sertão brasileiro, abrangendo desde estudos acadêmicos até delineamentos pedagógicos e educacionais que viriam a se tonar fonte da perpetuação de um significado secular do sertão a partir da facticidade nordestina.

Os elementos do texto e linguagem fundem-se aos encontros e desencontros entre Geografia e Literatura. As composições identitárias e de diferenciações seguem o mesmo percurso, tal como fundamentado por Derrida (2017), Levinas (2008) e a aproximação da linguagem com a valoração do vivido a partir de seus códigos transformados em arte (BLANCHOT, 2011; BRANDÃO 2013; BOSI 2000).

3.1.4 O Texto

Mímeses, semelhança, identidade e diferença são elementos recorrentes na análise do texto euclidiano, especialmente na incompleta rota de elaboração do que estava se firmando como uma rica imersão de seu traço literário. Realidade, ficção, intenção e atenção descritiva e criativa formam uma uni-diversidade linguística própria d'Os Sertões euclidianos (CANDIDO, 1989; 1992; 2002; 2004; MELO, 2006; MELO, 2011; LIMa, 1997; BRAIT, 1998).

Como observado anteriormente, principalmente, na constituição literária do texto de Euclides da Cunha, há uma quantidade considerável de utilização de múltiplos recursos linguísticos pelo autor. Especialmente no que se refere à maneira pela qual o sertão é retratado, narrado e representado, o uso hiperbólico e de adjetivações em sua forma de escrita. O texto euclidiano fica no limiar entre arte e ciência, ao encontro do que reflete Amaral (2007; 2011; 2016a; 2016b) em suas proposições sobre uma tradição pedagogia cientificista, em relação ao sertão em particular, e à literatura nacional como um todo.

Por possuir uma ligação forte com seu pensamento científico e racionalista, com toques de determinismo geográfico, o texto de Euclides da Cunha possuirá características únicas, amplamente analisadas por seus comentadores e críticos literários. Como ilustração deste traço único de sua forma de expressão linguística observemos, por exemplo, as seguintes passagens, cada qual retirada de uma das três partes d'Os Sertões, tal como trabalhado por Correa (1978):

> Não foi um criador, no sentido de inovar a língua, como um Guimarães Rosa. As intenções conotativas do vocábulo euclidiano não vão além dos valores plásticos, das percepções sensoriais da orquestração da frase no jogo lúdico mas lúcido da palavra, sempre fiel à semântica tradicional. Não rompeu com o passado, não violou nem violentou as regras do bem escrever, segundo os modelos clássicos. Mas o ritmo é outro, outra maneira de jogar com as palavras, de cingi-las, de justapô-las, de atritá-las, mostrando que ainda era possível escrever-se na língua de Camões, de Eça de Queiroz, de Machado de Assis com uma tônica diferente, marcantemente original. (CORREA, 1978, p. 20).

O elemento descritivo de Euclides da Cunha forma o seu traço criador, como arte literária própria: “Euclides projetava imagens e noções sobre o meio amazônico e a floresta tropical, fornecidas pelos exploradores, que não se ajustavam às emoções e sensações provocadas pela realidade observada.” (VENTURA, 1998, p. 71). A imersão do próprio autor como existência-autor ao existente-sertão, como interior territorial, dá forma a sua escrita do semiárido as florestas equatoriais: “Retificou tais visões até formar seu próprio conceito da Amazônia como “paraíso perdido”, página incompleta do *Gênesis*, cuja criação ainda não se concluíra.” (VENTURA, 1998, p. 71).

Há a característica do autor-narrador que almeja uma literatura de apresentação e fundação dos interiores territoriais brasileiros. Intencionalidade e atenção e meticulosidade fazem parte da escrita de Euclides da Cunha, em todas suas obras narrativas. Analisemos, detidamente, cada uma das três extrações do texto para que possamos prosseguir tanto com o contexto para, finalmente, fecharmos nossa topoanálise com a contextura euclidiana.

> Percorrendo certa vez, nos fins de setembro, as cercanias de Canudos, fugindo à monotonia de um canhoneio frouxo de tiros espaçados e soturnos, encontramos, no descer de uma encosta, anfiteatro irregular, onde as colinas se dispunham circulando a um vale único. Pequenos arbustos, icozeiros virentes viçando em tufos intermeados de palmatórias de flores rutilantes, davam ao lugar a aparência exata de algum velho jardim em abandono. Ao lado uma árvore única, uma quixabeira alta, sobranceando a vegetação franzina. O sol poente desatava, longa, a sua sombra pelo chão, e protegido por ela — braços largamente abertos, face volvida para os céus, — um soldado descansava. Descansava... havia três meses. Morrera no assalto de 18 de julho. A coronha da mannlicher estrondada, o cinturão e o boné jogados a uma banda, e a farda em tiras, diziam que sucumbira em luta corpo a corpo com adversário possante. Caíra, certo, derreando-se à violenta pancada que lhe sulcara a fronte, manchada de uma escara preta. E ao enterrar-se, dias depois, os mortos, não fora percebido. Não compartira, por isto, à vala comum de menos de um côvado de fundo em que eram jogados, formando pela última vez juntos, os companheiros abatidos na batalha. O destino que o removera do lar desprotegido fizera-lhe afinal uma concessão: livrara-o da promiscuidade lúgubre de um fosso repugnante; e deixara-o ali há três meses — braços largamente abertos, rosto voltado para os céus, para os sóis ardentes, para os luares claros, para as estrelas fulgurantes... E estava intacto. Murchara apenas. Mumificara conservando os traços fisionômicos, de modo a incutir a ilusão exata de um lutador cansado, retemperando-se em tranqüilo sono, à sombra daquela árvore benfazeja. Nem um verme — o mais vulgar dos trágicos analistas da matéria — lhe maculara os tecidos. Volvia ao turbilhão da vida sem decomposição repugnante, numa exaustão imperceptível. Era um aparelho revelando de modo absoluto, mas sugestivo, a secura extrema dos ares. (CUNHA, 2018, p. 42).

Nas linhas destacadas observa-se o consórcio de Ciência e Arte, trabalhado por Valentim Facioli (1998) ao mesmo tempo que encontramos referências à interdisciplinaridade, marca estilística e a maneira como paisagens e lugares, existências e ausências, físico e humano configuram-se em texto grafia do sertão euclidiano. Seja o traço de uma literatura de formação trabalhado por Murari (2007),

Candido (2004) e Brait (1998), o aspecto ontológico-existencial verificado em momentos específicos por Lima (1997) ou a geopoética extraída por Campos (2010) quando explica que: “O que se pretende é demonstrar o quanto as estruturas poéticas - no seu adensamento rítmico, plástico e sonoro - contribuíram para dar ao texto o “tonus” peculiar que é a sua marca impressionante.” (CAMPOS, 2010, p. 30).

Em outro momento o mesmo autor nos explica um pouco mais a sua proposta imagético-lírico, geopoética e, também, topoanalítica por entre os sertões de Eucldies da Cunha, identificando ao menos 500 decassílabos, com presença dos sáficos e algumas dezenas de dodecassílabos. Para o autor, os versos “possíveis” de serem pinçados na obra possuem uma inventividade e originalidade maiores que do estilo parnasiano, por exemplo, como apontado por outros analistas da poética d’Os Sertões euclidianos. Ainda sobre o caráter dos versos diz Campos (2010, p. 18) que: “Algumas vezes erigem-se em frases completas, postas em destaque, constituindo até mesmo parágrafos isolados”. E completa o autor com uma ressalva: “É claro que o simples fato de estarem metrificadas não conferem a todas essas frases a condição de poesia.” (CAMPOS, 2010, p. 19), podendo se chegar a conclusão da presença de “poema autônomos” ao longo das três partes do livro de Euclides da Cunha.

Topoanaliticamente, por entre a facticidade e onto-ontologia dos sertões euclidianos construir-se uma proposição dialógica e epistemológica. A escrita do autor permite que construamos verdadeiras imagens poéticas dos lugares-momentos e paisagens-

acontecimentos d'Os Sertões. Estas imagens poéticas, a um só tempo, alinham as teorizações bachelardianas (BACHELARD, 2008) e a transposição linguístico-imagético do sentido da *grafia* da existência e linguagem, por exemplo, em Derrida (2017). É neste sentido, geopoético e imagético-topoalítico que pode-se destacar alguns exemplos de poemas de Campos (2010, p. 35) e (2010, p. 44) em relação à máxima obra euclidiana, ao estilo das imagen poética de Bachelard:

Soldado

I
O sol poente desatava, longa,
a sua sombra pelo chão
e
protegido por ela -
braços longamente abertos,
face volvida para os céus -
- um soldado descansava.

Descansava...
havia três meses.

II
- braços longamente abertos,
rosto voltado para os céus,
para os sóis ardentes,
para os luares claros,
para as estrelas fulgurantes...
(ALMEIDA, 2010, p. 35).

Em outro momento também, destaca o autor a figuração da monstruosidade como representação do medo dos soldados no ambiente inóspito e desconhecido. Novamente, encontra-se no estilo da escrita euclidiana o reforço das adjetivações e metáfora

para a composição dos sentidos das coisas, personagens e seus estares circunstanciais e situacionais relatados pelo autor:

O Monstro

Todo o exército repousava...

Nisto,
despontam, cautos, emergindo à ourela
do matagal rasteiro e trançado
de arbúsculos em esgalhos,
na clareira, no alto,
onde estaciona a artilharia,
doze rostos inquietos,
olhares
felinos, rápidos,
percorrendo todos os pontos.
Doze rostos apenas
de homens ainda jacentes,
rastro, nos tufos das bromélias.

Surgem lentamente.
(ALMEIDA, 2010, p. 44).

O homem e o meio perfazem diferentes passagens, transformadas em poemas por Augusto de Campos e Guilherme de Almeida (2010). Como no caso dos soldados chegando com a *matadeira*, nos eventos finais da guerra de Canudos, foco principal das três partes d'Os Sertões:

Ninguém os vê; ninguém os pode ver.

Dão-lhes as costas
com indiferença soberana
vinte batalhões tranqüilos.

Adiante divisam a presa cobiçada.

Como um animal fantástico,
prestes a um bote repentino,

o canhão Withworth,
a *matadeira*,
empina-se
no reparo sólido.

Volta
para Belo Monte
a boca truculenta e rugidora
que tantas granadas revessou já
sobre as igrejas sacrossantas.
(ALMEIDA, 2010, p. 44).

exercício científico, geográfico, ambiental, didático-pedagógico e de rica extração dos traços poéticos da obra euclidiana, como argumentam, especificamente quando conectam essa abertura à prática do ensino escolar. Almeida (2010) também em sua *A poesia d'Os sertões* fizera o que Campos (2010) atualiza na extração de verdadeiros poemas ao longo da obra de Euclides da Cunha. Os torneios fraseológicos, adjetivações, riqueza narrativa, detalhamento do relato do autor por entes os sertões nordestinos dos arredores de Canudos, as riquezas se multiplicam no texto, narrativa, estilo e passagens da obra euclidiana.

3.1.5 O Contexto

A contextualidade será fundamental para toda a obra de Euclides da Cunha, para além d'Os Sertões. Como trabalhado conceitual, epistemológica e metodologicamente no capítulo 1, a ideia de sertão do ponto de vista geográfico não possui uma correspondência empírica, imaginativa, representacional ou de vivência única no território brasileiro, havendo um emaranhando

complexo e profícuo de sentidos possíveis ao sertão como ente prenhe de um ser que o transborda e singulariza.

Neste sentido observando ao longo da obra de Euclides da Cunha que sertão entendido como fronteira ou interior territorial é encontrado em sua obra magna, de fato mas, ao mesmo tempo, especialmente em suas incursões pela floresta amazônica registradas nos remete à ideação dos sertões ao encontro do que é trabalhado por Rego (2016), Amado (1994) e, principalmente, Moraes (2003).

É nesse sentido que o histórico e sociológico somam-se ao geográfico e filosófico positivista e idealista, no sentido da razão histórica hegeliana para a composição da unicidade da obra euclidiana. O que se observa em Os Sertões também ocorre em outras das obras do autor sobre uma contextualização de sua escrita, estilo, vivência e visão de mundo para o Brasil e o povo brasileiro:

> Sob esse ângulo, talvez *Os sertões* possam ser estudados como obra tributária da tese de Hegel sobre os povos com história e dos povos sem história, na qual o futuro desempenha papel decisivo enquanto horizonte da propagação dos valores da civilização europeia moderna. E o Brasil transitaria, de qualquer modo, de uma condição pré-civilizada e "sem história" para a condição plena de civilização, "com história", pois que aqui teria acontecido um episódio importante da "força motriz da história" de toda a humanidade. A fonte euclidiana, contudo, não parece ter sido diretamente Hegel, senão o historiador inglês Henry Thomas Buckle (1821-1862) em sua obra *History of Civilization in England*. (FACIOLI, 1998, p. 37).

A partir de tais aspectos e influências que a estrutura da obra Os Sertões nas três partes principais segue um modelo descritivo comum a autores contemporâneos da época como Afonso Celso em

Porque me ufano do meu país (1997) e Coelho Neto (1921) e Visconde de Tauné Tauney (1982). Em todos estes casos há uma continuidade, via de regra, no extensivo uso de uma adjetivação ufanista aos aspectos telúricos e ambientais do território brasileiro. Esta característica fraseológica é mencionada por Correa (1978) quando diz que: "Fora do triângulo básico *verbo-adjetivo e torneio fraseológico*, ao seu redor vamos encontrar, em ordens e combinações as mais diversas, os recursos inesgotáveis do seu arsenal estilístico" (CORREA, 1978, p. 18). Os exemplos destes recursos mencionados pelo autor são: "[...] metáforas, símiles, antíteses, clímax, tautologias, aliterações, sinestesias, imagens, símbolos, oxímoros – toda uma galáxia de tropos e figuras literárias. Ao luxo vocabular e sintático, acrescenta-se o tropológico." (CORREA, 1978, p. 18).

Assim como também trabalhado por Lima (1997), Campos (2010) Brait (1998) e Galvão (2009a; 2009b; 2009c), a estilística euclidiana diz muito de como se perfaz, ao modo do autor, a sua forma de buscar uma contemplação dos sentidos do que vê e vive pela palavra que, ao não suprir toda esta complexidade vai ao encontro de adjetivações e retorcimentos narrativos em múltiplas variações ao longo de sua obra: "Falou-se muito da *frase retorcida* de Euclides da Cunha, das inversões, das construções indiretas, da hipotaxe, da parataxe, dos hiberbatons, etc.. A predominância da ordem inversa é notória e constitui uma das características dominantes do seu estilo." (CORREA, 1978, p. 16).

A interdisciplinaridade terminológica é a resultante linguística da ciência e arte literária pelo estilo peculiar de Euclides da Cunha.

Em termos paisagísticos ou de composição dos lugares do lugar sertanejo d'Os Sertões temos o entrelaçamento do que outrora fora apresentado por Heidegger (2008) ou Merleau Ponty (2011), por exemplo, no que diz respeito às tentativas de captação da totalidade do Ser das coisas, do movimento na amplitude fenomênica:

> Parece-me, pois, que o livro de Euclides tenta rearticular com a luta de Canudos uma nova explicação do passado e do presente do país, buscando projetar-se no futuro, indicando que os *sentidos completos* da Campanha de Canudos, do livro e do Brasil confluiriam para um pleno encontro num tempo adiante, no qual ficaria indicado e cristalizado esse descomunal, comprovado pela lógica das leis universais do processo histórico. Digamos: um vir-a-ser extraordinário engendrado por um ter-sido descomunal com trânsito com trânsito por um estar-sendo antinômico senão monstruoso... (FACIOLI, 1998, p. 36-37).

Os sentidos completos mencionados por Facioli (1998) vai ao encontro do que menciona Blanchot (2011), Bosi (2000) e Brandão (2013), em aproximação com Bachelard (2008) no que diz respeito a uma incessante busca, por Euclides da Cunha de apropriar a diversidade, complexidade e diversidade de sentidos da realidade social por suas palavras em meio a terra, a luta e o homem dos sertanejos em Canudos. Tal como trabalhado por Batista (1967), a ficção e a realidade fundem-se, pela narração euclidiana, entrecruzando elementos geoliterários e de imersão intencional do autor, ao modo fenomenológico, e uma especificidade de difícil comparação no panteão literário nacioal: "[...] amplificações internas, os desdobramentos em rosácea das orações, como se o autor quisesse, através desse processo, captar a cena num flagrante que a enfocasse sob todos os ângulos, e na simultaneidade dos seus movimentos." (CORREA, 1978, p. 16-17).

> Euclides descreveu o sertão baiano e a selva amazônica como paisagem fantástica ou maravilhosa, que paralisa o observador, tomado por um misto de terror e êxtase, de desilusão e deslumbramento, frente ao desconhecido. [...] Recorreu em seus escritos sobre Canudos e o Perus, a uma mesma imagem: o deserto. A imagem aproxima a floresta tropical da caatinga do semi-árido, os sertões baianos dos amazônicos. Selva e sertão são vistos como desertos por seu isolamento geográfico e povoamento pela ciência, que os viajantes e evitavam e que os cartógrafos excluíam de seus mapas. (VENTURA, 1998, p. 64).

Texto e contexto, no caso d'Os Sertões confundem-se, formam uma síntese artístico-narrativa-literária única. De igual modo, o ficcional e o real também são cingidos, na formação da característica definidor e, também indefinidora da obra:

> Ao dar centralidade às tendências messiânicas do sertanejo e ao apelo deste a lideranças como a de Antônio Conselheiro, Euclides da Cunha mostrava que o movimento de Canudos possuía inúmeros significados, mas não o que lhe queriam impingir as autoridades republicanas. Estas e as populações urbanas consideravam que aquele era um movimento que havia nascido para lutar contra as medidas políticas que eram implementadas desde 1889. O equívoco era completo, pois o próprio modo como o sertanejo criticava a República estava fundado em uma existência social pautada na religiosidade popular. A idéia de que a República era o anticristo, era a impiedade e a implementação de leis demoníacas demonstrava o quanto os "rebelados eram fragilíssimos" (Cunha, 1995, p. 225) politicamente. Eram fortes no processo de enfrentamentos das diversidades físicas e sociais, mas não em matéria de discernimento dos fundamentos políticos da República. Eles intuíam que esta última, assim como a Monarquia, não estava voltada para amenizar a sua miserabilidade, mas sim para cobrar impostos e exigir obediência às leis. Portanto, os sertanejos de Canudos organizavam-se de acordo com o seu próprio mundo. Assim como os habitantes do litoral, os habitantes do sertão viviam, também, exilados dentro do país. (REZENDE, 2001, p. 2017).

O contexto se torna, desse modo, tão fundamental como fundante da obra de Euclides da Cunha. O que posteriormente se tornou a maturidade de sua escrita do autor em *A Margem da História* e em suas análises amazônicas vai ao encontro dos escritos sobre a caatinga e conflito de Canudos. O progresso, o olhar matizado ao sertanejo e ao sertão carregaria essa ao ideal e ideário norte-americano, adaptado às paisagens, ufanismo e demais aspectos sociais e naturais do território brasileiro "De feito, vai, ao parecer, dando demasiado nas vistas esta nossa vida fácil eperdulária, essa nossa vida à gandaia, ociosa e comodista, sobre a enorme fazenda de uns quatrocentos milhões de alqueires de terras, onde sesteamos, fartos, entre os primores de uma flora que tem tudo, desde... sem fim..." (CUNHA, 1967, p. 40-41)

A ideia da luta, do discurso ufanista ao projeto nacional também podem ser encontrados no todo desse contexto, como ressaltado por Galvão (2015; 2018) e Rezende (2001), comparando o que seriam aspectos de nosso país com países europeus, por exemplo: "Então a alma nacional, de chofre comovida, ostenta o seu velho sentimentalismo incorrigível desentranhando-se em subscrições e em sonetos, em manifestos liricamente gongóricos e em telegramas alarmantes;" E ainda completa o autor: "[...]os poderes públicos compram sacos de farinha e organizam comissões, e os cientistas apressados – os nossos adoráveis sábios *à la minute* – ansiando por salvarem também um pouco a pobre terra, imaginam hipóteses." (CUNHA, 1975, p. 62). Estas concepções envolvendo o social e ambiental, no contexto da obra e escrita

euclidiana são trabalhadas por Mendonça (2001) quando o autor argumenta que:

> [...] o termo ambiente, eivado que é de uma pluralidade de concepções e conceitos, e presente em acepções tanto científicas, políticas e culturais como em político governamentais, de movimentos sociais gerais etc. Mas num aspecto parece haver concordância: o termo ambiente e ambientalismo empregados na atualidade ligam-se a concepções completamente diferentes daquelas de final do século XIX e início do XX. Se naquele momento estavam atrelados diretamente ao estudo da natureza do planeta, hoje liga-se mais aos graves problemas derivados da interação entre a sociedade e a natureza, às relações homem-meio, homem-natureza, físico-humano, homem-homem" etc. [...] O contexto recente no qual emergem as grandes discussões e desafios ambientais parece não mais permitir ao homem a vivência de situações nas quais ser cientista, intelectual, técnico, profissional e cidadão sejam experiências desconectadas. Para aqueles que vivem no mundo da academia e das instituições de pesquisa um cotidiano de permanente envolvimento com problemas ambientais é, inúmeras vezes, difícil separar o ecológico do ecologismo, o ambiente do ambientalismo. Por seu lado, aqueles imersos nos movimentos ambientalistas estão sempre a demandar suporte científico para a defesa de suas causas (MENDONÇA, 2001, p. 118)

O humano e o natural, o social e o físico também são apontados por Suertegaray (2001) a respeito da particularidade dos estudos da Geografia. Um ponto importante a ser ressaltado é que o paradoxo, ou dualidade, humano-natural, faz parte do próprio nascimento do que hoje é atualmente compreendido como Geografia científica ou institucional, ou seja, na Modernidade, no século XIX, pouco antes da escrita da principal obra de Euclides da Cunha:

> Partimos então da seguinte consideração: a Geografia como área de conhecimento sempre expressou (desde sua autonomia) sua preocupação com a busca da compreensão

> da relação do homem com o meio (entendido como entorno natural). Neste sentido ela se diferenciou e se contrapôs às demais ciências, que por força de seus objetos e das classificações, foram individualizadas em Ciências Naturais e Sociais. Este paradoxo acompanha a Geografia, ainda que hoje possa ser seu privilégio. Constitui um paradoxo, porque, na medida em que na Modernidade se expandiu a racionalidade e se constituiu a ciência moderna, o caminho foi a disjunção, a separação, a compartimentação do conhecimento; a divisão entre as ciências naturais e as ciências sociais. (SUERTEGARAY, 2001, p. s/n)

O físico e social se mesclaram no ambiente e situação vivenciada por Euclides da Cunha. Esta é característica socioespacial que, segundo Bernucci (1998) faz com que o gênero romance tenha sido superado pela narrativa em forma de relato pelo autor. A apreensão ontológica de tamanha complexidade, tanto natural como humana, ultrapassou e desafia, a cada frase ou construção temática, a arte literária euclidiana em seu potencial criativo:

> "Na concatenação dos fatos históricos e na organização causal das observações empíricas de *Os sertões*, coube ao autor encontrar um meio eficaz que liberasse os dados, posteriormente manipulados por ele, dos grilhões descritivos da ciência e da estreiteza linear e cronológica dos relatórios. Euclides entendeu como ninguém que a complexidade do caso Canudos era por demais incompatível até mesmo com o gênero romance, sempre muito preocupado com os ambientes familiares e burgueses, como assim o conhecemos nesses anos de virada do século. O espaço teria que ser maior e o ar mais rarefeito para se respirar ao mesmo tempo, e tomando-os de um só fôlego, história, ciência, folclore, crônica jornalística e literatura. Havia ainda nele a percepção de que uma reflexão profunda, tal como a que somente ele consegue fazer calar no âmago de uma tragédia nacional, apenas poderia realizar-se comum a série de outras análises encadeadas, que possibilitassem a compreensão do grande fenômeno social através de um percurso pela nossa história colonial, nossa etnia, nossa geologia tão diversificada e, finalmente, uma incursão dolorida pelos momentos de crise daquela tão sórdida república." (BERNUCCI, 1998, p. 9).

A fenomenicididade social e natural conecta-se ao que que Ab' Saber (1988; 2003), Mendonça (1989, 2001; 2004) formam, como exemplos de geógrafos que buscam justamente uma ponte interdisciplinar, entre o humano/social e o físico/natural, no que foi trabalhado, epistemologicamente, como complexidade ambiental por Leff (2001) e Morin (2005). Complexidade esta que é o, a um só tempo, o encontro vivencial, intencional, simbólico e emocional entre o Em-si e Para-si, o fenomênico ultrapassando o fático e desafiando a descrição das significações das paisagens sertanejas de Canudos em sua visibilidade e invisibilidades:

> A paisagem resulta de um processo de acumulação, mas é, ao mesmo tempo, contínua no espaço e no tempo, é una sem ser totalizante, é compósita, pois resulta sempre de uma mistura, um mosaico de tempos e objetos datados. A paisagem pressupõe também um conjunto de formas e funções em constante transformação, seus aspectos "visíveis", mas, por outro lado, as formas e as funções indicam a estrutura espacial, que é, em princípio, "invisível" e resulta sempre do "casamento" da paisagem com a sociedade (SERPA, 2013, p. 170).

Assim como trabalho por Serpa (2013) há em Lowenthal (1985), Besse (2006) e outros autores da Geografia sobre as possibilidades de variações e articulações epistemológicas da paisagem. Como elaborado por Dardel (2011) e aprofundado no Brasil por Oliveira (1998; 1999; 2012), Silva (1993; 2000) e Marandola (2011; 2013; 2020) é esta relação com o meio ambiente, a natureza como o a facticidade e Em-si originário que será possível pensarmos na ideia de geograficidade. E, mais do que essa relação ôntico-ontológica, ir ao encontro do relacional e identitário-diferencial do ser humano e seu

espaço habitado é (des)encontrar o mais profícuo caminho de experiência do sentido desse habitar-o-mundo.

Esta habitação do mundo, do existir nos lugares e paisagens sertanejas, como visto no tópico anterior a topoanalítica d'Os Sertões pode ser entendida ou perscrutada a partir da geopoesia do estilo narrativo-textual de Euclides da Cunha. Ao mesmo tempo é preciso considerar, sempre, o já referenciado consórcio entre Ciência e Arte, marca própria da maior parte dos escritos do autor.

O científico e artístico permite, até os dias atuais, um olhar interdisciplinar à obra de Euclides da Cunha como um todo e a'Os Sertões em particular seja a partir da ciência geográfica, da literatura, das ciências educacionais ou pelas diferentes atribuições dos labores da engenharia).

Compreender o contexto sos lugares e paisagens do sertão euclidiano é perscrutar tais dimensões de sua construção geoliterária. Da inserção da obra como leitura obrigatória ou de apoio ao ensino de Ciências Biológicas ou Geografia e História ou, então, a utilização do referencial discursivo do autor como parte dos estudos geológicos e geomorfológicos da região, são formas de se incluir o que estava como alcance de incursão da criatividade literária do autor para proeminência de sua própria arte geoliterária.

3.1.6 A contextura

Façamos, neste momento, uma síntese ôntico-ontológica da arte literária euclidiana a partir dos elementos apresentados e a metodologia topo-analítica apresentada ao longo dos dois primeiros capítulos e até esse momento da obra Os Sertões de Euclides da

Cunha. Como explicado no capítulo 2 a contextura é o momento de aprofundamento, síntese, e perpassam pelos sentidos da obra, considerando-se o texto e contexto, a espacialidade e topografia, com base tanto na topoanalítica como topologia do ser expressa no estilo e obra euclidiana.

No que tange à facticidade há, em Os Sertões, o ôntico e ontológica de maneira muito proximal, divididos entre si para um momento explanativo científico do traço estilístico de Euclides da Cunha. Fato e fenômeno, transcendente e imanente, ôntico e ontológico são expressos de maneira detida na divisão entre o ambiente das paisagens e lugares da caatinga e cerrado, por entre os quais caminham os sertanejos, estes também, como corpos-experiência, fazendo parte da totalidade fática, que permite ao autor o passo ôntico-ontológico.

O ôntico euclidiano é pujante na paisagem xerófita e climática do que atualmente compreende-se como polígono das secas. A empiricidade do solo, cores, texturas e coisas do interior máximo do sertão nordestino, protagonizado pelo recorte fático de Canudos na fenomecidade sertaneja da Bahia é o que mais chama a atenção na obra, em cada detalhe de seu trabalho magno:

> Ao lado uma árvore única, uma quixabeira alta, sobranceando a vegetação franzina. O sol poente desatava, longa, a sua sombra pelo chão e protegido por ela — braços largamente abertos, face volvida para os céus — um soldado descansava.
> Descansava... havia três meses. Morrera no assalto de 18 de julho. A coronha da Mannlicher estrondada, o cinturão e o boné jogados a uma banda, e a farda em tiras, diziam que sucumbira em luta corpo a corpo com adversário possante. Caíra, certo, derreando-se à violenta pancada que lhe sulcara a fronte, manchada de uma escara preta. E ao enterrar-se, dias depois, os mortos, não fora percebido." (CUNHA, 2019, p. 42).

Geoliterariamente, é o passo ôntico específico de Euclides da Cunha que permite a unicidade ontológica de seu traço estilístico ao longo da obra, compondo a contextura que o (in)define até a atualidade na literatura brasileira.

O ontológico dos sertões euclidianos forma-se a partir de uma união pela convergência ou contradições entre teoria e empiria do autor e o ambiente em que está no momento do relato e transposto para as palavras da obra. A experiência advinda desta dialogia e união forma o cerne ontológico d'Os Sertões de Euclides da Cunha, nos quais o próprio autor transfigura-se, muitas vezes, como o eu que pensa, vive, emociona e perfaz em palavras as intencionalidades de suas vivências ou situações, como o próprio ser-aí da sua obra, tal como reflete nos modos interpretativos de se considerar a obra por Bernucci (1998): quando diz que:

> [...] poderemos, então, contemplar três modos interpretativos ou explicativos da história de Canudos:
> 1. *Argumentativo*. Esteticamente, é a maneira como Euclides da Cunha trabalha o argumento da história de Canudos de modo que seja percebida como tragédia.
> 2. *Explicativo*. Epistemologicamente, este modo traduz a seleção que faz o autor dos paradigmas que norteiam a compreensão do fenômeno histórico, encarado da perspectiva determinista e positivista da época. Aqui entram as leis científicas e pensamentos filosóficos de seu tempo, fortemente caracterizados pelas análises de causa e efeito dos fatos históricos, o que não deixa de revelar um cacoete mecanicista em seu trabalho.
> 3. *Ideológico*. Eticamente, é a seleção de uma estratégia interpretativa pela qual as implicações ideológicas de uma dada representação podem ser extraídas para servir à compreensão dos problemas sociais correntes. A visível inclinação republicana de Euclides e sua intolerância com respeito aos fanatismos fazem-no dirigir ataques tanto aos monarquistas quanto aos jacobinos." (BERNUCCI, 1998, p. 9).

Estes três argumentos somam-se aos elementos anteriormente elencados na diferenciação e unicidade linguística, estilística, contextual e ôntico-ontológica da obra euclidiana. No elemento contextual e de textura dos sentidos possíveis do encontro entre palavra e espacialidade d'Os Sertões encontra-se o que Facioli (1998) denomina o consórcio entre ciência e arte. O autor que é, ao mesmo tempo, poeta, engenheiro, cientista e jornalista se entrecruzam para formar sua forma de ver e viver o mundo, ôntica e ontologicamente, e nos oferecer essa experiência em seu traço geoliterário único, como ressaltado por Correa em sua Tapeçaria Linguística d'Os Sertões:

> No Estilo de Euclides da Cunha, de modo especial n'*Os Sertões*, é difícil, senão mesmo impossível, apartar o virtuoso do artista, o artesão empenhado na elaboração plástica da sua linguagem, do escritor acionado pelas forças latentes do seu gênio criador, naquilo que há de mais profundo e autêntico na sua personalidade. Num escritor medíocre, todo aquele aparato verbal logo saltaria aos olhos como simples elementos decorativos, à semelhança da pintura no rosto de uma mulher que procurasse obter, à força de cosméticos, os bens que a natureza lhe negou. Mas em Euclides da Cunha percebe-se que por trás de cada período, de cada oração, de cada palavra, e ao lado do escritor consciente do seu mister, absorvido pelo trabalho do texto, está o artista vigilante, com olhos fixos nas balizas demarcadoras do seu universo verbal. E foi esse artista, com a sua poderosa intuição criadora, que o salvou do verbalismo a que outro menos dotado não teria conseguido escapar. Em última análise, salvou-o do artificialismo num livro em que tudo, desde o arcabouço geral aos menores detalhes de concepção e realização, parece ter obedecido a um planejamento minucioso, a um formidável trabalho arquitetônico. (CORREA, 1978, p. 3-4).

A ontologia dos sertões euclidianos alcança, portanto, uma verdadeira poiesis, uma unicidade entre o autor e sua obra, como múltiplas camadas de profundidade dos sentidos do ser e de ser

pela vivência de si, do outro e mundo pelas palavras. De Bosi (2000) a Collot (2013), de Dimas (1994) a Brandão (2013), passando por Blanchot (2011) e as colocações dos filósofos da ontologia fenomenológica, e variações interpretativas e reflexivas sobre os sertões, o escopo ôntico-ontológico pulsa e transborda a partir d'Os sertões de Euclidades da Cunha:

> Cessaram as fuzilarias; e desceu sobre todas as linhas um grande silencio de expectativa ansiosa... Logo depois correu um frêmito pela cercadura do sítio; espraiou-se pela periferia dilatada; passou, vibrátil, pelo acampamento; passou, num súbito estremeção, pelas baterias dos morros; e avassalou a redondeza, num trêmulo vibrante de curvas sismais cruzando-se pelo solo. Tombaram os dentilhões despegados das igrejas; desaprumaram-se paredes, caindo; voaram tetos e tetos; tufou um cumulus de poeira espessando a afumadura dos ares; e, dentre centenares de exclamações irreprimidas, de espanto, retumbou a atroada de explosões fortíssimas. Parecia tudo acabado. O último trecho de Canudos arrebentava todo. (CUNHA, 2018, p. 536).

O percurso efetuado até esse momento favorece a interpretação geoliterária e ontológica d'O Sertões euclidianos por sua topoanálise, ou seja, a junção inerente, perene e irrefutável entre a espacialidade e os sentidos do e de ser do autor e sua obra. Os descaminhos que levam a tal aproximação, dialogia e reflexão são múltiplos, diversificados, perpassam meandros temáticos que vão da história à educação, da cultura à literatura, ao fantástico ao imaginário, do traço prosaico ao poético, dentre outros. Oferece-se, neste breve ensaio da obra máxima de Euclides da Cunha um caminho a partir da geoliteratura, topoanálise e ontologia fenomenológica dos sertões de Canudos presentes em seus sertões. O ponto de partida posta-se como um múltiplo, e sua derradeira

passagem ou caraterística será a imersão e significação, ou não, que os sertões euclidianos se fizerem a experiência geoliterária do leitor.

3.2 Topoanálise de Vidas Secas

Graciliano Ramos de Oliveira nasceu em 1892 em Quebrangulo, em Alagoas e veio a falecer em 1953, no Rio de Janeiro. Antes de suas principais obras literárias serem publicadas na década de 1930 atuou como comerciante e teve passagem na vida pública, em seu estado natal no Nordeste, tanto interior como capital. Trabalhou profissionalmente como editor e cronista em veículos e imprensa. Esta vivência no campo e cidade, tendo o referencial do urbano e rural fará parte dos escritos e estilo do autor, posteriormente.

Assim como Guimarães Rosa, Graciliano Ramos possui a influência mais orgânica, memorial e vivencial do interior territorial em muitas de suas obras. Natural de Quebrangulo, em Alagoas (1892-1953), a presença da espacialidade nordestina em seus sertões é marcante. Em suas principais obras como *Caetés*, de 1933, *São Bernardo*, de 1934, *Angústia*, de 1936 e *Vidas Secas*, de 1938, além de contos, críticas literárias, crônicas, correspondências e demais escritos que foram compilados em volumes únicos e os póstumos como o romance *Memórias do Cárcere*, de 1953.

Em Vidas Secas acompanhamos a história de uma família no interior do nordeste brasileiro, que vivem e itinerância por entre estradas, fazendas e vilarejos. A mãe Sinhá Vitória, o pai Fabiano, os dois meninos e a cadela Baleia são os protagonistas do romance de Graciliano Ramos. Momentos, passagens, pensamentos, silêncios e

vivências são-nos apresentados nas pouco mais de 100 páginas da obra, um dos mais complexos e belos retratos das contradições da existência nos interiores territoriais do Brasil.

Para o debate topoanalítico proposto nesta pesquisa, recorre-se a base filosófica, geográfica e literária anteriormente apresentada e trabalhada nos capítulos 1 e 2 deste livro. Somam-se a estes estudos proposições reflexivas elaboradas, por exemplo, por Carlos Eduardo Braga e Neide Meredeiros, no conjunto de ensaios organizado por Neroaldo Azevêdo (1992); as reflexões de Brunacci (2008), Candido (1992), Carpeaux (2010) e Mourão (2003), dentre outros estudos e autores são exemplos de obras que contribuem para a realização dos aprofundamentos geoliterários e topoanalíticos para uma onto-ontologia a partir de *Vidas Secas*.

3.2.1 Topografias

O diferencial marcante na composição topo-gráfica de Graciliano Ramos se dá por meio de uma figuração protagonista do drama existencial de suas personagens, especialmente nas obras, especialmente Vidas Secas. No livro de 1938 as camadas da vida cotidiana, nos pequenos detalhes vividos, falados e não ditos de suas personagens compõem um traço único de maturação de sua escrita.

Há uma dialética do natural e humano e individual e coletivo que são decisivos na identidade literária das obras de Graciliano Ramos. A identidade, diferença, contradições e transformações entre estes fundamentos da realidade social das obras do autor nos

possibilita incorporar uma imersão e topo-análise específica para suas composições literárias. Quando cita nas primeiras páginas de sua obra "Olhou a catinga amarela, que o poente avermelhava. Se a seca chegasse, não ficaria planta verde. Arrepiou-se. Chegaria, naturalmente." (RAMOS, 1998, p. 23). Já nos damos conta do tom e perspectiva do percurso topo-gráfico que iremos vivenciar ao longo das páginas de *Vidas Secas*, o vivencial cotidiano, fático em meio às paisagens e lugares do sertão nordestino dão o tom do que será visto, vivido, percebido e pensado ao longo das pouco mais de 100 páginas do livro: "Sempre tinha sido assim, desde que se entendera. E antes de se entender, antes de nascer, sucedera o mesmo - anos bons misturados com anos ruins." (RAMOS, 1998, p. 23).

A perspectiva do vivido por quem habita aquelas paragens é o foco de Graciliano Ramos, tal como reflete Coutinho (1976), quando disserta que: "As veredas, as estradas, as ruas, as avenidas se constituem em tablados para o desempenho da liturgia de ser em meu repertório, ao ensejo da repetição que os protagonistas se me oferecem." (COUTINHO, 1976, p. 199). O fragmento da particularidade vivida, singularizada e habitada pelo devir humano como o ser-aí heideggeriano fornecem as camadas de sentido existencial ao físico-fático de rochas, cores, sons e tipos ambientais: "Na escala do planeta, em seu cotidiano, nem o homogêneo espacial, nem o heterogêneo dinâmico e indeterminado, representam a permanência da particularidade." (SILVA, 2000, p. 11). A geograficidade de Dardel (2011) aqui ganha um aspecto mais profundo, de identidade imediata do que será tanto reflexo como busca por diferenciação entre o quem ali está, vive e dá sentido ao

redor, como mundo vivido: “Esta é um mosaico informe de que só se apreendem os instantes fragmentados do repouso e do movimento, na ainda ilusão da mundialidade do presente.” (SILVA, 2000, p. 11).

Particular, singular e universal, neste caso se fazem presentes e ultrapassam a realidade social como ser, essência e substância do *topoi* sertanejo. Ontologicamente, como referencia Lukács (2010; 2012; 2013; 2018) há e haverá sempre, uma possibilidade de *focalização* particular por meio da singularidade frente à totalidade que universaliza em seus processos, transformações, contradições e perpassagens pelo o humano em seu habitar o mundo.

Há a facticidade do sertão como plano do (in)finito do drama existencial da família composta por Fabiano, Sinhá Vitória, os dois meninos e a cadela baleia. A contradição do ser social é emanada em cada nova paisagem, lugar que se repousa, caminho que se trilha, pensamento que se tem sobre o horizonte de léguas sem fim de um sertão que desafia em sua facticidade a fenomenicidade da existência que o habita. Esse núcleo do mundo habitado por Fabiano e Sinhá Vitória é o ponto ao qual a história de *Vidas Secas* retoma constantemente.

Os sertões de Graciliano Ramos são entrepostos por entre as passagens e vivências da família, explorando a topografia regional de suas andanças e retiros de forma única e irrepetível na literatura nacional, propiciando elementos de expansão, aprofundamento, correlação e reflexões topoanalíticas de seus sentidos, representações e interpretações:

> (2006, p.15). Fabiano seria o vaqueiro daquela fazenda morta. Chocalhos de badalos de ossos animariam a solidão. Os

> meninos, gordos, vermelhos, brincariam no chiqueiro das cabras, sinhá Vitória vestiria saias de ramagens vistosas. As vacas povoariam o curral. E a catinga ficaria toda verde. Lembrou-se dos filhos, da mulher e da cachorra, que estavam lá em cima, debaixo de um juazeiro, com sede. Lembrou-se do preá morto. Encheu a cuia, ergueu-se, afastou-se, lento, para não derramar a água salobra. Subiu a ladeira. A aragem morna sacudia os xiquexiques e os mandacarus. Uma palpitação nova. Sentiu um arrepio na catinga, uma ressurreição de garranchos e folhas secas. Chegou. Pôs a cuia no chão, escorou-a com pedras, matou a sede da família (RAMOS, 2006, p. 15).

Essa diferença do papel dos lugares e paisagens é fundamental para a diferenciação da composição fática sertaneja em relação a ooutras obras da literatura nacional. Tal como refletivo por: "Vidas secas não é um tratado de psicologia social, não é relatório de pesquisa nem prontuário de estudo de uma família pobre. Lido assim, o texto desapareceria como obra de arte." (PATTO, 2012, p. 231), ou seja, mesmo que os elementos paisagísticos e da geograficidades estejam pulsantes em cada página e vivência das personagens, é a contradição da sua existência em si mesmos, em relação uns aos outros e o mundo que habitam que preenchem o núcleo de desenvolvimento da obra de Graciliano Ramos.

Novamente em diálogo em Silva (2000) temos a extensão como a transversalidade da mundaneidade habitada, em suas posições e contradições, situações e circunstâncias: "É a sobre determinação da ideia, no projeto e no plano, que procura dar coerência ao mundo fenomênico, a partir do qual são organizados pela mente os pedaços." (SILVA, 2000, p. 11). O empírico em *Vidas Secas* é o que na ontologia do ser social ou marxista ficou conhecido como parte fundamental da totalidade-mundo, composta tanto

pelas singularizações da universidade como as particularidades presentes em cada relação universal-singular do mundo:

> Desta forma é que o empírico do espaço relacional é o espaço-superfície, no qual se realizam os fenômenos, mas com a análise existencial-ontológica sendo sobre o homem, busca-se o entendimento do espaço ontológico, o espaço como existencial da existência humana: o espaço como ser. Surge então a conexão entre parte e todo, entre corpo e superfície, homem e mundo. Este homem como expressão da totalidade e a Totalidade-Mundo como mundo do homem. Ora, se o que nos interessa é a particularidade como homem-corpo e sua existência espacial via dos fenômenos cotidianos, cabe outro entendimento da espacialidade, que não aquela segundo Descartes que constitui o mundo circundante. Este "mundo" como res extensa que nos vêm dando muitos trabalhos. Este é o "ponto negativo" de apoio à explicação de espacialidade. (GUIMARÃES, 2010, p. 26).

Fabiano e sua família são os pontos focais da singularização da universalidade das contradições do ser social, em uma lógica que possui simbologias, ideologias, formas de pensamento, relações de poder, o social fazendo parte de um conjunto indissociável de ações e pensamento por entre as paisagens e lugares: "Não que o real não tenha um sentido apreensível: mas, é uma lógica plural, que o apropria como forma, estrutura, símbolo e movimento, numa composição que, se retém o cotidiano, também o transfigura." (SILVA, 2000, p. 11).

Do ponto de vista ôntico-ontológico e topo-analítico a narrativa em Vidas Secas possui um papel peculiar, no sentido de, muitas vezes, ficar mais evidente pela ausência da linguagem ou enunciação, mais do que sua presença. Este foco narrativo do autor é trabalhado pelos diferentes trabalhos que exploram o traço e estilo do autor e nos possibilita trilhar uma perscrutação específica no tipo

de enunciado que é apresentado ao longo de sua narrativa (MAGALHÃES, 1992; MARINHO, 2000; PATTO, 2012).

Muitas vezes Graciliano Ramos faz uso justamente das características empíricas de um rancho, fazenda ou vilarejo para que possamos a apreender pelos elementos empíricos as camadas ôntico-ontológicas da totalidade-mundo de suas personagens. Quando suas personagens *falam* por si só ou entre elas mesmas, são verbalizações truncadas, propositalmente casadas com a escassez da experiência terrena que vivenciam, no sentido heideggeriano de verbalização como terrenização do mundo pela palavra: "Dizer – no entanto "também" *verbalização*! Mas só no sentido da comunicação – ou? *A pronúncia como terrenização da clareira* e só por isso utilizável como via de comunicação. *A palavra toante e a marca característica toante*. *A audição e a razão*." (HEIDEGGER, 2015, p. 102).

Na ausência das próprias palavras das personagens para compor a (com)figuração das experiências da existência de suas personagens, Ramos faz uso até mesmo da cadela baleia como exemplificação da utopia da superação da precariedade e escassez do núcleo familiar em seu ser-no-mundo sertanejo. A intencionalidade das emoções, devaneios e imaginações da cadela tomam frente na exposição do autor para a superação até mesmo da topografia sertaneja em seu papel de focalização empírica das contradições do mundo habitado por Fabiano, Sinhá Vitória e as crianças:

> Baleia encostava a cabecinha fatigada na pedra. A pedra estava fria, certamente Sinha Vitória tinha deixado o fogo

> apagar-se muito cedo. Baleia queria dormir. Acordaria feliz num mundo cheio de preás. E lamberia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes. (RAMOS, 20006, p. 91).

O concreto do sertão nordestino pulsa como plano de (des)encontro dos mundos reais, possíveis, vividos, percebidos e sentidos. Como refletido por Moreira (2004): "[...] a geograficidade é em si a síntese da relação entre a essência e a existência e assim a própria totalidade concreta do ser. Daí que a espacialidade diferencial do existente é o próprio modo como se organiza a geograficidade." (MOREIRA, 2004, p. 34). A facticidade e fenomenicidade em *Vidas Secas* toma as feições das contradições inerentes do mundo que habitamos, em uma totalidade composta por particularizações em cada ponto focal de singularidade dessas diferentes formas de se habitar o mundo que, neste caso, é o próprio sertão em sua especificidade geoliterária do autor.

Em seu livro Garrancho Graciliano Ramos (1984) reforça sua imersão nas contradições neste mundo vivido em suas contradições, no intrínseco vivencial e experienciável a partir da arte literária. As múltiplas conexões de cada pequena parte com o todo na composição da complexidade em sua contradição e mundo, é o que fundamenta, por exemplo, a ontologia do ser social de Lukcás (2018), que pode ser tanto utilizada como referência como aplicada em diferentes passagens dos sertões de Ramos:

> A diferenciação produzida pelo desenvolvimento histórico-social, portanto, não isola entre si as atitudes singulares. Pelo contrário: quanto maior for a especialização, tanto maiores podem ser – se a estrutura social não intervier como fator de

> distúrbio, como é o caso da divisão capitalista do trabalho – suas fecundas relações recíprocas, os estímulos que exercem umas sobre as outras. A ruptura do materialismo com a filosofia idealista revela-se precisamente nisto: em estabelecer firmemente a prioridade da realidade objetiva comum. (LUKÁCS, 2018, p. 152).

Mais do que nos apresentar uma visualização literal, imagética e literária dos sertões alagoanos, Graciliano Ramos vai ao encontro do topo-gráfico como elemento essencial, universal, de singularização do espaço habitado e de particularização das histórias de suas personagens em *Vidas Secas*. A topografia sertaneja pode até assemelhar-se a passagens e descrições euclidianas, por exemplo, mas haverá uma topoanalítica diferente como fundamento ôntico-ontológico de cada repartição empírico-abstrata ao longo da obra, tornando-a única em sua especificidade e camadas.

3.2.2 Narrativas

A narrativa de Graciliano Ramos é estruturada por um desenvolvimento de sua escrita ao longo das obras que escreveu. A escolha pelo minimalismo, profundidade e riqueza linguística em *Vidas Secas* não é por acaso, como ressaltado por Marinho (2000): “A construção de um narrador que escapa ao padrão, como Paulo Honório, é parte da crítica que Graciliano Ramos faz ao artificialismo da linguagem literária, que a afasta do diálogo social (e, conseqüentemente, de todo o plurilingüismo que o constitui).” (MARINHO, 2000, p. 48).

A forma de vida itinerante e em constante contato com a escassez e precariedade faz com seja ainda mais palatável algumas

das escolhas linguísticas do autor. O ser-no-mundo da família em sua habitação do mundo é moldado pela itinerância das condições sociais e empíricas que o transpassam e o desejo de superação de tal condição, para enfim terem o seu pedaço de chão, cultivar e habitar a Terra, torná-la mundo:

> Acomodar-se-iam num sítio pequeno, o que parecia difícil a Fabiano, criado solto no mato. Cultivariam um pedaço de terra. Mudar-se-iam depois para uma cidade grande, e os meninos frequentariam escolas, seriam diferentes deles Sinhá Vitória esquentava-se. Fabiano ria, tinha desejo de esfregar as mãos agarradas à boca do saco e a corinha da espingarda de pederneira. (RAMOS, 2006, p.127)

A linguagem então é posta como um artifício de emanação das intencionalidades das personagens principais, que são econômicas em seu uso da palavra ao longo da história. Seja como narrador ou dando voz a Fabiano, Sinhá Vitória e outros personagens, o autor executa com maestria a densidade das camadas de significação pela linguagem em sua obra, também fisicamente não volumosa, mas composta de algumas das passagens e composições geoliterárias mais marcantes da arte literária brasileira:

> A imagem, o uso e a representação da linguagem são fatores que aparecem freqüentemente interligados. Note-se, por exemplo, que a forma de representar a fala de uma personagem vincula-se estreitamente à caracterização geral dessa personagem – o que inclui sua relação com a linguagem. É o que vemos em Vidas secas, em que o uso do discurso indireto livre para citar a fala dos sertanejos justifica-se, entre outros fatores, pelo precário uso que fazem da linguagem. (MARINHO, 2000, p. 57).

As palavras, quando aparecidas em *Vidas Secas*, são utilizadas de forma estratégica, quase como em risco constante de choque pelas contradições dos mundos que advém ou das personagens

que as pronunciam. A arte literária molda a linguagem em diferentes formas de expressão, permite que o (des)encontro entre facticidade e fenomencidade na literatura transborde ao redor de si mesmas, como ressaltado no capítulo 2 desse livro na encruzilhada entre literatura, espacialidade geográfica e ontologia fenomenológica. A palavra como a casa do ser, metamorfoseia-se a depender do seu uso, domínio e expressão como momento único e inigualável de des-velelamento do mundo habitado.

> As palavras, como sabemos, têm o poder de fazer desaparecer as cosias, de as fazer aparecer enquanto desaparecidas, aparência que nada mais é senão de um desaparecimento, presença que, por sua vez, retorna à ausência pelo movimento de erosão e de usura que é a alma e a vida das palavras, que extrai delas luz pelo fato de que se extinguem, a claridade através da escuridão." (BLANCHOT, 2011, p. 37).

A linguagem em *Vidas Secas* expressa, pelo falar ou silêncio, questões sociolinguísticas profundas de representação das posições e situações socioespaciais de suas personagens. Intelectualidade e ruralidades, a cidade e o interior, o campo e o senhorio, as maneiras de cada núcleo de interação das personagens se expressar e interagir é uma das maneiras que Graciliano Ramos utiliza para marcar as diferentes formas de presença da palavra em sua história:

> Essa percepção das diferenciações sociolingüísticas está presente em toda a produção de Graciliano Ramos. Em suas obras é possível entrever, por exemplo, matizes da estratificação da língua em gêneros, profissões, grupos sociais. Os gêneros escritos são, em geral, os jornalísticos e os literários. Os gêneros oratórios também têm presença marcante: discursos, palestras, sermões. Entre as profissões, pode-se salientar o linguajar típico dos bacharéis. Entre os grupos sociais, são vários os tipos: intelectual, trabalhador rural, trabalhador da cidade, homem de classe média,

> vagabundo, dona-de-casa, etc. Note-se que essas linguagens não são utilizadas, na obra de Graciliano, simplesmente como traços tipificadores das personagens, elas representam diferentes visões de mundo que se confrontam num dado espaço social. (MARINHO, 2000, p. 54).

Um ponto marcante da narrativa de Graciliano Ramos em *Vidas Secas* é o papel central do silêncio, ou silenciosidade, ao longo do desenvolvimento da história. Fabiano é conhecido como o sertanejo que se silencia, concentrando em si mesmo a pulsão da palavra. Suas emoções, reações, pensamentos e ações muitas vezes ao invés de serem pronunciados ou traduzidos em palavras, são internalizados, um traço marcante ao longo de toda a história e suas andanças pelos sertões de *Vidas Secas:*

> Ouviu o falatório desconexo do bêbado, caiu numa indecisão dolorosa. Ele também dizia palavras sem sentido, conversava à toa. Mas irou-se com a comparação, deu marradas na parede. Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então se mete um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? Que mal fazia a brutalidade dele? Vivia trabalhando como um escravo. Desentupia o bebedouro, consertava as cercas, curava os animais _ aproveitara um casco de fazenda sem valor. Tudo em ordem podiam ver. Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa? Se não fosse aquilo... Nem sabia. O fio da ideia cresceu engrossou_ e partiu-se. Difícil pensar. Vivia tão agarrado aos bichos... Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. (RAMOS, 2006, p. 35).

Fabiano percebe-se o *gasto* das palavras, em sua pergunta sobre o domínio das palavras, é julgado e obrigado a vivenciar a contradição por sua economia da emanação do ser e de seu ser pela palavra. Um mundo em transe de falatórios, o dizer pelo dizer, a palavra utilizada ou, como mencionado pelo autor, dominada por

poucos, como êmulo da arbitrariedade do viver coletivo e em contradição:

> O fato particular de se constituir para nós o Ser numa palavra vazia e num vapor flutuante, pretende-se enquadrar no fato mais geral, de que muitas palavras, e justamente as essenciais, se acham no mesmo caso ou seja a linguagem simplesmente já está gasta e abusada. Um meio de comunicação indispensável mas sem nobreza, aplicável arbitrariamente, tão indiferente como os transportes públicos, como os bondes, em que qualquer um sobe e desce. (HEIDEGGER, 1969, p. 76).

Autores como Fogel (1996; 2017), Gmeiner (1998), Beaini (1989) Steiner (2003), Nancy (2007) e Derrida (1994; 2017) destacam como o silêncio pode estar presente de maneira direta como representação máxima do ausente do sentido ou, em outra perspectiva ôntico-ontológica, representando justamente a máxima significação silente de algo ou situação específico, a depender dos elementos artísticos, históricos, literários, imagéticos ou de correlação sígnica indicados.

Como ressaltado por Gmeiner (1998), é preciso compreender a convergência do falar, ouvir e silenciar-se como expressões da intencionalidade da palavra em seu papel de des-velamento do mundo habitado:

> Ouvir e esperar possibilitam que se tenha acesso ao inesperado. Há uma convergência, sempre presente, que chega a tornar-se quase refrão de Heidegger: a abertura do homem para o Ser. Velando-se de uma linguagem também poética, o autor descreve essa abertura. O *Da-sein*, aberto para o Ser, tem o despojamento das coisas da Natureza. O Simples pode revelar-se porque não coloca obstáculos à revelação. Todos os preconceitos, as teorias científicas ou filosóficas, a irreflexão, a errância fazem o homem surdo para a revelação. É na palavra que essa revelação se dá. Guardar a Palavra torna-se a atitude moralizante do homem. Guardar a Palavra, do mesmo modo que guardar a obra de Arte, como

> vimos, é ser guardião da Verdade. A Verdade é tanto mais difícil de ser guardada e aceita na revelação do Simples, quanto mais ela aparece em seu estado mais autêntico, ou seja, como Mistério. (GMEINER, p. 1998, p. 130).

No entanto, é preciso que se faça o questionamento da potência deste ato de silenciar-se como forma máxima tanto de apreensão como contenção do ser em suas formas de des-velar-se[11]. Beaini (1989, p. 64) considera que: "Quando o homem se cala, toca em seu silêncio, a origem da Linguagem: o dizer silencioso do ser." Portanto, haverá momentos que o profundo silêncio por opção ou condição, será ou estará envolto da potência do querer superá-lo, torná-lo voz, som, ruído e brado:

> Se pudesse mudar-se, gritaria bem alto que o roubavam. Aparentemente resignado, sentia um ódio imenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura. Tudo na verdade era contra ele. Estava acostumado, tinha a casca muito grossa, mas às vezes se arreliava. Não havia paciência que suportasse tanta coisa. (RAMOS, 2015, p. 97).

O grito de Fabiano, desejado e almejado vai ao encontro das contradições do ser social mencionados anteriormente. A posição central de sua personagem como expressão máxima das transversalidades contraditórias da habitação do mundo o atravessa,

[11] El sonido esencialmente proviene y se dilata, o se difiere y se transfiere. Su presente no es entonces tampoco el instante del tiempo filosófico-científico, el punto de dimensión nula, la estricta negatividad en la cual siempre ha consistido este tiempo matemático. Pero de entrada el tiempo sonoro tiene lugar según una dimensión totalmente distinta, que no es tampoco aquella de la simple sucesión (corolario del instante negativo). Es un presente en oleaje sobre la marea, y no en un punto sobre una línea; es un tiempo que se abre, que se ahonda y que se alarga o se ramifica, que envuelve y que separa, que riza o que se riza, que se estira o se contrae, etc. (NANCY, 2007, p. 32).

oprimem o deixando em condição especial de experiência do escasso, seletivo, incompreensível e (dis)posto histórico e geográfico das contradições de seu mundo, o sertão que tanto conhece e atravessa.

O silencio avulta-se como simbolismo da casa do ser em seu emanar ininterrupto, e maneira pela qual o sujeito, o ser-aí, contém ou libera as infinitas significações do seu existir pela quebra desse silêncio, como portador do sentido do emanar do ser pela palavra:

> La elección del silencio por quienes mejor pueden hablar es, me parece, históricamente reciente. El mito estratégico del filósofo que opta por el silencio debido a la pureza inefable de su visión o a la falta de preparación de su auditorio tiene precedentes muy antiguos. Constituye el tema de Empédocles en el Etna y de la distancia gnómica que guardaba Heraclito. Pero la elección del silencio por parte del poeta, el escritor que a mitad de camino abandona la modelación articulada de identidad, son cosas nuevas. Se presenta, como una experiencia obviamente singular pero formidable en sus implicaciones generales, en dos de los principales maestros, forjadores, presencias heráldicas, si se quiere, del espíritu moderno: en Hólderlin y en Rimbaud. (STEINER, 2003, p. 64).

Fabiano vive e questiona a realidade social que vive a habita, não a compreende, tenta superá-la. A utopia como remanescente da triparte ontologia dialética rememora-se em cada novo ciclo de itinerância, por entre pessoas, sertões e situações. O movimento da totalidade mundo perscruta a experiência, e deixa clara a permanência das contradições daquele confim de mundo, expresso na geoliteratura de Graciliano Ramos como recorte literário de um Brasil ainda pulsante nos dias atuais em suas particularidades, singularidades e universalidade de contradições:

> No interior da comunidade de conteúdo e forma, são também comuns, como vimos, as categorias de singularidade, particularidade e universalidade. E não apenas em sua homogeneidade, em sua sucessão em série, mas também – para dizê-lo em forma bastante geral – no fato de que estas categorias estão entre si, objetivamente, numa constante relação dialética, convertendo-se constantemente uma na outra; e no fato de que, objetivamente, o movimento ininterrupto no processo do reflexo da realidade conduz de um extremo a outro. (LUKÁCS, 2018, p. 152).

A forma e conteúdo contrastam-se e estruturam as relações econômicas, culturais, sociais e simbólicas das contradições do mundo. Objetividade e subjetividade também são agregadas nesse processo, como situações do ser social em suas contradições, no movimento de ida e volta, permanência e transformações da dialética em sua totalidade mundo, no caso de *Vidas Secas* nas itinerâncias de Fabiano e sua família como: "[...] um movimento da particularidade à universalidade (e vice-versa), bem como da particularidade à singularidade (e ainda vice-versa), e em ambos os casos o movimento para a particularidade é o conclusivo." (LUKÁCS, 2018, p. 153).

Em ouras palavras, como referido por Silva (2000) temos a sufocação do sujeito entre a materialidade que o cerca, e as representações geoliterárias como abertura topoanalítca em *Vidas Secas* permite tanto a interpretação como partilha de experiência desse estar-no-mundo em e como contradição:

> A consciência põe-se, então, como extra-territorialidade. Por absurdo que pareça, há que lutar contra a inércia do pensamento concreto, pois nada é mais abstrato que o concreto, como sensação ou representação, apesar de serem o ponto de partida da materialidade, materialidade que sufoca o sujeito como necessidades impostas pela praxis da ciência e da tecnologia atuais. Mas, não se trata de rejeitar a

> ciência e a tecnologia, mas de desvendar o significado do novo que elas elaboram sem teleologia, isto é, sem a interiorização supra-sensível que a elitrição permite. (SILVA, 2000, p. 14).

As paisagens e lugares, como composição socioespacial do protagonismo do sujeito e o mundo hábito tomam frente nos questionamentos de Graciliano Ramos pelas vozes e silêncios de suas personagens. Há imbricações, representações, consequências e exposição das vivências em profundas e sutis camadas do drama existencial, dialético e ontológico de *Vidas Secas* como fonte desse des-velar geo-arte-literário dos sertões do território brasileiro

3.2.3 Espacialidade

A espacialidade em *Vidas Secas* é composta por momentos de centralidade na experiência vivida de suas personagens centrais. Fabiano, Sinhá Vitórias os dois meninos e Baleia possuem momentos de imersão geoliterária de sua vivência, como ser-aí da história contada por Graciliano Ramos.

Desta forma, a espacialidade existencial supera e perpassa o espaço geométrico em Vidas Secas*,* nos mostrando o mundo fundado e experienciado por cada uma de suas personagens principais (GUIMARÃES, 2010; MOREIRA, 2004; SILVEIRA, 2006). Geograficamente temos uma espacialidade *lida* de maneira diferentes em relação as *grafias* da existência de cada uma das personagens.

Ao longo da obra, temos e acompanhamos o desafio do autor de traduzir essa leitura do mundo, em cada passagem, recorte, diálogo, pensamentos, emoções e interações. A totalidade mundo,

perpassada pela espacialidade, enriquece-se a cada nova partilha geoliterária com o leitor, expondo a relação escalar entre o macrocosmo sertanejo e social com o microcosmo dos sujeitos que habitam os interiores territoriais brasileiros, cada qual com sua forma de ler e interpretar o mundo:

> De qualquer maneira, todas as formas de 'ler' ou interpretar o mundo são tentativas de se conhecer, compreender, entender e explicar a realidade. Quem conseguir traduzir de maneira mais completa e satisfatória os fenômenos, mais se aproximará da realidade e mais autêntica e verdadeira será esta forma de pensar. Explicar a totalidade do mundo é praticamente impossível, pois demandaria um esforço incomensurável, tal a complexidade e o número exponencial de variáveis envolvidas. Precisaríamos dominar todo o conhecimento, do micro e do macrocosmo e ainda ser capaz de entender e explicar todas as nuances dos fenômenos e a totalidade dos elementos, objetos e fatos da existência. Assim, as diversas formas de 'visão do mundo' que procuram interpretar a realidade sempre serão parciais ou provisórias. Com efeito, algumas se aproximam, enquanto outras se afastam da verdadeira realidade, do mundo palpável, concreto e mensurável, dimensional e energético, compartilhado e temporal. (ANTONIO FILHO, 1999, p. 2).

O sertão em *Vidas Secas* é marcado por uma relação escalar como mundo que varia do ponto de vista das personagens e as imensidões dos interiores territoriais do Brasil, especialmente na região nordeste. Lugares e paisagens são retratados, construções e ubiquações descritas e utilizadas, mas sempre mantendo-se o foco na vivência das personagens como escala mínima da expressão geoliterária do autor.

Há a espacialidade como o circundante que *funda* e *(com)forma* o mundo de *Vidas Secas*, no habitar o espaço em diferenciações paisagísticas e de lugares ao longo da obra de Graciliano Ramos. O mundo circundante, como trabalhado por

Canario (2005) unirá a facticidade e fenomencidade como forma de interpretação da obra como expressão do des-velamento do ser pela arte literária:

> O circundante do mundo em sua mundanidade jamais pode ser compreendido como um entorno físico que supõe uma distância limite, passível de mensuração. Dizer que o mundo circundante é o mais próximo da pre-sença em sua ocupação cotidiana não se refere a espacialidade extensiva, ao fato da pre-sença estar posicionada em meio aos outros entes materiais segundo determinados intervalos. Refere-se ao que lhe vem ao encontro numa ocupação. Diz respeito, portanto, à manualidade do instrumento que se descobre numa conjuntura. O mundo que circunda pre-sença é a rede referencial que a sustém, que configura o seu aí, sua facticidade, e se constitui a partir da sua compreensibilidade. (CANARIO, 2005, p. 38).

Portanto, a espacialidade na obra de Graciliano Ramos é marcada pela particularidade do sujeito como ente existencial, fundador de mundo. Os modos de ser da existência no mundo, entre lugares e paisagens, formam a base e fundamento do estilo, escrita, concreticidade e elementos abstratos e simbólicos da obra, como singularizações do existir pela arte literária, tendo a espacialidade como plano de fundo das circunstâncias e situações de suas vidas:

> A “forma autônoma” da particularidade, a obra de arte, é ao contrário, em primeiro lugar, algo criado pelo homem, que jamais pretende ser uma realidade no mesmo sentido em que é real a realidade objetiva. Em segundo lugar, ela se põe em face de nós como uma “realidade”, ou seja, as nossas ideias, os nossos desejos, etc. nada podem modificar em sua existência e no seu modo de ser; devemos aceitá-la tal como é, podemos apenas aprová-la ou rejeitá-la subjetivamente. Em terceiro lugar, porém, a “realidade” da obra de arte é uma realidade sensível; a superação da singularidade imediata no reflexo artístico é ao mesmo tempo – ao contrário do reflexo científico – sempre uma conservação, e

> precisamente no sentido mais literal; a particularidade não recebe uma forma autônoma como oposição à singularidade; mas, precisamente como o universal na realidade objetiva, ela está manifestamente presente em todas as formas fenomênicas da singularidade imediata, jamais podendo ser destacada destas formas. Disto decorre, em quarto lugar, que só se pode elevar uma singularidade ao nível do particular acentuando-se a sua sensibilidade imediata: somente assim ocorre na obra a evidente imanência do particular em cada singularidade, bem como na sua totalidade, no seu sistema; somente assim a obra pode, em seu conjunto, incorporar e oferecer à experiência precisamente a particularidade de um "mundo" representado. (LUKÁCS, 2018, p. 166

Tal como refletivo por Lukács (2018) Na relação dual entre espacialidade do mundo e particularidade do sujeito, pelas singularizações da totalidade-mundo fazem parte da ontologia dialética, chamada pelo autor de ser social. O que acompanhamos em *Vidas Secas* é um percurso de constituição do viver no mundo, em estares da existência pelas contradições da realidade vivida.

O desejo de Fabiano é o de participar como protagonista e apropriador da materialidade e subjetividade desta realidade que o cerca. Como refletivo por Fogel (2017), essa apropriação do mundo é o caminho que trilha para o sentido da própria vida e suas situações, intencionalidades, momentos e partilhas como alteridade, na construção do percurso de identificação e diferenciação do devir existencial a partir da espacialidade transformada mundo:

> A verdade é que nisso neste modo de ser (participação, inserção no elemento vida), queira-se ou não, sempre já se está, sempre já se é. Neste ou Deste sentido, sempre já se participa, sempre já se é na e desde a participação vital existencial. Quer dizer, neste ou deste sentido, participação é dimensão constitutiva, necessária da vida. Outra coisa é apropriar-se disso, deste modo de ser. A isso se chamou, acima, de saltar para dentro da vida, entrar ou afundar na

> própria vida, na própria existência. Participar como, em salto e como salto, transpor se para o sentido que se é. Sim, apropriar-se, autoapropriar-se. Sobretudo a este modo privilegiado de participar (no/do sentido, logos) se está denominando, aqui, agora, escutar, ouvir. Melhor, como já dito, aí e assim, neste modo de ser, recolher-se, concentrar-se e, então, pôr-se à escuta. À espera e à escuta. Esta escuta é também uma espera, à medida que concentração, recolhimento. Estranho, aqui, esta fala de "apropriar-se". Faz-se porém, necessária, pois o homem é o insólito vivente que precisa apropriar-se, autoapropriarse (saltar para dentro de si; a vida, assim, salta para dentro dela mesma!) para, assim, vir a ser ou tornar-se o que é, a saber, homem. O homem é, precisa ser exercício de autoconquista através de autoapropriação. Ascese." (FOGEL, 2017, p. 49).

A luta da família de Fabiano nos sertões de *Vidas Secas* como exemplificação de um histórico complexo e multíplice que remonta a própria formação territorial brasileira (MOREIRA, 2011; REGO, 2016; ANTONIO FILHO, 1999; MONTEIRO, 2002). Essa riqueza de representação da vida nos interiores territoriais na obra de Graciliano Ramos foi, e ainda é, amplamente difundido e recomendado em ilustrações em outras artes como cinema, teatro, literatura de cordel, novelizações em outras mídias.

Há, também, a força da leitura de mundo crítica e de perscrutação da realidade nacional brasileira pelo aprendizado possível a partir da obra de Graciliano Ramos. A espacialidade da obra é uma das mais exploradas para se ensinar, aprender, debater e interpretar os interiores territoriais dos sertões brasileiros para além de uma única visão ou área do conhecimento, em um enlace interdisciplinar de rica exploração em debates geográficos, sociológicos, culturais, políticos, filosóficos, históricos e socioeconômicos.

3.2.4 O Texto

O texto de Graciliano Ramos é marcado pela acurácia e esmero das construções literárias, estilo, rigor de gênero ao longo de suas obras, chamado por Antonio Candido (2006b) de *mestre supremo* em sua forma de escrita (CARPEAUX, 2010; PATTO, 2012). Sobre o texto do autor há as seguintes considerações de Candido (2006b):

> Nesse sentido, lembro que a presença da cachorra Baleia institui um parâmetro novo e quebra a hierarquia mental (digamos assim), pois permite ao narrador inventar a interioridade do animal, próxima à da criança rústica, próxima por sua vez à do adulto esmagado e sem horizonte. O resultado é uma criação em sentido pleno, como se o narrador fosse, não um intérprete mimético, mas alguém que institui a humanidade de seres que a sociedade põe à margem, empurrando-os para as fronteiras da animal idade. Aqui, a animalidade reage e penetra pelo universo reservado, em geral, ao adulto civilizado. Sem querer dizer que uma coisa é igual à outra, poder-se-ia considerar a invenção de Baleia tão importante ao seu modo quanto o monólogo interior do retardado mental Benjy, em Sound and Fury, de Faulkner. São tentativas de alargar o território literário e rever a humanidade dos personagens (CANDIDO, 2006b, p. 149-150).

Em concordância com Candido (2006b) as reflexões de Brunacci (2008) que reitera a importância do romance na própria concepção da formação socioterritorial do Brasil, em suas fronteiras, identidades, territórios e diferentes formas de ocupação territorial pelas contradições socioespaciais que a acompanha: “Trata-se, então, de um romance que não perdeu atualidade. E não perderá, pelo menos enquanto seu chão social for o desse país dual, protagonista de uma transição inconclusa. Porque Vidas Secas é a representação do Brasil preso no limbo entre o mundo arcaico e o mundo moderno em disputa nessa transição.” (BRUNACCI, 2008, p.

184). Em acordo com Brunacci há as considerações de Sodré (1999), sobre a condição, importância e posicionamento de Graciliano Ramos e sua obra no panteão da literatura nacional brasileira:

> Na surpreendente e farta galeria dos que surgem então nas letras, há um que é diferente. Trata-se de Graciliano Ramos. Seus romances são reconstituições literárias da paisagem humana nordestina, mas com um conteúdo universal. Sem concessões ao pitoresco. Sem concessões – que o conteúdo de denúncia justificaria – ao que é apenas adjetivo. A força está no tema, e, sobretudo, na maneira de tratá-lo, na fidelidade ao real sem perda do nível literário, da qualidade artística. O romance sabe extrair o essencial da cena que descreve, sem exageros, sem notas dissonantes, nem para realçar. Ocorre que enquanto os outros são bons contadores de histórias, que viveram, que presenciaram, que leram – não muito mais que isso –, Graciliano Ramos é, principalmente um escritor, um mestre no oficio, cuja prática para ele, é sempre penosa e difícil. Os demais fenecerão com o passar do tempo. Ele permanecerá. Sua obra é o maior testemunho sobre o povo brasileiro e sua época. Por isso sua obra é a única que, qualitativamente, é superior ao movimento que pertenceu, ao momento de grandeza que conheceram, então, as letras brasileiras. É uma obra literária regional que assume universalidade. É uma obra de seu tempo para todos os tempos. (SODRÉ, 1999, p. 81).

Há, portanto, o exercício escalar geoliterário de uso da regionalidade de *Vidas Secas* como expressão de uma perspectiva mais ampla, total e universal da própria condição de existência nos interiores territoriais brasileiros, como destacado nos estudos da obra 100 anos Graciliano, organizada por Correa (1992).

A luta de classes é rege a linguagem, texto e desenvolvimento das personagens de *Vidas Secas*, motivo pelo qual há diferentes interpretações ontológico-marxistas de sua expressão geoliterária como passo além, ontológico da existência nos interiores territoriais brasileiros (BOSI, 1979; 1988; CANDIDO, 1992). Como ressaltado por

Candido (2006a): “Em vidas Secas, Graciliano Ramos leva ao máximo sua costumeira contenção verbal, elaborando uma expressão reduzida à elipse, ao monossílabo, aos sintagmas mínimos, para exprimir o sufocamento humano do vaqueiro confinado aos níveis mínimos de sobrevivência.” (CANDIDO, 2006a, p. 194).

A animalidade de Fabiano em sua forma específica de habitar e fundar seu mundo, juntamente a família que o acompanha, é um dos pontos altos de toda a trama da obra. A força da personagem em seu sofrimento, emoções, silêncios e dizeres truncados são estrategicamente e ricamente posicionados ao longo da obra pelo autor, na união entre os elementos paisagísticos da espacialidade com a construção textual que forma o traço estilístico da assinatura autoral do romance:

> Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado. Olhou as quipás, os mandacarus e os xiquexiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas. Ele, sinhá Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia estavam agarrados à terra.” (RAMOS, 2015, p. 23).

Há uma linguagem minimalista, chamada tanto por Candido (2006a; 2006b) como por Carpeaux (2010) de essencialista, meticulosa. Como referenciado anteriormente, a própria natureza de restrição do falar das personagens principais do núcleo familiar é uma ilustração geoliterária específica deste traço geral do lirismo de Graciliano Ramos ao longo de toda a sua obra:

> É muito meticuloso. Quer eliminar tudo o que não é essencial, as descrições pitorescas, o lugar comum das frases feitas, a eloquência tendenciosa. Seria capaz ainda de eliminar páginas inteiras, eliminar os seus romances inteiros.

> Eliminar o próprio mundo. Para guardar apenas o que é essencial, isto é, conforme o conceito de Benedetto Croce, o "lirismo". O lirismo de Graciliano Ramos, porém, é bem estranho. Não tem nada de musical, nada do desejo de dissolver em canto o mundo das coisas [...]. O lirismo de Graciliano Ramos é amusical, adinâmico, estático, sóbrio, clássico, classicista, traindo às vezes um oculto passado parnasiano do escritor. (CARPEAUX, 2010, p. 58).

A silenciosidade ao longo do texto de *Vidas Secas* não é apenas um traço de personalidade de Fabiano e as crianças, principalmente, mas uma forma de o autor transpor ao ermo lugar dos retirantes a sua forma específica de relacionar consigo próprios, uns com os outros e o mundo que habitam:

> A esse respeito, Graciliano é claro; eles são silenciosos ou lacônicos por outro motivo: quando, invadido de esperança, Fabiano tem vontade de cantar, ele se cala – "para não estragar a força"; quando um dia depara com o soldado amarelo em lugar ermo, vem-lhe à mente a violência sofrida, mas ele hesita e controla o desejo de matá-lo, pois não quer ser um homem que ficará murcho para o resto da vida e conclui que não vale a pena inutilizar-se por causa de "uma fraqueza fardada que vadiava na feira e insultava os pobres". Para "guardar a própria força", deixa viver o opressor. Sobre a educação dos filhos, ele sabe que, enquanto estiverem atados à labuta esgotante para satisfazer necessidades biológicas e garantir a sobrevivência, enquanto estiverem atados à terra como escravos e enquanto confundirem seus corpos com os dos cavalos, "as palavras compridas e difíceis da gente da cidade" serão inúteis e talvez perigosas. (PATTO, 2012, p. 228).

Quando emanam sua fala ou pensamento, como primeira pessoa do texto ou o narrador-autor, as personagens, emanar a palavra des-vela o próprio sentido de existência do si, o sujeito em seus estares no mundo: "O discurso revela o ser enquanto o homem mantém-se próximo ao des-velamento." Ao mesmo tempo, o auscultar também é o encontro do dizer como apreensão e

(des)velar do Ser pelos entes: “Contudo, o ouvir e o silêncio são momentos do discurso que possibilitam ao homem uma compreensão do que o ser lhe diz. Nesse contexto, a palavra é escuta, sendo que no ouvir é que se encontra o sentido do falar humano.” (BEAINI, 1989, p. 63).

A visão social de Graciliano Ramos é potencializada no texto pelo silêncio da família de retirantes. Tal como observado em muitas obras que tratam dos interiores territoriais brasileiros e os dramas da existência nos ermos de país, é na perscrutação destas escalas do ser-aí pela arte literária que há algumas das mais profundas representações desses modos de se viver e habitar o país, que há e Graciliano, mas também em autores como Euclides da Cunha, Guimarães Rosa, Raquel de Queiroz dentre outros.

Até mesmo esse traço único de um regionalismo de fragmentação das experiências em *Vidas Secas* faz com que o texto de Graciliano Ramos se posicione de forma especial tanto no grupo dos autores modernos como regionalista da literatura nacional. A esse respeito, sobre a textualidade da obra e espacialidade de sua trama, reflete Candido (2006a) que:

> Vidas secas é composto por segmentos relativamente extensos, autônomos mas completos, de narrativa cheia e contínua, baseada num discurso que nada tem de fragmentário. É a justaposição dos segmentos (não fragmentos) que estabelece a descontinuidade, porque não há entre eles os famosos elementos de ligação, cavalos de batalha da composição tradicional. Foi essa justaposição que me levou no passado a falar de composição em rosácea, para sugerir os episódios nitidamente separados, com o último tocando o primeiro. Este encontro do fim com o começo, como já foi observado, forma um anel de ferro, em cujo círculo sem saída se fecha a vida esmagada da pobre família de retirantes-agregados retirantes, mostrando que a

> poderosa visão social de Graciliano Ramos neste livro não depende, como viu desde logo Lúcia Miguel Pereira, do fato de ter ele feito "romance regionalista", ou "romance proletário". Mas do fato de ter sabido criar em todos os níveis, desde o pormenor do discurso até o desenho geral da composição, os modos literários de mostrar a visão dramática de um mundo opressivo. (CANDIDO, 2006a, p. 151)

A precisão da escrita e busca pelo máximo apuro e profundidade possível são marcas da escrita de Graciliano Ramos, sobre tais características de seu rito de escrituração e principais obras o próprio autor destaca, nos idos da década de 1930:

> Nunca trouxemos desarranjos às letras. De 1922 a 1930 obstinaram-se em virá-las pelo avesso. Só num Estado, São Paulo, de uma revolução partiram quatro sub-revoluções. E em toda parte moços apressados e afoitos compuseram romances numa semana e dúzias de poemas num dia. Aperrearam a gramática, buliram com palavrinhas inofensivas. O pronome, bambo, mesquinho, oblíquo, afeito a escorar-se, a meter-se nos cantos dos períodos, foi obrigado a servir de porteiro. Um sarapatel medonho, em suma. Rolaram anos. Vieram rugas, embotaram-se os dentes — e numerosos homens sem rei nem lei, partidários da liberdade completa, entraram no bom caminho, e hoje, cristãos-novos exaltados, impõem a norma. Aqui todos nós, ou quase todos, recusamos a moda fácil de achincalhar os preceitos; nenhum de nós, creio, exigiu o direito singular de meter os pés pelas mãos. Por mim, assevero honestamente que, se deixo de flexionar o infinitivo conforme as regras, ofendo a regência, atrapalho modos e tempos, não sou arrastado por ideias subversivas, mas apenas pela ignorância. (RAMOS, 2012, p. 318).

Por fim, assim como ocorrido com Euclides da Cunha há em Graciliano Ramos uma transposição e espraiamento de sua importância e protagonismo para além da literatura. A prerrogativa de uma topoanálise dos sertões de suas obras, e particularmente de *Vidas Secas* é cercada de uma premissa interdisciplinar, profunda e complexa que pode dialogar com elementos que vão do

pensamento geográfico às ciências da educação, de fundamentos e questões filosóficas a debates sobre a condição existencial da população brasileira nos interiores territoriais do país e seus ermos, representados pelos sertões em suas paisagens e lugares, múltiplos e diferentes territórios literários.

3.2.5 O Contexto

A presença da contradição, do embate social e da utopia do porvir também fazem parte da composição contextual de *Vidas Secas*. Ao considerarmos a topo-análise pela perspectiva ôntico-ontológica de desenvolvimento da trama na obra é possível encontrar sinalizações destes elementos no contexto que vai da vida e rito de escrita e criativo do próprio autor com sua obra, como explorado no segundo capítulo desta obra (BLANCHOT, 2007; 2011; ROSENFELD, 1976; DIMAS, 1994; BRANDÃO, 2013; PINHEIRO NETO; SUZUKI, LIMA, 2020; MONTEIRO, 2002).

Em Garranchos (2012), Graciliano Ramos reitera sua preocupação com a precisão de se transpor, para e pela arte literária, a existência dos sujeitos nos interiores territoriais do Brasil. Essa preocupação é transformada em texto, e aprofundada na contextualização do percurso e devir existencial de suas personagens em suas obras mais destacadas:

> Falam demais, não ganham quase nada e começam a sentir necessidades exorbitantes. Têm rodovias, estradas de ferro, luz elétrica, cinema, praças com jardins, filarmônicas, máquinas de escrever e pianos. Só faltam escolas e hospitais. Por isso os sertanejos andam carregados de muitas verminoses e muita ignorância. [...] Para que esse bando de coisas de nomes esquisitos? Não era melhor que

> continuássemos a cultivar o terço, o reisado, o pastoril, a quadrilha, a cavalhada, o bozó pelo Natal, as sortes em noites de S. João? Isto é nosso e é barato. O resto é dos outros e caro. Dentro em pouco estarão todos no sertão falando inglês. Mas nós não somos ingleses. (RAMOS, 2012, p. 116-117).

Novamente, há o diálogo de Patto (2012) com as demais considerações dos críticos literários e autores que estudam a obra de Graciliano, perscrutando seu traço estilístico. No que se refere à importância do núcleo familiar de *Vidas Secas*, é a partir dele que conseguimos acompanhar o autor em sua representação de sua habitação do mundo em suas contradições, pela facticidade e fenomencicidade que os cerca e transpassa:

> A história da família errante é contada em treze segmentos, que retratam os passos da paixão dos destituídos de tudo. A "estrutura de pequenos quadros" é expressão literária da vida à deriva e da impossibilidade de se ver a totalidade numa sociedade dividida. O silêncio das personagens é recurso literário que registra a fala amordaçada pela vida severina. Na última cena, que retoma a primeira, a família erra pela caatinga, recurso formal para lembrar o "eterno retorno" da penúria na vida dessas pessoas, manifestação, segundo Antonio Candido (1992, p.44-5), da contemporaneidade de Sísifo. (PATTO, 2012, p. 231)

O contexto é requerido por Ramos (2012) e colocado em prática em sua obra, como um exemplo de articulação inter-escalar entre universal-singular e particular luckasiano da ontologia do ser social: "No que diz respeito à superação dos dois extremos da universalidade e da singularidade na particularidade, a teoria do reflexo – corretamente entendida – demonstra mais uma vez como são radicalmente falsas todas as teorias irracionalistas, ou antirracionais, da arte." (LUKÁCS, 2018, p. 154). A realidade vivida, experienciada e permeada pelas intencionalidades das personagens

formam um complexo e intricado conjunto de momentos e situações que formam a expressão pela arte literária nas obras do autor.

As condições materiais de existência, sofrimento, angústia e presença, em toda parte, da facticidade em meio a fenomecidade da existência forma o arcabouço ontológico das contradições mencionadas por Lukács (2018) e que, também, podem ser encontradas em Freire (1967), em ponto de vista formativo-pedagógico-cultural que perceptível, de igual maneira, na obra de Graciliano Ramos:

> [...] aquelas condições referidas se encontram as raízes das nossas tão comuns soluções paternalistas. Lá, também, o "mutismo" brasileiro. As sociedades a que se nega o diálogo — comunicação — e, em seu lugar, se lhes oferecem "comunicados", resultantes de compulsão ou "doação", se fazem preponderantemente "mudas". O mutismo não é propriamente inexistência de resposta. É resposta a que falta teor marcadamente crítico.33 Não há realmente, como se possa pensar em dialogação com a estrutura do grande domínio, com o tipo de economia que o caracterizava, marcadamente autárquico. A dialogação implica numa mentalidade que não floresce em áreas fechadas, autarquizadas. Estas, pelo contrário, constituem um clima ideal para o antidiálogo. Para a verticalidade das imposições. (FREIRE, 1967, p. 69).

Episódios como as interações do mercado e fazendeiros latifundiários, a presença das contradições da força policial-militar do governo, dentre outras questões da realidade social de Fabiano sua família estão presentes em reflexões do educador brasileiro. Até mesmo quando a personagem principal de *Vidas Secas* se refere a diferença de instrução de si própria perante o mundo que vive, e deposita suas esperanças nos dois meninos, há correlações com o

pensamento e reflexões freirianas, sobre o contexto maior do próprio ser social dos sertões brasileiros, presentes na obra:

> Isto significava então colaborar com ele, o povo, para que assumisse posições cada vez mais identificadas com o clima dinâmico da fase de transição. Posições integradas com as exigências da Democratização fundamental, por isso mesmo, combatendo a inexperiência democrática. Estávamos, assim, tentando uma educação que nos parecia a de que precisávamos. Identificada com as condições de nossa realidade. Realmente instrumental, porque integrada ao nosso tempo e ao nosso espaço e levando o homem a refletir sobre sua ontológica vocação de ser sujeito. E se já pensávamos em método ativo que fosse capaz de criticizar o homem através do debate de situações desafiadoras, postas diante do grupo, estas situações teriam de ser existenciais para os grupos. Fora disso, estaríamos repetindo os erros de uma educação alienada, por isso ininstrumental. (FREIRE, 1967, p. 106).

A força do contexto em Vidas e Secas e no traço estilístico de Graciliano Ramos, inclusive, o diferencia dentre seus contemporâneos em relação a arte literária do período concernente ao início do século XX no Brasil:

> O Modernismo foi de fato, um movimento amplo, sem donos, renovador em todos os sentidos, que se estendeu da forma ao conteúdo, e que por muitos motivos, definiu uma fase nova nas letras brasileiras. Nos seus inícios, esse movimento enfatizou as mudanças formais, para estabelecer bem as diferenças. Pôs abaixo o prestígio dos sonetos, da métrica, da eloqüência na poesia, escrava da retórica e, por conseguinte, vazia. Na prosa, desapareceu o gosto pelo vocabulário sonoro, pelos jogos de efeito, pelo estilo complicado. A simplicidade começou a ganhar terreno impondo-se como medida de valor. No conteúdo, que em seguida coroa a rebelião formal, se destaca o teor nacional das criações. Começa a declinar o gosto pelo ornamental e superficial. Tudo isso é assinalado, de imediato, pela sequência de autores e de obras que demonstram a existência de uma nova escala de valores, subordinada,

> essencialmente, á busca de uma literatura autêntica, nacional. Em resumo, de tudo o que Machado de Assis havia definido, muitos anos antes, em seu breve e magistral ensaio "Instinto de Nacionalidade". Esse instinto, de fato, é o que vai caracterizar a literatura que se foi elaborando em nosso país, definindo sua autonomia. (SODRÉ, 1999, p. 67-68).

Como característica diferenciadora em relação a seus contemporâneos, Graciliano Ramos infiltra em seu texto os elementos co-relacionados da totalidade socioeconômica, cultural, política e existencial dos sertões[12]. Nas contradições contextuais, por exemplo, das relações de poder, é o âmbito dos embates entre o soldado amarelo e Fabiano que há alguns desses momentos de *Vidas Secas*:

> - Como é camarada? Vamos jogar um trinta-e-um lá dentro? Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de seu Tomás da bolandeira: Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, contando etc. É conforme. Levantou-se e caminhou atrás do amarelo. Que era autoridade e mandava. Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia. O soldado amarelo estava ali perto, além da grade, era fraco e ruim, jogava na esteira com os matutos e provocava-os depois. O governo não devia consentir tão Grande safadeza. Afinal para que serviam os soldados amarelos? (RAMOS, 2006, p. 33).

Se utilizarmos algumas das ideias da ontologia fenomenológica como expressão geoliterária do contexto em *Vidas Secas* haverá momentos diferenciados dos estares do ser. Há

[12] Na presença, de forma literária, do contexto como exercício de correlação dialética pode-se fazer uso das reflexões de Lukács (2018): "No que diz respeito à própria particularidade, devemos recordar o que dissemos anteriormente: que os dois extremos (universalidade e singularidade) são pontos cada vez mais impulsionados para o exterior, mas que num dado momento são, apesar de tudo, pontos, ao passo que o particular como termo médio é antes um traço intermediário, uma extensão, um campo." (LUKÁCS, 2018, p. 157

elementos que constituem o ser-no-mundo, sua coletividade como alteridade ou contradição no ser-com (Fabiano e sua família, ou sua relação com os senhorios e soldado do governo), o ser-para-a-morte, como um símbolo da fatalidade que os acompanha nos ermos sertanejos. Essa força contextual é também trabalhada por Bosi (1988) da seguinte forma:

> Os retirantes de Vidas secas também sonham, mas Graciliano não se permite sonhar com eles, pois só a vigília tem foro na História [...] [o narrador] olha de cima, da História brasileira já conhecida, o destino do vaqueiro. Sair de um ciclo, que ao retirante parece apenas natural, e rumar para uma cidade do Sul, onde, faça chuva ou faça sol, precisa-se de mão de obra barata. À luz do ciclo do capital, que atrai o pobre do sertão à cidade, as imagens finais de Fabiano aparecem como signos de impotência de quem não percebeu a marcha da sua própria história e a fatalidade que a constitui. Mas o narrador as conhece e pode enunciá-las. (BOSI, 1988, p. 25).

Sodré (1999) em colocações específicas sobre o contexto da época, vai ao encontro das considerações de Bosi (1988) ao refletir que:

> Brasil do início de século XX reflete a crise dos fins do século XIX, que culminou com a Abolição e com a República. A mudança do regime de trabalho – de que o ato de 13 de Maio foi apenas a sanção final – representou, realmente, um dos aspectos mais profundos da referida crise. Considerando que a escravidão existiu aqui quatro séculos e moldou seriamente a cultura brasileira, a sua liquidação foi um dos processos mais complexos da nossa história, representou abalo que afetou todas as formas como aquela cultura se manifestava. A mudança de regime político, por outro lado, ligada à mudança no regime de trabalho, peças da mesma crise, importou em manifestação evidente de repudio à centralização, permitindo às oligarquias provinciais, sob a égide da federação, liberdade na preservação de seus privilégios. Economia estruturada à base da agricultura

> extensiva de exportação – atenuada apenas por incipiente agricultura de subsistência -, o país assemelhava-se a um arquipélago em que as áreas produtoras destoavam muito uma das outras e o seu isolamento era frisado na precariedade das comunicações, fazendo com que, às vezes, essas distâncias no espaço se agravassem com a distância no tempo, pelo desenvolvimento desigual. (SODRÉ, 1999, p. 9).

Espacialidade, temporalidade, paisagens, lugares, vivências e existências transpassam-se e formam um todo complexo, de articulações mútuas entre personagens e sua interação umas com as outras e o mundo representado pelo autor.

De certa forma, há uma proposição de acompanhamento da pseudoconcreticidade trabalhada por Kosik (1976) como o momento em que a fenomecicidade é ocupada por seu velamento, exercido por diferentes condições situacionais e circunstanciais, como política, ideologia, economia, elementos presentes de forma sensível ao longo de *Vidas Secas*, e que preenchem a formulação de Kosik sobre sua ideia de pseudoconcreto:

> O mundo da pseudoconcreticidade é um claro-escuro de verdade e engano. O seu elemento próprio é o duplo sentido. O fenômeno indica a essência e, ao mesmo tempo, a esconde. A essência se manifesta no fenômeno, mas só de modo inadequado, parcial, ou apenas sob certos ângulos e aspectos. O fenômeno indica algo que não é ele mesmo e vive apenas graças a seu contrário. A essência não de dá imediatamente; é mediata ao fenômeno e, portanto, se manifesta no fenômeno. O fato de se manifestar no fenômeno revela seu movimento e demonstra que a essência não inerte nem passiva. Justamente por isso o fenômeno revela a essência. A manifestação da essência é precisamente a atividade do fenômeno. (KOSIK, 1976, p. 11).

O concreto da espacialidade soma-se as formas do pseudoconcreto que a recobrem, e são representadas por Graciliano Ramos na sua composição ôntico-ontológica das existências de suas

personagens em *Vidas Secas*. Em outras palavras, há o plano dinâmico do (des)velamento ininterrupto do mundo, em suas diferenciações e contextualizações: “A aproximação substancial, concretizante e conceitual, à essência da arte é agora obtida na medida em que a organização artística de um “mundo” é concebida dinamicamente, como sistema de movimentos, como o sistema de suas tensões e de seus contrastes.” (LUKÁCS, 2018, p. 164).

Em seu texto intitulado *Sertanejos* Graciliano Ramos reforça suas posições sobre a fala e o silêncio, a palavra e a sabedoria por meio da dualidade cidade e campo, presente em suas principais obras, assim como Vidas Secas. Inicia o escrito com algumas ponderações sobre os habitantes da cidade:

> Para o habitante do litoral o sertanejo é um indivíduo meio selvagem, faminto, esfarrapado, sujo, com um rosário de contas enormes, chapéu de couro e faca de ponta. Falso, preguiçoso, colérico e vingativo. Não tem morada certa, desloca-se do Juazeiro do Padre Cicero para o grupo de Lampião, abandona facilmente a mulher e os filhos, bebe cachaça e furta como rato. É esse, pouco mais ou menos, o sertanejo que a gente da cidade se acostumou a ver em jornais e em livros. (RAMOS, 2012, p. 115).

Percebe-se que o autor reforça a maneira como há a infiltração dos dramas existenciais em suas obras, para o exercício de questionamento das contradições da realidade vivida por suas personagens. Como finalização ao traço específico de uma ontologia do ser social presente em *Vidas Secas* há a permanência do sonho de superação da itinerância como utopia a ser alcançada a partir dos ermos territoriais dos sertões:

> E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas,

> aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velhinhos, acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia. Que iria fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinhá Vitória e os dois meninos. (RAMOS, 2006, p. 127-128).

Por fim, encontramos o destaque específico da geograficidades como ponto concreto cartesiano e normativo e, também, como simbologia de emancipação existencial de Fabiano e sua família O sul representa a superação das contradições, o ponto nefrálgico em que a dialética rompe-se em alcance de um novo estado de coisas, a utopia que permanece como possibilidade frente a realidade social do sofrimento, exploração, escassez e vivência nos ermos territoriais (COSTA; SUZUKI, 2016a; MARCUSE, 1968; THAO, 1959).

Como observar-se-á na reflexão referente à contextura, é esse momento final do percurso dialético da ontologia do ser social de *Vidas Secas* que marca o fechamento definitivo da obra, como a abertura ao rompimento socioespacial. Como mencionado por diferentes autores, é essa riqueza contextual da obra que a mantém tão atual, necessária e precisa em relação a condição existencial nas especificidades da formação territorial do Brasil, dos conteúdos ensinados nas salas de aula às reflexões sociais e filosóficas envolvendo a obra desde o seu lançamento.

3.2.6 A contextura

Em relação a obra de Graciliano Ramos, partir-se-á do princípio de uma abertura dialógica entre a ontologia fenomenológica, tal

como apresentado anteriormente em autores como Heidegger, Merleau-Ponty e Sartre para pontos de convergência como materialismo histórico e dialético, especialmente em trabalhos desenvolvidos por Herbert Marcuse (1968), Karek Kosik (1976), Tran Duc Thao (1959) e Carlos Astrada (1942).

Por meio destes autores, e com o auxílio das reflexões e apontamentos metodológicos e epistemológicos realizados nos demais capítulos, será possível propor uma análise a respeito da obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, tendo como principais pilares a relação entre a composição literária do autor e as ideias e categorias tanto do pensamento geográfico como da ontologia fenomenológica, em meio as contradições do ser social por entre paisagens e lugares do sertão. A busca do propósito em ser-se sertanejo do próprio Fabiano é uma ilustração ontológico-existencial de tal condição, mencionada, por exemplo, por Paulo Freire, em seus questionamentos sobre a liberdade do sujeito em meio as contradições da sociedade brasileira:

> [...] qualquer que seja a situação em que alguns homens proíbam aos outros que sejam sujeitos de sua busca, se instaura como situação violenta. Não importam os meios usados para esta proibição. Fazê-los objetos é aliená-los de suas decisões, que são transferidas a outro ou a outros. Êste movimento de busca, porém, só se justifica na medida em que se dirige ao ser mais, à humanização dos homens. E esta, como afirmamos no primeiro capítulo, é sua vocação histórica, contraditada pela desumanização que, não sendo vocação, é viabilidade constatável na história. E, enquanto viabilidade, deve aparecer aos homens como desafio e não como freio ao ato de buscar. (FREIRE, 1994, p. 179).

A contextura torna-se uma rica e profícua forma de imersão ôntico-ontológica pela arte literária, no caso da obra de Graciliano

Ramos, voltando-se para um foco a partir e para a dialética materialista e histórica. Como ressaltado anteriormente, o núcleo familiar da obra é o centro da obra, o foco a partir do qual os demais elementos emanam suas significações, problemáticas e complexidades:

> A arte distorce a realidade para melhor retratá-la: a família retirante criada por Graciliano não é feita à imagem e semelhança da estrutura da família burguesa típica, pois o que define a família da classe que domina não é sua estrutura nuclear, mas a lógica que rege as relações entre seus membros. A família de retirantes é deliberadamente pequena e frágil para melhor representar a realidade reduzida a um mínimo que tangencia a morte. Compõe-se de dois adultos – marido e mulher –, duas crianças sem nome e uma cadelinha, para melhor falar da incerteza, da solidão, do desamparo e da vida por um fio a que estão sujeitos os subalternos num tempo e num lugar em que as condições de vida e de trabalho esmagam os mais fracos, sem traço de compaixão. Estranha à lógica do capital, embora determinada por ela, a família em Vidas secas tem como traço de união a comunidade de destino que faz dela porto de acolhimento e duração. Num mundo em que o desequilíbrio entre o indivíduo e as forças naturais e sociais inclementes faz que o próprio direito à vida esteja constantemente em risco, o grupo familiar é o último reduto em que o viver fraterno ainda pode encontrar algum abrigo, pois lugar de relações pessoais que escapam do jogo de interesses, das trocas e contratos movidos pelo cálculo econômico. A união dos membros da família e o sonho compartilhado de uma vida humanizada poderiam ser tomados como expressão da utopia socialista democrática que alimentou a juventude do próprio autor e sua crença no advento histórico de uma sociedade justa em que todos seriam homens. (PATTO, 2012, p. 232).

O diferencial metodológico proposto para a obra de Graciliano Ramos, especificamente, será a inserção da perspectiva dialética da contradição do ser social, presente na maior parte de seus livros. Este elemento dialético será fundamental para diferenciar o

percurso analítico em relação às obras Grande Sertão: Veredas de João Guimarães Rosa e Os Sertões de Euclides da Cunha, que terão, respectivamente um foco maior na ontologia metafísica da composição ficcional entre o regionalismo e universalismo literário e o olhar descritivo, narrativo e de imersão do autor, no segundo caso, euclidiano. Em uma perspectiva crítico-analítica, em relação a uma abertura ôntico-ontológica do sertão, Marinho (2010) considera que:

> O indivíduo deposita, então, o ser (ser-espacial) na situação geográfica, evidência própria de uma teia de relações entre indivíduos socioespaciais que os afastam ou os aproximam uns dos outros, dependendo dos eventos. Impulso à generalidade humana detonado pela geograficidades. Fundamento ontológico da gênese e desenvolvimento do indivíduo socioespacial enquanto ser antropomorfizado que, para emissão de trabalho e de aprendizado de certas rotinas de determinado lugar, é necessário, ainda que e segunda mão, o ser estar situado. (MARINHO, 2010, p. 148).

Observa-se, de igual modo, que tais considerações estão em diálogo com Lukács (1974) Marinho (2010) ainda reforça suas reflexões ao dissertar que:

> A arte, entretanto, por um lado, não quer se dissolver totalmente no mundo vivo e, por outro, não quer ser atividade puramente autônoma desgarrada da vida. Ela, em sua natureza peculiar de híbrido de imaginação e realidade, “é uma atividade que parte da vida cotidiana para, em seguida, a esta retornar, produzindo nesse movimento reiterativo uma elevação na consciência sensível dos homens” nos diz G. Lukács (1974, p. 11-12) em seu ponto de vista ontológico.

Assim como expresso em *Vidas Secas* e em outras de suas obras, Graciliano faz amplo uso da silenciosidade de personagens centrais para a exposição de seus devires existenciais em suas intencionalidades. Fabiano e, em alguns momentos, os meninos,

Sinhá Vitória ou a própria Baleia nos evidenciam pela narração de seus pensamento e emoções a força contextural, e ôntico-ontológica, de seu silêncio ao longo da obra:

> O *silêncio* – ausência de barulhos? Ou? O silêncio, mais essencial. *"Ausculta" – estar silente, adentrar o silêncio, silêncio* do *Da*. Ausculta – não só: "Seja ouvido", mas seja mais preceptor do que já és, sem sondar e também apenas conhecer e fundar esse "ser". Mais capaz de ouvir – mais auscultante – de que essência e de que alcance é o auscultar! Cada vez conforme a ob-au-diência (*Gehor-sam*), a junção articuladora (*Fugung*), cada vez conforme o domínio da ocasião apta. (HEIDEGGER, 2015, p. 107).

É este silêncio ontológico heideggeriano que observamos em passagens-chave da obra: "Resolvera de supetão aproveitá-lo como alimento e justificara-se declarando a si mesma que ele era mudo e inútil. Não podia deixar de ser mudo. Ordinariamente a família falava pouco." (RAMOS, 1998, p. 8). E o silêncio, como expressão da emanação ou retenção do ser, em seu ser pelos entes, permanece, tal como elaborado nas reflexões da Beaini (1989): "Acolhendo o silêncio atingimos a essência da Linguagem, pois é uma prioridade da Linguagem que nos é dirigida pelo ser sobre aquela que falamos, visto que é o ser que propicia nosso falar acerca de tudo o que há." (BEAINI, 1989, p. 64).

Graciliano Ramos articula, fortemente, os elementos da (in)finitude dos ermos sertanejos no desenvolvimento de sua trama, tal como refletido por Monteiro (2022) e Suzuki (2017), na correlação entre as paisagens, territórios e lugares como formas de expressão geoliterárias. Quando Collot (2013) e Alves (2020) mencionam a força de uma geopoética, em camadas de significações das mais complexas na literatura, é a partir do empírico e da facticidade que

tal característica se torna ainda mais clara. Uma finitude que, segundo Stein (1976) tem que ser pensada como:

> Uma filosofia da finitude volta-se para aquele que levanta a tese do realismo da ordem ou a tese do idealismo do espírito e descobre o homem como matriz destas duas posturas. *Por que procede o homem assim?* Com isto se ultrapassa a postura propriamente metafísica que vive dos extremos (idealismo-realismo: transcendentalidade-objetividade). A ontologia da finitude olha para a facticidade que é sempre também transcendentalidade. Não se trata de discutir as razões do realismo contra o idealismo ou vice-versa. A questão fundamental torna-se o homem. E a questão do ser, não se apresentará mais como uma tese. Antes como uma sondagem da condição humana que por ele pergunta. Surge, assim, a ontologia da finitude. O ser não é mais tese, mas hipótese. A questão do ser será, enquanto genitivo subjetivo, a questão que o ser põe para o homem e, enquanto genitivo objetivo, a questão que o homem faz do ser. (STEIN, 1976, p. 24).

É a partir dessa finitude e imanência que as contradições da existência são trabalhadas por Graciliano Ramos, o lirismo textual que envolve elementos transcendentais ao longo de sua obra, como defendido por Braga (1992) e Mereideiros (1992) e Bosi (2000). Itinerância, mundaneidade, alteridade, morte e finitude, relações de poder em luta de posições socioespaciais, culturais e econômicas, novamente, são demonstrados ao longo da obra na presença ou ausência da emanação da palavra como articulação da linguagem em sua potência de des-velamento da existência-no-mundo: “O pequeno sentou-se, acomodou nas pernas a cabeça da cachorra, pôs-se a contar baixinho uma história. Tinha o vocabulário quase tão minguado como o do papagaio que morrera no tempo da seca.” (RAMOS, 1998, p. 55)

Dois elementos são fundamentais para a composição ôntica e ontológica de *Vidas Secas*. Em primeiro lugar é observar a sobreposição da existência das personagens principais do núcleo familiar em relação aos ermos territoriais dos sertões nordestinos. Em segundo lugar, a maneira como o elemento linguagem, em articulação ou privação, são utilizados como exemplos da apropriação ou superação das contradições do ser social presente ao longo de toda a obra

> Sabe-se que a explicação do real pode averiguar-se em dois planos fundamentais: o ôntico e o ontológico. A explicitação ôntica caracteriza as ciências particulares; a descrição, a pesquisa, a investigação, a manipulação dos entes restringe o ôntico à multiplicidade do real e, por isso, as ciências particulares desdobram-se de modo múltiplo: o mundo ôntico divide-se em regiões e, ao menos em princípio, a cada região corresponde uma ciência determinada. Estuda-se, assim, aquilo que o homem encontra: coisas, plantas, animais, acontecimentos, o próprio homem. Estuda-se sempre e apenas entes determinados, e esse limitar-se à determinação é o que permite distinguir, negativamente, o plano ôntico do ontológico. Realmente, não cabe às ciências particulares perguntar pela entidade do ente, não lhes compete colocar a questão do ser. E tal é justamente o objeto da ontologia: o ser." (BORNHEIM, 1972, p. 9).

O monólogo interior, de Fabiano e sua família, atém mesmo de Baleia, nos oferece uma abertura ao texto, contexto e contextura de *Vidas Secas*, como pensado e articulado por Derrida (1994):

> No monólogo interior, a palavra seria, portanto, apenas representada. Seu lugar pode ser o imaginário (Phantasie). Contentamo-nos em imaginar a palavra cuja existência é assim neutralizada. Nessa imaginação da palavra, nessa representação imaginária da palavra (Phantasievorstellung), não temos mais necessidade da ocorrência empírica da palavra. Sua existência ou sua não-existência nos são indiferentes, pois se temos, então, necessidade da

> imaginação da palavra, por isso mesmo dispensamos a palavra imaginada. A imaginação da palavra, o imaginado, o ser-imaginado da palavra, sua "imagem" não é a palavra (imaginada). Assim cono na percepção da palavra, a palavra (percebida ou aparecendo) que está "no mundo" pertence a uma ordem radical mente diferente da ordem da percepção ou do aparecer da palavra, do ser-percebido da palavra, assim também a palavra (imaginada) é de uma ordem radicalmente heterogênea à ordem da imaginação da palavra. Essa diferença, simultaneamente simples e sutil, mostra a especificidade irredutível da fenomenalidade, e não se poderá entender nada da fenomenologia se não se presta a esse ponto uma atenção constante e vigilante. [...] O sentido "existência" pertence então ao fenômeno. Não é mais o caso no fenômeno da imaginação. Na imaginação, a existência da palavra não está implicada, nem a título de sentido intencional. Só existe então a imaginação da palavra, que é absolutamente certa e presente a si enquanto vivido. Essa já é uma redução fenomenológica que isola o vivido subjetivo como esfera de certeza absoluta e de existência absoluta. Esse absoluto de existência só aparece na redução da existência relativa do mundo transcendente. (DERRIDA, 1994, p. 53).

A espacialidade que habitam compõem o ser-imaginado da e pela palavra, como emanação ou privação da linguagem, como pensado e defendido por Derrida (1994). Um contexto que é textura, um percurso que é errático nos sertões, um sofrimento que não é cessado, mesmo nas páginas finais da obra quando, novamente em silêncio.

As palavras complexas, longas e difíceis da cidade contrastam com as reflexões e pensamentos de Fabiano em relação a si próprio e sua família. A paisagem seca, o sofrimento diário pela errância no sertão são sintetizadas nessas passagens, que moldam a contextura ôntico-ontológica, pautada no olhar crítico do autor, pelos parcos dizeres e silêncios de suas personagens em *Vidas Secas,* até mesmo em questionamentos de Fabiano sobre a educação dos filhos, para a

superação das mazelas de sua condição existencial nos ermos. Esses são caminhos possíveis para uma topoanálise de *Vidas Secas* que, como as demais obras trabalhadas da tríade dessa pesquisa, envolvendo Euclides da Cunha e Guimarães Rosa, pode ser constituída de mais aproximações, dialogias e partilhas de teoria, métodos, empirias e experiências geoliterárias.

3.3 Topoanálise de Grande Sertão: Veredas

João Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo, em 1908, e faleceu em 1967, no Rio de Janeiro. Considerado um dos mais importantes escritores brasileiros, possui uma rica obra formada por contos e romances, que exploravam, amplamente, a vivência do autor mineiro no interior de Minas Gerais como referência aos sertões brasileiro em sua ubiquidade de todo o território nacional, sua formação, modos de vida, complexidade, contradições e profundidade de representação pela arte literária.

Algumas obras notáveis do autor são *Sagarana*, de 1946, *Corpo de Baile: Noites do Sertão*, de 1956, *Primeiras Estórias*, de 1962, *Tutaméia – Tercerias Estórias*, de 1967 e, especialmente, *Grande Sertão: Veredas*, de 1956. Costumes, cultura, narratividades, riqueza nas nuances regionais, questões filosóficas e metafísicas, contradições e problematizações existenciais, riqueza do cotidiano do interior do país são alguns dos principais temas trabalhados pelo autor.

Em *Grande Sertão: Veredas* (GSV), acompanhamos a história de Riobaldo, também conhecido como Tatarana ou Urutu-Branco, um dos inúmeros jagunços do sertão brasileiro. Por três dias, há

uma narrativa do mesmo para um senhor de uma fazenda, e acompanhamos seus relatos de conflitos, laços de amizade, amores, temores e emoções, pactos e pensamentos ao longo de estradas, paisagens, lugares, existências e experiências no interior do país, sertões mineiros, goianos, baianos etc.

Personagens e relacionamentos trabalhados por Guimarães Rosa são, até os dias atuais, problematizados em diferentes vertentes de interpretação e compreensão. De Zé Bebelo a Joca Ramiro, da relação entre Riobaldo e Diadorim, das significações e camadas de pensamentos, emoções e sentimentos, da permanência do metafísico em meio a materialidade das paisagens e lugares dos sertões. A acuraria, inventividade e caráter fundacional do romance rosiano também são destaques entre seus leitores e críticos, pela arte literária de Guimarães Rosa, o sertão não cabe em si, transborda-se.

Topoanaliticamente há, em *Grande Sertão:Veredas*, uma riqueza considerável de reflexões e explorações em diferentes campos do saber. De obras e trabalhos geográficos a filosóficos, literários a teatrais, jurídicos a educacionais, a diversidade de perscrutação das veredas rosianas multiplicam-se. A exemplo destas reflexões a autores que farão jus ao exercício topoanalítico proposto neste estudo pode-se citar Luiz Roncari (2004), Roberto Amaral (2007; 2011), Brait (1998), Monteiro (2002), Bolle (2004), Corpas (2008), Dravet e Castro (2020), dentre muitos outros autores.

3.3.1 Topografias

João Guimarães Rosa era apaixonado, estudioso e admirador do território brasileiro, sua riqueza de paisagens e relações identitárias com um sem números de laços simbólicos, históricos e culturais com os lugares. Em uma das edições de sua obra *Sagarana*, o próprio autor menciona essa sua relação tão íntima e especial com os aspectos geográficos do Brasil e sua obra literária:

> De início, o amor da Geografia me veio pelos caminhos da poesia - da imensa emoção poética que sobe da nossa terra e das suas belezas: dos campos, das matas, dos rios, das montanhas; capões e chapadões, alturas e planuras, ipuêiras e capoeiras, caátingas e restingas, montes e horizontes; do grande corpo, eterno, do Brasil. Tinha que procurar a geografia, pois. (ROSA, 2006, p. 16).

Procurar a Geografia, geopoeticamente, topoanaliticamente, de forma literária, compreendendo-a como a síntese da expressão do ser-no-mundo do povo brasileiro nos brasis do Brasil, por seus sertões. Portanto, precisar, com exatidão o "onde" do sertão de Guimarães Rosa é tarefa das mais complexas por entre as andanças de Riobaldo, Diadorim, os Ramiros e Bebelos e suas guerras e conflitos. Cada parte do território, detalhe da paisagem, lugares passados, aspectos naturais (re)significados pela cultura e o simbólico, são elementos que se entrecruzam na onto-ontologia da geoliteratura e geopoética rosiana em *Grande Sertão: Veredas*:

> O rio, objeto assim a gente observou, com uma croa de areia amarela, e uma praia larga: manhanzando, ali estava em instância de pássaro. O Reinaldo mesmo chamou minha atenção. O comum essas garças, enfileirantes, de toda brancura; o jaburu; o pato verde; topetudo; marrequinhos, martim pescador; mergulhão; e até uns urubus, com aquele

> triste preto que mancha. Mas, melhor de todos – conforme o Reinaldo disse – é o passarim mais bonito de rio-abaixo e rio-acima é o manuelzinho da croa. (ROSA, 1985, p.134).

A travessia que Guimarães Rosa empreende em sua obra magna, *Grande Sertã: Veredas* é efetuada pelo e a partir do nonada, conceituação metafísica, ontológica, fática e fenomênica máxima da obra (ÚTEZA, 1994; CANDIDO, 2004; GALVÃO, 2018; RONCARI, 2004). Esta localização do sertão em toda parte aproxima-se de outras referências literárias que tratam do tema de igual modo como o *Sertão sem fim* de Bariani Ortêncio e o *Livro das Ignorãcas* Manoel de Barros (2016). Além destas obras literárias há as menções a força da topografia, como expressão empírica volátil do sertão rosiano em diferentes obras da crítica literária que trabalham sobre a obra do autor em particular e a literatura e geoliteratura em geral. O sertão ubíquo, em toda parte, é a principal marca d'os sertões rosianos, em nosso acompanhar das trilhas e viagens de Riobaldo e sua trupe de jagunços:

> Pois ainda tardei, esbarrado lá, no burro do lugar. Mas como que já estivesse rendido de avesso, de meus íntimos esvaziado. – "E a noite não descamba!..." Assim parava eu, por reles desânimo de me aluir dali, com efeito; nem firmava em nada minha tenção. As quantas horas? E aquele frio, me reduzindo. Porque a noite tinha de fazer para mim um corpo de mãe – que mais não fala, pronto de parir, ou, quando o que fala, a gente não entende? Despresenciei. Aquilo foi um buracão de tempo. A mor, bem na descida, avante, branquejavam aqueles grossos de ar, que lubrinam, que corrubiam. Dos marimbus, das Veredas-Mortas. Garoa da madrugada. E, a bem dizer por um caminho sem expedição, saí, fui vindo m'embora. Eu tinha tanto friúme, assim mesmo me requeimava forte sede. Desci, de retorno, para a beira dos buritis, aonde o pano d'água. A claridadezinha das estrelas indicava a raso a lisura daquilo. Ali era bebedouro de veados e onças. (ROSA 1985, p. 319).

A dúvida e questionamentos sobre a própria existência somam-se ao ermo do lugar, em todos os lugares, dos interiores territoriais brasileiros:

> Curvei, bebi, bebi. E a água até nem não estava de frio geral: não apalpei nela a mornidão que devia-de, nos casos de frio real o tempo estar fazendo. Meu corpo era que sentia um frio, de si, frior de dentro e de fora, no me rigir. Nunca em minha vida eu não tinha sentido a solidão duma friagem assim. E se aquele gelado inteiriço não me largasse mais. Foi orvalhando. O ermo do lugar ia virando visível, com o esboço no céu, no mermar da d'alva. As barras quebrando. Eu encostei na boca o chão, tinha derreado as forças comuns do meu corpo. Ao perto d'água, piorava aquele desleixo de frio. Abracei com uma árvore, um pé de breubranco. Anta por ali tinha rebentado galhos, e estrumado. – "Posso me esconder de mim?..." Soporado, fiquei permanecendo. O não sei quanto tempo foi que estive. Desentendi os cantos com que piam, os passarinhos na madrugança. Eu jazi mole no chato, no folhiço, feito se um morcegão caiaria me tivesse chupado. Só levantei de lá foi com fome. Ao alembrável, ainda avistei uma meleira de abelha aratim, no baixo do pau-de-vaca, o mel sumoso se escorria como uma mina d'água, pelo chão, no meio das folhas secas e verdes. Aquilo se arruinava, desperdiçado. Senhor, senhor – o senhor não puxa o céu antes da hora! Ao que digo, não digo? (ROSA 1985, p. 320).

Para Guimarães Rosa, a Terra e o Mundo, no sentido trabalhado por Dardel (2011), como significação do sujeito em habitação de seu ambiente, é uma relação cultural, histórica, simbólica, cultura e irrefutável da própria existência. Como defendido por Dravet e Castro (2020) quando dizem que:

> Para Guimarães Rosa, a viagem etnográfica era um modo de aprendizado da geografia humana e do território, além de obviamente literária; um meio de acessar a um tipo de conhecimento ligado à grandeza das coisas, sobretudo o seu caráter infinito e sublime, que exigia dele um trabalho de autoconhecimento, "conhecimento e imaginação", como ele preferiu dizer no seu discurso de posse na Sociedade de Geografia, em 1945. "Conhecimento e imaginação" que

> levavam à poesia. Isso explica-nos por que a topografia era, para Guimarães Rosa, simultaneamente, real e imaginária. (DRAVET; CASTRO, 2020, p. 03).

Os sertões rosianos extendem-se por diferentes paisagens e localizações do território brasileiro, especialmente em sua porção central, sem uma precisão de seu locus. Esse é o desafio de localização, descrição e projeção imagética, de forma cartográfica livre, proposto e elaborado por Alan Viggiano (1974) por entre o itinerário possível, ou não, de ser (re)conhecido nos interiores de Goiás, Bahia e, principalmente, Minas Gerais a partir da obra de Guimarães Rosa.

O labirinto topográfico rosiano também é mencionado por Monteiro como de difícil imersão, ao mesmo tempo em que caracteriza sua arquitetura literária e criativa:

> O Grande sertão: veredas, mais do que qualquer outra obra de Guimarães Rosa, admite muitas entradas e poucas saídas. Daí sua associação freqüente à idéia de um "labirinto". A partir do arquitetar da escritura – numa narrativa caudal dispensando partes ou capítulos, com uma linguagem peculiar, e o ziguezaguear ao sabor do fluxo da memória do ex-jagunço pouco letrado –, tudo representa um desafio ao leitor. (MONTEIRO, 2002, p. 28).

Mesmo que o sertão rosiano seja mais lembrado pela obra máxima do autor, em toda sua carreira como literato há mostras dessa profundidade existencial, ontológica, e topológica do ser-no-mundo a partir da correlação entre o lugar onde se está as significações desse estar cronotopicamente. Em *Pantanal*, conto do livro *Ave Palavra* é possível observarmos essa correlação espaço-temporal do sertão brasileiro, compreendido como interior

territorial, em uma das andanças, na forma de relato, presente no conto na região alagável de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul:

> 15h, 05. Nem a prancha pode vir mais. Passamos para as carretas, agora veículos aquáticos. Os bois empurram a água com os joelhos, e como correm, cabeceando. — "Mimoso! Areião! Varjão!" — Suas caudas se espiralam. Suas vassourinhas, negras, borrifam-nos o rosto. O carreiro muxoxa, estala rudes beijos. Nem brande o chicote, esguio de cobra, látego longo. O outro carreiro vem a cavalo. Não há guia.
> — "Hip... Hão... Varjão!"
> Um cervo transpõe o mundo, aos saltos, à nossa frente, águas o respingam no ar, o apanham. Ficou parado um instante, e o carreiro lhe acena.
> — "Hup... Varjão!... esses bichos entram até em curral, com o gado, até com a gente..."
> 16h, 08. Atravessamos o Corixinho, o carreiro tem de subir no carro. Os coqueiros sucedem-se, falam seu verde. O azul grumo do céu digere o último fio de nuvem. As surpresas de aves são incontáveis. As águas nunca envelhecem de verdade. (ROSA, 2009, p. 234).

O sertão em toda parte reitera-se nessa passagem destacada. As águas, os solos, as rochas, os sujeitos e suas circunstâncias, a topologia do ser emana em cada frase e destaque do cotidiano do atravessar e atravessar-se pelas paisagens e lugares dos interiores territoriais brasileiros. O *ão* do sertão multiplica-se, em todas as obras do autor, como ressaltado por Dravet e Castro (2020), respeitando a premissa ôntico-ontológica da não correspondência empírica engessada do sertão em seu caráter imaterial e imaginal:

> O imaginário do "grande", a princípio, abriga o espaço magno do aberto, do imenso e do infinito, imensidão não só otimizada em quantidade espacial, mas também em qualidade ampliadora, por sua vez, da palavra "sertão", cujo aumentativo "ão" agiganta ainda mais o sentido de "grande". Riobaldo/Crátilo busca, muito além das convenções de uso, a natureza das palavras, o que significa que, a partir do nome correto, se estabelece o sentido, aquilo que é anterior, nem

> intelectual, nem sensível: a matéria imaterial "imaginal" das coisas como elas são. As palavras só podem ser o resultado de uma profunda experiência de vida, acompanhada pela experiência reflexiva que leva a um mundo intermediário. O mundo real? (DRAVET; CASTRO, 2020, p. 09).

Geógrafos como Ab'Sáber (1999), Monteiro (2002) e Moraes (2003) ressaltam e fazem amplo uso do referencial geoliterário rosiano em suas formulações e conceituações sobre o sertão brasileiro. Esse mundo multiplicado aprofunda-se em camadas, cotidianos, históricas, imbricações simbólicas e culturais, e torna-se o ponto alto, e perene, tanto de *Grande Sertão: Veredas* como outras obras de Guimarães Rosa, como destacado por Candido (2002):

> Dobrado sobre o mapa, somos capazes de identificar a maioria dos topônimos e o risco aproximado das cavalgadas. O mundo de Guimarães Rosa parece esgotar-se na observação. Cautela, todavia. Premido pela curiosidade o mapa se desarticula e foge. Aqui, um vazio; ali, uma impossível combinação de lugares; mais longe uma rota misteriosa, nomes irreais. (CANDIDO, 2002, p. 124).

A topografia, como elemento intrínseco da obra rosiana precisa ser destacada. O percurso de constituição da topoanálise perpassa pela consideração do protagonismo do espaço na constituição da expressão do se e modos do ser, como estares da existência, de, a partir, e como ponto de chegada pela espacialidade das paisagens, lugares e territórios. Blanchot (2011), Collot (2011; 2013), Alves (2020) e Suzuki (2017) são exemplos dos autores que, tanto pelo olhar geográfico como literário podem ser mobilizados nesse exercício topoanalítico que possui em *Grande Sertão: Veredas* uma de suas maiores expressões.

3.3.2 Narrativas

A narrativa de *Grandes Sertão: Veredas* é uma das mais singulares da literatura nacional. Ao longo de suas quase 600 páginas há um amplo uso de passagens, acontecimentos, causos e momentos de vivência, especialmente partilhados com o leitor pela voz e experiência de Riobaldo. Nas palavras do próprio Guimarães Rosa, o existencial e metafísico, o ontológico e o cotidiano, o narrativo e o mitológico fazem parte de seu traço criativo:

> [...] sou profundamente, essencialmente religioso, ainda que fora do rótulo estricto e das fileiras de qualquer confissão ou seita; antes, talvez, como o Riobaldo do "G. S.: V", pertença eu a todas. E especulativo, demais. Daí, todas as minhas, constantes, preocupações religiosas, metafísicas, embeberem meus livros. Talvez meio existencialista-cristão (alguns me classificam assim), meio neo-platônico (outros me carimbam disto), e sempre impregnado de hinduísmo (conforme terceiros). Os livros são como eu sou. (ROSA, 2003, p. 90).

O dialógico, desta forma, como forma de escrita e expressão de ideias, emoções, pensamentos e ações, é amplamente utilizado por Guimarães Rosa como fio a partir do qual a intencionalidade, ou atos intencionais, no sentido husserliano, é desenvolvido ao longo de sua obra:

> O texto, que se abre pelo travessão do diálogo, dá vazão à tradição da épica oral, incorporando no movimento da fala do narrador o modo de ser das narrativas anônimas do sertão. Quer dizer: desde o primeiro momento, a linguagem se dedica à imitação do mundo que lhe serve de referência, transfundindo no discurso narrativo a continuidade do espaço de que partiu, mas que em muitos aspectos transfigurou. (ARRIGUCCI, 1994, p. 21)

Esta presença do diálogo trabalhada por Arrigucci (1994) aproxima, em muitos aspectos, à dialogicidade de Paulo Freire em seu inacamenteto do sujeito, a existência no mundo e a premissa ontológica do ser mais. *Educação Sentimental* proposta por Arrigucci (1994), ao mesmo tempo em que os elementos de teorização que vai do cotidiano, dialógico, contextual, histórico e situacional de um romance de formação, pela fundação de mundo e sua experiência a partir das personagens rosianas.

Ler GSV é, portanto, um convite à experiência do ser *ouvinte* dos sujeitos situados naquele mundo geoliterário. Nas palavras de Marandola e Oliveira (2009) esse exercício e condição específica do ato de leitura da obra é:

> Talvez, o mais prazeroso é o quarto de agradar e deleitar o ouvinte ou o leitor. As obras literárias são procuradas para deleite próprio, selecionadas segundo a experiência, a classe, o interesse do leitor, atendendo a necessidade do momento. Mas são também passaportes para outros mundos, para a construção de novas experiências, outras viagens: de reflexão, deleite, deslumbramento e descoberta. (MARANDOLA JR; OLIVEIRA, 2009, p. 502).

O aspecto de uma narrativa que varia em experiências e empirias por diferentes mundos é também trabalhado por Corpas (2008), citando Arrigucci (1994) e outros críticos literários. Há tanto a presença da estrutura fraseada do que é contado de forma episódica e situacional como um plano de fundo maior, ligado a aspectos similares a conceituação de GSV como um exemplar de romance de formação sobre o território e sociedade brasileiras:

> Em O mundo misturado, Davi Arrigucci avalia o livro de Rosa como “forma mesclada do romance de formação com outras modalidades de narrativa”. Investigando nexos entre essa

> mescla e "o processo histórico-social que rege a realidade também misturada do sertão rosiano" (1994, p. 7). O termo formação, aí, não remete diretamente à tradição dos estudos sobre o Brasil a que nos referimos acima, mas à categoria literária do Bildungsroman – a partir da qual o ensaísta procura especificar o modo como o livro formaliza a dinâmica própria da experiência moderna no país. Na perspectiva desse ensaio, imbricam-se o referencial haurido das obras e da teoria relacionadas ao romance de formação e o legado dos estudos da formação brasileira. (CORPAS, 2008, p. 268).

Sobre estre traço da escrita com e sobre os sertões, diz o próprio Guimarães Rosa que: "Eu, quando escrevo um livro, vou fazendo como se o estivesse "traduzindo", de algum alto *original*, existente alhures, no mundo astral ou no "plano das idéias", dos arquétipos, por exemplo" (ROSA, 2003, p. 99). O autor estava, neste caso, em diálogo com um de seus tradutores, situação que se repetiria ao longo de sua carreira e publicações e edições de suas obras[13].

> Vistas as questões relativas ao discurso dos donos do poder, passa-se à segunda instância que o crítico considera integrante da rede discursiva tramada em Grande sertão: veredas – as "falas do povo". Observando as funções que Diadorim desempenha na narrativa, Bolle afirma que essa figura, decisiva na trajetória do jagunço Riobaldo e no encaminhamento da narração, é também expressão da

[13] Assim como ressaltado por Arrigucci (1994) quando defende que: "Arrancando do meio do sertão, a fala do Narrador se dirige para a cidade; o livro por assim dizer traz para o presente e para o mundo urbano as peculiaridades de uma região em princípio atrasada, imersa em outros tempos: esse é o movimento do mito à pergunta pelo sentido; do espaço arcaico, em múltiplas gradações, rumo ao espaço urbano e moderno do universo burguês. O esquema narrativo adotado, mesclado, por sua vez, ao diálogo dramático de primeiro plano, há pouco descrito, propicia justamente esse movimento do enredo ou do mythos rumo ao diálogo esclarecedor, porque neste se encena a pergunta pelo sentido. O enigma das formas misturadas assim se busca esclarecer." (ARRIGUCCI, 1994, p. 20).

> paixão artística, “o medium, através do qual o romancista expressa seu amor pelo povo sertanejo” – “o trabalho de luto do narrador pela pessoa amada faz com que se construa, através de uma linguagem inovadora, um símile da vida, [...] a história do povo” (2004, p. 224-225). (CORPAS, 2008, p. 282).

Essa correlação entre o narrador e as experiências, falas, vivências, ações e emoções das personagens em GSV também é observado por Bolle (2004) e Candido (2004; 2017). No caso do primeiro autor, até mesmo os elementos sagrados e profanos, como uma das muitas camadas da estrutura simbólica e cultural do romance são tanto aquilatados como complexificados a partir de toda sua estrutura e desenvolvimento:

> O fato de o narrador ser pactário é também um estratagema para justificar que ele passe a trair o sistema dominante e a revelar seus segredos. Em vez de denunciar ou legitimar, ele mostra como se fabricam discursos de denúncia e de legitimação. (...) A capacidade do narrador rosiano de tornar transparente a função diabólica da linguagem é, no sentido original da palavra, uma qualidade luciférica. Esboça-se assim uma afinidade eletiva entre a arte de narrar de Guimarães Rosa e o satanismo de Baudelaire, o poeta no auge do capitalismo, cuja posição foi caracterizada por Walter Benjamin nestes termos: “(...) Era um agente secreto – um agente da insatisfação secreta de sua classe com a sua própria dominação.” (BOLLE, 2004, p. 194).

Pelas falas, pensamentos, empirias, teorizações, raciocínio e emoções de Riobaldo, Guimarães faz uso, como narrador, da própria personagem como meio pelo qual pode fazer ideações, interpretações e problematizações sobre a própria sociedade brasileira: “Esse romance retoma por variadas pontas um tema central da literatura brasileira, qual seja, o do confronto e substituição da família patriarcal de fronteiras soltas pela família

nuclear de fronteiras firmes no plano legal e afetivo.” (AGUIAR, 1998, p. 101).

O sertão como o em-si maior da empiricidade territorial do Brasil torna-se um tema centrípeto, a partir do qual há dualidades históricas e culturais, como campo e cidade, o atrasado e o moderno, o jagunço e o fazendeiro e, também, um acompanhamento dos próprios questionamentos sobre o que é ser um sujeito no espaço habitado, como ser-no-mundo em diferentes estares por entre as terras do interior do país, seus conflitos e contradições:

> Quer dizer: Riobaldo formula questões que vão muito além do saber que caracteriza o homem de bom conselho que é o narrador tradicional, cuja sabedoria prática se funda em larga medida na experiência comunitária. Na verdade, as interrogações que formula sobre o sentido de sua experiência configuram a pergunta pelo sentido da vida típica do romance burguês, voltado para os significados da experiência individual no espaço moderno do trabalho e da cidade capitalista. Aqui, no entanto, a questão brota do sertão e dos avatares de um narrador proverbial em sua travessia em busca do sentido do que viveu. Esse paradoxo define um dos aspectos fundamentais da obra e nos leva ao coração da mescla, fazendo ressaltar suas articulações profundas com o contexto históricosocial do sertão (e do País) a que remete. (ARRIGUCCI, 1994, p. 19-20).

A partir das considerações de Arrigucci (1994) é que fica mais claro quando, em outro momento, disserta Rosa sobre suas influências e ritos criativos que: “meus livros, em essência, são 'anti-intelectuais' – defendem o altíssimo primado da intuição, da revelação, da inspiração sobre o bruxolear presunçoso da inteligência reflexiva, da razão, da megera cartesiana. Quero ficar com o Tao, com os Vedas e Upaxinades, com os Evangelistas e São

Paulo, com Platão, com Plotino, com Bergson, com Berdiaeff – com Cristo, principalmente" (ROSA, 2003, p. 90).

A particularidade da escrita e, especificamente, na forma de contar as histórias em Guimarães Rosa é ressaltada por alguns dos especialistas e críticos que se especializaram na obra o autor como Roncari (2004) e Galvão (2018). O traço autoral rosiano é marcado por elementos historiográficos, sociológicos, mitológicos e metafísicos, muitas vezes entremeados por situações, vivências e referências culturais dos interiores territoriais brasileiros.

Assim como teorizado por Ortêncio (1965; 2009) há uma riqueza e especificidade, principalmente na linguagem regional dos sertões de estados como Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso e Bahia, que formariam o interior territorial do *grande* sertão, como interior territorial brasileiro (AMADO, 1995; MORAES, 2003). O cotidiano e a vivência nos interiores territoriais formam o ponto de ligação da linguagem e forma de contar a história presente em GSV:

> Guimarães Rosa, sem se descurar dos nossos costumes privados, os da vida familiar e amorosa, próprios do romance, procurou integrar a eles também os da vida pública, o que deu a sua ficção também a dimensão de uma representação do país, e muito mais realista do que se poderia supor. Foi essa a razão que me levou a discutir parte de sua obra como sendo também a de um intérprete do Brasil, embora muito peculiar. (RONCARI, 2004, p. 20).

Em concordância com Roncari (2004) reflete Rosenfield (2009) na habilidade narrativa da relação interescalar entre personagens, lugares e paisagens na ora rosiana: Há na obra de Rosa um elemento autenticamente epifânico, um frémito, uma aura que são irredutíveis aos motivos literários, temas regionais ou universais,

conteúdos filosóficos ou sociológicos. (ROSENFIELD, 2009, p. 58). Em outras palavras, temos que:

> O sertanejo, diz Rosa, tem o gosto de especular ideias, ele é próximo dos místicos. O que Rosa quer dizer com isso? Os movimentos místicos são geralmente apoiados em imagens, ou, melhor, na intensidade da experiência simultaneamente física e espiritual de objetos poéticos (a rosa mística é um dos exemplos que se tornou um símbolo) não contestam as doutrinas demasiadamente consolidadas e redescobrem as verdades essenciais a partir de experiências singulares que trazem o Espírito, a Verdade, Deus de volta para o mundo concreto [...] nos excessos da razão que aparecem quando uma ideia ou doutrina é aplicada abstratamente no mundo real, e na necessidade de parar de pensar, de contemplar e meditar para achar um outro espaço. Rosa, com certeza, deve ter gostado de alguns dos trocadilhos de Heidegger que salientam a consistência crítica da arte e da literatura. (ROSENFIELD, 2009, p. 58).

As imagens geo-poéticas de Riobaldo, protagonista de Grande Sertão Veredas, ao modo como trabalhada Bachelard (2008) serão compostas por este inacabamento, oco e busca por um preenchimento de sentido ou, em última instância, conflito entre a identificação e diferenciação da relação com tais significações com o outro, o mundo e si mesmo.

A totalidade-mundo sertão e (in)fnito modo de ser como ser-no-mundo sertanejo unem-se, de forma indissociável, como costumes, fundação de mundo e sua a significação de suas formas de habitação. Riobaldo como o sujeito em andança, o ser-aí que se transforma em ser-em e ser-no-mundo ao longo do romance é evidenciado em sua maneira de lidar com pessoas e coisas, paisagens e situações, sentimentos e falas, acontecimentos e silêncios. A existência em meio ao sertão e a facticidade da

empiricidade unificam-se com personagem e autor, de forma orgânica e desafiadora, para leitores e críticos:

> Riobaldo leva consigo seus pertences, um objeto de culto e uma lembrança: 1. uma rede; 2.uma imagem de santo de pau; 3. um caneco de asa pintado de flores; 4. uma fivela grande com ornado; 5. um cobertor de baeta; 6. uma muda de roupa; 7. a trouxa, que os demais envolve. É evidente que nesta separação pode haver aspectos práticos a considerar, como a dificuldade de se levar um pote. Mas é evidente também que estamos diante de uma tentativa de separar o seu próprio mundo do mundo materno-feminino com o qual ele conviveu de perto sem ter ao lado o correspondente mundo paterno-masculino. Essa tentativa, no entanto, revela uma certa mistura simbólica dos mundos. Riobaldo escolhe, para levar consigo, objetos que também são ocos, que lhe acolhem o corpo (rede, cobertor, roupa) ou os demais objetos(trouxa). (AGUIAR, 1998, p. 86).

Por fim, há um imbricamento e surgimento, de forma ônica e ontológica na maneira como a narrativa rosiana vê, vive, escreve e nos apresenta e experienciar o mundo sertanejo dos interiores territoriais brasileiros e escrevê-lo em seus contos e romances fará com que haja, principalmente, uma dialética do metafísico nas obras de Rosa, tratando de dualidades como a presença e ausência, a certeza e a dúvida, Deus e o Diabo, o vazio e o preenchido, o amor e o ódio, dentre outras ponderações dualísticas e inspiracionais que são encontradas em diferentes momentos da obra do autor, bem como em seu Grande Sertão Veredas.

3.3.3 Espacialidade

A espacialidade compõe um elemento fundamental e essencial da escrita rosiana. Novamente, se fizermos uso do referencial crítico das obras do autor como efetuado por Corrêa (000), Roncari (2004),

Galvão (1972; 2009a; 2009b; 2009c; 2015; 2018) e Candido (1954; 1989; 1992; 2002; 2004; 2006a; 2006b; 2017) haverá uma unicidade e concordância em como a dimensão espacial perpassa e define os meandros temáticos, narrativos e criativos da arte literária por Guimarães Rosa.

> O romance de Guimarães Rosa é a ficção mais real que nos defrontamos nestes Brasis de sertões, de veredas, de rios caudalosos, de chapadas, de jagunços, de fábulas, de vilarejos empoeirados, de sertanejos fortes e armoriais, multifacetados, mas irmanados pelas falas e pelas crenças. Nesta linha destacaram o papel da Literatura para a Geografia o geógrafo Fernando Segismundo, em 1949, e o poeta-literato Mauro Mota, em sua Geografia literária, de 1961 (SEGISMUNDO, 1949; MOTA, 1961). (MARANDOLA JR; OLIVEIRA, 2009, p. 491).

Em se tratando do papel fundamental do espaço, ou da espacialidade na literatura de Guimarães Rosa haverá, de forma inerente e intrínseca, os sertões como forma e conteúdo de fundamental de suas obras. Pensando-se nessa essência, natureza específica da facticidade e Em-si d'os sertões rosianos Monteiro (2002) disserta que:

> Embora o conhecimento do sertão roseano requeira a associação entre a Terra, o Homem e a sua Luta ou o seu problema – aqueles elementos que estruturam o clássico Os sertões de Euclides da Cunha –, há profundas e radicais diferenças entre as obras do engenheiro cientista e do diplomata escritor. Há quem considere o Grande sertão: veredas uma reescrita de Os sertões, tese da qual discordo totalmente. Uma coisa é um engenheiro, estranho à região, imbuído de altos conhecimentos científicos (da época) "denunciar" para a nação a iniqüidade do massacre de adeptos de um movimento messiânico, por ignorância da realidade natural e social do sertão baiano, e outra é uma elaboração estética, altamente poética, de um romance no qual um vero sertanejo, no seu saber obscuro, "desvela" o seu problema pessoal como parte da realidade natural e

> sociopolítica do sertão mineiro. Um libelo, uma explicação "científica", uma denúncia, uma "revelação erudita de um lado". Um "desvelamento" literário, artístico, um poema encantatório, de outro. (MONTEIRO, 2002, p. 49).

O emprego amplo da empiricidade nonada, travessia e do próprio ser emulado pelo sertão é um marco, por tanto, na obra de Guimarães Rosa. O caso do liso do Sussuarão é um dos maiores e melhores exemplos de como esta espacialidade. Este recorte espacial transborda o próprio romance a partir de sua materialidade literária e imaterialidade no mundo real, vivido pelo autor, uma aliança única entre o imaginal e o real como fonte de inspiração para a escrita das centenas de páginas das andanças de Riobaldo e demais jagunços de *Grande Sertão: Veredas*:

> O Liso do Sussuarão parece-me um caso típico de criação. Uma criação para refletir um estado de espírito – ora dificultoso em demasia de ser atravessado ora sem maiores dificuldades – mas como que se colocando dentro de limites lógicos de verossimilhança. O Liso do Sussuarão não é um deserto com oásis de tamareiras, o que seria absurdo de conceber, mas algo que emprestou elementos do Raso da Catarina ou do Jalapão em sua composição. Mas parece que já houve felizardos que conseguiram identificar e localizar cartograficamente não só o Liso do Sussuarão enquanto outros continuam procurando-o

Neste exemplo do Liso do Sussuarão, observemos, por exemplo, como a linguagem, a dimensão espacial e a maneira de se contar a história são encontradas de forma imbricadas em uma passagem específica de Grande Sertão Veredas: "Mas o terreno aumentava de soltado. E as árvores iam se abaixando menorzinhas, arregaçavam saia no chão. De vir lá, só algum tatú, por mel e mangaba." E continua o autor, em sua descrição e imersão, pela espacialidade, nas vivências das personagens e experiência da

leitura de sua obra: “Depois, se acabavam as mangabaranas e mangabeirinhas. Ali onde o campo largueia. Os urubus em vasto espaceavam. Se acabou o capinzal de capim-redondo e paspalho, e paus espinhosos, que mesmo as moitas daquele de prateados feixes, capins assins. Acabava o grameal, naquelas paragens pardas.”

E, por fim, podemos conectar este papel da espacialidade na continuidade do que foi tratado nos capítulos anteriores, no que diz respeito à facticidade mundana em que se passam as histórias nos interiores territoriais sertenajos: “Aquilo, vindo aos poucos, dava um peso extrato, o mundo se envelhecendo, no descampante. Acabou o sapé brabo do chapadão” (ROSA, 1978, p. 63).

Assim como trabalhado por Ortêncio (1965; 2009) e aprofundado por Correa (1978) há o papel essencial da linguagem na construção e inserção do fundamento espacial na construção narrativa rosiana: “A gente olhava para trás. Daí, o sol não deixava olhar rumo nenhum. Vi a luz, castigo. (...). Achante, pois, se estava naquela coisa – taperão de tudo, fofo ocado, arreveso. Era uma terra diferente, louca, e lagoa de areia. Onde é que seria o sobejo dela, confinante?” Os elementos fáticos e a fenomenicidade de tais fatos ao longo das veredas, colinas, campos, serras, fazendas e vilarejos serão uma constante pelas distâncias, paisagens, lugares e elementos das lugaridades que compõem as veredas do sertão rosiano: “O sol vertia no chão, com sal, esfaiscava. De longe vez, capins mortos; e uns tufos de seca planta – feito cabeleira sem cabeça. As-exalastrava a distância, adiante, um amarelo vapor. E fogo começou a entrar, com o ar, nos pobres peitos da gente.” (ROSA, 1978, p. 63-64). Essa presença da imanência e experiência da

espacialidade do lugar é sempre mencionada por Guimarães Rosa, uma apresentação e convite constante ao cotidiano fático dos viventes dos interiores territoriais brasileiros:

> Tanto tudo o que eu carregava comigo me pesava – eu ressentia as correias dos correames, os formatos. A com légua-e-meia de andada, bebi meu primeiro chupo d'água, da cabaça – eu tinha avarezas dela. Alguma justa noção não emendei, eu pensava desconjuntado. Até que esbarramos. Até que, no mesmo padrão de lugar, sem mudança nenhuma, nenhuma árvore nem barranco, nem nada, se viu o sol de um lado deslizar, e a noite armar do outro. Nem auxiliei a tomar conta dos bois nem a destravar os burros da albarda. Onde era que os animais iam poder pastar? Noite redondeou, noite sem boca. Desarreei, peei o animal, caí e dormi (ROSA, 1978, p. 66).

A espacialidade de Minas Geais, como o êmulo principal e especial dos sertões brasileiros é mencionado por Candido (2004) como a amplidão a partir da qual Guimarães Rosa extrair sua narrativa, texto e contexto em suas histórias e narrativas:

> Dos Estados do Brasil, Minas Gerais é o mais diversificado, constituindo uma espécie de passagem, tanto entre Norte e Sul quanto entre Leste e Oeste. Na sua parte setentrional, a natureza e os tipos humanos confundem-se com os da Bahia sertaneja; na parte meridional, equipara-se a São Paulo e ao Rio de Janeiro; para o lado poente, faz corpo com a paisagem social e física de Goiás. No meio dessas áreas centrífugas, a região das minas manifesta o que ele tem de mais original em outras áreas do interior do Brasil antes do século XIX. (CANDIDO, 2004, p. 136).

Sobre a espacialidade de GSV, Candido (2004) continua sua análise digressão das paisagens e lugares, em concordância com demais críticos e intelectuais que analisam a obra rosiana, quando menciona que: “De fato, em *Grande sertão: veredas* ocorro algo diametralmente oposto.” (CANDIDO, 2004, p. 146). Em outras

palavras: “Não se trata de livro realista nem pitoresco, embora pitoresco e realismo nele se encontrem a cada passo; mas de um livro carregado de valores simbólicos, onde os dados da realidade física e social constituem ponto de partida.” (CANDIDO, 2004, p. 146). Novamente, voltemos ao exemplo do Liso do Sussuarão, como síntese das análises e reflexões apresentadas até o momento sobre a espacialidade em *Grande Sertão: Veredas*:

> Nada, nada vezes, e o demo: esse, Liso do Sussuarão, é o mais longe - pra lá, pra lá, nos ermos. Se emenda com si mesmo. Água, não tem. Crer que quando a gente entesta com aquilo o mundo se acaba: carece de se dar volta, sempre. Um é que dali não avança, espia só o começo, só. Ver o luar alumiando, mãe, e escutar como quantos gritos o vento se sabe sozinho, na cama daqueles desertos. Não tem excrementos. Não tem pássaros. (ROSA, 1994, p. 41).

Em concordância com Candido, na esteira da citação de Guimarães Rosa sobre esse recorte amplamente explorado em sua obra, há as considerações de Dravet e Castro (2020), quando mencionam o caráter mundo do sertão em seu próprio aumentativo intrínseco no ão que o forma por entre paisagens e lugares:

> O imaginário do “grande”, a princípio, abriga o espaço magno do aberto, do imenso e do infinito, imensidão não só otimizada em quantidade espacial, mas também em qualidade ampliadora, por sua vez, da palavra “sertão”, cujo aumentativo “ão” agiganta ainda mais o sentido de “grande”. Riobaldo/Crátilo busca, muito além das convenções de uso, a natureza das palavras, o que significa que, a partir do nome correto, se estabelece o sentido, aquilo que é anterior, nem intelectual, nem sensível: a matéria imaterial "imaginal" das coisas como elas são. (DRAVET; CASTRO, 2020, p. 45).

Guimarães Rosa funda mundos, lança suas personagens por entre as espacialidades do sertão. Há geograficidades gestadas e

emanadas pela palavra, pela arte literária. No seu conto *Em-cidade* é curioso o fato de autor efetuar esse mesmo exercício criativo de escrita e criação em exemplo específico a partir da infância. O mundo ao redor, a facticidade contribuindo, de forma inerente, na constituição de mundo, no ser-em como estares da existência no mundo:

> Há, porém, outro grupete — dois joãozinhos e uma mariazinha — que fixaram próprio território no espaço entre árvores, segunda e terceira, vindo de acolá, ou vigésima primeira e segunda, se se vem dali. Estes fazem geografia; experimentam cidades, copiam Lilliput. A terra é seu material utilizável — com um punhado, uma duna, duma duna uma colina, numa colina um edifício. Se a chuva deixou poços, sobre lama para construções menos efêmeras, e se espelham n'água castelotes ribeirinhos. Cravam cacos de garrafa, verdilhantes, e enfilam pedrinhas, como dólmens ou meros dentes em gengivas. As árvores estão altas demais, para uso deles, e então querem uma floresta: fabricam-na, arraigando retalhos de folhas. Gostam da limpeza, e não saem da simetria. Um sulco de fundo aplanado é uma estrada, por onde transitam caixinhas-de-fósforos, carregadas com um tostão, uma birosca e um papel de bombom. Também introduzem em seu mundo recente os brinquedos oficiais, trazidos de casa: um cavalo cinzento, um automovelzinho, um pincel de barba, e outros entes parentes. E tudo preveem para conforto desses complexos personagens, que, no entanto, começam por desmanchar proporção e perspectiva. (ROSA, 2009, p. 202).

Espacialidade como fonte de elaboração do texto, contexto e, por fim a contextura de *Grande Sertões: Veredas* é uma característica marcante em toda obra rosiana: "O mundo roseano é a dialética da História e da Geografia, mas sem tempo e sem espaço. Está em todos os lugares e em nenhum tempo. Está em todos os tempos e em nenhum lugar." MARANDOLA JR; OLIVEIRA, 2009, p. 491). A partir desta presença constante e, de forma diversificada,

explorada em diferentes obras, falas, contos, romances e personagens são, de igual modo, alcançados em seu ápice de construção literária na obra máxima de Guimarães Rosa.

3.3.4 O Texto

O texto rosiano é um múltiplo, como linguagem. Em diferença a outros autores da literatura nacional como Euclides da Cunha e Graciliano Ramos. O narrador, contador de estórias e imersão cotidiana das vivências sertanejas (in)define o texto d'os sertões rosianos: "[...] o dilaceramento do narrador e seu modo despedaçado de narrar são a forma artístico-científica através da qual Grande Sertão: Veredas expressa o dilaceramento da nação" (BOLLE, 2004, p. 264).

Em concordância com Bolle (2003), Candido reflete sobre o texto rosiano como tendo uma "[...] paridade entre o dilaceramento do narrador e o dilaceramento do mundo" (CANDIDO, 2004, p. 121). Em correlação novamente com a Geografia real e imaginal em Grande Sertão: veredas, Dravet e Castro (2020) a linguagem em GSV se (re)inventa, transpassa objetos, personagens, acontecimentos, temporalidade e espacialidade. Há uma agressividade, humanidade e convite a um cru do mundo vivido pelos jagunços:

> A partir da linguagem criptografada, mas também do que Willi Bolle muito apropriadamente designa como uma reinvenção da linguagem, o romance Grande Sertão: Veredas nos faz pensar e enxergar, através do poder de sugestão dessa reinvenção, não simplesmente o Brasil representado como estranho, incômodo e grotesco do mundo jagunço e do próprio sertão como descompassada geografia e agressiva paisagem, em contraste com a

> pretensa e arrogante modernidade e urbanidade, ou seja, das dissimuladoras incompatibilidades entre essas duas faces, na verdade, de um mesmo corpo. (PINTO, 2010, p. 162).

A linguagem, como texto, possui em Guimarães Rosa uma ultrapassagem de seus próprios limites. O homo poeta rosiano torce, contorce, altera, cria palavras, sons, grunhidos, silêncios, onomatopeias os sons dos seres humanos, fauna, flora e saberes, fazeres e experiências dos interiores territoriais brasileiros:

> Guimarães Rosa toma a liberdade de trocar um sufixo por outro; ou então deriva um verbo, até então inexistente, de um substantivo ou adjetivo; ou, ao contrário, deriva um substantivo ou adjetivo de um verbo. Ou ainda inventa um verbo, aliás onomatopaico, a partir da enumeração das vogais ("o mato aeiouava"). Ou forja um nome próprio, em puro exercício lúdico, ao juntar o pronome de primeira pessoa, em várias línguas – que na prosódia brasileira, se tornam irreconhecíveis – para batizar a personagem Moimeichego (Moi + me + ich + ego). E assim por diante. Tudo isso a língua também faz, este escritor como que conseguindo reproduzir os processos de criação da próxima língua. (GALVÃO, 2002, p. 344)

O que Galvão (2002) menciona em sua análise do texto e linguagem de Guimarães Rosa pode ser observado em diferentes momentos de *Grandes Sertões: Veredas*. O cotidiano e as vivências dos jagunços e sertões formam a fonte do experimentalismo rosiano, sua inventividade e originalidade:

> A calamidade de quente! E o esbraseado, o estufo, a dôr do calor em todos os corpos que a gente tem. Os cavalos venteando – só se ouvia o resfol deles, cavalanços, e o trabalho custoso de suas passadas. Nem menos sinal de sombra. Água não havia. Capim não havia. A debeber os cavalos em cocho armado de couro, e dosar ao meio, eles esticando os pescoços para pedir, eles olhavam como para seus cascos, mostrando tudo o que cangavam esforço e cada restar de bebida carecia de ser poupado. Se ia, o pesadêlo. Pesadêlo mesmo, de delírios. Os cavalos gemiam de descrença. Já pouco forneciam. E nós

> estávamos perdidos. Nenhum pôço não se achava. Aquela gente toda sapirava de olhos vermelhos, arroxeavam as caras. A luz assassinava demais. E a gente dava voltas, os rastreadores farejando, procurando. Já tinha quem beijava os bentinhos, se rezava (ROSA, 1978, p. 67).

O mundo rosiano expande-se, e são colocados no texto do autor. O ser-no-mundo de Riobaldo além do sertão, também é mencionado ao longo do romance pelo ser-com-o-outro a partir de Diadorim. Nas palavras do próprio autor temos que: “Mas os olhos verdes sendo os de Diadorim. Meu amor de ouro e meu amor de prata.” (ROSA, 1978, p. 68). O amor por seu parceiro (e parceria) de jagunçagem é um dos elementos que se unem aos outros, mitológicos, religiosos, culturais, ontológicos e existenciais que fazem parte desse mundo, transposto ao texto e linguagem de Guimarães Rosa:

> Rosa se inspira em grande parte dos antigos textos sagrados (Veda30, Upanishades31, mitos gregos e romanos, os místicos orientais e ocidentais), isto é, em obras que desconhecem a separação dos aspectos filosóficos, religiosos e psicológicos. Rosa coloca pensamentos sutis e complicados na mente de um personagem aparentemente simples. É a vivência e a simples observação desse herói que fazem desabrochar um personagem multifacetado (um menino abandonado que se torna jagunço, depois chefe, e termina sendo herdeiro de fazendas de um pai rico que o reconhece somente tardiamente). E a narrativa de Rosa mostra que é o registro consciencioso das coisas concretas que desencadeia a reflexão. É com as coisas reais que surgem as coisas da sabedoria - não é preciso formular abstratamente para filosofar, os conceitos e pensamentos especializados perdem muitas facetas da existência, do sofrimento humano, da experiência psicológica e religiosa etc. Rosa acredita na poesia como Nietzsche e R. Musil - eles apostam na arte como um espaço no qual as diversas dimensões da vida confluem e no qual elas podem ser reordenadas ou reconfiguradas. (ROSENFIELD, 2006, p. 30).

Transpor a espacialidade, topografia e existências dos diferentes brasis do sertão em texto é um desafio alcançado por Guimarães Rosa. Como afirmado por Roncari (2017): “O sertão é a voragem... Existe um modelo interpretativo da cultura brasileira apoiado na oposição entre o arcaico e o moderno. Umray-ban muito cômodo para o sol do agreste.” (RONCARI, 2017, p. 4). E a essência do sertão que se multiplica em todos os sentidos e nenhum deles ao mesmo tempo e espaço é reforçado pelo mesmo autor, como empreitada única para a linguagem textual, quando diz que: “O sertão não é a virgem rasgada de estradas que cruzam seu corpo como cicatrizes latejantes.” (RONCARI, 2017, p. 4).

Para Candido, esse conhecimento de Guimarães Rosa, seguido de sua busca e transposição das camadas da existência sertaneja em suas obras é o que comporá sua especificidade de representação geoliterária do ser-no-mundo do sertão, em encontro central e direto ao debate topoanalítico proposto neste trabalho:

> Escritor genial, dos poucos que aguentam esse qualificativo em nossa literatura, Guimarães Rosa supera e refina o documento, que não obstante conhece exaustivamente e cuja força sugestiva guarda intacta, por meio da sublimação estética. Por isso, não basta procurar nele em que medida a ficção vale como transposição dos fatos; mas também em que medida o comportamento do jagunço aparece como um modo de existência, como forma de ser no mundo, enxarcando a realidade social de preocupações metafísica. (CANDIDO, 2004, p. 151).

Como estilo, linguagem e forma de escrita, Guimarães Rosa promove uma experiência geoliterária única. Não é por acaso que se observam diferentes obras do autor, para além de GSV, em debates acadêmicos, pedagógicos, sociológicos, geográficos e culturais

(MARINHO, 2000; 2010; 2016). Há elementos dos regionalistas do início do século XX, mantém-se a influência de traços euclidianos e de outros autores que trataram dos sertões brasileiros, mas há a singularidade do mundo sertanejo passado para contos, romances, versos e experiências do mundo vivido do Brasil profundo:

> Uma das questões que tem sido objeto de muitas discussões nos últimos anos envolve o problema da "mineiridade". Vários autores já se debruçaram sobre isso. Com certeza, podemos falar de mineiridade em Guimarães Rosa, mas é algo extremamente complexo, pois restringir o livro a esse aspecto seria ignorar a preocupação metafísica presente no livro, em que o sertão é Minas e é mais do que Minas, projetando-se numa dimensão tal que discute questões ontológicas essenciais, para além do mero espaço geográfica e emocionalmente determinado. (RIBEIRO, 2006, p. 15).

Guimarães Rosa utilizava seu grande conhecimento linguístico e cultural a favor de sua escrita. Na impossibilidade de colocar em denotação o sentido da fala, pensamento ou significado em suas personagens, o autor tomava a liberdade de criação, recriação e convite a amostras irrepetíveis do falar, viver e atravessamento dos sujeitos pelos sertões brasileiros em suas obras:

> O grande conhecimento lingüístico de Guimarães Rosa oferecia a ele um amplo espectro de escolhas. O nome dos personagens nunca é aleatório, obedece sempre a algum critério pré-estabelecido, e já há estudos significativos sobre isso. As interpretações podem variar, mas buscam sempre alguma razão que projete o nome numa esfera além da simples identificação. (RIBEIRO, 2006, p. 16).

Como já mencionado em relação à narrativa rosiana, é a fala corrida, o texto sem fim e contínuo que nutre seu traço e

desenvolvimento[14]. Castro (2012) reitera essa característica de *mundificação* da linguagem de Guimarães Rosa:

> A linguagem é inesgotável. Única e diferente, contém em si possibilidade, reinauguração e mundificação de ser. Com sua abertura para o mundo, a linguagem mundifica, assim, o sertão de Rosa é mundificado. A linguagem instaura, possibilidade de ser. Devido à linguagem o sertão de Rosa se mundifica. A existência deste mundo sertanejo é fruto da mundividência da linguagem. E é nesta mundividência que o ser é. Nela, o sertão se mostra entre palavras e silêncios. A linguagem instaura mundos. O mundo sertanejo de Rosa apresenta-se pela linguagem. Esta é doadora do ser. O ser sertão é um mundo onde a linguagem permite o ser que é instaurado e mundificado. Através da linguagem, o ser se apresenta na obra de João Guimarães Rosa. O ser sertão não se apresenta acabado, mas em travessia. (CASTRO, 2012, p. 3).

A *mundividência da linguagem* é o que foi tratado no capítulo 1 e 2 deste estudo, no sentido de, pela palavra e, mais especificamente, a arte literária, ser possível transpor pelo código linguístico as camadas de significação do devir existencial. Existência essa que é e está em emanação de suas formas de sentido, a essência de sua própria facticidade, pelo e com o mundo e o outros, tornando-o possível:

[14] "A estória é o agir, operar da linguagem na narrativa. Por isso, a estória é doação da linguagem no sertão rosiano. Adentrar-se no sertão rosiano é adentrar-se na linguagem. Percorrer o caminho do sertão é percorrer o caminho da linguagem, que não possui entrada nem saída, mas aquilo que é próprio a cada um. O que é próprio não indica possessão, mas, sim, indica o ser. Mas o ser não é atributo, é original e não origem. Assim, o sertão rosiano não é um atributo à narrativa de Guimarães Rosa, e sim, o operar da linguagem enquanto sertão que se doa no real. A estória é a doação deste real enquanto linguagem. Por isso, não se pode medir o sertão rosiano, ou indicá-lo geograficamente, como um ponto imóvel e cercado por linhas limítrofes. Mais que um lugar no tempo e no espaço, o sertão é linguagem. Seu lugar é também o não lugar, onde a linguagem também possui moradia. Dentre as possibilidades de linguagem, o real surge. O real se mostra na travessia, linguagem." (CASTRO, 2012, p. 6-7).

> O sertão é mundo. Mundo povoado pela linguagem. Assim, pode-se traçar a seguinte relação: o sertão é linguagem. Este sertão de linguagem rosiana é o sertão em que a physis e a linguagem estão em vigorar permanente. Neste vigor, a linguagem fala quando se enuncia e silencia. A linguagem nomeia. Assim, mundifica. O real é instaurado. A linguagem não segue nenhum paradigma, e, portanto, o real não é uma forma pronta, tal como a linguagem não é uma estrutura pronta, fechada em si. (CASTRO, 2012, p. 5).

O *falar* do sertão, portanto, vai ao encontro do que fora apresentado anteriormente nas reflexões de Heidegger (2008; 2013) e Merleau-Ponty (2011), principalmente. Guimarães Rosa como geopoeta dos sertões brasileiros posta-se diante de ante de nós com a vontade, conhecimento e abertura para sua tradução em linguagem escrita do sertão-mundo como afirma Correa (1978):

> O seu labor estilístico foi sofrido, imenso, incalculável. Mas, segundo ele confessaria ao mestre italiano, nem tudo era artesanato, nem tudo era elaboração racional pura e simples na obra desse formidável tecelão da língua. Por trás de toda aquela incrível tapeçaria linguística, que enquadra as suas novelas entre as mais originais da literatura universal do nosso tempo, havia algo (intuição, inspiração, graça infusa, qualquer que seja o nome que se lhe queira dar) mais profundo que a simples técnica artesanal. (CORREA, 1978, p. 34).

O sofrimento do labor estilístico e linguístico, como experiência literária única, rosiano também é lembrado por Azevedo (2010) ao considerar que: “A experiência com a linguagem, que não se baseia numa funcionalidade, numa relação objetiva com a realidade, é aquela que nos convoca a sermos apropriados, sermos tomados, habitados pela experiência da linguagem.” (AZEVEDO, 2010, p. 98). E completa o autor dizendo que, a partir de tal premissa:

> A partir da saga do dizer, do mostrar, encontra-se a experiência da poesia. Se a saga é o dizer que silencia, Grande Sertão: Veredas é a experiência da saga do dizer, porque é a experiência do silêncio, a experiência de fazer a linguagem aparecer como signo, quer dizer, poesia. Mas não só isso. Dissemos que em Grande Sertão: Veredas há um tempo da poesia e do pensamento, em que poesia e pensamento não se isolam em suas vivências, pois habitam uma proximidade muito grande. O próprio Guimarães Rosa se intitulava como um autor metafísico. Sobre essa convivência entre poesia e pensamento, Heidegger em A caminho da linguagem diz que não só a poesia, mas a poesia e o pensamento são manifestações da saga do dizer. (AZEVEDO, 2010, p. 84).

A dialogação, narrativa do caso e acaso, a interação íntima do cotidiano das personagens é algo que fascina Guimarães Rosa, como um desafio criativo-linguístico par a composição do seu texto. Há, parafraseando Freire (1994), um incompromisso do deixar-falar, com a linguagem libertando-se por entre as expressões das personagens e seus ambientes de vida e experiência:

> É evidente que o conceito de "intransitividade" não corresponde a um fechamento do homem dentro dele mesmo, esmagado, se assim o fosse, por um tempo e um espaço todo-poderosos. O homem, qualquer que seja o seu estado, é um ser aberto. O que pretendemos significar com a consciência "instransitiva" é a limitação de sua esfera de apreensão. É a sua impermeabilidade a desafios situados fora da órbita vegetativa. Neste sentido e só neste sentido, é que a intransitividade representa um quase incompromisso do homem com a existência. Odiscernimento se dificulta. Confundem-se as notas dos objetos e dos desafios do contorno e o homem se faz mágico, pela não-captação da causalidade autêntica. Na medida, porém, em que amplia o seu poder de captação e de resposta às sugestões e às questões que partem de seu contorno e aumenta o seu poder de dialogação, não só com o outro homem, mas com o seu mundo, se "transitiva". Seus interesses e preocupações, agora, se alongam a esferas mais amplas do que à simples esfera vital. Esta transitividade da consciência permeabiliza o

> homem. Leva-o a vencer o seu incompromisso com a existência, característico da consciência intransitiva e o compromete quase totalmente. Por isso mesmo que, existir, é um conceito dinâmico. Implica numa dialogação eterna do homem com o homem. Do homem com o mundo. Do homem com o seu Criador. É essa dialogação do homem sobre o mundo e com o mundo mesmo, sobre os desafios e problemas, que o faz histórico. Por isso, nos referimos ao incompromisso do homem preponderantemente intransitivado com a sua existência. E ao plano de vida mais vegetativo que histórico, característico da intransitividade. (FREIRE, 1994, p. 58-59).

E nesse sentido que Arrrigucci (1994) fazendo uso de posições e reflexões e Walter Benjamim, disserta sobre a importância da co-relação entre o escritor o mundo que esse mesmo habita, e que influencia o seu texto e obra:

> O romancista, apartado do povo, se concentra no indivíduo em sua solidão. Concentra-se na experiência individual de um homem que não pode falar exemplarmente de suas preocupações, que não pode dar nem receber conselhos, pois "escrever um romance significa descrever a existência humana, levando o incomensurável ao paroxismo" 57 . Aquilo que não tem medida; a medida do impossível. A perda das normas e das certezas de como viver, exatamente o que torna o "viver muito perigoso", se faz patente no romance: esta insuficiência é que se torna um fato justamente no romance de aprendizagem ou formação, que deixa ver, sob esse aspecto, o modo de ser fundamental do romance enquanto gênero 58 . Voltando-se para o indivíduo segregado, que perdeu a dimensão do bem viver, a garantia baseada na sabedoria — a dimensão épica da verdade —, fundada na experiência comunitária, o romance dá as costas para a tradição épica, que tampouco ele pode alimentar: é forma escrita, ligada ao livro e ao desenvolvimento moderno da imprensa. (ARRIGUCCI, 1994, p. 24).

A influência de Guimarães Rosa, especialmente em sua forma de colocar em palavras as nuances do cotidiano sertanejo alcança,

inclusive, outros grandes autores e autoras brasileiros[15]. Graciliano Ramos, em um escrito de 1946 sobre sua avaliação de um dos contos de Sagarana de Guimarães Rosa à época escrevera que:

> O diálogo vivo, a descrição exata, a narrativa segura. Conhecimento perfeito do meio e dos assuntos tratados. Estamos longe do sertão falso, apresentado por cidadãos que dele não tinham nenhuma notícia. Nada de transplantação, de adaptação forçada. Não temos aqui um drama chegado pelo correio e, traduzido convenientemente, posto em cena com atores escolhidos na população dos nossos cafundós. Tudo real, nacional e bárbaro. (RAMOS, 2012, p. 180).

Existência, mundo e experiência; linguagem, arte e a palavra, ou o silêncio; as paisagens e lugares, identidades espalhadas pelas travessais sem fim, o sertão rosiano se multiplica, e nos convida a também nos embrehmarmos em suas significações e tentativas, ou não, de lê-lo como sertão-mundo, que, ao mesmo tempo, é e está em nós: “O desafio que nos persegue, ainda, é o de conseguir realizar o mapeamento de nossos sentimentos, da geograficidade. Ainda é necessária a produção de uma geohistória da arte que

[15] “É um deserto intransitável. A linguagem? Mas não uma linguagem qualquer, se julgarmos pela grafia e as sonoridades do nome que lembram claramente as de Saussure (Sussuarão: aqui o som final 'ão' é um aumentativo, que amplia o aspecto repulsivo do deserto). De fato, há uma conexão a ser feita com Ferdinand de Saussure, o grande responsável pela concepção moderna de signo enquanto significante e significado, cujo referente lhe é exterior. Essa concepção entra em choque com a de Crátilo e parece mais próxima da de Hermógenes, em Platão. O deserto da língua saussuriana seria, portanto, na percepção de Rosa, infrutífero e estéril? O que faz, então, Riobaldo, o Urutu Branco, para conseguir atravessar esse deserto infernal na terceira parte do romance? Sabemos que ele foi à encruzilhada para invocar o diabo e fazer um pacto. No entanto, nem o leitor nem o narrador estão certos desse pacto, tendo em vista que o diabo não apareceu para Riobaldo, ficando assim, o jagunço, ao longo da história, em uma incerteza permanente, que o atormentará por toda a vida.” (DRAVET; CASTRO, 2020, p. 44).

amarre Literatura, Geografia e Experiência, focando a dimensão existencial e afetiva." MARANDOLA JR; OLIVEIRA, 2009, p. 501).

3.3.5 O Contexto

Quando críticos literários, acadêmicos, apreciadores e estudantes leem a obra de Guimarães Rosa de uma forma constante há uma permanência: aquele é um mundo vivido, carregado de detalhes profundos, nuances quase imperceptíveis, o esmero e labor da linguagem do autor é sentido e percebido em cada passagem e interação das personagens e espacialidades percorridas.

O sertão-mundo é um êmulo do nada-ser ontológico (CANDIDO, 2004; RONCARI, 2004). Imergir nas profundezas dos interiores territoriais brasileiros significa renunciar a pré-julgamentos, vícios de interpretação e representação da cultura local e regional, permitir ao próprio sertão e seus sujeitos *falarem* de si para consigo e os outro. Nas palavras de Bolle (2004): "à dificuldade dos letrados brasileiros de retratar esse desconhecido maior que é o povo" (BOLLE, 2004, p. 25).

O contexto d'os sertões rosianos é o de imersão máxima nesse período histórico e recorte espacial, ambos fluidos e sem limites específicos, do final do século XIX e início do século XX e um território que abrange, na divisão racional-cartesiana, diferentes unidades da federação do país:

> Do realismo regionalista do romance do século XIX ao cenário cosmopolita, 'desterritorializado' e plural contemporâneo, o espaço e a Geografia são uma constante

> na Literatura, apresentando formas diferentes, mas nunca se ausentando. Mais do que palco, a espacialidade e a geograficidade fazem parte das narrativas, enquanto elementos que contribuem significativamente para a compreensão daquilo que a obra traz de novo a partir de sua linguagem específica. As tramas ficcionais são tão reais quanto são ficcionais os fatos históricos e os entes geográficos mencionados nas obras. Assim como as obras do século XIX respondiam de alguma forma a seu espaço-tempo (concordando ou discordando dele), hoje o romance não morreu: ele se reescreve em novas cartografias literárias (HOISEL, 2004), aumentando sua mobilidade e sua multiplicidade de referências espaço-temporais, mas sem poder se alienar delas. Na literatura, tanto quanto na vida, o a-temporal e o a-espacial se referem sempre ao universal, àquilo que transcende seu espaço-tempo original. Não implica a negação da espacialidade nem da geograficidade. Contudo, ainda continuamos enfrentando de forma muito tímida esta seara, o que se observa no pouco diálogo com a arte contemporânea e a chamada literatura pós-moderna, onde os elementos geográficos estão mais fluídos na narrativa. Literatura e Geografia possuem linguagens próprias, formas de dizer e ver o mundo específicas, que revelam e criam outros mundos. Renato Janine Ribeiro aponta que os usos da linguagem são em primeiro lugar registrar, depois aconselhar e ensinar para transmitir o conhecimento e o terceiro é o comunicar aos outros (RIBEIRO, 2002, p. 307-314).

O metafísico e mitológico se somam ao cultural e narrável de uma descritação tradicional dessas geograficidades sertanejas[16]. Tempo e espaço são postos à disposição da narrativa do vivente daquelas regiões recônditas, nas quais e pelas quais, até então, não

[16] Como, por exemplo, na passagem do pacto descrito por Riobaldo: “O pacto! Se diz – o senhor sabe. Bobéia. Ao que a pessoa vai, em meia-noite, a uma encruzilhada, e chama fortemente o Cujo – e espera. Se sendo, há-de que vem um pé-de-vento, sem razão, e arre se comparece uma porca com ninhada de pintos, se não for uma galinha puxando barrigada de leitões. Tudo errado, remedante, sem completação... O senhor imaginalmente percebe? O crespo – a gente se retém – então dá um cheiro de breu queimado. E o dito – o Coxo – toma espécie, se forma! Carece de se conservar coragem. Se assina o pacto. Se assina com sangue de pessoa. O pagar é a alma” (ROSA, 1978, p. 64).

havia uma obra de robustez comparável a *Grande Sertão: Veredas* para apresentar-se, desse modo único, ao Brasil e mundo. Nas palavras do autor-narrador, é esse cotidiano, vivências, emoções e intencionalidades variadas que formam o sertão que o mesmo quer partilhar com seu leitor:

> Repenso no acampo da Macaúba da Jaíba, soante que mesmo vi e assaz me contaram; e outros – as ruindades de regra que executavam em tantos pobrezinhos arraiais: baleando, esfaqueando, estripando, furando os olhos, cortando línguas e orelhas, não economizando as crianças pequenas, atirando na inocência do gado, queimando pessoas ainda meio vivas, na beira de estrago de sangues... Esses não vieram do inferno? Saudações. Se vê que subiram de lá antes dos prazos, figuro que por empreitada de punir os outros, exemplação de nunca se esquecer do que está reinando por debaixo (ROSA, 1978, p. 65).

O caráter singular dessa transposição do contextual que mergulha no cotidiano sertanejo é um dos pontos de destaques dos comentadores, estudiosos e críticos do da obra rosiana. Monteiro (2002) reforça o caráter monumental da arquitetura linguística, contextual, empírica, sociológica e, também de significação das raízes e influências existenciais, metafísica e, por continuidade, ôntico e ontológica de *Grande Sertão: Veredas*. Nas palavras do autor, temos então que:

> Na arquitetura desta obra monumental, Guimarães Rosa utiliza todo a arsenal do seu tesouro pessoal de cultura criando na arte literária uma fusão especial tecida pela linguística – desobediência do léxico, reaproveitamento ou revificação de arcaísmos, geração de palavras novas inclusive pelo acréscimo de barbarismos –; pelas raízes profundas na tradição cultural ocidental –; e pelas componentes metafísicas – convergência de vertentes do hermetismo, da alquimia; e pelas associações com as filosofias e religiões

> orientais, com destaque para o taoísmo. (MONTEIRO, 2002, p. 232).

Ainda de acordo com Roncari (2004), há uma fonte tripla do contexto que entrepassa o texto rosiano: o empírico, a mítica e a de âmbito nacional. Essa tríade corrobora com o que foi exposto anteriormente como a ideia de uma formação de país e nação por entre as intepretações e representações d'os sertões rosianos e seus sujeitos em existência situada por entre tais lugares e paisagens:

> Vi também que Guimarães compunha as suas histórias e organizava a sua visão de mundo tendo por base três tipos de fontes principais: uma empírica, dada pela vivência direta da região e do país; outra mítica e universal, adquirida na leitura da literatura clássica e moderna; e outra nacional, apoiada não só na nossa tradição literária, mas também nos velhos e novos estudos e interpretações do Brasil, efervescentes em seu tempo. [...] O problema que ele enfrentava era o de como articular e fundir numa única representação e numa perspectiva construtiva os elementos colhidos nesses três tipos de fontes, e, ao mesmo tempo, compor com eles camadas distintas do texto. (RONCARI, 2004, p. 17).

Nas palavras de Rosenfield (2009): "Grande Sertão: veredas não retrata os problemas do latifúndio, nem o processo de modernização do Brasil, mas tão-somente a repercussão vivida por uma figura singular de certas virtualidades dos processos históricos." E ainda completa o autor que "Nesse sentido, a crítica literária tem de aceitar o frêmito e a irradiação da obra, descrever as múltiplas facetas e indicar seu ponto de convergência." Portanto, ainda segundo o autor: "Esse ponto de convergência não nos dá uma interpretação determinada, mas algo como a amplidão da curva de uma hipérbole, cujas hastes se "perdem" no infinito." (ROSENFIELD, 2009, p. 58).

Em outras palavras, é preciso que se reforce que há, sobremaneira, as sinalizações e presenças de questões econômicas, sociais e culturais n'os sertões rosianos, no entanto, o foco dado por Guimarães Rosa vai ao encontro de uma narrativa mais próxima da escala da existência do sujeito no mundo, sertão-mundo como recorte e síntese da própria cultura brasileira:

> [...] o sertanejo jagunço embrenha-se no seu espaço natural complexo, sobre o qual o espaço social impõe mudanças, embora lentas mas a ponto de ser um sertão "desmudado" do tempo da narrativa ao tempo da jagunçagem. O tempo volteador, num ritmo lento, embaralha o espaço-tempo de tal modo que a narrada Geografia já se revela História. E esta, naquele espaço e naquele voltear, junta antigo e moderno, tecendo uma teia de tempos múltiplos que possibilita a contemporaneidade do não-coetâneo. E este verter e contraverter de tempo no espaço do sertão privilegia uma visão do processo de elaboração da cultura brasileira. (MONTERIRO, 2002, p. 230).

Ao pensarmos ontologicamente, no sertão como a situação aberta ao (des)velamento do ser-se (in)finito da existência, compreende-se ainda mais a sua escolha por Guimarães Rosa como palco e experiência de sua obra máxima. Azevedo (2010) teoriza sobre esta condição e convite dos estares do ser pelo sertão em toda parte e lugar algum, um contexto existencial que pode ser encontrado em todo o Brasil e seus brasis, pelos sentimentos, ações, decisões e laços de sua personagem principal.

> O sentimento de angústia aparece no romance de Rosa como condição do homem entender o sertão, para fazer sua travessia. A inquietação que, portanto, toma conta de Riobaldo, essa angústia que ele carrega consigo é algo que se deu, se abriu para ele um dia. É pelo fato de existir angústia que o sertão para Riobaldo é desmedido, extrapola bordas e margens e ganha a amplitude através da reflexão, da criação. O sertão é sem tamanho, porque há a

> possibilidade do infinito, porque há angústia, o nada, há silêncio. A angústia é o que promove o salto, a travessia, isto é, o próprio movimento do infinito na sua constante tensão com a finitude humana. (AZEVEDO, 2010, p. 72).

São estes elementos que fazem com que texto, contexto e a possiblidade de uma topoanálise d'os sertões rosianos se entrecruzam. Há o caminho teórico, metodológico, empírico e geoliterário que tanto fortalece como desafia o arranjo epistemológico e analítico para tal empreitada, bem como as interfaces possíveis entre áreas e saberes distintos, que vai das ciências da educação as diferentes áreas da Geografia, dos elementos históricos e sociológicos a questões culturais e mitológicas.

O esmero, ineditismo, e chegada de um dos maiores romances da literatura nacional e universal, que ultrapassa o regionalismo modernista e sua própria nuance como romance de formação, e figura-se como uma das obras que norteiam a própria compreensão da existência por entre os interiores territoriais do Brasil.

3.3.6 A contextura

A contextura de *Grande Sertão: Veredas* ocorre no cruzamento entre a existência das personagens e os lugares e paisagens da ubiquidades ôntico-ontológica do sertão que habitam, significam e transformam. Todo o percurso narrativo, espacial, topográfico, contextual e de significação da obra de Guimarães Rosa perpassa a espacialidade do interior territorial sertanejo como ponto de partida, trânsito e chegada das tramas e desenvolvimento das pequenas e

grande fio condutor da história que nos é narrada, vivida e experiência, especialmente por Riobaldo e Diadorim.

Amaral (2007; 2011; 2016ª~; 2016b) em suas considerações linguísticas e pedagógicas e Marinho (2010) e Melo (2006; 2011) em trabalhos interdisciplinares envolvendo visões filosóficas, geográficas e literárias consideram a primazia do ontológico como chave de leitura do sertão como mundo. Essa perspectiva, como apresentado anteriormente pode ser encontrado nas obras de Guimarães Rosa e, também, nos demais exemplares geoliterários dos sertões foco da topoanálise efetuada neste estudo, ou seja, n'sertões de Graciliano Ramos e Euclides da Cunha, em *Vidas* Secas e O *Sertões,* respectivamente.

Em sua tese de doutoramento, na área de educação, *A teofania em Grande sertão: veredas – por uma pedagogia dos símbolos* Amaral (2007) elabora fundamentos de uma reflexão sobre a aprendizagem ontológica, cultural, dos saberes e fazeres a partir da reinvenção e criatividade lírica de Guimarães Rosa: "O combate da pedagogia cientificista ao "mais além" a que convida o símbolo e sua interpretação, nada mais é que o resultado de uma consciência que se recusa ao reconhecimento da instância espiritual, em favor de uma racionalidade hiper-material (AMARAL, 2007, p. 111). Ainda continua sua conceituação, especificamente sobre os sertões rosianos em que reitera que:

> Tal transfiguração simbólica, concentrada na tríade metafísica/religião/arte, está presente de forma magistral não só em GSV, mas no conjunto da obra rosiana. O próprio Rosa fez questão de esclarecer em várias oportunidades, através dos diálogos com os seus críticos e, sobretudo, da correspondência epistolar com seus tradutores, o que ele

> julga ser o mais importante para a compreensão das temáticas a serem garimpadas em seus escritos. (AMARAL, 2007, p. 47)

O imaginário, imaginação e lirismo inventivo e criativo rosiano por entre seus sertões, formam, portanto, um dos ápices do experimentalismo literário do Brasil. Encontramos nas palavras, contos, romances e versos de Guimarães Rosa elementos que dialogam com os três estados de repressão da imagem trabalhados por Durand e desenvolvidos por Amaral (2007):

> Durand identifica, então, três "estados" da repressão da imagem simbólica instituídos pela pedagogia do Ocidente: a) o reducionismo "positivista" da imagem simbólica ao signo; b) o reducionismo "metafísico" da imagem simbólica ao conceito; e c) o reducionismo "teológico" da imagem simbólica ao pragmatismo secular, ao determinismo histórico e às explicações didáticas. (AMARAL, 2007, p. 114).

Estas reflexões do autor vão ao encontro, por exemplo, da fenomenologia da imaginação presente na ideia de imagens poética, por exemplo, de Bachelard em sua *Poética do espaço*, que formam um dos principais fundamentos da topoanálise, pautada no encontro entre espacialidade e arte literária, nas formas de ser do sujeito em situação, habitando paisagens e lugares. Estre traço textual, contextual e que configura a contextura da linguagem empregada pelo autor é tanto analisada como objeto de fascínio por críticos e teóricos da literatura nacional, como bem exemplifica Roncari (2017) quando diz que:

> A ausência de ordem no sertão não é a desordem, é apenas a não -garantia de sentido, portanto, a única lei do sertão é a da procura .A oposição entre sertão e cidade não segue o

> modelo maniqueísta de oposição entre o bem e o mal, certo e o errado, a ordem e a desordem, o atrasado e o moderno, o puro e o impuro, etc. A distinção dos espaços se define pelas posições diferentes que os homens ocupam neles: como seres regentes ou rígidos. A cidade tem suas leis que regem os homens; no sertão o homem é regente e, enquanto tal, pode se revelar pelo bem ou pelo mal, não segundo as leis externas que os julgam, mas segundo os sentidos dos pactos que fazem. (RONCARI, 2017, p. 3).

Outro ponto a ser destacado é a maneira como a natureza da obra se mescla a influência do próprio cenário literário nacional com o traço e estilo do autor. Tais traços e imagens são chamados por Rosenfeld (2006) de sua poética do encanto, indo ao encontro dos comentários e considerações apresentados anteriormente:

> O segredo, o silêncio são os dispositivos poderosos para a criação poética do encanto. Até um certo ponto, a crítica tem de respeitar esse tópos secreto. Por outro lado, o senhor é o alter ego do leitor e do crítico, e eu acho que a crítica tem de descrever, mas também de desdobrar o segredo, construindo e imaginando analogias e diferenças entre as tensões do texto poético e os conflitos da realidade na qual vive o leitor. Insisto nos conflitos e nas tensões da poesia porque acredito que a arte não procura as conciliações. Mesmo quando elas acontecem, quando a literatura dá a entender qual seria o sentido ou a solução de uma situação, essas indicações sempre são muito precárias, sobretudo no sertão e na matéria vertente do Rosa. A obra rosiana É, como diz o próprio autor, algo como uma lenda ou até um poema. Portanto, Rosa não representa um panorama sociológico. (ROSENFELD, 2006, p. 22).

Como visto anteriormente, nas falas do próprio Rosa, há uma busca, em suas obras, pela essência do que seria viver nos interiores territoriais brasileiros, uma verdadeira perscrutação da existência pelos recantos do país. As palavras, as passagens, a espacialidade e a interação das personagens são, então, mobilizadas, para que este objetivo seja alcançado pelo autor:

> Na literatura de Guimarães Rosa, o sertão surge a partir de uma necessidade de dizer, nomear, as "coisas para as quais não existem palavras", isto é, segundo o próprio autor, surge do entendimento de que tudo o que há, no fundo, é paradoxo. Nos apropriando do pensamento de Heráclito, não seria, ao nosso ver, nenhum exagero, desta forma, dizer que a poesia de Guimarães Rosa se inscreve na literatura brasileira como uma poesia originária, isto é, como a poesia que permitirá as "contradições" desse mesmo sertão, isto é, que não irá partir de um projeto regionalista de literatura, ou seja, um projeto de demarcação, de limites, ou poderíamos dizer, de tentativa de apresentar o sertão conceitualmente, mas de uma experiência única, através da qual, o sertão se manifesta em sua latência, em sua obscuridade, e, com isso, torna-se, antes de tudo, vivência. AZEVEDO, 2010, p. 144).

O caminho percorrido até esse momento, de dialogia literária, geográfica, filosófica e da própria cultura brasileira podem ser amplamente percebidos, e analisados, em *Grande Sertão: Veredas*. Como mencionado anteriormente, o alcance dessa e outras obras de Guimarães Rosa transpôs os limites da literatura, multiplicando-se em searas outras, das ciências da educação a interpretações etnográficas, de teorias sobre uma proposta de formação territorial brasileira a, finalmente, uma compreensão ontológico-existencial do próprio sertão na correlação sujeito-mundo:

> A obra de Guimarães Rosa é, portanto, construída a partir de uma perspectiva que "transpõe o horizonte da obra literária". Ou seja, seu projeto poético encerra o que Willi Bolle sugere como uma utopia não apenas estética, mas 'educacional e política", ao reinventar o português do Brasil buscando transformá-lo numa possibilidade para o diálogo no interior da sociedade. Daí se esclarece a presença da palavra-chave educação. Entre as suas múltiplas expectativas e seus valiosos achados, portanto, o autor descobre uma proposta de educação em Grande Sertão: Veredas, revelando entretanto que ela é estrategicamente negativa, o que implica na situação de não propor metas para o futuro, mas uma revolução da linguagem que aparece também como utópica, na medida em que ainda está por ser construída a

> experiência do diálogo entre as classes. Sugere que a reinvenção do português do Brasil representa também uma forma de "reescrita da história do Brasil", de, ao mesmo tempo, criptografar e desvendar essa história, o que nos leva a imaginar que insuspeitadas possibilidades poderiam existir a partir de tecnologias que estão apenas em seu começo, mas que estão apontando com muita velocidade em seus exemplos práticos, para sua presença crescente em todas esferas da vida. (PINTO, 2010, p. 154-155).

Como exemplo específico da contextura d'os sertões rosianos, é possível utilizar-se das palavras do próprio Guimarães Rosa, a partir dos causos de Riobaldo, quando temos a seguinte explanação, ainda nas páginas iniciais da imensa narrativa a que nos convida a travessia:

> Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem - ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! - é o que digo. O senhor aprova? Me declare tudo, franco - é alta mercê que me faz: e pedir posso, encarecido. Este caso - por estúrdio que me vejam - é de minha certa importância. Tomara não fosse... Mas, não diga que o senhor, assisado e instruído, que acredita na pessoa dele?! Não? Lhe agradeço! Sua alta opinião compõe minha valia. Já sabia, esperava por ela-já o campo! (ROSA, 1994, p.7).

As nuanças culturais, territoriais, simbólicas, materiais, imateriais e sociológicas d'os sertões rosianos são uma de suas marcas. Em uma existência é que pelo, no e condição de fundação do mundo, a partir da espacialidade, é nesse sertão que é a travessia e o nada da própria existência emerge, se espraia e ganha diferentes facetas e sentidos da própria formação do Brasil em diálogo com outras grandes obras sobre os sertões brasileiros, por autores como Euclides da Cunha e Graciliano Ramos, trabalhados anteriormente:

> No percurso da leitura do ensaio, somos inevitavelmente convidados a reler Guimarães Rosa para redescobri-lo, na medida em que nossa leitura até então estava fundada essencialmente na ideia de sua obra como recriação de elementos da linguagem de um certo Brasil agrário e rude, transformados esses elementos em uma narrativa fortemente impregnada de sentido poético. Em sentido análogo, somos também conduzidos à releitura d' Os Sertões, não apenas como momento de reflexão esclarecedor sobre o sentido da formação do Brasil, mas, por contraste, como uma possibilidade de compreender com mais clareza o próprio Euclides da Cunha como um intelectual dividido, também ele dilacerado como o País que buscava, a seu modo, decifrar. Ou seja, ao longo dessa leitura hipertextual, simultaneamente, Euclides da Cunha e Guimarães Rosa vão ficando mais claros. (PINTO, 2010, p. 155).

O sertão, nestes termos, torna-se a exemplificação do inacabamento do próprio sujeito, uma existência que, em sua travessia pelo mundo, sertão-mundo, produz e (des)encontra seus próprios sentidos-no-mundo. Tal inacabamento é marca estilística de Guimarães Rosa para além de *Grande Sertão: Veredas,* como observado, por exemplo, em *Noites do Sertão* quando encontramos a seguinte passagem: "Porque, em todas as circunstâncias da vida real, não é a alma dentro de nós mas sua sombra, o homem exterior, que geme, se lamenta e desempenha todos os papéis neste teatro de palcos múltiplos, que é a terra inteira. Noites do Sertão Guimarães Rosa" O ser-no-mundo sertanejo, jagunço, o sujeito em andança pelos interiores territoriais (des)vela-se, talvez, como a maior contribuição geoliterária rosiana:

> Daí sermos levados a dizer que há em Guimarães Rosa um "ser jagunço" como forma de existência, como realização ontológica no mundo do sertão. Sem prejuízo dos demais aspectos, inclusivo os rigorosamente documentários, este me parece importante como chave de interpretação. Ele encarna as formas mais plenas da contradição no mundo-

> sertão e não significa necessariamente deformação, pois este mundo, como vem descrito no livro, traz imanente no bojo, ou difusas na aparência, certas formas de comportamento que são baralhadas e parciais nos outros homens, mas no jagunço são levadas a termo e se tornam coerentes. O jagunço atualiza, dá vida a essas possibilidades atrofiadas do ser, porque o sertão assim o exige. E o mesmo home que é jagunço, como vimos na tipologia citada mais alto, seria outra coisa noutro mundo. (CANDIDO, 2004, p. 148-149).

O ser jagunço, nas palavras de Candido (2004) é a síntese da existência em seus estares, no espaço e tempo, pelo sertão, que está em toda parte e em lugar nenhum, assim como o devir existencial, é, sempre, todas as possibilidades de ser e nenhuma delas, ao mesmo tempo: “Se “o sertão é o mundo”, como diz ele a certa altura do livro, não é menos que o jagunço somos nós” (CANDIDO, 2004, p. 151). Este ser-se pelo sertão, na topologia dos interiores territoriais como topologia do ser em habitação, é o que podemos como o inacabamento, a inconclusividade do sujeito também pensada por Freire (1994), e que pode ser relacionada as considerações de Candido (2004):

> E a liberdade, que é uma conquista e não uma doação, exige uma permanente busca. Ninguém tem liberdade para ser livre, senão que, não sendo livre, busca a liberdade. Não é também a liberdade um ponto ideal, fora dos homens, ao qual inclusive êles se alienem. Não é idéia que se faça mito. É condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos. Daí, a necessidade que se impõe de superar a situação opressora. Isto implica no reconhecimento crítico, na razão desta situação, para que, através de uma ação transformadora que incida sôbre ela, se instaure uma outra, que possibilite aquela busca do ser mais. No momento, porém, em que se comece a autêntica luta para criar a situação que nascerá da superação da velha, já se está lutando pelo SER MAIS. E, se a situação opressora gera uma totalidade desumanizada e desumanizante, que atinge aos que oprimem e aos oprimidos, não vai caber, como já afirmamos, aos primeiros,

> que se encontram desumanizados pelo só motivo de oprimir, mas aos segundos, gerar de seu ser menos a busca do ser mais de todos. (FREIRE, 1994, p. 69-70).

A liberdade mencionada por Freire possui relações muito próximas com a visão de existência de Sartre (2008). O ser-se a partir dos sertão em seus estares, é abertura, possibilidade, intencionalidades e experiências de inacabamento, sentimento, aprendizagem, dúvidas e certezas, saberes e fazeres, um contato direto ao ser-mais freiriano, que também é em seu mundo e vivências, descobrindo-se, cada momento, ser-se outro, multiplicando-se em seus próprios sentido-no-mundo, ou no sertão-mundo rosiano.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, A, N. Espaço Territorial e Proteção Ambiental. In: Revista Terra Livre, n. 3, 1988. Disponível em: http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/50/48. Acesso em: 20 abr. 2020.

AB'SÁBER, A, N. Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003MENDONÇA, F. A. Geografia física: Ciência humana? São Paulo: Contexto, 1a ed., 1989.

AB'SÁBER, A. N. Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida. Estudos Avançados, v. 13, n.36, 7-59, 1999.

ACHUGAR, Hugo. Repensando la heterogeneidad latinoamericana (a propósito de lugares, paisajes y escenarios), Revista Iberoamericana, v. LXII, n. 176-177, julio-diciembre, p. 845-861, 1996.

AGASSIZ, L; AGASSIZ, E. C. Viagem ao Brasil: 1865-1866. Tradução de Edgar Süssekind de Mendonça. Brasília: Senado Federal, 2010.

AGUIAR, Flávio. O oco do mundo. BRAIT, Beth. (Org.). O Sertão e os Sertões. São Paulo: Arte & Ciência, 1998. p. 79-104.

AKKARI, Abdeljalil; MESQUIDA, Peri ; VALENÇA, R Berbetz . Prolegômenos para uma prática educativa existencialista. Revista Diálogo Educacional (PUCPR), Curitiba, v. 4, n.9, 2003.

ALENCAR, José de. O Sertanejo. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1955.

AMADO, Jorge. Seara Vermelha. Rio de Janeiro: Livraria Martins Editora, 1951.

AMADO, Janaina. Região, Sertão, Nação. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 8, n.5, p. 145-151, 1995.

ALMEIDA, José Américo de. A Bagaceira. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

ALMEIDA, Guilherme de. A poesia d'Os sertões. Organizado por Marcelo Tápia. São Paulo: Annablume, 2010.

ALVES, Ida. A Literatura é uma Geografia?. Revista Geografia, Literatura e Arte, são Paulo, v.1, n. 2, p. 20-34, 2018.

ANJOS, Melissa. Um diálogo entre o lugar e a Literatura. In: ENANPEGE, 11, 2011, Goiânia. Anais... Goiânia: ANPEGE, 2011. CD. ISSN 2175-8875

ANTONIO FILHO, Fadel David. As 'visões de mundo': formas de pensar a realidade. Trabalho apresentado no I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico. UNESP, Rio Claro/SP, 1999.

AMARAL, Roberto Antonio Penedo do. A teofania em Grande sertão: veredas – por uma pedagogia dos símbolos. Goiânia. 143f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Goiás, 2007.

AMARAL, Roberto Antonio Penedo do. As aparências de Cronos em Grande Sertão: Veredas. Kuruatuba, v. 1, 2011. p. 06-15.

AMARAL, Roberto Antonio Penedo do. Todos os homens são filósofos. Riobaldo é homem. Logo, Riobaldo é filósofo. Interfacis, v. 2, 2016a. p. 36-47.

AMARAL, Roberto Antonio Penedo do. A narrativa rosiana: o verbo do sertão. Humanidades & Inovação, v. 3, n. 3, 2016b. p. 7-22.

ANDRADE, Manuel Correia. [Org.] Élisée Reclus. Coordenador Florestan Fernandes. São Paulo: Editora Ática, 1985.

ARAUJO, Gilvan Charles Cerqueira de. A Espacialidade do Ser em sua Escrita e Leitura. Revista Saberes, Natal, v. 1, p. 111-143, 2015.

ARAUJO, Gilvan Charles Cerqueira de. A busca pelo fundamento simbólico da identidade nacional brasileira na era Vargas. Interespaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade, v. 3, p. 80, 2017.

ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira de. O sertão e a espacialidade edênica. Revista Geotemas, Pau dos Ferros-RN, v. 8, p. 1, 2018.

ARAUJO, Gilvan Charles Cerqueira de; REIS JÚNIOR, Dante Flávio da Costa. A geografia entre as ciências naturais e as humanidades: um novo desafio ao ensino escolar do terceiro milênio. Geosaberes Revista de Estudos Geoeducacionais, Fortaleza, v. 10, p. 1-15, 2019.

ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira de. Cotidiano e facticidade: contribuições para uma geografia da escala mínima. Revista Geografia, Literatura e Arte, São Paulo, v. 2, p. 173-200, 2020.

ARRIGUCCI JR., Davi. O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa. Novos estudos Cebrap, no 40, p. 7-29, nov. 1994.

ASTRADA, Carlos. El juego metafísico: para una filosofía de la finitud. Buenos Aires: Libreria El Ateneo Editorial, 1942.

ASTRADA, Carlos. Ser, Humanismo, “Existencialismo” (una aproximación a Heidegger). Buenos Aires: Ediciones Kairos, 1949.

AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. [Org.] 100 anos Graciliano Ramos. João Pessoa: CCHLA/IDEIA, 1992.

AZEVEDO, Cristiane Sampaio de. O sertão e sua desmedida: finitude e existência em Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa/Cristiane Sampaio de Azevedo. Rio de Janeiro: UFRJ/ FL, 2010.

BACHELARD, G. A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 2 ed. São Paulo: Martins Pontes, 2008.

BACHELARD, Gaston. A Terra e os Devaneios da Vontade. Trad. Maria E. de A. Prado Galvão. São Paulo: Martins Pontes, 2013.

BARBOSA, E. ; BULCÃO, M. Bachelard - pedagogia da razão, pedagogia da imaginação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BARCELLOS, Jorge Alberto Soares. Territórios do cotidiano: introdução a uma abordagem teórica contemporânea. In: MESQUITA, Zilá; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Orgs.). Territórios do cotidiano: uma introdução a novos

olhares e experiências. Porto Alegre/Santa Cruz do Sul: Ed. UFRGS/Ed. UNISC, 1995. p. 40- 48.

BARROS, Manoel de. O livro das ignorãças. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

BARROS, Joana; PRIETO, Gustavo; MARINHO, Caio (Org.). Sertão, sertões: repensando contradições, reconstruindo veredas. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2019.

BATISTA, JUAREZ DA GAMA. O real como ficção em Euclides da Cunha. João Pessoa, Paraíba, Imprensa Universitária, 1967.

BEAINI, Thaís Curi. À escuta do silêncio: um estudo sobre a linguagem no pensamento de Heidegger. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1981.

BEAUVOIR, Simone. A mulher desiludida. Trad. Helena Silveira; Maryan A. Bom Barbosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

BECKER, Bertha. A Amazônia na Estrutura Espacial Brasileira. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v. 36. n.2. p.3-36, 1974.

BERTHOLO, Roberto. Nas fronteiras do Coração Selvagem. Bertha Becker, travessia e palavra. In: BECKER, Bertha. Amazônia. Geopolítica na virada do III milênio. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 11-17.

BERTO, Franceso; PLEBANI, Matteo. Ontology and Metaongoloy: a contemporany guide. London: Bloomsbury Publishing, 2015.

BERNUCCI, Leopoldo. A ontologia discursiva de Os sertões. História, Ciências, Saúde Manguinhos, vol. V, p. 57-72, julho 1998.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 84-91.

BESSE, Jean-Marc. Ver a Terra: seis ensaios sobre paisagem e geografia. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. A contribuição da fenomenologia à educação. In: BICUDO, M. A.V. e CAPPELLETTI, I. F. Fenomenologia: uma visão abrangente da Educação. 1ª Edição. São Paulo: Olho d'Água, 1999, v.1, 1° capítulo, p. 11-55.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; PAULO, Rosa Monteiro . Um exercício filosófico sobre a pesquisa em educação matemática no Brasil. Bolema. Boletim de Educação Matemática (UNESP. Rio Claro. Impresso), Rio Claro, v. 25, p. 251-298, 2011.

BLANCHOT, M. A Conversa Infinita 2: A Experiência Limite. São Paulo: Escuta, 2007.

BLANCHOT, Maurice. O espaço literário. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BOLLE, W. O pacto no Grande sertão: esoterismo ou lei fundadora? Revista USP, n.36. Dossiê 30 anos sem Guimarães Rosa. São Paulo: Coordenadoria de Comunicação Social/USP, p.22-44, dez.-jan.-fev. 1997-1998.

BOLLE, Willi. Grandesertão.br. O romance de formação do Brasil. São Paulo : Duas Cidades ; Ed. 34, 2004.

BORNHEIM, Gerd. Metafísica e Finitude. Porto Alegre: Editora Movimento, 1972.

BORGES, Júlio César Pereira. O (ser)tão goiano em O (ser)tão sem fim de Bariani Ortêncio. In: ENANPEGE, 12, 2013, Campinas. Anais... Campinas: ANPEGE, 2013.
citação paisagem 1

BORGES FILHO, Ozíris. Espaço e literatura: introdução à topoanálise. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

BORNHEIM, Gerd. Metafísica e Finitude. Porto Alegre: Editora Movimento, 1972.

BOSI, Alfredo. O ser e o tempo da poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BOSI, Alfredo. Caminhos entre a literatura e a história. Estudos Avançados (USP. Impresso), v. 19, p. 315-334, 2005

BOSI, Alfredo. Entre a Literatura e a História. São Paulo: Editora 34, 2013.

BOSI, E. Problemas ligados à cultura das classes pobres. In: VALE, E.; QUEIROZ, J. (Org.) A cultura do povo. São Paulo: Cortez; Educ, 1979. p.25-34.

BOSI, E. Céu, inferno. In: ___. Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Ática, 1988. p.10-32.

BRAGA, Carlos Eduardo. A transcendência textual. MAGALHÃES, Luiz Antonio. O foco narrativo em Vidas Secas. AZEVÊDO. Neroaldo Pontes de (Org.). 100 anos Graciliano Ramos. João Pessoa: Ideia/CCHLA, 1992.

BRAIT, Beth. (Org.). O Sertão e os Sertões. São Paulo: Arte & Ciência, 1998

BRANDÃO, Luis Alberto. Teorias do espaço literário. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: FAPEMIG, 2013.

BRUNACCI, Isabel. Graciliano Ramos – Um escritor personagem. Brasília: Autentica, 2008, p. 184.

BURKE, Peter. O que é História Cultural? Tradução de Sergio Goes de Paula. 2a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BUTTIMER, A. Social space in interdisciplinary perspective. Geographical Review, 59 (4), 1969, pp.417-426.

------.Values in geography. Washington: Association of American Geographers (Commission on College Geography) Research Report, n.24, 1974.

------.“Aprendendo o dinamismo do mundo vivido”. In: CHRISTOFOLETTI, A. Perspectivas da geografia. São Paulo: Difel, 1985a, p. 165-193.

------. “Hogar, campo de movimento y sentido del lugar”. In: GARCÍA RAMON, Mª. D. Teoría y método en la geografia humana anglosajona. Barcelona: Ariel, 1985b, p. 227-241.

CALASANS, J. Os jagunços de Canudos. Caravelle Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien, 15, p. 31-38, 1970. Disponível em . Acesso em 20, nov., 2017.

CAMPOS, Augusto de. Poética de Os sertões: Transertões. Organizado por Marcelo Tápia. São Paulo: Annablume, 2010.

CANARIO, Lilian Pereira. O lugar do espaço em Ser e tempo. Dissertação de Mestrado em Filosofia. Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador, 2005.

CANDIDO, A. O sertão e o mundo. DIÁLOGO. Revista de Cultura n.8 (número Especial sobre Guimarães Rosa). São Paulo: Sociedade Cultural Nova Crítica, p.5-18. nov. 1957.

CANDIDO, A. Formação da Literatura Brasileira. V. 1 e 2. São Paulo: Martins, 1989.

CANDIDO, Antonio. Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos. São Paulo: Ed. 34, 1992.

CANDIDO, A. « O homem dos avessos » In : Tese e antítese : ensaios 4. Ed. São Paulo : T.A. Queiroz, 2002.

CANDIDO, Antonio. Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa. In: Vários escritos. 4a ed. Reorganizada pelo autor. São Paulo: Duas Cidades/ Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p. 99-124.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: A Educação pela Noite e outros ensaios. 5. ed., Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006a.

CANDIDO, Antonio. Ficção e Confissão Ensaios Sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Outro Sobre Azul, 2006b.

CÂNDIDO, Antônio et.al A personagem de Ficção, 13a. Edição, São Paulo: Editora Perspectiva Ltda., 2017.

CARDOSO, Lívia de Rezende; ARAUJO, Maria Inêz Oliveira. Ensino de ciências e educação do campo: práticas no sertão sergipano. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

CARPEAUX, Otto Maria. Visão de Graciliano Ramos. In: Homenagem a Graciliano Ramos. Brasília: Hinterlândia, 2010. p. 57-58.

CASCUDO, Luis da Câmara. Viajando o Sertão. São Paulo: Editora Global, 2009.

CASEY, Edward. The fate of place: a philosophical history. University of California Press Berkeley I Los Angeles I London, 1997.

CAUQUELIN, Anne. A invenção da paisagem. Trad. Marcos Marciolino. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CAVALCANTI, Lucas Costa de Souza; BRITO, Juliana Marques de Sena Rodrigues. Cartografia de paisagens para o ensino de geografia: prática de campo no sertão de Pernambuco. Geografia Ensino e Pesquisa, Santa Maria, v. 23 e 23, p. 1-27, 2019.

CELSO, Afonso. Porque me ufano do meu País. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1997.

CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Dizibilidades literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos. Geograficidade, v.5, n.1, p. 40-51, 2014.

CLAVAL, P. – O Papel da Nova Geografia Cultural na Compreensão da Ação Humana. In Matrizes da Geografia Cultural. ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA. Roberto Lobato. (Org.). Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.

COÈLHO, I. M. Fenomenologia e educação. In: BICUDO, M. A. V.; CAPPELLETTI, I. F. (Orgs.). Fenomenologia: uma visão abrangente da educação. São Paulo: Olho D'água, 1999.

COLLOT, Michel. Pour une géographie littéraire, In Fabula-LhT, n° 8, Le Partage des disciplines, mai 2011, Disponível em URL : http://www.fabula.org/lht/8/collot.html, page consultée le 19 juin 2020.

COLLOT, Michel. Poética e filosofia da paisagem. Trad. Ida Alves. Editora: Oficina Raquel, 2013.

COMPAGNON. O demônio da teoria: literatura e senso comum. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

CORALINA, Cora. Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais. São Paulo: Global, 1993.

CORPAS, Danielle. Grande sertão: veredas e formação brasileira. Revista da ANPOLL (Impresso) , v. 24, p. 261-288, 2008.

CORRÊA, Nereu. tapeçaria linguística de Os sertões. In: A tapeçaria linguística de Os sertões e outros estudos. São Paulo: Quíron; Brasília: Instituto Nacional do Livro/ Ministério da Educação e Cultura, 1978.

CORRÊA, Roberto Lobato;; ROSENDAHL, Zeny (Org). Introdução à geografia cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 224 p.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 92-123.

CORRÊA, Roberto Lobato. Sobre a Geografia Cultural. In: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <http://ihgrgs.org.br/artigos/contibuicoes/Roberto%20Lobato%20Corr%C3%AAa%20-%20Sobre%20a%20Geografia%20Cultural.pdf> Acesso 19 dez.2017.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Geografia Cultural: apresentando uma antologia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs). Geografia Cultural: uma antologia (1). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. 344 p.

COUTINHO, Evaldo. O lugar de todos os lugares. São Paulo: Perspectiva, 1976.

COUTINHO, B T. A paisagem e o geográfico do espaço: o onde da ontologia em geografia. Geousp – Espaço e Tempo (Online), v. 23, n. 1, p. 009-021, abr. 2019. ISSN 2179-0892.

CUNHA, Euclides. Preâmbulo. In: RANGEL, Alberto. Inferno verde (scenas e scenários do Amazonas). 4. ed. Tours: Typographia Arrault, 1927.

CUNHA, Euclides. À margem da história. São Paulo: Lello Brasileira S.A, 1967.

CUNHA, Euclides. Contrastes e Confrontos. São Paulo: Cultrix, 1975.

DARDEL, Eric. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica. (Trad.Werther Holzer). Perspectiva: São Paulo, 2011.

DERRIDA, Jacques. Semiologia e gramatologia: entrevista a Julia Kristeva. In: DERRIDA, J. Posições. Belo Horizonte: Autêntica , 2001. 9-22 p.

DERRIDA, Jacques. Gramatologia. Trad. Miriam Schnaiderman e Renato Janini Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2017.

DIMAS, Antônio. Espaço e romance. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994.

DRAVET, Frorence; CASTRO, Gustavo de. Geografia Real e Imaginal em Grande Sertão: Veredas. Rev. Bras. Lit. Comp. Niterói, v. 22, n. 39, pp. 37-49, jan. /abr. 2020. Disponível em: < https://www.scielo.br/j/rblc/a/39Jb6FMLyfd8jQXRHBLZJZP/?lang=pt&format=pdf> Acesso em 06 de nov. 2021.

DUARTE, Alexandra Cardoso da Silva Oficinas de leitura literária a partir de ―Os sertões‖, de Euclides da Cunha / Alexandra Cardoso da Silva Duarte; orientador: Carlos Magno Santos Gomes. – Itabaiana, 2019.

DUBOIS, Christian. Heidegger: introdução a uma leitura. Trad. Bernardo Barros Coelho de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

ENTRIKIN, J. N. “Contemporary Humanism in Geography”. Annals of the Association of American Geographers. n.66,1976, pp.615-632

ESCOBAR, Arturo. Territorios de diferencia: la ontología política de los “derechos al
territorio”. Cuadernos de Antropología Social, v. 41, p. 25-38, 2015.

FACIOLI, Valentim. Euclides da Cunha: Consórcio de Ciência e Arte - (Canudos: O Sertão em Delírio). BRAIT, Beth. (Org.). O Sertão e os Sertões. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

FAZENDA, I. C. A integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro:efetividade ou ideologia? São Paulo: Loyola, 1979.

FERREIRA, Luiz Felipe. Acepções recentes dos conceitos de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. Revista Território. Rio de Janeiro, ano V, n. 09, julho/dezembro de 2000. p. 65- 83.

FERREIRA, Luiz Felipe. Iluminando o Lugar: três abordagens (Relph, Buttimer e Harvey). Boletim Goiano de Geografia. Goiânia, jan/julho de 2002. v. 22, n.01. p. 43-72.

FERREIRA, Gilmar Leite; NÓBREGA, Terezinha Petrucia; BARBOSA JUNIOR, Walter Pinheiro. O sertão educa. Revista Educação Em Questão, 48(34), 190-215, 2014.

PEREIRA, Marcos Paulo; LACHAT, Marcelo. et al. Pelo Sertão, o Brasil. Macapá : UNIFAP, 2016.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

GABRIEL, Kelton. Epistemologia da geografia do cotidiano. III NEER cultura, espaço e representações: mundos em transformações, 2010, Porto Velho. Anais do III NEER. Porto Velho: Sk Editora Ltda, 2009. v. 3. p. 34-38.

GALVAO, W. N.. As Formas do Falso. 1ª. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

GALVÃO, Walnice. Um “Livro Vingador”. Estudos de Sociologia, Araraquara, v.14, n.27, p.423-426, 2009a.

GALVAO, W. N.. Euclidiana ? Ensaios sobre Euclides da Cunha. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009b.

GALVAO, W. N.. Euclidianos e conselheiristas: um quarteto de notáveis. 1. ed. São Paulo: Terceiro nome, 2009c.

GALETTI, Lylia . Sertão, Fronteira, Brasil. Imagens de Mato Grosso no mapa da civilização. 1ª. ed. Cuiabá: Entrelinhas; EDUFMT, 2012.

GALVAO, W. N.. Os sertões faz 100 anos. Cultura Euclidiana, v. 7, p. 16-19, 2015.

GALVAO, W. N.. "Fortuna Crítica". "Os Sertões". 4ed.: UBU, 2018. p. 616-633.

GMEINER, Conceição Neves. A Morada do Ser: uma abordagem filosófica da linguagem na leitura de Martin Heidegger. Santos/SP: Leopoldianum, 1998.

GOMES-HERÁS, José María G. El apriori del mundo de la vida: fundamentación fenomenológica de una ética de la ciencia y de la técnica. Barcelona: Anthropos Editorial, 1989. 382p.

GOMES, Paulo César da Costa. Geografia fin-de-siècle: o discurso sobre a ordem espacial do mundo e o fim das ilusões. In: CASTRO, Iná Elias de; CORRÊA, Roberto Lobato; GOMES, Paulo César (orgs.). Explorações geográficas: percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 13-42.

GOTO, T. A.. Fenomenologia, Mundo-da-Vida e Crise das Ciências: a necessidade de uma Geografia Fenomenológica. Geograficidade, v. 3, p. 33-48, 2013.

GRATÃO, L. H. B.. Da projeção onírica bachelardiana, os vislumbres da geopoética. In: OLIVEIRA, L.; (Org.) Geografia, percepção e cognição do meio ambiente. Londrina: Edições Humanidades, 2006, p. 165-189.

_____. Ecologia de paisagem ao sabor da terra. In: SEABRA, G. Educação ambiental. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2009a, p. 25-38.

_____. O direito de sonhar em geografia – à luz bachelardiana. In: Encontro Nacional de Geógrafos - ENG, Anais, São Paulo, 2008.

_____. Da projeção onírica bachelardiana, os vislumbres da geopoética. In: OLIVEIRA, L.; (Org.) Geografia, percepção e cognição do meio ambiente. Londrina: Edições Humanidades, 2006, p. 165-189.

_____.; MARANDOLA JR., E. Sabor da, na e para geografia. Geosul, Florianópolis, v. 26, n. 51, p. 59-74, jan/jun, 2011.

_____. Imagens, paisagens & personagens. In: ARCHELA, R.; BARROS, M. V. F. (Orgs.). Atlas urbano de Londrina. Londrina: EDUEL, 2009.

GRATÃO, L. H. B. O direito de sonhar em geografia: projeção bachelardiana. Rev. abordagem gestalt. [online]. 2016, vol.22, n.2, pp. 148-155. ISSN 1809-6867.

GUIMARÃES, Humberto Goulart. O espaço existencial em xeque: uma odisséia para o espaço ontológico na geografia.Ra'e ga (UFPR), v. 19, p. 19-34, 2010.

HAESBAERT, Rogerio. Território e multiterritorialidade: um debate. GEOgraphia, v. 9, n. 17, p. 19-46, 2010.

HARTMANN, Nicolai. New ways of Ontology. Translate by Reinard. C Kuhn. Chicago: Henry Regnery Company, 1953.

HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. 3ª Ed. Trad. Marcia Sá Cavalvante Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

HARTMANN, Nicolai. Ontology: Laying the Foundations. Translate by Keith R. Peterson. Walter de Gruyter GmbH, Berlin/Boston: CPI books GmbH, Leck, 2019.

HEIDEGGER, Martin. Sobre o problema do ser|o caminho do campo. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970. p. 67-72.

HEIDEGGER, Matin. Introdução à metafísica (1935). Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

HEIDEGGER, Martin. Marcas do Caminho. Trad. Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis RJ: Vozes, 2009a.

HEIDEGGER, Martin. Hölderlin y la esencia de la poesía. In: Aclaraciones a la poesia de Hölderlin. Tradução de Helena Cortés Gabaudán e Arturo Leyte Coelho. Madrid: Alianza Editorial, 2009b.

HEIDEGGER, Martin. Ontologia: Hermenêutica da facticidade. Trad. Renato Kichner. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

HEIDEGGER, Martin. Sobre a essência da linguagem: a metafísica da linguagem e a vigência da palavra. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis\RJ: Vozes, 2015.

HOLZER, Werther. A Geografia Humanista: uma revisão. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, Ed. Comemorativa 1993- 2008, p. 137-147, 2008.

HOLZER, Werther. O Método Fenomenológico: humanismo e a construção de uma nova Geografia. In: Rosendahl, Zeny; Corrêa, Roberto Lobato. (Org.). Temas e Caminhos da Geografia Cultural. 1a.ed.Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010a. p. 37-71.

HOLZER, Werther. A construção de uma outra ontologia geográfica: a contribuição de Heidegger. Geografia, Rio Claro, v. 35, p. 241-251, 2010b.

HOLZER, Werther. Mundo e lugar: ensaio de Geografia. In: MARANDOLA JR., Eduardo.; HOLZER, Werther.; OLIVEIRA, Lívia. Qual o espaço do lugar? geografia, epistemologia, filosofia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 281-304.

HUSSERL, Edmund. A Origem da Geometria. Trad. Maria Aparecida Viggiani Bicudo. São Paulo: SE & PQ\Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos, 2007.

HUSSERL, Edmund. Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura. Trad. Márcio Suzuki. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2008.

HUSSERL, Edmund. A ideia de fenomenologia: cinco lições. Trad. Marloren Lopes Miranda. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.

JAPIASSU, Hilton. A atitude interdisciplinar no sistema de ensino. Ver. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 108, p. 83 – 94, janeiro-março., 1992.

KAHLMEYER-MERTENS, Roberto Saraiva. Heidegger & a Educação. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

KOSIK, Karel. Dialética do Concreto. 3ª Ed. Trad. Célia Neves e Alderico Toríbio. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976.

LA BLACHE, Paul Vidal de. Tableau de la Géographie de la France. Paris: Hachette, 1903, 395 p. disponível em: < http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ga000918.pdf > Acesso em 15 de abr. de 2021.

LA BLACHE, Paul Vidal de. Princípios de Geografia Humana. Lisboa: Cosmos (1954 [1921]). _____.

Le principe de la géographie générale. Annales de Géographie, v. 5, n. 20 p. 122-142, 1896.

_____. La rénovaion de la vie régionale: foi et vie. Cheir, 1917.

_____. Sobre o raciocínio geográfico. In: Terra Brasilis (Nova Série) [Online], 12 | 2019, posto online no dia 29 dezembro 2019, consultado o 07 janeiro 2020. URL : http:// journals.openedition.org/terrabrasilis/5550

LAGANÁ, L. . Da Geografia à Literatura: um percurso de vida. Revista Geografia, Literatura E Arte, v. 1, n. 1, p. 5-21, 2018.

LAMBERT, Jacques. Os dois Brasis. 5. ed. São Paulo: Nacional, 1969.

LEFF, H. Epistemologia ambiental. São Paulo: Cortez, 2001

LEITE, Adriana. Lugar: duas acepções geográficas. In: Anuário do Instituto de Geociências. Rio de janeiro: UFRJ, 1998, v. 21

LEVINAS, Emmanuel. Totalidade e Infinito: Ensaio sobre a Exterioridade. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2008.

LIMA, Luiz Costa. Terra ignota: a construção de Os Sertões. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

LINS, Osman. Lima Barreto e o espaço romanesco. São Paulo: Ática, 1976.

LÓPEZ LÓPEZ, Andrés Felipe. Vida humana fenomenológica. Balance sobre la relación entre sujeto humano y el sujeto trascendental en la fenomenología de Edmund Husserl. Ideas y Valores, v. 65, n. 161, p. 157-184, 2016.

LOWENTHAL, David. Geografia, Experiência e Imaginação. In: CHRISTOFOLETTI, A. (org.). Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, p. 165-193, 1982.

LUKÁCS, György. Prolegômenos para uma ontologia do ser social. Trad. Lya Luft e Rodnei Nascimento. São Paulo: Boitempo, 2010.

LUKÁCS, György. Para uma ontologia do ser social I. Trad. Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2012.

LUKÁCS, György. Por uma ontologia do ser social II. Trad. Nélio Schneider, Ivo Tonet, Ronaldo Vielmi Fortes. São Paulo: Boitempo, 2013.

LUKÁCS, Georg. Introdução a uma estética marxista: Sobre a Particularidade como Categoria da Estética. Tradução: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Instituto Lukács, 2018.

MACHADO, Marina Marcondes. Merleau-Ponty & a Educação. 1ª. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

MAGALHÃES, Luiz Antonio M. O foco narrativo em Vidas Secas. In: AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. [Org.] 100 anos Graciliano Ramos. João Pessoa: CCHLA/IDEIA, 1992.

MALPAS, Jeff. Heidegger's topology: being, place, world. Cambridge;Massachustts;London: MIT Press, 2008.

MALPAS, Jeff. Heidegger and the Thinking of Place Explorations in the Topology of Being. Cambridge;Massachustts;London: MIT Press, 2012.

MALPAS, Jeff. Place and Experience A Philosophical Topography. New York, NY: Routledge, 2018.

MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo; OLIVEIRA, Lívia de. Geograficidade e espacialidade na Literatura. Geografia, v. 34, n.3, p.487-508, set./dez. 2009.

MARANDOLA JR., Eduardo. Introdução. DARDEL, Eric. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica. (Trad.Werther Holzer). Perspectiva: São Paulo, 2011. p. XI-XIV.

MARANDOLA JR. Eduardo. Heidegger e o pensamento fenomenológico em geografia: sobre os modos geográficos de existência. Geografia, Rio Claro, v. 37, n. 1, p. 81-94, jan./abr. 2012a.

MARANDOLA JR, Eduardo. Sobre Ontologias. In: MARANDOLA JR, Eduardo et al. Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012b.

MARANDOLA JR., Eduardo. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia (Orgs.) Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012c.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo. Lugar e Lugaridade. Mercator, Fortaleza, v. 19, apr. p. 1-12, 2020.

MARINHO, Maria Celina Novaes. A imagem da linguagem na obra de Graciliano Ramos: uma análise da heterogeneidade discursiva nos romances Angústia e Vidas secas. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2000.

MARINHO, Samarone Carvalho. Um homem, um lugar: geografia da vida e perspectiva ontológica. Tese de doutorado. Departamento de Geografia da USP. São Paulo, 2010. Disponível em: < http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-12082010-135817/pt-br.php> Acesso em: 11\12\2017.

MARINHO, Samarone Carvalho. Geografia e Literatura: esboço crítico-compreensivo a um campo de estudo em discussão. In: SUZUKI, Júlio César; LIMA, Angelita Pereira de; CHAVEIRO, Eguimar Felício. (Org.).

Geografia, literatura e arte: epistemologia, crítica e interlocuções. 1ed.Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016, v. 4. p. 274-332.

MARCUSE, Herbert. Materialismo histórico e existência. Trad. Vamireh Chacon. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

MARGATO, Izabel; GOMES, Renato Cordeiro. Espécies de espaço: territorialidades, literatura, mídia. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

MARTINS, Élvio. Geografia e Ontologia: o fundamento geográfico do ser. Geousp - Espaço e Tempo, v.21, p.33-51, 2007.

MASSEY, D. Space-time, "science" and the relationship between physical Geography and human Geography. Institute of British Geographers, 24, 1999, p. 261-276.

MATURANA, Huberto. Cognição, ciência e vida cotidiana. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

MENDONÇA, F. Geografia e Meio Ambiente . 7ª ed. São Paulo. Contexto. 80p 2004.

_____. Geografia Sócio-Ambiental. In: Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB). Paradigmas da geografia. São Paulo. Terra livre, n.16. 113-132p. 2001.

MELO, José Carlos. Por entre as águas do sertão : currículo & educação ambiental das escolas rurais do Jalapão. São Paulo : Pontifícia Universidade Católica de SP, 2011. 256 p. Tese (Doutorado em Educação: Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC – SP, 2011.

MELO, Adriana Ferreira de. O Lugar-Sertão: grafias e rasuras. Dissertação de Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte UFMG, 2006. Disponível em: < http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/MPBB-6VRHHG> Acesso em:10\12\2017.

MELO, Adriana Ferreira de. Sertões do Mundo: uma epistemologia. Tese de Doutorado em Geografia pela Universidade Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, UFMG, 2011. Disponível em: <

http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/MPBB-8PJKS3> Acesso em: 10\12\2017.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Geografia Humanística: A Perspectiva da Experiência Vivida e Uma Crítica Radical ao Positivismo. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, p. 91-115, 1990.

_____. Descortinando e (Re)pensando Categorias Espaciais com Base na Obra de Yi-Fu Tuan. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). Matrizes da geografia cultural. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 87-101.

_____. Símbolos dos Lugares, dos Espaços e dos "Deslugares". Espaço e Cultura. Rio de Janeiro, v. 16, p. 64-72, 2003.

_____. Valores em Geografia e o Dinamismo do Mundo Vivido na Obra de Anne Buttimer. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, v. 19-20, p. 33-40, 2005.

MELO NETO, João Cabral de. A educação pela pedra e outros poemas. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2008

MEREIDEIROS, Neide. O lirismo de Graciliano. MAGALHÃES, Luiz Antonio. O foco narrativo em Vidas Secas. AZEVÊDO. Neroaldo Pontes de (Org.). 100 anos Graciliano Ramos. João Pessoa: Ideia/CCHLA, 1992.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. Trad. Carlos. A. Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O Visível e o Invisível. Trad. José Artur Gianotti; Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 1971.

MIGUEL, Gilvone Furtado. do sertão de Dicke ao universo de Rosa: travessia de uma experiência de ensino. Revista Panorâmica On-Line. Barra do Garças–MT, vol. 17, p. 23–39, ago/dez. 2014.

MOOSBURGER, Laura de Borba. A Origem da Obra de Arte. Tradução: Laura de Borba Moosburger. Dissertação de Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2007.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. O mapa e a trama - ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

MORAES, Antonio Carlos. O Sertão: um outro geográfico. In: Revista Terra Brasilis, Rio de Janeiro, v. 4/5, p. 11-23, 2003. Disponível em: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/341> Acesso em: 18\12\2017.

MORAES, A. C. R. Geografia, Interdisciplinaridade e metodologia. GEOUSP Espaço e Tempo (Online), [S. l.], v. 18, n. 1, p. 09-39, 2014.

MOREIRA, Ruy. Marxismo e Geografia: a geograficidade e o diálogo das ontologias. Revista GEOgraphia. Niterói: PPGEO/UFF, 2004, ano VI, n. 11.

MOREIRA, Ruy. Pensar e ser em geografia. São Paulo: Contexto, 2008.

MOREIRA, Ruy. Sociedade e espaço geográfico no Brasil: Constituição e problemas de relação. São Paulo: Contexto, 2011.

MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MOURÃO, Rui. Estruturas: Ensaio sobre o romance de Graciliano. 3. ed. Curitiba: EdUFPR, 2003.

MURARI, Luciana. Brasil, ficção geográfca. Ciência e nacionalidade no país d'Os sertões. Belo Horizonte: Fapemig, São Paulo: Annablumme, 2007.

MURARI, Luciana. Natureza e Cultura no Brasil (1870 – 1922). São Paulo: Alameda, 2009.

NABUCO, Joaquim. Os Sertões. CORRÊA, Nereu. tapeçaria linguística de Os sertões. São Paulo: Quíron; Brasília: Instituto Nacional do Livro/ Ministério da Educação e Cultura, 1978.

NANCY Jean-Luc. A la escucha. Trad. Horacio Pons. Buenos Aires; Madrid: Amorrortu. 2007.

NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. Multidão: Guerra e democracia na era do império. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

NETO. Coelho. Sertão. Porto: Lelo & Irmão; Lisboa: 1921.

NIETZSCHE, Friedrich. Gaia Ciência. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012 [1882].

NOGUERA, Ana P.; BERNAL, Diana. Geografías del habitar: un habitar geopoético en la Era Planetaria. Geograficidade, v. 4, n. 2, p. 19-31, 2014.

NUNES, Benedito. Heidegger & Ser e Tempo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

OLIVEIRA, Lívia. Contribuição dos Estudos Cognitivos à Percepção Geográfica, Geografia, v.3, n.2, 1977, p. 61-72.

OLIVEIRA, Lívia. Estudo Metodológico e Cognitivo do Mapa. São Paulo: USP/IG, 1979.

OLIVEIRA, Lívia. Como Educar sobre os Direitos da Paisagem, Anais do III Encontro Interdisciplinar sobre o Estudo da Paisagem, Rio Claro: UNESP, 1998.

OLIVEIRA, Lívia. Sobre a Prática de Ensino da Geografia. Anais do 5º. Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia, Belo Horizonte, PUC Minas,1999. p. 13- 15.

OLIVEIRA, Lívia de. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JR, Eduardo et al. Qual o espaço do lugar? geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012

OLIVEIRA, Lívia. de. Sentidos de lugar e de topofilia. Geograficidade, v 3, n. 2, p. 91-93, 2013.

ORTEGA Y GASSET, José. El Espectador. In: Obras Completas. Madrid: Revista de Occidente, 1966.

ORTÊNCIO, Waldomiro Bariani. O Sertão sem fim: Contos. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1965.

ORTENCIO, Waldomiro Bariani. Dicionário do Brasil Central. São Paulo: Ed. Ática, 1983. 2ª Edição, Goiânia: ICBC, 2009.

OLIVEIRA, Rogério; FERNANDEZ Annelise. (Org.). Paisagens do sertão carioca: floresta e cidade. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2020.

PÁDUA, Ligia Teresa Saramago. A "Topologia do ser": lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger. 2005. Tese (Doutorado em Filosofia) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Janeiro: PUC-Rio, 2005.

PASQUA, Hervé. Introdução à leitura do Ser e Tempo de Martin Heidegger. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

PATTO O mundo coberto de penas Família e utopia em Vidas secas Maria Helena Souza Patto

PAZ, Octávio. O arco e a lira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PAZ, Octavio. Poesia latino-americana. In: PAZ, Octavio. Convergências: ensaios sobre arte e literatura. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p.161- 173.

PEREIRA, Carolina Machado Rocha Busch ; Carolina Machado Rocha Busch Pereira ; CARLOTO, Denis Ricardo ; SILVA, Valéria Cristina Pereira da . Um olhar geografico sobre as artes e sua contribuição ao ensino. Boletim Paulista de Geografia, v. 89, p. 83-120, 2010.

PEREIRA, M. P. T.; LACHAT, M. (Org.). Pelo Sertão, o Brasil. 1.ed. Macapá: UNIFAP, 2016.

PICKLES, John. Phenomenology, Science and Geography: spatiality and the human sciences. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

PIGLIA, Ricardo. O laboratório do escritor. Trad. Josey Vianna Baptista. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda.,1994.

PIGLIA, Ricardo. Formas breves. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paul: Companhia das Letras, 2004

PINHEIRO NETO, José Elias; Suzuki, Júlio César; Lima, André Luiz Martins de. Paisagem e Literatura: análises geoliterárias no poema Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto. Revista Geografia, Literatura E Arte, v. 2, n. 1, p. 50-63, 2020..

PINHEIRO NETO, José Elias. Tessituras da paisagem cultural às margens do rio Capibaribe e no Recife sob a luz da poética de João Cabral de Melo Neto. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Universidade de São Paulo, 2017.

PINTO, Renan Freitas. Grandesertão.Br: O romance de formação do Brasil. Somanlu, ano 10, n. 2, jul./dez. 2010 155 Disponível: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/article/view/497 > Acesso em 23 Ago. 2021.

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. Da geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades. In: CECEÑA, Ana E.; SADER, Emir (Org.). La guerra infinita: hegemonía y terror mundial. Buenos Aires: CLACSO, 2002. p. 217-256.

PRADO, Adélia Prado. O poder humanizador da poesia - Programa Sempre um Papo de 2008. Disponível em:< https://www.youtube.com/watch?v=sisSlTXY6bM> Acesso em 08 de abr. de 2020.

RAMOS, Graciliano. Caetes. Rio de Janeiro: Record 1984.

RAMOS, Graciliano. São Bernardo. Rio de Janeiro: Record, 1990.

RAMOS, Graciliano. Angústia. Rio de Janeiro: Record, 2000.

RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. Rio de Janeiro: Record 2006 .

RAMOS, Graciliano. Garranchos. [organização de Thiago Mio Salla]. – Rio de Janeiro: Record, 2012.

RECLUS, Elisée. Do sentimento da natureza nas sociedades modernas. Organização e tradução Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Expressão & Arte: Editora, 2010.

REGO, Heráclito. O sertão e a Geografia. In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. Nº 63, abr. 2016, p. 42-66. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/114856 Acesso em: 18\12\2017.

RELPH, Edward. An inquiry into the relations between phenomenology and geography. Canadian Geographer, v. 14, n. 3, p. 193-201, 1970.

RELPH, Edward. Place and Placelessness. London: Pion, 1976. 156 p.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essências de lugar. In: MARANDOLA JR, Eduardo et al. Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. 307 p

REZENDE, Maria José de. Os sertões e os (des)caminhos da mudança social no Brasil. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 13(2): 201-226, novembro de 2001.

ROJAS, J. Efeitos de sentido e fenomenologia nas práticas educativas: linguagem, cognição e cultura. In: III SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS – V ENCONTRO DE FENOMENOLOGIA E ANÁLISE DO EXISTIR, 2006, São Bernardo do Campo. Anais. São Bernardo do Campo: Editora SE&PQ - Co-editora UMESP, v. 1, 2006, p. 1-10.

RONCARI, L. D. A.. O Brasil de Rosa (mito e história no universo rosiano): o amor e o poder. 1a.. ed. São Paulo: Editora Unesp / FAPESP, 2004

RONCARI, L. D. A.. Lugar do Sertão. Extensão e Cultura (UFG), v. 2, p. 46-53, 2006.

ROSA, João Guimarães. “Buriti”. In: ROSA, João Guimarães. Corpo de Baile. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, vol. 2, 1969.

ROSA, João Guimarães. Grande sertão: Veredas. 12ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978.

ROSA, João Guimarães. Sagarana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

ROSA, João Guimarães. Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora UFMG, Nova Fronteira, 2003.

ROSA, J. G. Discurso de posse na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro de 20/12/1945. « Dossiê Guimarães Rosa », Revista Estudos Avançados, v. 20, n. 58, São Paulo, set./dez., 2006.

ROSA, J. G. Cadernos de Estudos 19. Manuscrito. Fundo João Guimarães Rosa/IEB/USP, código de referência JGR-CADERNO-19.-s./d.

ROSA, João Guimarães. Ave, Palavra. Rio de Janeiro. Ediouro, 2009.

ROSA, Guimarães. Buriti. In: Noites do Sertão. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 1988.

ROSENFELD, Anatol. Texto\Contexto. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ROSENFIELD, Kathrin. Entrevista: Questões para Kathrin H. Rosenfeld. Floema - Ano II, n. 3, p. 11-53, jan./jun. 2006.

ROSENFIELD, Kathrin Holzermayr. Reflexões sobre o sertão físico e metafísico de Guimarães Rosa. Revista Desenredo, v. 2, n.1, 2009.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia nova. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SANTOS, Raquel de Castro. A linguagem e a experiência rosianas. Revista Garrafa (PPGL/UFRJ), v. 1, p. http://www.cien, 2012.

SARMIENTO, Domingo Faustino. Facundo ou Civilização e Barbárie Trad. Sérgio Alcides). São Paulo: Editora Cosacnaify, 2010.

SARTRE, Jean-Paul, A Náusea. Trad. Antônio Coimbra Martins. Lisboa: Publicações Europa-América, 1963.

SARTRE, Jean-Paul. O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. Petrópolis: Vozes, 2010.

SARTRE, Jean-Paul. A náusea. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SARTRE, Jean-Paul. A transcendência do ego: esboço de uma descrição fenomenológica. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2016.

SAQUET, Marcos. A. Abordagens e concepções de território. São Paulo: Expressão
Popular, 2007.

SCHWARZ, Roberto. Ao Vencedor as Batatas: Forma Literária e Processo Social nos Inícios do Romance Brasileiro. 6a. Edição, São Pulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012.

SERPA, A. Paisagem, lugar e região: perspectivas teórico-metodológicas para uma geografia humana dos espaços vividos. GEOUSP Espaço e Tempo (Online), [S. l.], v. 17, n. 1, p. 168-185, 2013

SERPA, A. S. P.. Fenomenologia transcendental como fundamento de uma fenomenologia da paisagem: Notas sobre um exercício prático de redução fenomenológica / Transcendental phenomenology as basis of a phenomenology of landscape. Geograficidade, v. 6, p. 19-30, 2016.

SERPA, ANGELO. Ser lugar e ser território como experiências do ser-no-mundo: um exercício de existencialismo geográfico. GEOUSP: espaço e tempo, v. 21, p. 586-600, 2017.

SERPA, A. S. P.. Lugar, paisagem e experiência. Geograficidade, v. 10, p. 99-105, 2020.

SILVA, Armando Corrêa da. Cinco paralelos e um meridiano. Tese. (Livre-docência em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1975.

SILVA, Armando Corrêa da. O espaço fora do lugar. São Paulo: Hucitec, 1978.

SILVA, Armando C. da. O ser e o vir-a-ser. São Paulo, 06/02/1993.

SILVA, Armando Corrêa da. A Aparência, o Ser e a Forma - Geografia e Método. In: GEOgraphia, Rio de Janeiro, Vol. 2, No 3 , 2000.

SILVA, Marcelo Souza; RIBEIRO, Daiane Maria dos Santos. Ensino de Física no Sertão: Literatura de cordel como ferramenta didática. Revista Semiárido De Visu, Salgueiro-Pe, v.2, n.1, p.231-240, 2012.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. Espaço, Lugar e Topofilia. MELL. Mostragem de Estudos Lingüíticos e Literários, Porto Nacional - TO, p. 43-50, 2003.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da; CORCINIO JR, Givaldo Ferreira . Goiânia, Brasília Belo Horizonte: paisagens sensíveis e imagens culturais. Caminhos da Geografia (UFU. Online), v. 20, p. 20-35, 2019.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da; CARRETO, C. F. C. . O espaço é a flor azul do imaginário: Gaston Bachelard e Walter Benjamin em Paris ? a descoberta de uma paisagem literária. CONFINS (PARIS), v. 46, p. 1, 2020a.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da; CARRETO, C. F. C. . O imaginário entre a Geografia e a Literatura. REVISTA SAPIÊNCIA: SOCIEDADE, SABERES E PRÁTICAS EDUCACIONAIS, v. 9, p. 219-236, 2020b.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. Espaço e literatura na paisagem cultural: Referências francesas nas cidades de Goiás e Goiânia no início do século XX. REVISTA DA ANPEGE, v. 16, p. 360-376, 2021.

SILVEIRA, Maria Laura. O espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, nº 19, p. 81-91, 2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. Literatura e História no Brasil Contemporâneo. 2. ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Graphia. 1999.

SOJA, Edward William. Espacializações: a Geografia marxista e a teoria social crítica. In: SOJA, Edward William. Geografias Pós-Modernas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. p. 57-116.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

STEIN, Ernildo. Compreensão e Finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana. Ijuí: Editora Unijuí, 2001.

STEINER, Georg. Lenguaje y Silencio: ensayos sobre literatura, el linguaje y lo inhumano. Trad. Miguel Ultorio. Barcelona: Gedisa Editorial, 2003.

STRAFORINI, Rafael. A totalidade Mundo nas primeiras séries do ensino fundamental: um desafio a ser enfrentado. In: Terra Livre, São Paulo, v. 1, n.18, p. 95-114, 2002.

SUERTEGARAY, D. M. A.; Espaço Geográfico Uno e Múltiplo. In: Scripta Nova. n. 93, 15 de julio de 2001. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74082. Acesso em: 20 fev. 2020

SUZUKI, Júlio César. O espaço da narrativa: uma leitura de "preciosidade". Revista do Departamento de Geografia (USP), v. 19, p. 55-68, 2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47252 > Acesso: 10 jan.2018.

SUZUKI, Júlio César; COSTA, Everaldo Batista da; STEFANI, Eduardo Baider (Orgs.). Espaço, sujeito e existência: diálogos geográficos das artes. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016a.

SUZUKI, Júlio César; SILVA, Valéria Cristina Pereira da; FERRAZ, Cláudio Benito O. (Orgs.). Educação, Arte e Geografias; Linguagens em (in)tens(ç)ões. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016b.

SUZUKI, J. C.; LIMA, A. P.; CHAVEIRO, E. F. (Org.). Geografia, literatura e arte: epistemologia, crítica e interlocuções. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016c.

SUZUKI, Júlio César; SILVA, Valéria Cristina Pereira da. (Org.) Imaginário, espaço e cultura: geografias poéticas e poéticas geografias. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016d.

SUZUKI, Júlio César. Geografia e Literatura: abordagens e enfoques contemporâneos. Revista do Centro de Pesquisa e Formação, v. 5, p. 129-147, 2017. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/files/artigo/e5e7f714/f8ed/443d/b048/0b3a58e284cc.pdf> Acesso: 16 jan.2018.

SUZUKI, Júlio Cézar; BORGES, Valterlei; Bitelli, Fábio Molinari. Da geografia à Amazônia: Reflexões críticas para pensar a América Latina. Geografia e literatura: tramas romanescas para objeto de estudo da paisagem.....46José Elias Pinheiro Neto. São Paulo: FFLCH, 2021. p. 46-83

QUEIROZ, Raquel de. O Quinze. 82ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio: 2006.

TAMANINI, Paulo Augusto; SILVA, Enock Douglas Roberto. O Nordeste, as imagens e o ensino: o real e o imaginário na iconografia da seca. Revista Linhas, Florianópolis, v. 20, p. 317-337, 2019.

TAUNAY, Visconde. Visões do Sertão. São Paulo: Editora Melhoramento, 1928.

TEIXEIRA NETO, José; MEDEIROS, Emerson Araújo de; SOUZA, José Francisco das Chagas de. A Filosofia no Sertão: da formação de professores à Filosofia no Ensino Médio. Revista Digital de Ensino de Filosofia, Santa Maria, vol.3. n.1 – jan./jun. p. 38-58, 2017.

THAO, Tran-Duc. Fenomenológia y Materialismo Dialético. Trad. Raúl Sciarretta. Buenos Aires: Editorial Lautaro, 1959.

TILLEY, Christopher. A Phenomenology of Landscape Places, Paths and Monuments. Oxford: Berg Publishers, 1994.

TUAN, Y-F. “Humanistic geography”. Annals of the American Geographers. n.66 (2), 1976.

TUAN, Y-F. Topofilia. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Y-F. Espaço e lugar. São Paulo: Difel, 1983.

WAGNER, H. R. Fenomenologia e relações sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

VENTURA, Roberto. Visões do deserto: selva e sertão em Euclides da Cunha. BRAIT, Beth. (Org.). O Sertão e os Sertões. São Paulo: Arte & Ciência, 1998. p. 63-76

VIGGIANO, Alan. Itinerário de Riobaldo Tatarana. Belo Horizonte: Comunicação; Brasília: INL, 1974.

YAMANO, M. “A bibliography of cultural/humanistic geography”. In: NOZAWA, H. (ed.). Indigenous and foreign influences in the development of japoneses geographical thought. Fujuoka: Kyushu University, 1989, pp. 12-34.

WESTPHAL, Bertrand. La Géocritique : réel, fiction, espace. Paris : Les édition de minuit, 2007.

UTÉZA, F. JGR. Metafísica do Grande sertão. Trad. José Carlos Garbuglio. São Paulo: Edusp, 1994. 459p.

Sobre os Autores

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo

Graduado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista, UNESP-Campus de Rio Claro/SP, Mestre em Geografia pela Universidade de Brasília, Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista, UNESP-Campus de Rio Claro/SP, Pós-Doutorado em Geografia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Pós-Doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professor e Pesquisador Permanente do Programa Stricto Sensu de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Católica de Brasília. Pesquisador Associado - Cátedra UNESCO Universidade Católica de Brasília. Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina - Prolam/USP, professor de Geografia na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Participa dos grupos de pesquisa Juventude, Educação e Sociedade, da Faculdade de Educação da Universidade Católica de Brasília e Geografia, Literatura e Arte da Universidade de São Paulo. Membro do Centro Latinoamericano de Estudios en Epistemología Pedagógica (CESPE).

Lattes: http://lattes.cnpq.br/8439116307383334
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-4238-0139
E-mail: gcca99@gmail.com

Júlio César Suzuki

Possui Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso (1992), Bacharelado em Letras (Português, com ênfase em estudos literários) pela Universidade Federal do Paraná (2004), Licenciatura em Química pelo Instituto Federal de São Paulo (2020), Bacharelado em Letras (Francês/Português) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP (2022), Licenciatura em Letras (Francês/Português) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP (2022), mestrado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1997) e doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (2002) e Livre Docência em Fundamentos Econômicos, Políticos e Sociais da Geografia (2021) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Atualmente é professor associado da Universidade de São Paulo e Presidente da Comissão de Pesquisa e Inovação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP.

Lattes: http://lattes.cnpq.br/4360471897465420
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7499-3242
E-mail: jcsuzuki@usp.br

